

# INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA

Fundada em 1894, reconhecida e utilidade publica pela Lei n. 110 de 13 de Agosto de 1895

*Maxima sunt documenta equidem res temporis acti  
In præsens, validusque inveniens stimulus.*

**1916 -- (1.º e 2.º SEMESTRES)**

ANNO XXIII

VOL. XI

N. 42



23

1916

BAHIA  
IMPrensa OFFICIAL DO ESTADO  
Rua da Misericordia, n. 1

1916



---

# PAGINA DE SAUDADES

—•—  
AOS DRS.

Alfredo Cesar Cabussú

Geraldo Teixeira

Orville Derby

—e—

D. Luiz Raymundo da Silva Brito

Bernardino Francisco de Almeida.

Joaquim Fortes

---



# A BAHIA

---

Conferencia realisada em Recife, Estado de Pernambuco, em homenagem ao

## 4. CONGRESSO BRAZILEIRO DE GEOGRAPHIA

PELO

*Professor Bernardino José de Souza*

REPRESENTANTE DO GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, DO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO E DO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS DA BAHIA. AOS 13 DE SETEMBRO DE 1915 NO EDIFICIO DO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS DE RECIFE E COM A PRESENÇA DO EXM. SR. GENERAL DANTAS BARRETTO, DIGNISSIMO GOVERNADOR DO ESTADO

A soberba endentação costeira que se abre entre os 12 e 13 grãos de Latitude Sul, grupo de valles submersos, tallados nos tempos miocenicos, rebaixados e inundados ao longo das centurias do Pliocenio, estreita na barra de 6 milhas, amplissima no largo do interior, onde se mede uma area de 757 kilometros quadrados, surgidouro hospitaleiro dos vehiculos do intercurso mercantil e amistoso entre as gentes mais distantes, nomeou o Estado, ex-Provincia da Bahia, feixe opulento das antigas capitania's feudaes da Bahia de Todos os Santos, Ilhéus e Porto Seguro.



De latitude meridional, é dupla a longitude quando referida ao Meridiano do Rio de Janeiro, eixo politico e verdadeira capital do Brazil. Distende-se o seu territorio do sitio de Pambú, numa volta do S. Francisco, á foz do Riacho Doce, nas fronteiras do Espirito Santo, da ponta arenosa do Mangue Secco, na barra de um rio que tem apenas valor politico, ao sopé das alturas do Paranan, nos manadeiros do Itaguary, segundo tributario do estirado Opara dos caboclos de terra a dentro.

Cintado por 7 irmãos nas bandas do Norte, Meio Dia e Poente, beijam-lhe as plagas do Levante as aguas do mar Oceano, marcando-se-lhe as divisas indecisas ao longo dos leitos do Real, do Xingó, do S. Francisco e Carinhonha, Verde Grande e Pequeno e do pobre Riacho Doce, na crista das serranias dos Dois Irmãos, Piauhí, Tabatinga, Espigão Mestre e Aymorés e no pontuado arbitrario e illusorio de linhas irregulares, da lagôa S. Francisco, onde surge o Real, ás cabeceiras do Xingó, do famoso Pau da Historia á rechan dos Dois Irmãos, dos mananciaes do menor dos Verdes ao Vallo Fundo, dahi á barra do Mosquito no rio Pardo e desta ao Salto Grande do Jequitinhonha, despenho de 40 metros, das encostas dos Aymorés ás fontes humildes do ribeiro desvalido da presente raia meridional.

Occupa verdadeiramente uma posição central no conjuncto brasileiro, sendo até certa medida o elo conjuntivo entre o Norte tropical e o Sul temperado, tanto alongados por caracteres physicos e economicos.

Tem mais de 5.000 kilometros de perimetro, apresentando-se-nos sob uma forma irregular, larga entre os paralelos de 11 e 14 graos, afilada para o Sul, no vão que me-



deia entre o Atlantico e a estremadura mineira. O indeterminado de suas raias e a falta de triangulação geodesica de seu territorio são as causas da variedade dos calculos a respeito de sua area, que oscilla entre 426.427 e 575.876 kilometros quadrados. Admittido o ultimo, por ser firmado pelo nome de um engenheiro illustre e profundo conhecedor do seu territorio (\*), a Bahia é cerca de 885 vezes menor que o Planeta, 234 vezes menor que a Geosphera, 71 vezes menor que o Novo Continente, 14 vezes menor que o Brazil, do qual faz parte numa das linhas dianteiras. Entre os irmãos occupa o 6º. lugar; em meio das Republicas Americanas terá o 8º., tendo o 4º. entre as divisões politico-administrativas destes Estados. No concerto europeu estaria em terceiro e seria o quarto entre os paizes independentes da Asia; na Africa nenhum dos Estados se lhe equipara e entre as terras da Oceania ficará em segundo.

Tem approximadamente 1.150 kilometros de Norte a Sul e 1.000 de Leste a Oeste, medindo-se a maior distancia entre dois sitios do Estado na diagonal riscada da foz do Riacho Doce á extrema norte-occidental do Jalapão, onde se lindam confusamente a Bahia, Goyaz, Piaui e talvez o Maranhão: são 1.300 kilometros. Contam-se 1.023 kilometros de faixa marinha, da embocadura do Real ao estuario do Doce, toda ella da area de drenagem do Atlantico, o mar de Atlas, hoje predestinado aos maiores commettimentos da humanidade, não só pela forma mas tambem pela disposição das redes hydrographicas tributarias, opulentissimo scenario da actividade commercial de tres Mundos. Scinde-se esse littoral, o maior do Cruzeiro em

---

(\*) Dr. Theodoro Sampaio.



linha recta, em duas porções mais ou menos distinctas: a do Norte, entre os confins de Sergipe e o grande synclinal da Bahia de Todos os Santos, e a do Sul, estirada entre a projecção do Garcez e o rumo austral do Municipio de Porto-Alegre. A primeira, lisa e baixa, debruada em grande trecho por uma savana branca de areias instaveis e tangidas ao sopro dos quadrantes, a espaços ensombradas de tristes coqueiraes, sem recurvas abrigadas, apenas sinuosidades que ao de leve se entalham na costa, cujo reconcavo se veste de catingas de terrenos pouco fertéis. A segunda é recortada, multiplicando-se os pontos de contacto da terra com o mar nas enseadas e angras, entre cerros empinados e collinas verdejantes, de paizagem variada e formosissimo aspecto. Dahi a sua maior importancia economica e maior estima anthropica, movimentação mais patente e povoamento mais denso, que se explica tambem á luz da fertilidade de seu *hinterland*, vestido de mattas opulentas por dezenas de leguas, verde manto de esperança a attrahir o homem para a exploração das offerendas da natureza. São 24 os portos e ancoradouros que se desenhão na costa bahiana. A bahia de 1º. de Novembro, assentada numa depressão synclinal entre as lombadas das rochas da Capital e Nazareth, é a mais magestosa das formas horizontaes do Estado, sendo a maior do Brazil. É um pequeno Oceano, disse-o deslumbrado um chronista da Companhia de Jesus. Optimo porto natural, agora mesmo o tornam esplendido emporio de commercio com as installações necessarias á actividade do intercambio hodierno. Tem duas entradas, dezenas de enseadas, aguas sempre mansas, apenas agitadas pelos ventos do meio-dia nas longas invernias, contornos pittorescos



de variada paizagem, da montanha verde e florente á praia balnear de branca roupagem, e as terras marginaes encantadoras estendem-se em campinas ou se enrugam em collinas sempre alegres e viçosas, povoadas de bosques, perfumadas de jardins, retalhadas de rios, fecundas de fontes, sempre uma esmeralda rodeada de uma saphira, que a vai cingindo por tres lados, num amplexo amoravel e salutar. Enfeitam-na 35 ilhas, um archipelago frondoso, da uber-rima Itaparica, que fronteia a Cidade, á rasa insua do Medo, da penhascosa terra dos Frades ao sombreado ilhéu das crystallinas Fontes. Para mais de 6 dezenas de povoações debruçam-se sobre suas bonançosas aguas, daquella cidade do Salvador, nascida como guerreira, no alto de uma escarpa, até as poeticas aldeias que a rodeiam de faixa louça e bella.

Do grande golpho disse admirado Rocha Pitta o seguinte: O ceo, que o cobre, é o mais alegre; os astros, que o allumiam os mais claros; o clima, que lhe assiste, o mais benevolo; os ares, que o refrescam, os mais puros; as fontes, que o fecundam, as mais crystallinas; os prados que o florescem, os mais amenos; as plantas apraziveis, as arvores frondosas, os fructos saborosos, as estações temperadas. Deixe a memoria o Tempe de Thessalia, os Pensis de Babylonia, e os jardins das Hesperides, porque este terreno em continuada Primavera é o Vergel do Mundo; e se os antigos o alcançaram, com razão podiam pôr nelle o Terreal Paraíso, o Lethes, e os Campos Elysios, que das suas inclinações lisongeados ou reverentes, ás suas Patrias fantasiavam em outros logares. (\*)

Do Atlantico bahiano emergem dezenas de ilhas e

(\*) S. Rocha Pitta—*Historia da America Portuguesa*—Pags. 48—49.



ilhotas, satellites umas da margem continental, de onde se desprenderam por um processo de immersão ou completo arrazamento da liga dos isthmos, raras alluvionicas ou deltaicas nas boccas dos rios trabalhadores, outras corallinas, supremo esforço dos corallarios, que criam a ossatura dos bancos e de algas calcareas e foraminiferas, que os encorpam e consolidam, na demonstração mais flagrante das influencias organicas na morphologia terrestre.

Exemplo das tres variedades insulares são as ilhas do Morro de S. Paulo, os mouchões da foz do rio de Belmonte e os temidos Abrolhos, cinco rochedos emergidos, inicio da perigosa e enfiada barreira de recifes que, por 1.800 kilometros, perlonga a costa brazileira até o cabo de S. Roque, na terra Potiguarania ou Potingéa.

Dilata-se o territorio bahiano por duas das grandes divisões geophysicas do Brazil, a planicie accidentada do littoral e o planalto central, ilha terrestre circumvallada de baixadas. Aquella estreita-se entre o mar e as ultimas ladeiras do *Araxá* interior, semelhantes a encostas de montanha para quem as divisa do nascente. O planalto desenrola-se para o occaso em centenas de kilometros, alteado de 300 a 600 metros, atravessado aqui e alli por serranias sem directriz firmada, ora longitudinaes, ora transversaes, retorcidas quasi sempre, scindidas pelos rios em gargantas apertadas, intervalladas por chapadões encimados no solido alicerce de uma achada distensa, morrendo em fragas abruptas, inopinadamente, ou descambando nos declives dos tombadores que assoberbam valles arrazados e prolongados por todos os ventos, num conjuncto baralhado de formaduras caprichosas e ineditas no grande livro da Natureza, apenas irmanadas na origem, pois que todas



resultam do jogo dos agentes externos que, no discurso de muitos seculos, têm desgastado e desnudado, alisado e aplainado as terras altas do sertão.

São duas as linhas de maior relevo na orographia bahiana: a serra do Espigão Mestre, que corre nas lindas de Goyaz, entre os valles do S. Francisco e do Tocantins, mudando de nome, de espaço a espaço, e assim chrismada por Paranan, S. Domingos, Tabatinga, Duro, Piahi e Dois Irmãos; do outro lado do vallado do Opara, entre os terrenos pendorados da Chapada, outra serra se encumeia. Começa nas linhas raianas de Minas, ao sul dos Montes Altos, seguindo depois pelos visos das terras diamantinas, inflectindo a Nordeste nas visinhanças de Jacobina, abeirando-se afinal das raías de Alagoas, perto das penedias coadas pelas agoas tormentosas de Paulo Affonso; espraia-se em contrafortes no liso dos taboleiros levantados; com os nomes de Caetité, Vereda, Assuruá, Santo Ignacio, Tromba, Abiá, Sincorá, Lençóes, Itiuba, Monte Santo, Muribeca e varios outros, entresa-se a cordilheira num mundo de morros e cabeços. Imagem viva dessa desordem é uma pagina do maior livro da lingua portugueza—*Os Sertões*— de Euclides da Cunha. Da serrania do Sincorá “em deante, o eixo da Serra Geral se fragmenta, indefinido. Desfaz-se. A cordilheira erica-se de contrafortes e talhados, de onde saltam, acachoando, em despenhos, para o levante, as nascentes do Paraguassú e um dedalo de serranias tortuosas, pouco elevadas, mas innumeras, cruza-se embaralhadamente sobre o largo dos geraes, cobrindo-os. Transmuda-se o character topographico, retratando o desapoderado embate dos elementos, que alli reagem ha millenios entre montanhas desbastadas, e a queda, até



então gradativa, dos planaltos, começa a derivar em desnivelamentos consideraveis. Revela-os o S. Francisco, no vivo inflectir para o Levante, indicando, do mesmo passo, a transformação geral da região. Esta é mais deprimida e mais revolta.

Cahe para os terraços inferiores, entre um tumultuar de morros, incoherentemente esparsos. Ultimo rebento da serra principal, a de Itiuba, reúne-lhe alguns galhos indecisos, fundindo as expansões septentrionaes das da Furna, Cocaes e Sincorá. Alteia-se um momento, mas descahe logo para todos os rumos: para o Norte, originando a corredeira de quatrocentos kilometros a jusante do Sobradinho; para o Sul, em segmentos dispersos que vão até além do Monte Santo; e para Leste, passando sob as chapadas de Geremoabo até se desvendar adiante, no salto prodigioso de Paulo Affonso."

Outras serranias isoladas percorrem o Estado em varias direcções; cerros alterosos empinam-se em meio das chapadas caldeadas pelo sol dos tropicos, ou no liso das planicies, como aquelle Monte Paschoal, aos 16°, 54' de Latitude Sul, cujo perfil magnifico primeiro se desvendou aos olhos da maruja de Cabral, na viagem do descobrimento, destinada antes a senhorear a India e assombrar os *samorins* de Panano e Balcançor, Madigão e Gandar, Nahor e Calecut.

Culminam as suas terras em 1.500 metros que o aneroide registrou no cimo das Almas da Serra da Tromba, não longe dos manadeiros do Rio de Contas.

Em verdade, Senhores, são gravissimos os problemas que se referem ao estudo scientifico das formas do relevo do terreno de um paiz, apenas indicando os periodos



acima, os traços fundamentaes da hypsographia bahiana, cujo real conhecimento somente se pode fazer á claridade do estudo geognostico do territorio. Vem a ponto referir a transcendencia do estudo geologico de uma região para que o geographo possa assentar conceitos verdadeiros: sem geologia, integração de todas as geographias que o mundo viu, não se estuda Geographia, do mesmo modo por que não é medico aquelle que desconhece a anatomia do corpo humano, nem é astrônomo o que não sabe calcular o movimento dos astros no espaço sideral.

A Bahia é pobre em formações limnológicas: não tem lagos na accepção genuina da palavra. Armazenam-se as aguas pluviaes nas varzeas dos rios, originando lagôas intermittentes, de vario nivel nas estiadas e nos invernos, Tambem entre as brenhas e nas concavidades do Araxá, na assentada das serras e nos valles encurralados do littoral, se encontram outras conchas liquidas de vario porte.

Mirada em seus traços geraes, a potamica da Bahia reduz-se a uma grande bacia, a do S. Francisco, e cinco secundarias, as do Itapicurú, Paraguassú, Rio de Contas, Jequitinhonha, Pardo e Mucury, interpondo-se em meio dellas dezenas de outros rios e riachos, correndo todos na direcção geral de Oeste-Leste. São ao todo 75 principaes com mais de 500 tributarios. Do S. Francisco, poderoso mecanismo hydrologico, de 3.161 kilometros de extensão, mais largo que profundo, sujeito a grandes inundações, em plena maturidade, ponderado, sem divagar, alçado numa planura de 300 a 500 metros, aos rios torrenciacs do Nordeste, semelhantes aos *ouadis* saharinos ou aos *oumaramba* do Kalahari, de drenagem chaotica, irregulares, perigosos,



inflando e escoando a subitas, mas com uma certa função benéfica em terras que se julgariam o limiar de desertos, ha toda uma escala de cursos d'agua. Todos fenecem no Atlantico, nascendo os da vertente oriental na lombada das terras alteadas do sertão, onde se originam tambem os galhos mais longinquos dos affluentes da direita do São Francisco. É nessas paragens que, não raro, se registra o facto do *divortium aquarum*, inexpressivo e duvidoso: rios de vertentes oppostas e bacias differentes caminham alguns kilometros sem rumo certo, vacillantes, irresolutos nos levissimos declives do solo nivelado. Marcham ao depois violentos no pendor das chapadas, e ao transpol-as, cachoeiras e despenhos vertiginosos assignalam a divisão de seus cursos em duas secções, ao mesmo tempo que apontam, para o futuro, o viveiro de opulentas industrias, fructificando beneficios, ao influxo das energias hydro-electricas captadas nas torrentes arremessadas em cascatas e quedas fragosas.

Na zona do Jalapão, de fracos relevos, a lagoa da Varzea Bonita ou Varedão une e emenda as aguas de affluentes do S. Francisco e do Tocantins, insulando-se grande parte do Brazil, á feição de outra Guyana da America do Sul.

A gente futura verá certamente, alli, naquella *agua emendada*, como lhe chamam os naturaes, o eixo de uma esplendida avenida fluvial entre as terras da Bahia e os dominios de Goyaz, fecundada pelos progressos que sempre acarreta o intercurso mercantil.

As aguas subterraneas, desde as phreaticas até as artesianas, são uma incognita no Estado: entretanto em largos trechos são as aguas do futuro.



As condições climáticas da Bahia, vistas de conjuncto, são essencialmente tropicaes. Encerram porém variantes multiplas: no Oeste é um acervo de contrastes, revelando-se-nos integro e notorio o character continental ou excessivo da climatologia; no oriente é mais uniforme com a perennidade do calor e da humidade e o abrandamento dos rigores estivaes pelas brisas marinhas que sopram noite e dia. Se em alguns rincões, maxime nos terrenos desabrigados do Nordeste, os calores prolongados esbraseiam as terras, requeimam as catingas e abafam os seres, variando as temperaturas entre 38° á sombra nos dias adustos e 14° e 16° nas noites frias, noutros sitios do sertão, em pleno continente, longe dos mares amenos, oscillam entre 16 e 24 linhas de escala centigrada, egualando-se ás do sul da Europa de fama tão falada. As terras de Jacobina, Conquista, Maracás, Monte-Alto, Feira de Sant'Anna, Caetitê, Morro do Chapéo e tantas outras, gosam de um clima admiravel.

Do clima á nosographia vae-se por uma sequencia logica: a Bahia em sua pathologia offerece tantas vicissitudes que reduzil-as se torna difficil: ás enfermidades proprias da região juntam-se outras—as exóticas, tanto mais acclimadas e complicadas com outras quanto menor o esforço gasto no impedir a invasão, ou pelo menos retardal-a. Somente os bons ares do seu clima, são e clemente, têm permittido o crescimento vegetativo da população em todos os quadrantes. A cidade do Salvador é de todas as cidades intertropicaes aquella que tem menor coefficiente mortuario: provam-no as estatisticas demographicas de varios annos.

Flora e fauna são neotropicaes no dizer de botanicos



e zoólogos. A primeira rica, variada, esplendidamente vigorosa nas mattas do littoral, onde ramagens frondosas se avizinham da cupola celeste, mediana nas catingas espinescientes, duplamente coloridas no inverno e no estio, arbustiva e herbacea nas paragens nuas dos taboleiros, dominio das gramineas, salvo á margem dos rios, onde se alinham em galerias parallelas, grupos de arvores num geito de selva ou mural de folhagem, entrelaçado de lianas e pendentes de epiphytas, sempre e em toda a parte subordinadas aos factores climaticos e geologicos que lhes assignalam o *habitat*. Das zonas em que Martius dividiu o Brazil oriental, a Bahia comprehende a da matta—Dryas do famoso naturalista, a das catingas—Hamadryas, e a campestre—Oreas.

A fauna, quer no dominio aquatico, quer no continental, ou nas associações terricolas, aericolas e aquicolas, abraça uma serie desenvolvida de seres, predominando os simios platyrrinios, morcegos, grandes roedores, desdentados, ungulados, marsupiaes de longa cauda, felinos, passaros de brilhante plumagem, reptis, peixes e insectos, e outros animaes que, embora inferiores ao do Velho Mundo, todavia lhes excedem em graça, variedade e formosura. Faz parte da Araxana septentrional e da Tupiana, em sua subdivisão Tupinambarana.

De provincia centralizada passou a Bahia á condição de Estado autonomo, após a aurora de 15 de Novembro e no anno de 1891, entrado Julho, ha 25 janeiros, promulgou-se a sua Magna Carta, ultimamente reformada em alguns pontos. Da grande lei repontam as excellencias do regimen republicano no alinhamento dos departamentos do poder publico e na defesa dos direitos insophismaveis do cidadão.



Um governador, um congresso e um tribunal superior de justiça são os órgãos do governo. Por 133 circumscrições se espraia a sua vida municipal autonoma. São 50 comarcas e 134 termos as divisões judiciais. Os districtos eleitoraes são 7 nas eleições estaduaes e 4 nas federaes. Poleographicamente comprehende 54 cidades, 78 villas, mais de 500 aldeias ou povoados.

Ecclesiasticamente abrange 201 parochias, distribuidas por tres bispados e o arcebispado primaz do Brazil, com séde na cidade do Salvador.

Estima-se a população total em 2.800.000 ou quasi 3.000.000 de almas, mais ou menos 5 por kilometro quadrado, muito pouco no immenso territorio que folgadamente pode abrigar mais de 50 milhões. Entretanto é no Brazil dos mais povoados, apenas excedido por Minas e S. Paulo nos numeros absolutos. Sob o criterio da população kilometrica está em duodecimo logar. É mais densa no littoral e nas costas fluviaes, rareando no alto das chapadas sertanejas e nas extremas dos dois ultimos quadrantes. Cresce sobretudo vegetativamente, diminuta como é a corrente immigratoria. A população rural excede em muito á urbana. Os seus habitantes são representantes das tres raças que em maior ou menor gráo entraram na formação do povo do Brazil. A mistura das tres raças tem gerado um grande numero de mestiços, predominando os mulattos. A raça branca é representada pelos colonizadores da Lusitania, pelos outros elementos europeus que procuram o Estado e os seus descendentes. No seculo 16 se importaram os primeiros escravos, negros da sôlta africana, vigoroso braço economico durante tres seculos. Encontraram os conquistadores as tribus dos Tupinambás, do S. Fran-



cisco a Camamú no littoral, os Tupiniquins, até as margens do Cricaré, hoje S. Matheus, os Amoypirás, no interior, Maracás, no medio sertão, Patachós e Machacalis, nos arredores de Alcobaça, Camacans, na Mesopotamia entre o Pardo e o Contas, Aymorés ou Botucudos, nos limites com Minas e Espirito Santo, além dos Kraós do S. Francisco e tantas outras.

Se a muitos respeitos o renome intellectual de que se envaidecia outr'ora a Athenas Brazileira, encimada na Acropole da intelligencia, se esmaece na passada dos dias abrindo praça á dianteira de outros irmãos, é justo, é justissimo que se reclame para a Bahia a justiça de uma confissão que apregôa a sua hegemonia em alguns aspectos littero-scientificos: na Bahia ensina-se e aprende-se tanto quanto ou mais que nos centros mais avantajados da Republica. Vem de molde o inventario rapido de sua vida intellectual, mostrando-nos clarissimo padrão por onde aferirmos a capacidade de trabalho nas sementeiras da luz: mais de 600 escolas publicas mantidas pelo Estado, onde professam quasi 700 mestres, com um total de quasi 50.000 alumnos matriculados; 111 escolas particulares no municipio da Capital e 130 mantidas pelos cofres municipaes; 150 aulas municipaes no interior e para mais de 300 particulares; 2 Escolas Normaes; 10 Gymnasios para o ensino propedeutico; 21 estabelecimentos de ensino profissional; 16 associações scientificas e litterarias; 22 bibliothecas; mais de 30 jornaes; mais de 20 revistas. Tudo isso é o patrimonio de fulgores que lhe illumina a estrada do futuro.

As maiores actividades do seu trabalho applicam-se á agricultura e os productos da lavoira lhe apontam o



exponente da capacidade productora. Produz quasi tudo que o Brazil inteiro assazona, impondo-lhe a uberidade do solo e variedade de climas uma polycultura opulenta e exagerada, de força prejudicial e mais aggravada pela usança retardia que a não abasta dos meios technicos imprescindiveis ao seu progresso e tão de uso em outros sitios. Accresce no diminuir-lhe o valor a insciencia quasi completa da agrologia geral e descriptiva, que aponta todas as circumstancias topographicas, geologicas, etc., que podem influir nas propriedades physicas e na fertilidade dos solos e subsolos. Tem o primeiro logar na producção do cacau e do fumo, dentre os primeiros na colheita do assucar e dos cereaes, piassava e côcos, madeiras e fibras, oleos e resinas, estendendo-se tambem pelos seus campos plantios de algodão e de café, extrahindo-se a borracha da mangabeira dos agrestes e da maniçoba dos bosques nativos do sul e do poente, enquanto se fecunda o solo de leiras e pomares, florindo e fruteando em prodiga abundancia. Segue-se a pecuaria, pastoreando-se os gados das planicies littoraneas aos geraes do sertão, em gordas pastagens de horizontes dilatados, onde mais se amplia a região armentosa da Bahia. Muito mais quantiosos poderiam ser os seus productos, se mais carinhosos tivessem sido os cuidados dos dirigentes no espalhar os ensinamentos da arte e sciencia de criar, no intuito de mais abundantes redditos.

Nas minas a Bahia tem duas riquezas effectivas e remuneradoras: os diamantes das Lavras e a monazita do Sul. Se lhe sondaram, a espaços, os segredos do sub-solo, ainda não lhe exploram os veios que occultam, talvez, rendosas pareas, sobretudo na occurrencia do manganez e ouro, cobre, graphito e mica.



Movimenta-se a industria fabril em mais de 200 fabricas, das quaes levam a dianteira as 14 de tecidos e as 20 usinas de assucar, onde se põe mais em luz o progresso economico do Estado. O quadro das manifestações geographicas da actividade trabalhadora de um Estado embacia-se sem o remate neccessario do apparelhamento economico, de funcção tão vital quanto o systema arterial nos animaes. Os meios de transporte, terrestres e maritimos, ferreos e fluviaes, as vias de communicações mediatas e immediatas, as invenções modernas applicadas á circulação e conservação dos productos, cuja extensão e aperfeiçoamento contribuem tão poderosamente para desenvolver as trocas, base de toda a vida material do mundo contemporaneo, são os indices mais seguros da prosperidade de um Estado. Se não foi a natureza avara com a Bahia, todavia o seu apparelho economico é reduzido e insufficiente, ante a amplitude do territorio e quantiasas possibilidades do Estado. As estradas de ferro em trafego têm o desenvolvimento de 2.074 kilometros e 766 metros, brevemente ascendendo a mais de 4.000 kilometros, uma vez que se realise o plano da viação modelado pelo actual dirigente dos destinos da Bahia: uma dellas fronteira o Leão do Norte, duas ultrapassam as balisas do Estado, enquanto as demais se disseminam pelo interior. De 4.000 kilometros de vias fluviaes que lhe presenteia a natureza, apenas 2.300 kilometros são aproveitados, quasi todos medidos numa das mais bellas vias naturaes do mundo, o S. Francisco e seus affluentes, Grande, Corrente e Preto, surgindo os barcos a vela e a vapor em 21 portos bahianos. A navegação da Bahia de Todos os Santos espraia-se em 6 rumos principaes por quasi 500 kilometros. A navegação do littoral singra pelas aguas do Atlantico em mais de



1.000 kilometros, 200 dos quaes são canaes, que de muito servem aos povos ribeirinhos, tomando porto em 14 surgidouros principaes, além das pequenas calhetas, abrindo-lhe o Mar ainda a grande via oceanica para a communicação com o exterior e mais Estados maritimos da Republica. Completam a physionomia economica da Bahia os serviços dos Correios, Telegraphos e Telephonos. O primeiro subordinado a uma Administração, distribue-se em 283 agencias, ramificando-se em 158 linhas, com o desenvolvimento approximado de 14.000 kilometros. O segundo comprehende na Bahia a linha nacional, as linhas annexas ás ferro-vias, o telegrapho submarino, a telegraphia inalambrica na estação de Amaralina, uma das mais poderosas do Brazil.

O Telgrapho Nacional abraça dois Districtos: o numero total de estações é 45; ha 3.122 kilometros de linhas com o desenvolvimento de fios egual a 7.036 kilometros. Ha mais de 800 kilometros de linhas pertencentes ás estradas de ferro, com trafego mutuo com o nacional. O telegrapho submarino pertence á famosa Companhia ingleza *Western Telegraph*, estreitando-o no rapido amplexo do pensamento com as outras partes do mundo. O serviço telephonico só existe na Capital: brevemente a heroica e celebrada cidade da Cachoeira terá tambem as suas linhas. Na Capital os telephonos, completamente reformados e perfectos, irradiam-se em 905 linhas, com o desenvolvimento de 5.205 kilometros e 686 metros, sendo installados quasi 1.000 aparelhos.

Floresce o commercio da Bahia a despeito dos obstaculos que a miude lhe impedem a marcha ascencional.

É maior a exportação que a importação.—Figuram na



ordem do valor os seguintes productos: cacau, fumo, café, maniçoba, couros, assucar, charutos e cigarros, pelles, pias-sava, areias monazíticas, mangabeira, madeiras, côcos e coquilhos, além de outros generos que não pagam taxas de exportação. A importação, constante principalmente de objectos manufacturados, productos de metallurgia, xarques, farinha de trigo, productos chimicos e pharmaceuticos, tem ultimamente decrescido.

O porto da Bahia é um dos mais movimentados do Brazil, occupando o 5º. logar na exportação geral da Republica e o 3º. na importação. Nada menos de 10 companhias de navegação estrangeiras e 5 nacionaes servem de vehiculos ao intercurso maritimo da Bahia.

O seu estado financeiro não é folgado: mas é de bom criterio a esperança de melhores dias.

Os dois termos da Lei Orçamentaria para 1915 accusam as cifras de 19.479:150\$244 para a Despesa e ..... 19.531:182\$619 para a Receita

No systema tributario têm maior relevo os direitos de exportação, estatística, industrias e profissões, transmissão de propriedades, sellos, etc., etc.

O quadro economico-financeiro, esboçado a traço largo nos periodos acima, assignala á Bahia uma situação lisonjeira entre os Estados do Brazil.

A sua geographia, esclarecendo as lições do passado, justifica plenamente as esperanças do futuro, sem embargo do aleatorio da condição material dos povos, illudindo ás vezes todas as previsões e desnorteando o homem mais habituado a suas vicissitudes caprichosas e sem embargo de uma descrença e desconfiança geraes.



Mais de meio milhão de kilometros quadrados, longa faixa maritima e longa escala de climas, terreno physica e geologicamente propicio a todas as culturas tropicaes e sub-tropicaes, amplos espaços para a creação, riquezas inexploradas no sub-solo, são dadivas naturaes de grande preço. De presente, e é flagrante, uma febre de actividade, espancando a modorra e apathia criminosas de longos annos, já se patenteia clarissimamente. Mercê do affluxo de capitaes, da multiplicação das empresas, da reorganização dos serviços e criação de novos, da propria confiança maior nos seus destinos, assiste-se ao espectáculo gratissimo da feitura de trabalhos hydraulicos, inicio de outros, não raro audaciosos, mas justificaveis, da abertura de estradas, da adopção de praticas scientificas, reforma de serviços defeituosos, remodelando-se a Capital não tanto por esthetica, quanto pelo saneamento, o seu maior e mais grave problema.

Não ha duvida que houve nos projectos muita audacia: mas é mister que á prudencia ponderada se allie sempre a ousadia valente e segura, porque ambas são necessarias, num consorcio robusto, ao progredimento dos povos infantes.

\*\*\*

Quando no entrar do Seculo XVI uma frota lusitana, que desferiu as velas de Lisboa e endireitou o rumo ás terras indiaticas, navegando o mar de longo, se desviou da rota conhecida, pelas fortunas do mar ou segundo planos reservados do afortunado guião, e descobriu o Brazil, foram terras da Bahia as divisadas primeiro nos acclives do monte Paschoal e nas praias do Sul entre as boccas dos humildes ribeiros de Santa Cruz e Cahy.



Alli primeiro nos brindou a civilisação occidental librada nas azas das quinas portuguezas: cabe-nos essa preeminencia historica. Quarenta e oito annos depois era a Bahia escolhida para séde do governo geral do Brazil, salvando-o dos botes da anarchia de collo alçado nos tempos desordenados das donatarias feudaes. E esta supremacia politica effectiva-se até o ultimo quartel do Seculo XVIII, quando o memoravel ministro illuminado de D. José I transferiu a séde do governo para o Rio de Janeiro.

Lá pisaram primeiro terras brasileiras os emeritos jesuitas para a evangelisação dos caboclos bravios e enfreamento dos colonos obdurados no vicio, fazendo-se ouvir nos seus templos os primeiros echos da religião do Redemptor, ensinada e diffundida pelos novos soldados da fé, soberba cavallaria, sempre a vadear a cheia dos vicios e crimes que inundava o paiz. Capital religiosa da colonia, ainda hoje guarda essa hegemonia moral.

Em terras bahianas se ouviram primeiro os ruidosos combates contra o invasor da Batavia, disfarçada numa companhia de avidos mercadores, e de lá, pelos sertões, muitas levas de guerrilheiros vieram ajudar o pernambucano homerico na construcção da maior epopéa da nossa historia colonial. Nellas tambem se organisaram bandeiras que se rumavam para os geraes do sertão, caravanas das entradas inconscientemente civilisadoras. Se não teve martyres na Inconfidencia Mineira, arroubo de sonhadores que trocavam a lyra pela espada, foi na Bahia *mater* que um rei violentado e benemerito traçou a primeira formula da emancipação do Brazil, pelo rasgar as cortinas ruinosas do monopolio commercial que trancavam os portos ás



bandeiras do mundo e até cerravam aos espiritos as aspirações da vida livre.

Não entraram os seus filhos em rebelliões precipitadas: mas, quando a estrella da liberdade despontou alvicaireira em meio do Cruzeiro, foram os mais rijos no empenho decisivo, fortes na luta sanguinosa, gigantes no prelio emancipador, muitas vezes sem outras armas que a fé nas victorias sobre a tyrannia refugada. Entraram a 2 de Julho de 1823 na cidade do Salvador, entoando o hymno da independencia sob o pallio de estandartes rotos em 10 campos de combate, além das guerrilhas e escaramuças em que o sangue de seus filhos era a semente da grandeza da patria unida. Lá, no seu immenso e amovel porto, nas suas aguas de mar de bonança, se iniciou a marinha de guerra do Brazil com os movimentos audazes da barca *Pedro I*, na guerra da Independencia, e os dois combates navaes do Marquez do Maranhão contra a esquadra lusitana, prefigurando as glorias de Tonelero e Riachuelo. Ao longo dos lustros do Imperio a Bahia teve alto relevo nos voluntarios pelejadores da Solania, em cujos campos estendeu a primeira infantaria do mundo, no dizer emphatico do immortal Duque de Caxias.

Estadistas de fina polpa e rara estofa foram os nossos Cayrú e Abrantes, Jequitinhonha e Nabuco, Zacharias e Cotegipe, Saraiva e Rio Branco. E se é verdade que na historia as edades estão vinculadas aos heroes e aos martyres das grandes idéas, aos genios das artes e, sobretudo, com excepcional encanto, á memoria dos redemptores, a Bahia ufana-se da gloria excelsa de ser a patria de Rio Branco, que redimiou o ventre escravo, brasileiro felicissimo como nenhum outro, pelo continuar a sua vida de



glorias nas glorias refulgentes do Marechal da Paz, que o mundo inteiro respeitou e o Brazil adora entre saudades eternas.

Temos um passado que a nossa lembrança sempre evoca deslumbrada e orgulhosa pelo fulgor das imagens que exornam o pedestal da nossa historia.

O futuro, que é sempre uma esperança, aponta-nos largos caminhos e vastos triumphos. Memorias sagradas, lembranças muito gratas, promessas rebrilhantes, esperanças bem agoiradas, temol-as nobilissimas e ardentes.

\*\*\*

Senhores:

Eu vos agradeço a ouvida magnanima e em nome da Bahia eu vos saúdo de coração. Ao influxo do torneio luzente em que nos empenhamos se accordarão á vossa grande terra, ao grande Pernambuco, edades largas com alegre memoria de tão formosos dias. Aqui se faz agora uma sementeira de luzes e a gente porvindora repetirá, de ouvida em ouvida, a solicitude que vos sobredoiro os esforços no abrir espaços ao mais util dos conhecimentos humanos.

Encelleiraes conquistas para o futuro: trabalho nobilissimo, do qual vos indemnizará sobradamente o porvir, quando, sob a immensa amplidão do nosso céu constellado de diamantes e das gemmas do Cruzeiro, se derramarem os beneficios da Sciencia em cascatas de luz.

Honra vos seja!

Salve, povo de Pernambuco!

*BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA.*

Em Setembro—1915.



# Dois artefactos indigenas

*Do Museu Archeologico do Instituto  
Geographico e Historico da Bahia.*

## I

Entre as riquezas tantas de que se pôde ufanar a Bahia, a que lhe advem dos especimens archeologicos, encontrados no seu vasto territorio, não é a de menor valia do ponto de vista scientifico.

A Bahia é uma terra de lendas, de tradições, de riquezas perdidas, de thesouros occultos. Ás famosas “minas de prata” de Roberio Dias, que ha quasi tres seculos alimentou a imaginação dos aventureiros, ajunta-se a tradição das cidades abandonadas, á semelhança das que nos planaltos andinos desafiam a sciencia do archeologo e a contemplação estupefacta dos viajantes. Na imaginação do sertanejo, as solidões asperrimas de sua terra encerram thesouros que um dia se hão de descobrir. Delles ha escondidos, uns no imo das cavernas cujo fundo ninguem ainda logrou attingir, outros soterrados no cume das montanhas ponteagudas, nos *aporás* ou alturas bonitas que quebram a monotonia do horizonte das catingas, simulando ilhas esparsas no mar escuro das planuras sertanejas.

Na sua visão imperfeita das cousas, o homem do sertão descobre até o que elle presume ser o signal distinctivo da presença de taes thesouros; vê nas noites cálidas, silenciosas pela mudez da ventania, um fulgor mysterioso no alto dos cabeços e ao par disso o ruido não menos mysterioso que assignala a presença da *mãe do ouro*. As urnas de barro que por vezes se lhe depaeram nas lapas, occultas na anfractuosidade das penedias, são para elle outros tantos



thesouros que antigos caminheiros, batedores antecipados do sertão, despojaram do seu rico conteúdo, locupletando-se secretamente. Machados de pedra, desencaibados e perdidos nas alluviões, são raios ou *coriscos*, cahidos do céu, taes como entre os gregos do tempo de Homero, as *ceraunias* com que os deuses do Olympto fulminavam os homens.

Os signaes gravados em pedra; os letreiros ou *itacuatiaras*; as inscripções a tinta vermelha, indelevel nas paredes das cavernas, são tambem para elles indicações que um dia hão de servir para a procura de thesouros occultos.

É preciso, porém, divulgar entre o nosso povo noções mais verdadeiras do que sejam essas urnas de barro, que os caçadores, de ordinario, despedaçam sem lhes reconhecerem o valor; essas pedras cuneiformes e de variado desenho que elle tem como *corisco*; as pontas de lança ou de flecha feitas de silex, ou pederneiras; as raspadeiras ou facas (*itakicé*); os *tembetás* ou botoques de pedra polida e de côres varias, umas azues, outras verdes, outras amarellas de topazio, que o indio trazia mettidas no labio inferior, tudo isso são, na verdade, thesouros, mas thesouros para essa sciencia especial do homem primitivo que nos precedeu no dominio desta terra; são artefactos indigenas que o archeologo *americanista* procura com empenho, reúne, collecciona, a vêr se descobre nesses verdadeiros documentos da evolução do homem americano, um elo a mais na immensa cadeia partida que é essa enigmatica ethnologia pre-colombiana do Novo Mundo.

O artefacto, que o desenho I representa, é uma *mão de gral*, bello exemplar de apparelho culinario indigena, feito de diabase ou melaphyro, do peso de 5.850 grammas, comprimento de 61 cents. e 7  $\frac{1}{2}$  de maior diametro. É uma bôa lasca de pedra polida, de fórmula cylindroide, com uma gola e remate entalhado no extremo superior, e, a parte inferior, arredondada pelo uso, no mister de triturar o grão que se lança no gral.

Para se utilizar desse instrumento, a mulher indigena



tomava-o, com a mão esquerda, pela parte superior, applicando o dedo polegar no entalhe curvelineo, que bem claro se vê no desenho, e, com a direita, segurando a meio, imprimia um movimento rotatorio á parte inferior, o que bastava para, com o peso da peça, triturar o conteúdo do pilão ou gral.

Escusado é dizer que com isso conseguia a mulher indigena effeito ãto satisfactorio como o obteria com a mó do moinho mais perfeito.

## II

Mais um artefacto indigena e dos mais interessantes acaba de ser offerecido ao Instituto Historico para a sua collecção ethnographica, já déveras promissora, ainda que em periodo incipiente.

Trata-se de um bello specimen de *nephrite* (*jade* verde ou *jadite* de Damour), rocha muito densa e dura, que é um silicato de alumina, de soda e de cal, em que a silica entra por 59 %<sup>o</sup>, representando um trabalho indigena começado e não concluido. Na verdade, o aspecto cuneiforme do fragmento rochoso, com os seus angulos tosca-mente arredondados, do comprimento de 22 1/2 centimetros, 16 de largura maxima e 6 de espessura, pesando 2.800 grammas, demonstra, pela forma e valor, o trabalho do indio para o fim de o polir e de o seccionar a meio, no sentido no comprimento, no intuito evidente de produzir dous machados da forma e dimensões usadas entre os nossos indigenas.

O trabalho de polimento, quasi concluido em uma das faces, precedeu evidentemente ao de seccionamento e este, muito bem assignalado por dous profundos sulcos, rectilineos, correspondendo-se em cada face, bem se vê que o artifice, por qualquer motivo, não logrou leval-o a termo. Esse córte regular de pedra dura, como é a *nephrite*, devia ter custado ao indio trabalho penosissimo e paciente, de dias e mezes talvez, até conseguir com o auxilio de uma ponta de silex (pederneira), em attrito atu-



rado, de espaço a espaço banhado com agua, e polvilhado com areia fina, tendo os dous sulcos da profundidade de 1  $\frac{1}{2}$  a 2 centímetros e 1 a 1  $\frac{1}{2}$  de largura.

De grande valor scientifico é esse especimen de *nephrite* trabalhado, dada a que ao nosso Instituto fez o illustre sr. dr. Filinto Bastos, seu muito digno vice-presidente.

Para a sciencia do Homem Americano, a *nephrite*, que já representou papel conspicuo, como documento probante da procedencia asiatica dos povos do Novo Continente, já não é hoje a mesma raridade que até então a fazia tão preciosa. O *muyra-kitan*, fabricado desta pedra verde, a qual até alli só se suppunha encontrada no interior da China, perdeu o valor scientifico que lhe attribuia o nosso illustre botanico e scientista João Barbosa Rodrigues e outros americanistas, provado, como o fez B. Meyer, professor em Dresden, que a *nephrite* não é somente encontrada na Asia Central, mas na Oceania e na propria America.

O *muyrakitan*, como prova da origem asiatica do gentio americano, cahiu assim por terra, sem significação. A despeito disso, porém, a *nephrite* não perdeu de todo o seu valor na sciencia ethnologica. Ella ainda pode revelar certos mysterios, quaes outros enigmas na filiação e intercurso dos povos americanos. Estudos mais aturados e mais desenvolvidos das cousas indigenas hão de dar a essa pedra verde o valor que lhe compete na sciencia da Pre-Historia.

Ao que consta, o unico lugar onde até aqui se encontrou a *nephrite*, no Novo Continente, foi no territorio bahiano, valle do Jequiriçá, e cidade de Amargosa, que parece estar assentada sobre a jazida mais importante. O territorio circumvizinho, affectando os municipios de Areia, Monte Cruzeiro, entre os rios Jequiriçá e Paraguassú, parece conter veios dessa rocha, pois que, ao que se sabe, o fallecido explorador Christovão Barretto ahi é que colhia, nessa zona, os mais bellos artefactos indigenas,



sob a forma de machados, raspadeiras, *tembetás* ou pedras de beijo, e objectos ornamentaes diversos, com que negociava e fazia permutas com os museus nacionaes e estrangeiros.

Nessa zona habitavam outrora os índios *Maracás*, ainda ahi assignalados nos fins do seculo XVI, gentio da raça *tapuya* e de lingua muito guttural, que—"falava sempre de papo tremendo com a fala—"; como nol-o dá a entender o autor do Roteiro do Brazil de 1587; gente aliás de boa indole, bons cantores e musicos a seu modo, dextros flecheiros, velozes na carreira, menos féros do que os outros índios, pois não comiam carne humana nem matavam os seus prisioneiros de guerra.

Nas suas terras, diz o chronista, "há umas serras, onde ha muito salitre e *pedras verdes* de que elles fazem as que trazem nos beijos por bizzarria", e mais adeante, tratando dessas pedras verdes e azues que se acham no sertão da Bahia, acrescenta:—"No mesmo sertão ha muitas pedreiras de pedras verdes, coalhadas, muito rijas, de que o gentio tambem faz pedras para trazer nos beijos, roliças e compridas, as quaes lavram como as de cima, com o que ficam muito lustrosas; do que se podem lavar peças muito ricas e para se estimarem entre principes e grandes senhores, por terem a côr muito formosa; e podem-se tirar da pedreira pedaços de sete e oito palmos, e estas pedras têm grande virtude contra a dôr de colica." (1)

É dessas pedras verdes, de que fala o autor do *Roteiro*, o especimen de *nephrite*, que é ao mesmo tempo um artefacto não acabado.

Oxalá que o bello exemplo do dr. Filinto, para maior brilho desta terra e consoante ao ambiente culto que ella representa, fructifique e nos dê imitadores tão sollicitos e dedicados, como é mister.

THEODORO SAMPAIO.

(1) Roteiro do Brazil de 1587, cap. 194, pag. 362.



## Homonímia geográfica e suas inconveniências

A rudeza de obscuro denominador de terras, que não sabe aquilatar os desaproveitáveis corolarios advindos á historia da posteridade pela homonímia geográfica, não deve receber a imolação dos que hoje censuram e corrigem os feitos por ela realizados. O maior pecado seja imputado aos representantes públicos, incumbidos do mister das officializações.

Na parte geográfica da Baía, futuramente, os que tentarem a missão nobilíssima de historiar o nosso passado, sempre de nós distanciando-se, encontrarão casos homonímicos, que se lhes mostrarão como dificuldades maiores para o vencimento.

A majestosa serra do Orobó, para prova, surgindo altaneira da mataria umbrosa que lhe mereceu o nome, teve o prestigio de servir á denominação de dois povoados que lhe ficam propínquos: Rosario do Orobó, ou simplesmente Orobó, ou ainda Orobósinho, que se lhe distancia em cerca de vinte e cinco quilómetros, e agora sabido por cidade de Itaberaba, e Orobó Grande, feito e crescido ao sopé da alterosa serra, batizado ultimamente com o titulo de vila do Orobó.

Ora, por nossos dias já se encontra quem não saiba distinguir qual seja de véras o Orobó: se a cidade, ou a vila.

O caso que fez á tona estas considerações, quase supérfluas, embora, prende-se ao ponto geográfico do municipio de Jacobina, onde entenderam apôr ás suas localidades denominações repetidas por outros municipios, quais sejam Canabrava, Saúde, Riachão, Palmerinha, Angico, etc., sempre seguidos do distintivo que as determina — *de Jacobina*.



Por fins do século XVI foram penetrados por aventureiros exploradores os sertões de Jacobina, tendo sido mais intensas as relações de seu conhecimento no correr do XVII, marcado desde as datas de terras, em 1609 e seguintes, aos membros da opulenta estirpe dos Guedes, até a criação da primeira freguesia naquele territorio, sob o título de Freguesia de S. Antonio do Sertão de Jacobina. Creara-a, em 1682, o primeiro arcebispo do Brasil, d. Gaspar Barata de Mendonça, por informação de seus emissários.

Esta freguesia continuou com seus dominios até 1752, quando, sem que lhe saibamos os desmembramentos, tivera igual criação a de S. Antonio de Jacobina, conquanto permanecendo aquela na mesma séde que lhe designara o titular eclesiástico, se é que isto fizera êle, pois há lacunas históricas a respeito.

Nos fastos de nossa existência eclesiástica não se comprova que esta ou aquela freguesia tivesse por séde a actual cidade de Jacobina, sendo êles de tudo omissos nesta parte, tamanha a babel que se estabeleceu com a semelhança de títulos para ambas, e ademais com o patronato do taumaturgo, estendendo-se por cinco das freguesias que posteriormente ficaram como pertencentes ao termo da vila de Jacobina: S. Antonio do Urubú de Cima, S. Antonio de N. S. do Livramento do Rio de Contas, S. Antonio do Pambú e as duas susoditas.

Por carta régia de 1720 foi creada, e instalada a 5 de junho de 1724, a vila de Jacobina, em as terras onde estavam o logarejo e a aldeia da missão do Bom Jesus da Gloria, sem que a pretendessem estabelecer no pôsto em que ficava a séde da freguesia de seu nome, o que seria de muita razão, por aí já se encontrar uma localidade com essa elevada categoria. Não no fizeram, nem de constar nos autos se lembraram que a aludida freguesia existisse com o mesmo nome da vila, e na mesma região.

Os tempos se passaram e á sua feição modificaram e regularizaram os acontecimentos, sem que se movessem



por acompanhá-los ou corrigi-los aquêles a que tais feitos competiam.

Depois, tendo sido Jacobina a primeira vila creada no sertão ocidental da Baía, o vulgo entendeu chamá-la simplesmente Vila Velha e, oficialmente, Freguesia Velha de S. Antonio da Jacobina á que fôra creada em 1682, e que se acordou ser a povoação distante cerca de quinze quilómetros da actual cidade do Bonfim. De tal feita encontramos na historia da Jacobina duas freguesias e uma vila com semelhança de nomes.

Ao historiador que se faz á custa de informações escritas, sem o critério do discernimento para sondar-lhes as manâncias, êstes casos se manifestam como não fáceis obstáculos, nascidos tão sòmente da inconsciência homonímica na geografia, maxime no mesmo territorio.

Como estabelecer-se, pois, a necessaria distincção no caso referido? Fazer-se de agora em vante a precisa corrigenda aos erros do passado, afirmando que a denominada Freguesia Velha ou Freguesia de S. Antonio da Jacobina, creada em 1682, é a actual vila de Campo Formoso, e que a freguesia e a Vila de S. Antonio da Jacobina, esta creada em 1752 e aquella por carta régia de 5 de Agosto de 1720, fazem a cidade da Jacobina, séde do municipio e comarca do mesmo nome, nêste estado da Baía.

AFONSO COSTA. (\*)

(Do "Instituto Geográfico e Histórico", da Baía).

---

(\*) Conserva-se a orthographia do autor. N. da R.



# O ESCOTISMO NA BAHIA

A bella instituição do escotismo, ideada na Inglaterra pelo coronel Baden Powel, hoje espalhada por todo o mundo civilizado, tendo já um movimento progressivo em São Paulo e outros Estados do Sul, não poderia deixar de encontrar entusiastica adhesão neste grande Estado do Norte, onde se acaba de fundar um centro de Associação Brasileira dos Escoteiros.

Idéa nova para nós, brasileiros, principalmente os do norte do paiz, a sua facil propaganda no Brazil, que ora atravessa um periodo de convulsões que o têm agitado, demonstra que nem tudo está combalido e estragado e que ainda se encontra na nossa cara Bahia energias não contaminadas, susceptiveis de surtos desinteressados e de reacções benéficas.

O futuro da Patria depende, principalmente, do caracter das novas gerações, ainda não estragado e combalido.

A ausencia de civismo é um mal que começavamos a soffrer, era portanto de necessidade palpitante a criação de escolas de civismo para formar o character dos novos, escolas de preparação moral e civica da mocidade—sempre avida de idéas patrioticas.

Nenhuma instituição, de facto, se apresenta mais opportunamente para a obra social dos mestres que formam os espiritos juvenis no culto do bem e da Patria.

“Os fins da Associação dos Escoteiros se podem resumir no seguinte, difficil como é encontrar em uma definição os resultados complexos que ella visa, para que a Patria não morra por falta de civismo:—formar o character dos homens, entendendo-se “por character” uma virilidade capaz de agir por si mesma, pensando tambem



nos outros; e isso se consegue fortalecendo nos rapazes apenas sahidos das escolas primarias, ainda puros das perniciosas influencias que os assaltarão sem tardança cá fóra, o sentimento da dignidade cavalheiresca; o sentimento patriotico e o sentimento de humanidade. Como? Pela cultura da força e da agilidade physicas e pela cultura da energia, constantemente ligada, por formas bem sensiveis á consciencia, a escopos de aperfeiçoamento moral, civico e humano."

O escotismo encaminha os jovens no verdadeiro culto do patriotismo, que é o sentimento da honra, da disciplina, do amor ao trabalho, da economia e até das privações e do sacrificio do sangue, quando isso se torna necessario á Nação, ao proprio lar e ao proximo.

Ora, quando se é attingido nas mais caras affeições, é mesmo do excesso da dôr que deve nascer a força precisa para a defesa, quando se tem já passado pelas provas de energia, do character e do valôr, bastante forte, portanto, para se poder defender, mesmo com as armas na mão, sempre que a fatalidade o encaminhe para esse campo.

A Historia regista, como regra que não admite excepção, que mesmo os paizes chegados com grande esforço ao apogeu da sua prosperidade, esgotados por esse mesmo esforço, cahem depois num periodo de repouso, num estado de indolencia e indifferença. Vêem sómente que os outros povos caminham, procurando rechassal-os pela força das armas, ou pelo methodo, mais pacifico mas mais fatal, de lhe prejudicarem a concurrencia commercial.

Ahi temos nós, agora, o facto provado nessa guerra européa, que já começa envolvendo os continentes Asiatico e Africano, podendo mesmo (isso não será nada impossivel) extender-se até nós, americanos do norte e sul.

"O escotismo é um militarismo attenuado, não deixa



fortalecer raizes na caserna, não forma sómente defensores da Patria. Do militarismo só se aproveita o sufficiente para conter os inevitaveis excessos da natureza irrequieta e insubmissa dos jovens, sem a obediencia passiva, mas habitua os moços á disciplina e ás organizações hierarchicas. Ensina-lhes os jógos esportivos pelos seus multiplos exercicios e transforma os rapazes em soldados voluntarios e desinteressados de uma milicia em cujas fileiras reina o espirito de fraternidade e de cooperação voluntaria. Como esporte, o escotismo reúne um pouco de tudo—pedestrianismo, cyclismo, athletismo, natação e a arte de manejar o remo, a vela e os motores a vapor, electricos, a gaz ou de explosão, que dão movimento ás embarcações sobre agua e na massa aerea.

“—Põe os jovens em contacto com a natureza, familiarizando-os com os meios de aproveitá-la e vencel-a em mil passos e conjecturas da vida e desenvolvendo-lhes assim o espirito de iniciativa, a energia, a decisão, a intrepidez e todas as formas de coragem. Deixa, porém, ao esporte a cultura das vaidades pessoas, o industrialismo e a actividade sem objectivo, que são o apanagio de quasi todas as suas manifestações na actualidade.

“O seu objectivo é formar individuos e cidadãos, fortes de corpo e alma, dotados de bons musculos, bons pulmões, punhos de aço, uteis a si, uteis á comunidade e aos semelhantes, por obrigação transformada em habito pelo exercicio constante e pela instigação permanente. Esse objectivo é sabio e admiravelmente servido por uma organização original, cuja efficacia resalta da simples leitura dos manuaes em uso e, aliás, já está sobejamente provada na pratica em muitos paizes do mundo.”

As gerações novas são cheias de vida e enthusiasmo, e só precisam ser bem conduzidas para se formarem cidadãos bons e prestimosos.

Perdem-se, porém, materiaes admiraveis: ainda mais, deixa-se que os rapazes se convertam num perigo publico



por falta de educação e duma firme mão que os saiba guiar atravez das vicissitudes da vida, quando se encontram na encruzilhada que ha de decidir do seu futuro, para bem ou para mal.

O problema educativo das nossas escolas comprehende geralmente muito trabalho de compendio, sem a menor referencia ao desenvolvimento de character, que é de principal importancia. Não são por milhares, mas por centenas de milhares, que nas grandes cidades se contam rapazes sahidos das escolas que se dedicam á rendosa profissão de "apaches" sem que nada se faça para os deter. Pratica da vida, economias, principios de cavalheirismo, civismo, patriotismo, tudo é lettra morta!

Se esta propaganda fôr bem amparada pelos patronos, directores, associados e paes de familia, pelos governos do Estado e dos Municipios e pelos directores de collegios e escolas publicas, temos fé que a Associação de Escoteiros Brasileiros na Bahia será capaz de tomar enorme e progressivo desenvolvimento no seio da população bahiana.

A imitação de S. Paulo, esperamos que a Bahia inteira, com o maior enthusiasmo e perseverança, applaudindo os nossos esforços, cooperará na obra de propaganda do escotismo, que é a obra regeneradora de Baden Powel.

CAIO P. VASCONCELLOS.





# PRIMORDIOS DA INDEPENDENCIA

A quem se remontar ás causas, ás origens ou principios da independencia politica do Brazil, acudirá logo ao espirito os fastos da revolução franceza e o systema democratico dos americanos do norte.

Não é inteiramente destituído de razão esse modo de pensar; mas, é certo que essas idéas de liberdade tiveram reflexo secundario na genese de nossa emancipação politica.

O principio capital fôra, sem contestação, o soffrimento do povo, oriundo do absolutismo ferrenho da metropole. Portugal, por muito tempo, deixou o Brazil entregue ao capricho de governos espoliadores, para cuidar, exclusivamente, de conquistas, sem resultado material.

Baldo de recursos, volveu novamente as vistas para o thesouro que havia abandonado na America; e então, não se fez esperar a pratica de abominaveis explorações de todo o genero, as quaes tiveram por epilogo a separação definitiva.

“Os Quvidores e Juizes de Fôra eram quasi sempre os tyrannetes mais inexoraveis e desaffrontados. Collocavam-se acima de tudo; julgavam-se senhores dos bens, da liberdade, da honra e da propria vida do semelhante.”

Para sustentar a guarnição militar do Morro de São Paulo, ficou creado o imposto de *um prato de farinha*, por *habitante*, enquanto durasse a guerra de Pernambuco. Pois bem: essa contribuição foi cobrada por espaço de cento e vinte annos!

Em 1734, a Camara Municipal de S. Paulo pedio



que fosse dispensada dos sessenta mil cruzados que lhe cumpria recolher ao erario publico para as despesas com o casamento do principe do Brazil e das Asturias. O governador justificando o pedido da Camara, informára:

“Para pagar o que até o presente têm feito, Senhor, foi necessario, aos moradores, venderem tudo quanto possuíam”.

As reclamações não eram attendidas; e o receio de perder o dominio da colonia augmentava as arbitrariedades. Assim foi que o Senado da Camara da Bahia, em 1671, protestou perante o rei, dizendo: “Senhor. Por noticias que temos, consta-nos que V. A. foi servido mandar passar um decreto para que nenhum filho do Brazil occupe o posto de Dezembargador neste Estado, quando os que presentes o são *não devem* nada a nenhum *dos mais*; parece, Senhor, que é uma offensa que V. A. faz aos filhos deste Estado, e principalmente aos da Bahia, a quem V. A. por seus serviços concedeu o privilegio de infanção e outras mercês de que estão de posse. Seja V. A. servido mandar reparar um damno tão affrontoso para os naturaes do Brasil.” Dentre esses, os que se recommendavam por seus estudos, os mais distinctos, eram espionados, ordenando-se aos governadores “vigilancia sobre os individuos sympathicos ás idéas politicas que desolam a França, enviando informações secretas dos que estiverem *contaminados* dos principios jacobinos e revoltosos”.

Ninguém tinha a garantia de seus bens, quando a autoridade lhe falava em nome dos interesses da Real Fazenda. O Padre Antonio Vieira, em carta dirigida ao rei, em data de 20 de Abril de 1657, assim se exprimia: “As injustiças e tyrannias, que se tem executado nos naturaes destas terras, excedem muito ás que se fizeram na Africa; em espaço de quarenta annos *se mataram e se destruíram* por esta costa e sertões mais de *dois milhões de indios* e mais de quinhentas povoações, como grandes cidades, e disto nunca se viu castigo.”



Aconselhando ao monarcha umas tantas providencias, lembrou o egregio jesuita: "Que os governadores e capitães móres que viessem a este Estado sejam pessoas de consciencia; e porque estas não costumam vir cá, que ao menos tragam entendido que mui deveras hão de ser castigados, si em qualquer coisa quebrarem a dita lei e regimento." O referido Padre Vieira, em carta de 20 de Maio de 1630, ainda observava: "As causas até agora de se ter feito tão pouco fructo com estas gentes são principalmente as tyrannias que com elles temos usado, havendo capitão que obrigou a atar dez murrões accezos nos dez dedos das mãos de um principal de uma aldeia para que lhe dêsse escravos, dizendo que o havia de deixar arder enquanto lh'os não dêsse, e assim fez."

O Alvará de 20 de Outubro de 1621 ordenou que nenhum negro ou mulato nem indio, posto que fôrros, exercesse a arte de ourivesaria.

O governador do Maranhão mandou ao governo amostras de ferro descoberto na ilha de S. Luiz, e a carta regia de 23 de Março de 1688 declarou que não convinha continuar nessa manufactura, por ser o ferro a melhor droga que de Portugal podia ir para o Brazil. O decreto de 20 de Fevereiro de 1690 declarou não permittir consumo algum de sal que não proviesse de Portugal, nem mesmo do que a natureza produzisse em salinas e lagôas do Brazil. Em 1766, mandavam-se fechar as florescentes officinas de ourivesaria e esculptura em ouro e prata, a que o genio de um artista brasileiro havia proporcionado assignalada victoria na concorrência dos artigos similares portuguezes.

Para satisfazer a cobiça dos filhos da metropole, que representaram contra os brasileiros natos, D. Maria I mandou prender e assentar praça aos mestres e aprendizes de diversos officios, mandou fechar as lojas, demolir as forjas, sequestrar as ferramentas de trabalho, extinguir fabricas e manufacturas de ouro, prata, sêda, linho, algodão e lã existentes no Brazil, e, bem assim, applicar surra e calcêta a quem se dedicasse á cultura do arroz.



Ordenou a retirada do sabio Barão de Humboldt que aqui fazia investigações scientificas. D. João V chegou ao delirio de possuir bacios de ouro, tendo como azas seraphins em adoração.

Toca ás raías da fabula o modo por que a metropole revolvía as entranhas das terras do Brazil. Batalhões vinham com a exclusiva incumbencia de arrancar o ouro das minas.

Por informações exactas, sabe-se que, de 1730 a 1810, seguiam para Portugal, annualmente, nunca menos de 57.120 arrobas de ouro; e 50.000 cruzados em diamantes.

Por occasião do terremoto que destruiu a cidade de Lisbôa creou-se um imposto especial, para a sua reconstrucção; e, para esse fim, os naturaes do Brazil foram fintados por espaço de quarenta annos.

Diante desta situação acabrunhadora, premente e insupportavel, era legitimo e natural que os odios accumulados de longa data explodissem numa reacção victoriosa; pois era latente a fermentação da liberdade em represalia á oppressão, que tantos desesperos produzia nos animos dos perseguidos.

Em Minas Geraes, os governadores promoviam os cabos de esquadra, seus ordenanças, aos postos de tenentes e capitães, com flagrante preterição dos brasileiros officiaes do quadro.

A conjuração mineira fôra tramada de modo a proclamar-se a republica; e para que esta fosse duradoira, os conjurados collocaram-se sob a protecção dos Estados Unidos. Como é sabido, o movimento devera explodir por occasião da derrama do ouro. Mesmo assim, o fim que tiveram os conjurados não influiu no animo dos brasileiros para que calcassem no fundo do coração qualquer ideia de liberdade.

Não padece duvida que a metropole receava qualquer surpresa; tanto mais que mudou de rumo, adoçando o seu manifesto terror contra os brasileiros natos. E tanta



consciencia tinha o governo portuguez das atrocidades commettidas pelos seus delegados, que, de muito longe, vinha procurando desviar dos filhos do Brazil toda e qualquer idéa de emancipação. Notoria era a vigilancia exercida sobre os estudantes brasileiros que, nos cursos de Coimbra, davam prova de capacidade intellectual e moral, pois os seus enthusiasmos, as suas opiniões eram sufficientes para despertar maiores cuidados do governo. Com esse intuito, á proporção que os moços brasileiros iam completando o curso eram logo despachados para o exercicio de cargos publicos em Portugal; sendo que os nascidos em Portugal eram despachados para o Brazil.

Ahi estão, para não citar outros exemplos, as nomeações de Gregorio de Mattos, para Juiz do Crime e de Orphão da cidade de Lisbôa, por volta do anno de 1671, e de José Bonifacio de Andrada e Silva para o lugar de lente de Coimbra.

No governo do Marquez de Pombal, elevou-se muito a cotação dos brasileiros para os cargos publicos da metropole, notadamente entre o Clero, em que era abundante o numero de capacidades.

No Rio de Janeiro, o sequito de fidalgos que acompanharam a D. João VI, em 1808, apossava-se da propriedade alheia, de uma maneira bem singular. Chegavam numa casa e diziam ao morador: *precisamos deste aposento*. O meirinho que os acompanhava escrevia a giz, na porta, as maiusculas—P. R. (Principe Regente). O proprietario ou inquilino retirava-se em vinte e quatro horas; e o fidalgo installava-se muito a vontade no aposento alheio.

Em 1820, a cidade do Porto deu o grito de liberdade, que intensa repercussão teve no Brazil, avigorando as idéas de emancipação. José Bonifacio, bastante considerado pelo seu saber, dispondo de grande influencia e prestigio, encontrou ensejo de preparar os animos para a lucta. Por esse tempo, a colonia brasileira residente em Portugal costu-



mava reunir-se sob a direcção do patriarcha, que destillava no animo dos ouvintes idéas liberaes e patrioticas sobre o assumpto.

Em continuadas palestras, ficou assentado que os rapazes que concluíssem o curso da Universidade, de 1819 a 1821, nenhum delles acceitasse collocação offerecida pelo governo da metropole; que se recolhessem todos ao Brazil, dirigindo-se cada um para o logar de seu nascimento, e, *ahi, propugnassem e animassem o movimento emancipador*. Para isso levar a effeito, *deveriam promover a criação de associações*, onde, a pretexto de discussões referentes ás *necessidades da lavoura*, cuidadosamente tratassem do objecto primordial.

Entre os propagandistas do movimento figuraram: o Marquez de Abrantes, o Visconde de Jequitinhonha, Visconde dos Fiaes, Dr. Cassiano Esperidião de Mello e Mattos, seu irmão, Dr. Eustaquio de Mello e Mattos, Visconde de Monserrate, Dez. Manuel Messias de Leão, Dr. Francisco Teixeira de Sá, Marquez de Caravellas, Dr. Antonio Calmon du Pin e Almeida, Dr. Miguel de Mascarenhas, Dr. Polycarpo Cabral, Dr. Vicente Ferreira de Magalhães, Dr. Cezar Jacobina, Dr. Lino Coitinho, Dr. Henrique de Paiva, Dr. Bernardino Pereira de Vasconcellos, Marquez de Olinda, Marquez de Sapucahy, os irmãos Dr. Bernardo Manuel de Souza Magalhães, fundador da Escola de Direito de Recife, e José Manuel de Souza Magalhães, fundador da de S. Paulo.

A lavoura foi o elemento que serviu de pretexto ás manifestações da liberdade, pois dos seus comicios nasceu a conspiração. Na Bahia, o movimento iniciou-se na Villa de Santo Amaro, onde o Visconde de Monserrate exercia o cargo de Juiz de Fóra.

Estava combinado o grito de liberdade para o dia 29 de Junho, na Villa de S. Francisco. Circumstancia, porém, imprevista determinou a chegada de uma barca luzitana no porto de Cachoeira e esse facto apressou ahi a proclama-



ção do Principe Regente, no dia 25 de Junho de 1822. Não resta duvida que o movimento emancipador partiu da Villa de S. Francisco e a prova está em que a Junta de Cachoeira teve que indicar e convidar para um dos seus membros o Marquez de Abrantes.

O povo brasileiro não percebia bem os salutaes effeitos da liberdade; rebelava-se contra o soffrimento. Si a metropole lhe ouvesse outorgado, no momento, um pouco de regalias, fôra bem possivel o fracasso da emancipação.

Feita a independencia, começaram as desconfianças.

“Grande parte da opinião publica do paiz olhava com sobresaltos e sustos a obra da Constituinte, suspeitando que della não sahisse a organização de um governo livre e garantidor dos direitos e liberdades publicas.”

O deputado José d’Alencar interpretando o sentir das mesmas classes, assim pronunciou-se:

“Tem-se dito e desconfiado nas provincias e aqui mesmo que o ministerio procura entronar o despotismo; tem-se dito que tudo aqui se prepara formar uma Constituição a geito e a molde do despotismo disfarçado; tem-se dito que os deputados chegando aqui seriam comprados e trahiram seus constituintes porempregos, medalhas e fitas.”

O deputado Xavier de Carvalho, corroborando as opiniões do seu collega, assim se externou:

“Desconfiam que se lhes preparam os ferros do antigo e tão justamente detestado despotismo; que se lhes querem lançar cadeias douradas com o nome lisonjeiro de independencia.”

Do exposto, não tenho a menor duvida em acreditar que a emancipação politica do Brazil foi victoria da resistencia contra o soffrimento, e não o resultado de aspirações de um povo conscio dos seus direitos. A indecisão dos espiritos suggeriu a desconfiança, alimentando a desordem.

Dahi, a anarchia com o seu cortejo de revoluções.

Cidade do Salvador, Maio de 1916.

MANUEL QUERINO.



# DOCUMENTOS

---

## **Cartas do Ouvidor de Porto Seguro, José Xavier Machado Monteiro, segundo magistrado nomeado para este cargo, quando foi criada a Ouvidoria**

“Copia authenticada trazida pelo Dr. Braz do Amaral do Archivo de Marinha e Ultramar da cidade de Lisboa, onde se acha o documento original.”

Senhor.

Em carta de 24 de Fevereiro do anno proximo passado de 1768 dey a V. Magestade individual conta do estado em que achara esta comarca e do que no augmento della hia operando; não só por virtude das instrucções que recebi na secretaria de Estado mas tambem pela geral obrigação que por officio me incumbe de criar-a e dirigil-a para ser hua das melhores desta costa. E agora a darey do que tem acrescido.....

.....

Na Barra do rio de Mecomim que dista de Villa Viçosa seis leguas para o sul e em cujas margens, sendo das mais fructiferas desta capitania, não havia outro povoador mais que o gentio bravo que insultava aos viandantes tenho já quasi hu cento de cazais de voluntarios e degradados, de que induzi os solteiros a cazarem-se; e a todos fiz prover de mantimentos, armas e ferramentas com que vão laborando. Já pedi ao Prelado sacerdote para os parochiar; e se o estabelecimento crescer até o numero competente, como intento, ali farei erigir outra villa.



Na do chamado Rio Doce que he o mayor desta capitania, e que a divide da do Espirito Santo, já na outra carta annunciey a V. Magestade o extensivo dezerto daquellas prayas, a fertilidade das suas terras e o quanto alli era util para o commercio de ambas hua avultada povoação, a que já dei principio com dez ou doze cazaes que lá se achão, e estou esperando da mesma capitania alguns mais, que para isso se convidão.

Porto Seguro 24 de Fevereiro de 1769.—O Dezembargador Ouvidor de Porto Seguro *José Xavier Machado Monteiro*.

Está conforme o original. Documentos da Bahia n. 7972. Lisboa—Arquivo da Marinha e Ultramar, 16 de Janeiro de 1913.—O 1º. Bibliothecario Director, *Eduardo de Castro e Almeida*.

Senhor.

Em todos os annos desde que entrey no emprego de Ouvidor desta Capitania tenho dado a V. Magestade individual relação do estado e augmento della; e o mesmo vou agora a fazer do acrescido no proximo passado.....

Por falta de gente não pude adiantar os uteis estabelecimentos que principiey nos dezertos das prayas dos dous sitios de Cumuchatiba e Rio Doce; este indispensavelmente necessario para a estrada que nas minhas Instrucções se me adverte faça abrir para a comunicação e commercio desta capitania com a do Espirito Santo. Já expuz a V. Magestade ser este grande e caudalozo Rio, e que as divide, mas com tantas leguas de prayas de mar dezertas de húa e outra parte, e tão passeadas de feras e de gentio que nunca a estrada será frequentada sem se fundar húa boa povoação junto da sua Barra, que esta hé capaz de lanchas e sumacas e que as margens do mesmo rio (dizem os praticos) serem as mais ferteis desta costa da Bahia athé o Rio de Janeiro. Porem não ha gente nesta capitania, antes della ainda na mesma se precisa para



augmentar outros estabelecimentos; daquella do Espirito Santo não concorre como eu esperava; nem haverá meyo de se conseguir para tão bom e desejado fim sem V. Magestade se querer servir de mandar recommendar a exacta observancia da ley da Policia na cidade da Bahia, aonde se me diz serem innumeraveis os ociozos e vadios que agora fazem subir a farinha á extraordinario preço; e seria melhor a viessem lavrar aonde tanta se pode produzir.

Porto Seguro, 10 de Mayo de 1770.

O Dezembargador Ouvidor de Porto Seguro—*José Xavier Machado Monteiro.*

Está conforme o original.—Documentos da Bahia n. 8215. Lisboa—Arquivo de Marinha e Ultramar, 15 de Janeiro de 1913.—O 1º. Bibliothecario Director, *Eduardo de Castro e Almeida.*

Illmo. e Exmo. Snr.

Em trinta de Agosto dey a V. Exa. o agradecimento do meu despacho, tendo-lhe já no primeiro de Abril participado húa larga e individual relação do que nesta capitania havia operado a bem do seu augmento; e agora passo a addicional-a com o que tem acrescido.....

.....

A respeito de Villas:

Junto da Barra do Rio Itanhaem erigi a que prometti e acclamey com o nome de Alcobaça e a S. Bernardo por orago da Igreja que fiz prover de Parocho e de algumas Santas Imagens e dos paramentos indispensaveis para o sacrificio, obtidos de esmolas e por isso pobres, assim como a mesma Igreja que he ainda coberta de palha.

Já o aro da povoação se acha desbravado e descantilado e nelle demarcada e alinhada a praça com tres arrua-mentos cortados em seis ruas já em grande parte occupadas de cabanas, porque os povoadores necessitados de se applicarem primeiro ás rossas ainda não podem edificar cazas; consta por hora o seu numero somente de cento e



dez cazais que hirey augmentando á proporção dos Degradados que de novo me vierem e dos voluntarios que for cathequizando.

Não me é possivel remetter já á Secretaria de Estado nem a planta dos arruamentos nem os autos de erecção e demarcação do districto e da repartição das terras do logradouro, concelho e moradores que ainda não estão findos: impossivel me será o chegar a erigir as tres que já referi a V. Exa se precisavão nos sitios de Cumuchatiba e nos das barras do Rio Doce e do de S. Matheus, porque se o erigil-as he facil, o povoal-as me hé muito difficil. Já do sertão não desce gentio manso, nem eu tenho meynos de supprir a despeza de o mandar lá cathequizar: os degradados tão poucos que mal me poderão chegar (porque algús fogem) para fornecer as tres villas novas que fiz. Do Rio de Janeiro não podem ser muitos pela falta de navegação e da Bahia ha tres annos á esta parte apenas meia duzia em cada hú, o que se lá e no seu reconcavo se praticasse a Santa ley da Policia para se limpar do sem numero de ociozos e vadios que por lá girão e se virem empregar nas fertilissimas lavouras de outra parte se chegaria a ver húa das melhores do Brazil o que eu não posso obter com húa até duas duzias de degradados quando muito cada anno; e destes algús poucos cazais que me disvello em acariciar para cá de outros.

.....

#### De Obras Publicas:

Achão-se quazi todas as villas e Aldeias na sua circumferencia já sem mattos redusidos a campo matizado de gados e aves. Conservão-se as pontes e barcas e se reformam e aperfeição as estradas sem me ter sido possivel abrir húa muito precisa desde a barra do rio de S. Matheus até a villa do mesmo nome que lhe dista outo leguas de perigosa navegação pelo mesmo Rio e por terra se redusião a quatro.

He por causa disso a menos communicavel com as



mais e os moradores pobres e o concelho assim como quasi todos os outros, sem rendimentos sufficientes para a despesa de tão necessaria bemfeitoria.

Porto Seguro, de Abril de 1773. De V. Exa. o Desezembargador Ouvidor de Porto Seguro, *José Xavier Machado Monteiro*.

Senhor.

Em todos os annos passados fui dando a V. Magestade relação do augmento desta capitania de Porto Seguro, e agora lha exporey do que mais até o presente tem acrescido.

.....

Emquanto a villas e povoações:

Já dei conta a V. Magestade daquellas que de novo tinha erecto, remettendo os borrões das Plantas dos seus arruamentos: De todas as obrigações do meu ministerio encarregado nas Instrucções que se me derão he esta a mais difficulতো de cumprir, principalmente em sitio ainda despovado; ou ainda naquelle em que são poucos os povoadores, para acaricial-os para hú dezerto aonde hão de esperar dous annos que as terras lhes produzão mantimentos; cuidar no emtanto em provel-os de farinhas para comerem vindas de outras partes e de sementes e ferramentas para abrirem lavouras; encaminhar e fazer lá conservar degradados, homens commumente viciozos que só se lembram ou de fugirem ou de perturbarem aos outros; prover de artifices temporaes e zelar o proveimento dos espirituaes que tão má qualidade de gente governem a vinha do Senhor; sendo nesta capitania tanta a falta de sacerdotes que todos, excepto hú já decrepito, estão parochiando e sem coadjuutores: fazer erigir e paramentar Igrejas sem dinheiro, nem de onde se obtenha ao menos para os moveis precisos para o sacrificio; escolher para o governo temporal juizes, escrivão e mais officiaes aonde os empregos nada rendem e aonde por acazo se acha quem saiba ler e escrever. E finalmente fazer abrir fontes, for-



mar pontes e barcos, cortar mattos, abrir caminhos e estradas, introduzir gados, descantillar e aterrapienar os terrenos, balizar ruas e praças, etc.

Todas as referidas difficuldades fui vencendo para chegar a erigir aquellas novas villas. Hé porem invencivel para formar outras o obstaculo da falta de gente de que tanto precisa esta capitania para se povoar e para assim ficar sendo das melhores desta costa.

Já dei conta a V. Magestade serem na cidade da Bahia e no seu reoncavo tantos os ociozos e vadios que poderiam sem lá se conhecer diminuição formar outra: os degradados que de lá me vem serão pouco mais de duas duzias cada anno; e algús taes que mais merecerião o hir para a forca. E com estes pelo seu mau procedimento me vejo eu perturbadissimo.

Sem despeza algúa da sua Real Fazenda podia V. Magestade neste seu tão dilatado Imperio augmentar esta importante parte que até agora existia quazi incognita, provendo-a da gente necessaria para nella poder defender a costa de algú desembarque do inimigo, e para o que bastaria se expedisse ordem para na mesma cidade e seu reoncavo se executar activamente a ley da Policia, sendo para cá remettidos todos os comprehendidos nella; então serião lá menos os furtos, as mortes, os ferimentos e outras perturbações do socego publico; e maior acção de piedade se faria em expedir aquelles pestiferos famintos para terras aonde logo acharião que comer e em que adquirir cabedaes, do que em ficarem conservados aonde se não lembram mais que rapinar os alheios.

Quatro são os novos estabelecimentos que já ponderey a V. Magestade era muito util augmentar á saber os dous das barras do Rio Doce e S. Matheus; o da enseada do mar do sitio da Cumuchatiba que todos tres erão dezertos e em cada hú dos quais já plantey de húa duzia até duzia e meia de cazais; e o da Barra do rio chamado Itanham, aonde já achey algús que tem acrescido até o numero de



sincoenta e tantos. Em todos seria bom formar villas mas não ha gente e quando muito a poderá hir havendo para este, se com os que for acariciando de outras capitánias e com os degradados que de novo vierem, poder chegar a provel-a de numero competente.

A que erigi com o nome de Villa Viçosa se tem augmentado tanto de lavouras, que ha hú anno a esta parte tem de lá sahido já mais de húa duzia de lanchas e sumacas carregadas de farinha para a Bahia e para outras terras cizadas dellas. Mas a respeito da factura de cazas ainda a metade ou mais de seus moradores vivem em cabanas, porque nem todos poderão pela sua pobreza entrar logo a trabalhar nellas; e os que tem feito e vão fazendo são das melhores do paiz pelo uniforme da Planta e risco que lhes dey.

A que fundey com o nome de Portalegre não tenho beneficiado mais do que em fazer prover os seus povoadores de ferramentas pelo arbitrio de os mandar repartidos em esquadras sahir a outras villas, aonde por jornadas ganhassem dinheiro, com que as mandassem comprar á cidade da Bahia; e pelo mesmo arbitrio os fiz abrir as suas roças de que já recolhem farinha para o sustento de suas familias e brevemente a poderão vender para fóra, e tão bem mais outra em commum destinada para com o seu producto erigirem a Igreja que ainda he coberta de palha, assim com ainda o são as cazas delles. Agora remetto os autos da erecção e demarcação da mesma villa que no anno passado em que se formarão me não foi possível poder expedir.

Porto Seguro, 10 de Maio de 1771.—O Dezembargador Ouvidor de Porto Seguro, *José Xavier Machado Monteiro*.

Estão conforme os originaes. Documentos da Bahia ns. 8446 e 8581. Lisboa—Arquivo de Marinha e Ultramar, 15 de Janeiro de 1913.—O 1º. Bibliothecario Director, *Eduardo de Castro e Almeida*.



Relação individual que tenho feito nesta Capitania de Porto Seguro desde o dia tres de Mayo de 1767 até o presente.

Duas vilas que de novo erigi, como se me decretava nas minhas Instrucções e a que dey os nomes de Villa Viçosa e de Portalegre.

No lugar daquella já havia moradores que ainda habitavam em cabanas e a fuy povoando de mais de que a maior parte já fizerão cazas de telha nos arruamentos que lhe demarquey e alinhey: No sitio porem desta e em todo o seu districto que pela costa era hú dezerto de dezoito leguas nenhú ainda havia, nem húa unica rosta; pelo que foi immenso e he inexplicavel o trabalho que tive em povoal-a de gente, aliaz toda má e vadia; em detel-a e conserval-a em paz; e em municipal-a sendo pobrissima de armas contra o gentio que ali era muito; de ferramenta que não tinha para a lavoura; e nos primeiros dous annos de mantimentos de que a fiz soccorrer, transportadas da distancia de seis leguas, e de que agora já se acha tão farta que por aquella barra vão sahindo lanchas e sumacas carregadas delles. Logo lhe fiz abrir, demarcar e alindar os seus arruamentos em que ainda se não acha casa algúa coberta de telha e dos quais já remeti á Secretaria de estado o borrão da planta; assim como fiz dos de Villa Viçosa.

No presente anno trabalho por erigir outra na barra do rio Itanhám, donde achei vinte e tantos cazais, que já excedem de noventa; e delle tão bem farey e remetterey planta.

Em outras duas de Bello Monte e Prado erectas por meu antecessor em que ainda não havia cazas nem arruamentos lhos fiz abrir; e naquella edificar tantas que já enchem nove ruas e todas pelo uniforme da planta que já tão bem remetti; mas nesta ainda tão somente as que



chegão a ocupar quatro ruas pela mesma ordem da planta que agora remetto. E se vay trabalhando nas mais.

Nesta de Porto Seguro fiz abrir tres ruas mais das que tinha, e na Villa Verde duas, em que tão bem se vão erigindo cazas e reedificando outras muito arruinadas

Tres novos estabelecimentos tenho formado em prayas dezertas e combatidas do gentio, aonde pela fertilidade dos sitios se poderão ainda (havendo gente) erigir villas; o primeyro e mais principal na barra do rio Doce pelo qual abri communição para a capitania do Espirito Santo e aonde se achão já hús vinte e tantos cazais; segundo na enseada do mar de Cumuchatiba em que já existem outros tantos; terceyro na barra do rio de S. Mathheus em que já ha para húa duzia delles e posso acrescentar quarto na do rio chamado Caim, aonde ainda somente residem dous.

Duas Igrejas Matrizes de novo edificadas nas duas novas villas de Bello Monte e de Porto Alegre, cujos artifices foram os seus mesmos povoadores, cada qual conforme a sua habilidade, por não terem pela sua muita pobreza com que pagar a outros. A telha para a cobertura, as suas Santas Imagens e os paramentos para os sacrificios, tudo foi de esmolas, para o que eu fuy o que menos concorri fóra da diligencia para as obter. Tão bem já pelo mesmo modo consegui os precizos para a da nova villa que no prezente anno (como já disse) intento erigir em Itanham.

Porto Seguro, 1º. de Abril de 1772.—O Dezembargador Ouvidor de Porto Seguro, *José Xavier Machado Monteiro*.

Está conforme o original. Documentos da Bahia n. 8553. Lisboa—Arquivo de Marinha e Ultramar, 15 de Janeiro de 1913.—O 1º. Bibliothecario Director, *Eduardo de Castro e Almeida*.



Illmo. e Exmo. Snr.

Repetindo no presente anno a relação que em todos costume dar a V. Exa. do que vou operando a bem desta capitania de Porto Seguro, digo

.....  
A respeito de villas:

Remeto á Secretaria de Estado competente os autos da crecção da de Alcobaça e a V. Exa. o toco, se bem coherente, mapa do seu terrapleno e arruamentos que a minha grosseira curiosidade não soube melhor debuxar: Todos elles se vão occupando por ora somente de cabanas, porque os seus povoadores como mais necessitados de se proverem primeiro de roças ainda se não achão com possibilidades para edificar cazas.

Já em outras cartas ponderey a V. Exa. a difficuldade de erigir mais villas, não por falta de sitios ou lugares commodos precizados dellas quais os tres da enseada do mar de Cumuchatiba e das barras do rio Doce e da de S. Matheus, em que apenas para delles afugentar o gentio me tem sido posivel estabelecer em cada hú de húa duzia e meia de cazais, mas por falta de gente que podia vir não a centos mas a milhares, da muita que sobeja de ociosos e vadios na cidade da Bahia porque lá e em toda a sua capitania se não pratica a ley da Policia; os degradados que de lá me vem cada anno e não por aquelle mas por outros delictos já não chegam a meia duzia, e poucos mais do Rio de Janeiro; pelo que mal poderia eu com tão poucos ter fundado tres villas e os ditos tres arrayaes, se não fôra o extraordinario disvello de acariciar muitos voluntarios e fazer agregar muitos indios vadios com que se povoarão os dezertos dos seus territorios. Já não ha destes e aquelles mal chegão para hir suprimindo a morte e a fuga de algús.

Porto Seguro, a 1º. de Mayo de 1774.—De V. Exa.—Menor e mais reverente e fiel criado—O Dezebargador Ouvidor de Porto Seguro, *José Xavier Machado Monteiro*.



Está conforme o original. Documentos da Bahia n. 8628. Lisboa—Arquivo de Marinha e Ultramar, 14 de Janeiro de 1913.—O 1º. Bibliothecario Director, *Eduardo de Castro e Almeida*.

*Carta do Ouvidor de Porto Seguro,  
pertencente ao Archivo Publico da  
Bahia.*

Illmo. e Exmo. Snr.

Mandame V. Exa. examinar e informar com o meu parecer o contheudo no papel junto de Francisco Xavier Teixeira que se offerece passar ao sertão a catequizar o gentio com a clauzula de se lhe permittir minerar ouro e pedras preciosas sendo este talvez e não aquelle o objecto a que se encaminha o zello que tanto inculca de bem espiritual.

Assim o digo porque o tempo me tem mostrado e hirá mostrando a V. Exa. o pouco que os homens por cá tem do augmento da Religião e o muito que são fingidos, reponentes, hiperbolizados e mentirozos.

Affecta elle no proemio do seu razoado que tendo descido o mesmo gentio (como he certo) algúas vezes até a villa de S. Matheus sempre em tom de paz, tem dado mostras e signaes evidentes de querer connosco amizade e communicação espiritual e temporal. Porem eu discorro e do mesmo voto são os moradores della e outras pessoas experientes que o seu projecto he tão somente o de rouballos pelo estratagemas da guerra coberto com a paz, pois que prezenciey achando-me na mesma de coreyçã no anno de 1768 ou de 1769 aportarem ali nessa occasião tres ou quatro duzia de individuos que o seu capitam intitulava de naçam—*Cumanaxó*—e que sendo ali por mim e por varias pessoas alimentados algús dias e brindados de dadivas para que houvessem de voltar com todos os mais da sua Aldeya a estabelecerem-se em outra perto a dita villa, assim o prometterão cumprir a certo tempo em que tão bem os certificava prover não só de



missangas mas de ferramentas e outros generos que em grande copia mandaria vir da Bahia, para o que escrevi ao Senhor Conde de Azambuja ou ao Senhor Marquez de Lavradio que dos armazens reaes fez remetter em bastante quantidade para a dita villa, aonde não faltando em voltar o gentio em muito mayor numero no tempo em que prometteo cahirão os juizes e mais officiaes da camara no dezacerto de lhe fazerem patente toda a fazenda com que nelle cresceo a cobiça de logo a apprehender e se lhe distribuir á troco dos filhos colomins e cunhães que offereceo aos moradores de penhor para os levarem para suas cazas; ey se não quando repentinamente lhes subrifica das rossas aonde os tinham e com elles retrocede fugitivo para o sertão carregado da fazenda e de algúa mandioca que tão bem furtarão.

Passarão alguns annos sem voltar em figura de paz, mas continuando a roubar as rossas e a deixar sinais no mato de o andar explorando em guerra de modo que em pouca distancia da villa matou hú homem que largada da mão a sua espingarda se demorou nelle a cortar hú páo; e lhe levou o machado e mais dous ou tres junto da barra do Rio Doce a peito descoberto, insultando e roubando, como ainda ao prezente faz ás rossas de outros moradores de Villa Viçosa, Portalegre, Prado e da povoação de Camamum. He verdade que ha dous annos tornou a apparecer naquella de S. Matheus pacifico, e em pequeno numero a desculpar-se daquellas hostilidades que imputava ao da nação *Pataxó* e a querer renovar a anterior correspondencia, no que não foi acreditado dos habitantes por se vir a conhecer pela formalidade das armas e mais couzas que largava na fuga das abalroadas o mesmo denominado *Cumanaxó*.

A respeito das Aldeias e distancias em que este e o outro reside, o procurey saber de Francisco das Chagas daquella mesma villa que se me diz ter já andado por aquelle sertão em bandeiras sahidas das comarcas de Villa Rica ou de Serro Frio a procurar ouro e remetendo-lhe o



mencionado papel por via do juiz ordinario Adão Rodrigues de Souza este me responde ter feito viagem para o Rio de Janeiro a arrecadar húa herança, sem me dizer quando voltará pelo que me vali do portador desta carta Antonio Manoel da Silveira que demovi a hir a presença de V. Exa. á informal-o com miudeza do que sabe não só a respeito daquelle ponto, mas de todo o mais contheudo no mesmo papel, de que não tenho encontrado nesta comarca outro tão pratico e intelligente como elle, ainda que não falta quem se arroje a falar na materia e commumente os mais ignorantes.

O juizo que formo do muito que por cá tenho ouvido á respeito de ouro e pedraria he que o rio de Bellomonte que discorre da comarca de Serro Frio e as suas vertentes não he menos rico e talvez mais que o de S. Mathheus; se as minhas molestias me permittissem poderia dar a razão, lembrando-me juntamente de que a fama costuma ser mayor que a realidade.

Emfim sou de parecer a respeito da conversão do gentio ser justo trabalhar-se nesta obra tão pia e tanto do agrado de S. Magestade, não para ficar vivendo nas proprias aldeyas em que reside, porque assim brevemente se veria arruinada na menor e mais difficil communicação com a christandade, mas para descer e se vir estabelecer, não vizinho ao mar (aonde commumente logo morre, sem ainda se acertar de que mal) mas no mato, pouco distante da communicação com a gente das villas.

E que enquanto a descobrimento de minas não convem porque alem de com esta ambição se demoverem os Mineiros a horrorizar e a afugentar o gentio mais do que a convertel-o, tomando ao depois mil pretextos de desculpa para cada qual cohonestar as suas maldades aiho existirem prohibidas com gravissimas penas dentro da distancia de outenta leguas da costa do mar por ordem do Snr. Conde das Galveias vice-rey que foi do Estado, dada a 13 de Setembro de 1736, reffirindo-se a outras



de S. Magestade para a mesma prohibição, e na secretaria desse governo se achava registada; e outro **sim porque** em dous capitulos das Instrucções que se me deram na Secretaria de Estado para continuar a erecção e criação desta capitania se me adverte e recommenda *in verbis ibi* o seguinte

“Húa das partes principaes daquella capitania hé o o importante rio de S. Matheus, no qual alem de se dizer que ha preziosas madeiras para constructura de Náos se affirma tão bem que decorrendo pela serra dos Cristaes traz o seu nascimento das Minas do Serro do Frio; e como os novos moradores que se forem estabelecer nas margens do dito Rio, achando noticia de que por elle podem hir áquellas preziosissimas terras não cuidarão em outra couza algúa se não a de se passarem a ellas, deve Vmcê. por hora vigiar com todo o cuidado que nenhú passe daquelles limites que Vmcê lhe assignar, até nova ordem de S. Magestade.

.....

“Não deve passar a Vmcê. nem pella imaginação o objecto de hir fazer o descobrimento de Minas, mas antes se deve aplicar muito seriamente, depois dos estabelecimentos das novas villas que poder erigir e da educação dos seus habitantes na cultura dos fructos para se sustentarem com abundancia não só os moradores das mesmas terras, mas fazerem o commercio dellas para a Bahia e Rio de Janeiro; fazendo Vmcê. comprehender áquelles novos colonos que não podem ter maior riqueza do que lavrarem muita quantidade de fructos e algodões para socorrerem as duas maiores capitaes do grande Imperio do Brazil; porque o seu producto lhes trará dinheiros em abundancia para comprarem todos os Negros que lhes forem precisos para adiantarem cada anno as suas plantações e dillatarem á mesma proporção os seus descobrimentos á favor da barra do mesmo Rio para o commercio; e da cultura que houverem adiantado para lhes fornecer os meios de conti-



nuarem e dilatarem os descobrimentos que de outra sorte serão impraticaveis entranharem-se naquelles sertões desprovidos de todo o necessario, como ante costumavão fazer e perecendo por isso á pura necessidade, como innumeraveis vezes tem acontecido, por falta de prudencia dos que sem aquellas medidas se forem internando, cegos da ambição.”

Se esta recommendação se encaminha a desanimar algús inimigos de invadirem os portos de mar com a ambição do ouro, o não sey, mas devo dizer que os desta comarca não são poucos, nem bravos, antes sim mansos e de fundo para nelles (como se está vendo) entrarem quotidianamente lanchas e sumacas carregadas, e que foi utilissimo o povoal-as com os moradores e villas que tem e são ainda poucos para bem se opporem a qualquer invazão.

Este hé o meu parecer, porem sobretudo determinará V. Exa. o que for servido.

Porto Seguro, 13 de Abril de 1780.—O Dezembargador da Caza da Supplicação como Ouvidor da comarca de Porto Seguro, *José Xavier Machado Monteiro*.

### **INSTRUCCÕES dadas pelo Marquez de Pombal a Thomé Couceiro de Abreu, quando mandou por este magistrado crear a Ouvidoria de Porto Seguro**

Copia authenticada do documento original existente no Archivo de Marinha e Ultramar da cidade de Lisboa, trazida pelo Dr. Braz do Amaral.

1—S. Magestade tendo consideração aos interesses Espirituaes e Temporaes que se seguirão de ser civilizado todo o territorio que constitue a Capitania do Porto Seguro que ha poucos annos incorporou na sua Real Corôa e antes na maior parte se achava tiranizada pela arro-



gancia e cubiça dos chamados Jesuitas: E querendo o mesmo Senhor em beneficio commum da propagação do Evangelho, dos Habitantes da mesma Capitania athé agora barbaros; dos seus Vassallos daquelle continente e do commercio que todos os outros dos seus Reinos fazem nos seus dominios do Brasil reduzir aquella importante parte do seu continente a hum Payz civilisado, do qual, assim os seus ditos Habitantes como os outros Povos daquelle vasta costa possam utilizar-se: Foy servido nomear a V. Mercê para hir crear aquella nova e importantissima Ouvidoria e para nella reduzir a praxe as Reaes Ordens que vou participar a V. Mercê.

2—Sendo hua maxima certa e inalteravel que sem homens sociaveis e civis não pode haver Estabelecimento que util seja: e sendo tambem certo que todos os que vivem naquella vasta extenso de Paiz, se achão no estado de Feras, sem conhecerem o catholicismo, nem cousa que seja sociedade humana, e sem saberem que couza seja Caridade, virtude tão importante para a convivencia dos Homens; e ultimamente sem a mais leve idea do que seja Justiça; factos todos bem notorios a Sua Magestade: E querendo o mesmo Senhor evitar estes damnos e fazer educar aquella rustica Gente assim na Christandade, como na sociedade e civilidade: Ordena que V. Mercê se empregue em hua obra tão interessante para o serviço de Deus, Senhor Nosso, como para o de El-Rey Nosso Senhor pelos meynos seguintes:

3—Ainda que naquella Capitania havia ás antigas villas de Porto Seguro e Rio das Caravelas e se criaram de novo duas outras Povoações a que chamavam Aldeyas e herão administradas pelos chamados Jesuitas quaes são a nova villa de Trancozo e a nova Villa Verde; comtudo, como o costume daquellas partes hera desprezarem-se inteiramente os Indios, sendo excluidos de tudo que hera Governo, idea que produzio as prejudicialissimas consequencias de por hua parte se perderem toda aquella immensidade de Almas, e pela outra de se conservarem em.



brutalidade todos aquelles Homens que criados em policia deveram ter concorrido para a cultura das terras, para o descobrimento dos Sertoens, para a governança das Republicas e para as navegaçoens: Affim de se aproveitar toda aquella gente que ainda resta: Ordena Sua Magestade que V. Mercê em todas as quatro villas que se achão estabelecidas e nas que de novo estabelecer na capitania que vay criar introduza sempre ao menos ametade dos officiaes das camaras de hua das Naçoens de Indios naturaes daquellas terras, observando a este respeito inviolavelmente (em tudo o que for aprovavel) o Directorio que em tres de Mayo de mil setecentos e cincoenta e sete se fez para o Governo das Povoaçõens dos Indios do Pará e Maranhão e confirmado como Ley por Alvará de 17 de Agosto de 1758.

4—Especialmente observará V. Mercê sem a menor alteração, assim quanto ao Espiritual, como ao Temporal, os §§ 4, 5, 6, 7, 8, 9 e todos os mais respectivos a esta materia contheudos no referido Directorio athé o § 15.

5—Igualmente ordena o mesmo Senhor que V. Mercê quanto ao Commercio e cultura das terras estabeleça naquella nova capitania a observancia do contheudo nos §§ 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23 do dito Directorio.

6—Quanto as Plantaçoens e Commercio tambem V. Mercê fará observar o que se contem no § 24 do dito Directorio em diante no que for applicavel nestes novos estabelecimentos. Tendo V. Mercê sempre diante dos olhos que sem homens civis não pode haver christandade nem commercio nem estabelecimento algum que seja seguro: Por cuja razão deve ser todo o seu cuidado a educação daquellas pobres Gentes, na qual fará V. Mercê o mayor serviço a Deus Nosso Senhor e Sua Magestade.

7—O mesmo Senhor torna a ordenar e a recomendar a V. Mercê que observe e faça observar tudo o que possivel fôr o mesmo Directorio e que naquelles §§ em que



achar duvida para os reduzir a praxe, antes de o fazer ou permittir que nelles se faça qualquer interpretação dê conta a S. Magestade por esta secretaria de Estado de todas e quaesquer dúvidas que se lhe offerecerem para o mesmo Senhor resolver o que julgar que mais convem ao serviço de Deus e seu.

8—Hua das partes principaes daquella Capitania he o importante rio de S. Matheus, no qual, alem de se dizer que ha preziosas madeiras para constructura de Navios, se affirma tambem que decorrendo pela serra dos Christaes, tras o seu nascimento das Minas do Serro do Frio. E como os novos moradores que se forem estabelecer nas margens do dito rio achando a noticia de que por elle podem hir áquellas preziozissimas terras não cuidarão em outra cousa algua, se não a de passarem a ellas, deve V. Mercê por hora vigiar com todo o cuidado que nenhum passe daquelles Lemitos que V. Mercê lhe assignar, athé nova ordem de S. Magestade.

9—Não deve passar a V. Mercê, nem pela imaginação o objecto de fazer o descobrimento de Minas, mas antes se deve aplicar muito seriamente depois dos estabelecimentos das novas Vilas que poder erigir e da educação dos seus novos habitantes na cultura dos fructos para se sustentarem com abundancia, não só os moradores das mesmas terras mas fazerem o commercio delles para a Bahia e Rio de Janeiro; fazendo V. Mercê comprehender áquelles novos colonos que não podem ter mayor riqueza do que lavrarem muita quantidade de fructos e algodão para socorrerem as duas mayores capitaes do Grande Imperio do Brazil, porque o seu producto lhes trará dinheiro em abundancia para comprarem todos os Negros que lhe forem precisos para adiantarem cada anno as suas plantações e dilatarem á mesma proporção os seus descobrimentos ao favor da barra do mesmo rio para o commercio e da cultura que houverem adiantado para lhe fornecer os meynos de continuarem e dilatarem os descobrimentos que



de outra sorte seriam impraticaveis; embrenharem-se naquelles sertões desprovidos de todo o necessario, como antes costumavam fazer; e perecendo por isso á pura necessidade, como innumeraveis vezes tem acontecido, por falta de prudencia dos que sem aquellas medidas se forem internando cegos de ambição.

10—Para se ajudarem estes novos Povoadores da mesma madeira que devem queimar para fazerem as roças lhes seguraré V. Mercê que S. Magestade lhes comprará aquellas que forem uteis para si e seus Arsenaes pelo justo preço que se entender que ellas valem. E para V. Mercê possa ter hua idéa dos preços por que o mesmo Senhor as paga na Capitania do Pará juntarei a esta hua relação, tanto dos comprimentos e grossuras das mesmas madeiras, como dos preços por que são vendidas á Fazenda Real.

11—Não sendo possivel que haja nas povoçoens daquelle rio mestres que saibam a forma por que se devem cortar os mesmos páos e os que são mais proprios para a constructura das náus tem S. Magestade a este respeito dado a providencia que em outra participarei a V. Mercê, em beneficio deste novo estabelecimento.

12—S. Magestade se acha informado de que assim na costa do Mar do Rio de S. Matheus como na em que deza-gua o Rio das Caravellas se avistam Balleas: E deve V. Mercê mandar observar se será facil a sua pesca em qualquer dos dous rios, digo a sua pesca, e estabelecerem-se em qualquer dos dous rios fabricas de azeite do mesmo peixe para o mesmo Senhor dar os meynos de se aproveitar esta interessante pescaria.

13—A communicação da nova Ouvedoria que V. Mercê vay crear, com a do Espírito Santo he summa-mente interessante, tanto ao serviço de S. Magestade, como ao bem commum daquelles moradores; pelo que ordena o mesmo Senhor que V. Mercê dê toda a providencia que julgar necessaria para que as duas ouvedorias se façam



communicaveis, visto o interesse reciproco que a ambas se segue.

14—Aos exploradores que forem a esta importante diligencia mandará V. Mercê soccorrer com farinha, carnes, polvora, chumbo, foices e machados por conta da Fazenda Real, a cujo fim se expedem as ordens necessarias ao Governo da Bahia para dar a V. Mercê o que lhe pedir para essa diligencia; Tendo V. Mercê entendido que a não deve fazer publica, mas deve recommendar com toda a cautella ás pessoas que achar mais capazes e dignas de confiança debaixo da Instrucção de o irem fazendo para V. Mercê participar tudo ao mesmo Senhor por esta secretaria de Estado.

15—Aos mesmos exploradores deve V. Mercê encarregar que nos caminhos que forem fazendo vão abrindo picadas largas para depois poderem servir de estradas aos que se seguirem atras delles: Aos ditos exploradores deve V. Mercê tambem determinar que façam um Diario exacto de su jornada, declarando nelle os rios que acharem, sua largura e altura; o rumo pouco mais ou menos a que correm, se estão povoados de Gentio e o numero e qualidade delles: Pondo V. Mercê todas as noticias que receber ao dito respeito na presença de S. Magestade como acima digo.

16—Hua das averiguações que V. Mercê deve fazer logo que chegar á dita Capitania e com o mayor segredo, he examinar a largura e fundo dos dous Rios de S. Mathheus e das Caravellas, vendo quantas braças de agua tem na baixa-mar em aguas vivas e o quanto sobem as mesmas aguas na preamar; quantas leguas de cada hum dos ditos rios se podem navegar desde as suas barras, até onde forem praticaveis no Payz descoberto; e os fundos que nelle se forem achando: Pondo V. Mercê nessa diligencia o mayor cuidado, dando conta a S. Magestade do que achar a esse respeito da sua mesma lettra, sem que possa expedir-se por amanuense algum, porque tem consequencias gravissimas a relaxação desse segredo.



17—Ordena tambem S. Magestade que assim naquellas povoaçoens chamadas Aldeyas que estão já domesticadas, como nas que de novo se estabelecerem com indios descidos; logo que estes se descerem no competente numero, se vão estabelecendo novas Villas e se vão abolindo nellas os barbaros e antigos nomes que tiverem; e se lhes vão impondo alguns outros novos de cidades ou villas deste Reyno.

18 — Ultimamente manda S. Magestade ordenar a V. Mercê que onde houver campinas sufficientes mande V. Mercê estabelecer todos os curraes de gado que couber no possivel, porque alem de ser hua das essenciaes partes da abundancia para os moradores he hua das principaes riquezas do Brazil e será hum util ramo de commercio este dos gados para o sustento da Bahia e o dos couros para aquella cidade e para este Reyno.

Deos Guarde a V. Mercê.

Nossa Senhora da Ajuda 30 de Abril de 1763.

Está conforme o original.—Bahia—Registo de Ordens Regias. L.<sup>o</sup> 4—1758 fl. 198 e seguintes. Lisboa, Arquivo de Marinha e Ultramar, 16 de Janeiro de 1913.—O 1.<sup>o</sup> Bibliothecario Director, *Eduardo Castro e Almeida*.

---

## AS TERRAS DE GUEDES DE BRITO

Tendo a corôa portuguesa expedido em 1676 ao Brasil o seu desembargador Sebastião Cardoso Sampaio, com o fim de syndicar do estado das sesmarias que até aquella data haviam sido concedidas, todos os sesmeiros fizeram declaração das terras que possuiam, com provas dos respectivos titulos, logo que aquelle magistrado fez publicar o fim de sua presença no Brasil.

Assim, o mestre de campo Antonio Guedes de Brito,



senhor da maior porção de terras na Bahia, em cumprimento das disposições reaes declarou:

“As Fazendas de Curráes de gados nos districtos do Rio Real, possúo por titulo de herança demeio Pay Antonio de Brito Correa, edeminha Mãy Maria Guedes, que as possuirão por fallecimento demeio Avô Antonio Guedes em 7 de Setto. de 1621, parto por huma banda com João de Aguiar Villas boas, pela outra com os Religiozos do Carmo, pela outra com D. Lourença de Uria, epela outra com o Rio Real da parte de Sergipe del Rey. Nas cabeceiras destas terras, edas mesmas pedi huma datta em confirmação ao Conde de Obidos Viço-Rey que foi deste Estado em 7 de Agosto de 1665, que athé agora não teve effeito por selevantarem outros apovoar as dittas cabeceiras.

Possúo as Fazendas de Itapicurú desta parte da Bahia, por Escriptura de compra que meu Pay Antonio de Brito Correa fêz ao Capm. Francisco Barboza de Paiva, easuamulher Sebastiana de Brito em 10 de Agosto de 1649, parto com o Coronel Francisco Gil e com os herdeiros de Diogo Lopes Franco, e com o Sargentomor Mel. de Vargas Cirne.

Possúo as Fazendas de Itapicurú merim por fallecimento deminha Avó Filippa de Brito em 9 de Dezembro de 1659, parto com Luiza Pereira, mulher que ficou de Antonio Alves Silva, com o coronel Francisco de Araujo, com Antonio Váz Ribeiro, ecom Manoel da Cunha Barboza no Curral de Alagoa, e Antonio Guedes de Paiva, no Salgado.

Acima destas Fazendas do Itapicurú merim pedimos meu Pay, e eu ao Conde de Castello melhor Governador que foi deste Estado em 26 de Outubro de 1652, principiando no Caguague, ou Caguaguena até a Serra do Tuyuyuba com oito legoas de largo.

E em 2 de Março de 1665, pedi namesma Caguague, junto ao Itapicurú por elle acima té asuas nascenças com



seis legoas de largo por haverem muitos mattos, e serras, comque se não fazia toda adistancia habitivel, logo aspo-voei demeus proprios Curráes, que algúns delles me lanssa-rão fora o Capitão Antonio Guedes de Paiva, eoutros mais, de quem tenho dado força que me tem confessado e corro actualmente pleito com elles sobre arestituição das dittas terras.

Possúo as Fazendas dos Tocós por hum titulo de sesmaria dado aminha Mãy Maria Guedes, ao Padre Manoel Guedes Lobo, a Sebastiana de Brito, a Anna Gue-des em 14 de Dezembro de 1612 pelo Governador D. Diogo de Menezes. E o dito Padre meu Thio meféz doação do que lhetocava em 9 de Setembro de 1651. E o Capm. Francisco Barboza de Paiva, marido de minha Thia Se-bastiana de Brito, fizeraõ venda, ameu Pay do que lheper-tencia na dita datta em 16 de Junho de 1652, as quaes terras povoei, descubrindo-as fazendo estradas, e pazes com os Indios Cariocas, Orizes, Sapoyas, e Caparaus des-cendo Aldeias para as mesmas terras, com qual sesegu-raraõ asfronteiras do Inhambupe e Natuba, que por algu-mas vezes tinham infestado os Barbaros rebeldes.

Nestes mesmos Tocóz pedi ao Conde de Villapouca Governador deste Estado a confirmação desta datta, e de doze legoas em quadra nos mesmos Tocóz, elogo ao Conde de Athouguia Governador deste Estado lhepedia datta em 2 de Março de 1655, confrontada entre os dous Rios de Jacuipe, e Itapicurú por elles acima por serem os ditos Tocóz muito faltos de Agoas, haverem muitos mattos, Catingas infructiferas, e por já ter feito a primeira estrada té Jacobina pela parte do Norte, e sendo demais de quarenta legoas, não achar nella Citio algum que po-desse cultivar-se, nem emtodo o tempo se poder passar pelas faltas de agoa adita estrada, sendo que servio de grande utilidade, e as ditas suas Fazendas que póz nos Tocóz aos Socorros Tropas, Levas que se fizeraõ ao Certão pelos primeiros Paulistas pelo Cap. mor Gaspar Rodrigues,



pelo Cap. mor Thomé Dias Laços, pelo Capm. Manoel da Costa Moreira, pelo Ajudante Luiz Alves, pelo Ajudante Antonio de Mattos, pelo Ajudante Manoel Fernandes, e pelo Padre da Companhia de Jesus Raphael Cardozo, que ultimamente fêz Missão aos ditos Barbaros rebeldes. Secundariamente abrí outra estrada de Leste ao Este (*a Oeste*) para a Jacobina, que me custou grande numero de fazenda e trabalho, e em toda ella por ser quaze a mesma distancia que a primeira não achei Citio algum, que pudece povoar, e entrei na Jacobina com quinze Curraes degado e hum de Egoas, fazendo pazes, e descendo grande numero de Aldeyas de Payayaz com o gasto de resgastes, que foi visto nesse porto da Caixoeira, enas terras, ou nas estradas por onde passavaõ, alem do sofrimento que tive com os ditos Payayaz em matarem, e comerem mais de quinhentas Cabeças degado, sem por isso descompadrar com os ditos Gentios, antes os Concervar de maneira que tem sido de grandes utilidades as estradas, que se tem feito neste Certão.

Ultimamente entre elle, e o Capm. Bernardo Vieira Ravasco Secretario deste Estado, alcançaraõ hum Sesmario do Conde de Obidos Viço-Rey que foi deste Estado em 2 de Agosto de 1663, principia na nascença do Itapicurú té o Rio de S. Francisco, e por elle á cima aintestar, eda nascença de Peruaça (*Paraguassú*), e porque havia duvidas entre elles, eo Capm. Garcia de Avila, se concertaraõ em botar um rumo da dita nascença do Leste a Oeste té o dito Rio, no qual rumo, e estrada se gastou trez annos e sete mezes com sincoenta Cavallos para os Comboyos, e trinta cinco negros os milhores da sua Familia e de grandes prestimos, que não sendo para o effeito de vir a alcançar a beira do Rio, que só hé habitavel, porquanto em sincoenta e seis legoas que se abriraõ em rumo direito senão achou pasto algum para gado, antes muitas Serras, mattos, e Catingas, sem em toda aquella distancia haverem mais Agoas que em duas paragens. E porquanto preço selhes dece não arriscara as milhores fabricas que



possuia a abrir o dito caminho senão fora aesperança que o levava de alcançar terras para pôr ao menos sincoenta Curráes, que para tanto se achava com Cabedaes bastantes para o fazer. E por temir a avexação emque esteve de falta de pastos té agora por cuja cauza lhe morrerão na Seca que ouve no tempo do dito Conde Viço-Rey, mais de oito mil Cabeças de Gado, por conta feita com os seus vaqueiro, que pornão ter pastos por onde o alargar, porque huns estão usurpados, e tráz demandas sobre elles, da outra parte do Itapicurú e desta com o Coronel Francisco Gil, este rumo tenho eu só desembolsado os gastos até o presente, eimportaõ por conta feita mais de trinta e quatro mil cruzados. E com as consequencias de perdas que tenho tido pelo empate do dito rumo occupação de fabricas, mais de outros trinta, com hé notorio aos homens mais intelligentes deste Certão, e bem sabido nesta Cidade, como provarei sendo necessario. Logo tomei posse desta Sesmaria com hum Curral, eestando dando ordem com os meus gados, que tenho promptos no Rio de S. Francisco, para entrar nas ditas povoações, desecraõ os Barbaros Anayos, e Galachos, enão só mataraõ o homem que tinha o cargo o dito Curral, mas seaproveitaraõ das farinhas, que já tinha prevenidas para adita povoação, que me custou cada alqueire mais de Oito milreis alevalla da Cachoeira, ao Rio de São Francisco, que hé distante demais de cento e sincoenta legoas.

Possúo ametade da Matta de S. João, por arrematação feita aos 28 de Maio de 1667, onde mandei plantar cana, e tenho fabricado hum Engenho.

Tenho huma Fazenda de Cana em Maré que esteve nella derenda o Sargt. mor Antonio de Maldonado.

Advirtindo ao Snr. sindicante que todas as terras livres, que tenho no Certão estão occupadas com meus proprios gados, e Cavalgadas, eescravos. E que nas ocaziões, que setem offerecido do inimigo Olandezes, infestando esta Praça, eaCapitania de Pernambuco, retirado



do Conde de Banhollo, sustento da Infantaria, Soccorros, Armadas, pedidos, Finta, emprestimos, entradas ao Certão, etudo omais que foi do Serviço de S. A., meu Pay, eeu não fomos osmenos zelozos, nem ouve outros que mais os excedessem em suprir o necessario para elles. Bahia etc.”

Copia textual de autographos pertencentes a archivos de particulares interessados sobre a propriedade de algumas terras ditas.

A. C.





DISCURSOS E CONFERENCIAS DE MAIO DE 1915  
A MAIO DE 1916



# DISCURSO

DO DR. MANOEL TAPAJÓS POR OCCASIÃO DE SUA ENTRADA NO INSTITUTO EM 13 DE MAIO DE 1915

Amesquinha-se-me a propria individualidade ao encontrar-me neste recinto illustre—reducto intellectual—onde a nimia generosidade de seus eleitos—de vós—me faz conviva. E' que eu me sinto desnivellado, reconhecendo a fallencia de minhas luzes neste meio que vibra ondulações de fôcos valorosos onde mesmo a penumbra é defesa, pela interferencia dos altos expoentes desses mesmos fôcos.

Ao enfrentar o limiar do templo de vosso trabalho, eu puz em jogo todas as minhas energias, para vencer o temor que, porejante, me aniquilava a vontade, no claudicar do passo tardo, mas resolutivo de transpol-o.

Se fiz bem, que se transmude em balsamo salutar o inconsciente gesto; se fiz mal, que a vossa clemencia me absolva do erro que todos nós commettemos.

Assim, pois, permitti que eu me apresente, dizendo-vos quem sou e de onde venho.

Quem sou: um simples forasteiro, qual judeu errante, grilheta do trabalho como herança bendita que o trabalho me legou.

De onde venho: eu vou contar-vos, embora em digressão fatigante, para a qual vos peço venia.

Em plena adolescencia, aos 18 annos, quando os sonhos empolgam a imaginação do pubere, adamantinos e roseos, eu deixei a terra berço e parti, tremulo de emoções dispaes, mas confiante nos augurios que em caricias me segredavam aos ouvidos as alleluias do porvir.

Parti. O rendilhado das nuvens no occaso, em matizes suavissimos, como que se casava á musica em surdina, pontuada de lagrimas saudosas dos que choravam por mim, das lagrimas que eu vertia, soluçando, por elles; era a esperança festejada pelo pranto incontido do sempre emocionante momento de partir, do ultimo adeus.

As aguas do rio Negro, em balanço amigo, tangavam mansamente o navio que me transportava em demanda de uma... miragem.

Manáus a pouco e pouco adensava-se no horizonte e de vez sumia-se por detrás da ilha do Marapatá, á fôz



daquelle rio, onde Manôa outr'ora lhe encantava as margens alvas de areias a confinarem na verde gamma de suas mattas. A noite veio alfim rapida correr a cortina áquelle quadro de maravilhas, cheio de majestade, das «seratas» equatoriaes.

Embalado pelo marulho das aguas revolvidas, o somno succedeu-me á fadiga, e, homem responsavel, despertei no dia seguinte, calmo e decidido para o «struggle for life».

Toda a viagem correu sem notavel incidente, até ao Rio de Janeiro, onde, provinciano, desembarquei maravilhado por tudo que meus olhos viam, meus ouvidos sentiam, naquelle mundo de movimento e de vida, de uma grande cidade prospera e cheia de encantos.

Diplomado pela sua Escola Polytechnica, mais tarde, segui a minha róta traçada pelo determinismo e percorri varios estados da União, já como particular, já como empregado federal, ou exercendo funções locaes nos estados do Amazonas, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Espirito Santo e Districto Federal, e finalmente aqui, onde me encontro agora entre vós, concorrendo comvosco, embora apagadamente, para a felicidade desta abençoada terra.

Emquanto moço, a velleidade fez-me collaborar em varios órgãos da imprensa diaria, e em S. Paulo escrever e publicar em folhetos dois trabalhos sobre geographia e historia, referentes aos limites entre os estados do Amazonas, Pará e Matto Grosso, tendo sido o ultimo prefaciado pelo nosso illustrado consocio, homem de letras e scientista, Dr. Theodoro Sampaio, nome querido, que estimula ás conquistas intellectuaes, pelo thezouro de conhecimentos extraordinarios que elle revela, sob a modestia que glorifica; nome que traduz um culto para os que estudam e não descreem dos livros e ensinamentos dos mestres; nome que conjuga os mais raros dotes de um character de escól.

A essa circumstancia seguramente devo o successo de meu trabalho, que rematou as contendas territoriaes que vinham sustentando as administrações do Amazonas e de Matto Grosso, por ter sobre elle o Supremo Tribunal Federal calcado o seu acordam pacificador.

Volveram os annos e o moço de então é o velho que tendes em vossa presença,—pelo habito externo—porque a coragem não o abandonou ainda para novas lutas, no terreno profissional, onde apenas se permite os fóros de advogado quando accidentalmente esquece a picareta.

E é por isso que eu vos asseguro a minha solidariedade em tudo que depender de mim para levardes de vencida o progresso de vossa terra.

Assim possam as minhas forças physicas secundar-me a vontade, para assistir-vos nesse tentamen patriotico, que todos collimaes, para o advento da Bahia, querida e prospera, rica e feliz, invejada e generosa sem orgulho, por conter o seu uberrimo territorio, como «montre» colossal, todos os



productos que singularmente fazem a riqueza de cada um dos demais estados da União, em sua flóra e sua faúna, nas suas terras, mares e ares.

Queira a fortuna conjugar comvosco o esforço em que vos empenhaes para levantar, destroçando, a mão de ferro que asphyxia este inesgotavel thezouro que é a Bahia, como a de um avarento pezando sobre o cofre que abarrotado herdou de thezouros que desconhece.

E no céu intellectual de vossa terra não faltam constellações brilhantes para guiar os vossos passos de patriotas no fomentar-lhe a immigração estrangeira e colonisal-a em seu, frutificante solo, dividido em quinhões, por familia; no estudar e praticar intelligentemente a penetração das estradas de ferro e ligal-as ás vicinaes, de rodagem, ramificadas por esses nucleos agricolas, para facilitar a permuta de seus productos com os centros consumidores, sob regimen tariffario humano e sabio de seu valor no tempo; no cuidar com patriotismo da dragagem e melhoramento de sua rêde fluvial tornando-a navegavel e, assim, aproximar pela cabotagem regional seus embarcadouros dos portos destinados ao grande trafego internacional, se não convier desde logo e simultaneamente promover a criação de novos, outros melhor localisados; no enfrentar com amor o vasto problema da açudagem, de forma a atenuar senão remover o phenomeno das seccas que tanto assólam grandes tratos de seu territorio desvalorisando-lhe o patrimonio.

Fazei isso, e a Bahia, não distante, e dentro de seus proprios recursos, será invejada, será procurada pela benignidade de seu clima e de seu meio cultural; pela gentileza e galhardia na hospitalidade de sua gente que sabe escravisar o coração dos forasteiros, acorrentando-os docemente ao cepo da gratidão.

Continuando, certo de vossa bondade, eu vou contar-vos algumas scenas da vida amazonica, presas á tradição, e, por essa forma, prestar a melhor de minhas homenagens a este Instituto, que vem de inscrever o meu obscuro nome no ról dos de seus associados.

Tomarei por motivo a pesca em seus varios aspectos, sem duvida para muitos escusada por conhecerem-na atravez das bibliothecas ou de propria observação, mas que para outros irá revelar scenas curiosas, muito nossas, que, á parte a incorreção do narrador, lhes servirá ao menos para matar o tempo.

Começarei pela pesca das tartarugas.

Vi-a uma unica vez, em Serpa de outr'ora, hoje cidade de Itacoatiará, bello e prospero nucleo de população á margem esquerda do Amazonas, pouco á jusante da fóz do rio Madeira, constituindo-se por isso em natural entreposto commercial das praças de Manáus e Belém do Pará e os productores da gomma elastica do citado Madeira.



Era então o tempo da safra daquella industria piscatoria, exercida em todos os rios da grande bacia amazonica, e que fornece á alimentação publica um de seus mais abundantes e saborosos pratos.

No amplo e correntoso porto que banha a alludida cidade, crescido numero de embarcações miudas nelle se movimentavam—pirogas ou igarités do tupi, canôas, catraias ou montarias do portuguez, tripuladas, em geral, por dois tapuias, um á poupa, outro á prôa, aquelle de remo em punho, ao «jacuman»,—remo de forma original de palmatoria,—haste curta com punho e corpo chato circular, de 30 a 50 centímetros de diametro—ao jacuman, dizia, empregando-o, ora como propulsor, ora como leme; este em posição de ataque, em pé, empunhando o arco e a flexa indigenas, prompto para fregar a tartaruga que se mostra á superficie das aguas, boiando alem, cabeça erguida, em descanso, armazenando ar. O operador tendo a flexa já presa ao arco, baixa-a, collimando rapido o cascudo, e tão de pressa a ergue segundo um plano vertical que o contem e, em fôrte arcada, a envia para o ar. Vencida pela gravidade inverte-se-lhe a posição, descrevendo uma curva parabolica e cahe a prumo—na vertical que passa precisamente pela concha do amphibio, em que penetra a ponta farpada de aço, modernamente, antes de paxiuba, madeira de fibra fôrte e de consideravel densidade.

Ferida, a tartaruga mergulha, deixando a flexa que a victimára fluctuante á superficie das aguas, a desenrolar resistente fio de «curauá» que lhe envolve a ponta, encaixe da farpa, agora cravada no casco da tartaruga, farpa onde amarra o outro extremo do fio.

O pescador avança então a buscar a flexa e, colhendo a linha pacientemente, tráz o pescado á tona d'agua e de prompto o segura pelo casco, introduzindo-lhe as mãos entre a cabeça e a cauda.

Como vêm, é a sciencia da balistica em sua phase rudimentar, praticada de maneira a levar ao assombro o moderno artilheiro.

E' o processo empregado por occasião da plethora fluvial; na vasante outro é elle, e se desenrola a secco, por occasião da desova desses amphibios.

A esse tempo, as tartarugas procuram as praias e, em certa noite, galgam-na para «puchirum» da excavação da grande cava ou panella, que lhes deve occultar os ovos para o processo biologico de sua transformação em tartaruguinhas.

Findo o «puchirum»,—terminologia tupi que traduz trabalho em associação amiga,—findo o «puchirum», dizia, voltam as tartarugas para o rio, seguramente despreocupadas do resto, de que a maternidade as libertou.

Esta curiosa scena é precedida pela marcação da panella, na praia pela tartaruga, chefe, cujas proporções de muito se avantajam ás de suas subditas.



De emboscada, regatões e pescadores aguardam o momento da desova, de vespera annunciada pelo boiar frequente das presas em cubiça junto á margem do rio, para sobre ellas lançarem-se em correrias de avarentos, a multiplicar o numero do pescado, no inverter-lhe a posição da couraça para cima, invalidando-o para locomoção e a defesa.

Tambem é a tartaruga apanhada á linha, devidamente blindada, mas, mesmo assim, com grandes precauções para que não a corte com as maxillas.

E' uma pescaria necessariamente pouco lucrativa esta, feita nos lagos ou remansos dos rios.

O arrastão ou grande rêde não dá resultado: a tartaruga rompe-lhe as malhas mordendo-as, ou com os extremo da concha, inutilisando-as, e foge.

O tempo da incubação dos ovos ao calor da praia, regula do primeiro repiquete á enchente definitiva do rio, quando as aguas, galgando os acclives da praia, vão a pouco cobrindo as panellas e as cavas singulares disseminadas por ali.

Então centenas, milhares de tartaruguinhas emergem á superficie d'agua, já adultas, livres, cavando a vida, por terem no berço perdido a paternidade.

De data bem remota, os governos dos estados amazonicos vêm acertando medidas protectoras contra o exterminio desse precioso factor da alimentação publica regional, exercido outr'ora desabusadamente pelos que delle faziam mercancia. Hoje sei que essas medidas existem, regulares, de forma a manter nas praias, para cada uma dellas em que se dão as desovas, fiscaes nomeados, com severas responsabilidades e armados de poderes capazes de normalisar uma industria tão importante para toda aquella região, que vem dos Andes ao mar, enorme, pois que abrange parte do Perú, da Bolivia, norte do Estado de Matto Grosso e os Estados do Pará e Amazonas, onde nos rios abundam as tartarugas.

Não é excusado que eu me refira ainda ás industrias lateraes da de que venho me occupando, como a da banha ou manteiga da tartaruga e a do oleo extrahido de seus ovos.

A primeira é uma industria de trato commum; a segunda, porém, é assim praticada: retirados os ovos das panellas e das cavas singulares, depositam-nos em cavas outras, apropriadas, defesas a certo tempo da enchente do rio, onde, ao cabo de muitos dias, pela acção calorifica dos raios solares, passam por completa decomposição, rematada ao fogo, em grandes vasilhas ou caldeirões, em que é o oleo refinado para a exportação regional.

E' lubrificante de primeira ordem e que se presta á illuminação das choças tapuias.

Frescos ou a quente, os ovos, são de sabor agradavel, constituindo na época prato muito apreciado.

A concha e a couraça desse animal são sem valor na in-



dustria, servindo aquella como utensilio de transporte, sem duração, decompondo-se como producto organico que é.

A pesca do peixe boi, peixe seguramente de todos aqui conhecido, é feita ao arpão, como a do pirarucú, em épocas normaes, de safra, quando esses grandes exemplares da fauna fluvial amazonica descem em migração, com a vazante dos grandes rios.

Muitas vezes lhes succede ficarem retidos nos lagos, com especial agrado de seus caçadores, que, com o menor trabalho, melhor safra conseguem.

Do peixe boi preparam a «mexira» e do pirarucú o «pirahem», este do peixe desdobrado em mantas, salgadas e seccas ao sol, e aquella do peixe retalhado e frito em banha de tartaruga; ambas cónservas de grande duração e poder nutritivo e que raramente transpoem as raias territoriaes da Amazonia, onde são consumidas.

A segunda é emballada em fardos, como a carne secca ou xarque, a primeira em potes de barro.

O «pirahem» é o bacalhau amazonico, muito se lhe aproximando pelo paladar; fresco, é de sabor pouco agradável ao forasteiro.

O pirarucú é peixe de escama graúda; pertence á familia dos clúpeos. Tem a lingua ossea e aspera como a lima ou groza, pelo que della se utilisam para ralar o guaraná; do bucho preparam excellente colla muito empregada em marcenaria.

O peixe boi, especie de cetaceo, é, pelo contrario, liso, de cor escura e lustrosa. Qualquer delles pode medir cêrca de dois metros.

Do tambaqui, —peixe que lembra a sioba,—tambem preparam a «mexira», como aquella muito reputada. O moquem dá o «tambaqui de cacete», denominação derivante da forma do seu preparo em bandas, apertadas em forquilhas de madeira, servindo para transportal-o á guisa de bastão de bengaal—á guisa de cacete.

Não sei se ainda ali, no Amazonas, se prepara a farinha de peixe, que em tupi é chamada «pirarucú», de pira, peixe, e cui, farinha.

Lembra-me tel-a visto e saboreado em creança, quando o estado do extremo norte era rico e feliz; hoje não sei, depois que a politicagem o delapidou, reduzindo-o á miseravel situação em que se acha.

Como interessante, devo referir de passagem a pesca do tucanaré, que se aproxima pela forma e tamanho ao vermelho do mar. Entre as maneiras de apanhal-o, a rêde ou tarrafa, tem a da «pinásirica» de piná, corruptela de pindá, anzol e «sirica», ligeiro, salvo erro.

O pescador arma a ponta do caniço com uma linha de «curauá», prendendo-lhe ao extremo um anzol, occulto entre pennas de tucano ou papagaio, vermelhas, azues, verdes, etc e o joga ao rio—sem isca—fazendo-o deslizar pela superficie das



aguas, velozmente, á imitação de um peixinho, aos saltos. O «tucanaré» atira-se ao anzol e o engole despreoccupado de que talvez devore o filho, quando o certo é ser elle devorado pelo pescador que lhe armou o conto do vigario.

Antes de rematar esta collecção de pescas curiosas, contarei por ultimo a pesca original pela vara, quiçá por aqui tambem praticada.

As aguas do rio estão ao tempo do repiquete.

As piracemas ou cardumes encrespam-lhe a superficie, ás vezes em roncaria, mormente á noite. A tarrafa, então, opera prodigios, obrigando o pescador a tumefazer os musculos dos braços para retirar a tarrafa das aguas, tão pesada vem ella de peixes; o arrastão as aniquila.

Mas, a pesca que desejo contar é outra, feita ao largo, sem canôa, sem anzol, sem rêde, sem tarrafa, sem flexa.

O pescador munido de um caniço, comprido e flexivel, aguarda a passagem da piracema, quieto, sem deixar mover a «montaria». Uma vez por ella envolvido, se não se lhe intro-metteu de mansinho, chicoteia vigorosamente o rio. A piracema espanta-se e o peixe salta fóra d'agua, alto, e cae dentro da embarcação, onde já encontra o traficante acororado, em guarda, contra as suas armas defensivas.

Se a colheita não bastou, dá outra chicotada mais além, mais outra, até que o pescado lhe satisfaça a ganancia.

---

Mudemos do scenario e vamos observar scenas outras da vida amazonica de antanho, recuadas no tempo e no espaço para as fronteiras do Estado, onde a civilisação não chegou ainda com todo seu cortejo de luzes que maravilham os sentidos, pelo processo assombroso da vida moderna, cuja plethora de gozos ou de sua cobiça, leva ao suicidio os menos fortes, á cadeia os ambiciosos, ás altas posições os audazes e a bancarrota, á cizania politica, á guerra civil, os governos incapazes, impatrioticos, cavalgados pelo industrialismo partidario que os acorrenta ás paixões de toda a ordem, transformando-os em amas de leite.

Mas, mudemos de scenario para assistir á passagem do «sairé» que se annuncia á curva montante do rio, brilhante em sua composição de canoinhas em arco, illuminadas de pequeninos fôcos em ametades de laranjas verdes, e depois, como um pedaço de céu de estrellas indisciplinadas, vel-os, esses «flambeaux» originaes, largados á superficie das aguas, fluctuando sobre as ondinas, cadenciadas pela viração.

Oh! Como é bello em sua simpleza o sentir do povo quando desconhece os mysterios que nos entediam!

E o bando fluvial avança vagarosamente para o porto, ao son duro das zabumbas e carácaxás indigenas que aos canticos acompanham, ao fluctuar das bandeiras alvas de linho, do Espirito Santo, contendo em relevo a pomba que o symbolisa, bordada a matiz, se não a costuraram ahi.



A corôa do Santo festejado vem á frente da original festa veneziana, envolvida em flores e toda enfeitada, tendo ao lado da salva que a transporta uma outra destinada á collecta das esmolas para a festa.

A bomba real, os morteiros em terra, secundam o pipocar dos foguetes lançados das canoinhas, sem os quaes, fallecem todas as alegrias das festas populares.

Desembarcados os foliões, as moças tapuias conduzem o corôa, de lenço na mão, vestidas de branco, pés descalços, rodeadas pelos bandeiras, egualmente de branco, e desse grupo em atrazo, segue a musica já descripta acompanhando o cantico religioso.

E a scena bucolica lá vae em direcção á capella, onde o parochio aguarda a chegada da procissão «sui generis».

E o mais curioso, por precedel-a passos avançados, é ser a sua marcha como que rithimada pelo andar claudicante de um velho tapuia, necessariamente coxo, pernetta, empunhando a bandeira de chefe «en pendant» com uma de suas contemporaneas de idade.

O samba, depois, enche as noitadas de successivas novenas, em que o lundú modella no requebro dos quadris, os foliões dançantes, ora buscando as companheiras, ora dellas recuando no pespizar do solo nú, já que não o podem sapateiar.

E agora que vou deixar-vos em paz, terminando esta despretenciosa palestra, permitti que eu externe o meu agradecimento pela distincção com que me assististes, a mim, o forasteiro que volta á sua obscuridade galardoadado e feliz por ter tido a inesquecivel ventura deste convivio, fugace embora, em que se focalizou, monopolizando os vossos olhares, tão generosos, os vossos ouvidos, tão clementes, as atenções desta assembléa tão magnanima, que funde em cultura moral a collectividade bahiana.

## DISCURSO

do Dr. Alpheu Diniz Gonçalves em 13 de maio de 1915 por occasião de sua recepção no Instituto

*Meus illustres senhores:*

Sinto-me pequeno, tão pequeno quanto o nosso insignificante planeta, grão de areia, diante do grandioso sol *Canopus*, centro do nosso universo, massa maior dois milhões de vezes que a do nosso astro-rei; sinto-me pequeno, muito pequeno mesmo, diante desta corporação de sabios amigos, para com simples palavras, filhas de um esforço continuado, dizer algo, que de util tenha o arremedo-



e de agradável apenas a boa vontade e bondade dos que me queiram ouvir.

Sinto-me, ao mesmo tempo, grandioso, por ter sido indicado para fazer parte desta digna instituição, por quatro dos seus mais distintos membros, destacadamente os drs. Theodoro Sampaio e Bernardino de Souza; e, aqui, cumprindo um dever, e por insistência do dr. Secretario, um dos mais fortes esteios deste monumento bahiano, o "Instituto Geographico e Historico da Bahia", procuro desempenhar-me das attribuições estatuidas e, dessa maneira, me apresento, e assim vos falo.

Procurei um assumpto que, ligado aos diminutissimos conhecimentos que supponho possuir, tivesse alguma ligação com as grandiosas sciencias que aqui, neste Areópago, são desenvolvidas com proficiencia e extraordinaria illustração.

Procurei, tambem, um assumpto que excitasse os sentimentos patrios, por considerar esta nobilissima instituição como verdadeiramente patriotica.

E, num dado momento, quando, de minha humilde moradia, olhando o mar, de que fica a cavalleiro, o recorte suave e ondulado dos montes, o céu, as nuvens e os astros, todos esses encantos da natureza, senti ligados, num só painel, ao tremular de um nosso *auri-verde* pavilhão, sob a influencia dos nossos reinantes aliseos, a nossa *Bandeira Nacional*, que se desdobrava mais a mim, galhardamente no topo do mastaréu de uma singela embarcação, que mansamente sulcava os mares, os nossos mares, os mares da nossa Bahia.

Assim, procurei ainda as ligações que já deviam ter sido feitas entre a nossa natureza e a nossa bandeira, e verifiquei que outros já as haviam estudado e pesquisado, provavelmente, ou certamente, com mais brilho, como bem demonstram os estudos dos eruditos doutores Eduardo Prado e Teixeira Mendes.

Mesmo pequeno, porém sem esmorecimento, arrojé-me á tarefa o meu primeiro cuidado foi compulsar a historia da origem das bandeiras, pois, como Cicero, pensamos que, "não conhecer o que se passou no mundo antes de nós é permanecer na infancia".

Os povos, os mais antigos, tambem tiveram bandeiras.

Na origem da historia dos povos, na historia santa, já encontramos mencionadas as bandeiras como symbolos das tribus israelitas.

Os egypcios, mais assignaladamente, galhardeavam as suas festas com bandeiras, onde representavam a imagem dos seus deuses ou os symbolos dos seus principes.

Os gregos tambem usaram bandeiras, não sómente decoradas



com symbolos e imagens, como igualmente com differentes letras do alphabeto, e as bandeiras romanas, melhor caracterisadas, continham decorações bordadas, representativas de aguias minotauros e outros animaes phantasticos.

Com a evolução da humanidade, as bandeiras perpetuaram-se, e, até hoje, todos os povos e nações, sem excepção de um só, conservam e usam como symbolo vivido da patria, uma bandeira que veneram.

A maioria das nações inscreve nas suas flammulas notações symbolicas, buscando assignalar, o mais possivel, a historia social e a organização do seu sólo, e o pavilhão nacional é, então, precisamente, um estímulo para a humanidade, um idolo sagrado para cada patria, uma harmonia do lar e uma gloria e guarrida para cada cidadão.

E então:

“ Nos drapeaux malheureuse n'en son que plus sacrés. Quand la patrie en pleurs de deuil les environne, Éternelle infamie á qui les abandonne ! ”

(Jouy).

“ Mais de la verité rigide  
Encor plus vivement épris  
Sous ses drapeaux seuls tu te ranges. ”

(J. B. ROUES).

\* \* \*

“O Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

Considerando que as côres da nossa bandeira recordam as luctas e as victorias gloriosas do exercito e da armada, na defesa da Patria ;

Considerando, pois, que estas côres, independentemente da forma de governo, symbolisam a perpetuidade e integridade da Patria entre as outras nações;

Decreta :

Art. 1.<sup>o</sup>.—A Bandeira adoptada pela Republica mantém a tradição das antigas côres nacionaes—verde e amarello—do seguinte modo: um losango amarello em campo verde, tendo no meio a esphera celeste azul, atravessada por uma zona branca, em sentido obliquo e descendente da direita para a esquerda, com a legenda —*Ordem e Progresso*—e pontuada por vinte e uma estrellas, entre



as quaes a constellação do *Cruzeiro*, dispostas na sua situação astronomica quanto á distancia e ao tamanho relativos, representando os vinte Estados da Republica e o Municipio Neutro, tudo segundo o modelo debuxado no *Annexo n. 1*.

Art. 2º.—As armas nacionaes serão as que figuram na estampa annexa n. 2.

Art. 3º.—Para sellos e sinetes da Republica, servirá de symbolo a esphera celeste, qual se debuxa no centro da bandeira, tendo em volta as palavras *Republica dos Estados Unidos do Brasil*.

Art. 4º.—Ficam revogadas as disposições em contrario.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 19 de Novembro de 1889, 1º. da Republica.—*Marechal Deodoro da Fonseca*, chefe do Governo Provisorio.—*Q. Bocayuva*.—*Aristides da Silveira Lobo*.—*Ruy Barbosa*.—*M. Ferraz Campos Salles*.—*Benjamin Constant Botelho de Magalhães*.—*Eduardo Wandenkolk*."

Sobre este decreto da *Bandeira Nacional* publicou o Sr. Teixeira Mendes, no *Diario Official* de 24 de Novembro de 1889, sob o titulo de "APRECIACÃO PHILOSOPHICA", um longo artigo, justificativo da organização da bandeira, e no dia 26 de Novembro, um outro artigo, justificando a formula *Ordem e Progresso*, assim procedendo, conforme se lê no segundo artigo, a convite do eminente Conselheiro Ruy Barbosa, então ministro da Fazenda.

No anno de 1903, decimo quinto da Republica, publicou-se de Eduardo Prado, cujo desaparecimento prematuro de nossas letras tanto se pranteia, um trabalho, sob o titulo de "A BANDEIRA NACIONAL", onde procurou, com o ridiculo, provar que a nossa bandeira se resente do "desprezo ou ignorancia da tradição historica, erro capital de astronomia e grave menoscabo da esthetica".

Ora, o Sr. Dr. Eduardo Prado, nome que bastante fulgura nas letras brazileiras, comquanto haja desaparecido já do numero dos vivos, é digno de respeito, já por sua elevação moral, já por sua illustração, já pelo vultuoso numero de obras, com que mais abasteceu a literatura patria, bem como "A ILLUSÃO AMERICANA", reputada a sua melhor obra, "VIAGEM AO RIO DA PRATA", "VIAGENS AO ORIENTE", "LE PROBLEME DE L'IMMIGRATION", "L'ART AU BRÉSIL", "FACTOS DA DICTADURA MILITAR", "VIDA DO PADRE M. DE MORAES" e "A BANDEIRA NACIONAL".

No entanto, da opinião que acima exaramos do conhecido auctor depreheende-se que, como critico do Sr. Teixeira Mendes, foi muito apaixonado, um tanto ironico, desarrazoadamente satirico.

Ambos os trabalhos, a "APRECIACÃO PHILOSOPHICA" e "A



BANDEIRA NACIONAL", são de alto valor, porém, dum auctor, resente-se o trabalho de pequenas falhas, naturalmente, attendendo-se ás pressas da confecção de uma bandeira que substituisse, immediatamente, a que então fulgurava; do outro, si bem que com uma exhibição de grande merito, revelou-se, reputamos, obra de um critico apaixonado, allucinado mesmo pela critica, tendo cahido em accentuados enganos, na parte astronomica, por querer, provavelmente, por todos os meios, sustentar as suas theses vagas.

Sómente procuraremos mostrar que a *Bndeira Nacional*, na parte astronomica, não está errada de um modo capital, como quiz provar o Dr. Prado.

No seu opusculô, aliás bem elaborado, apresenta o consagrado auctor da "Illusão Americana", como modelcs de representações correctas, do que diz dever representar o decreto da *Bandeira Nacional*, duas projecções estereographicas, de dois modos concebidas—para o céu do Rio de Janeiro e para a carta do Brazil.

Critico rigoroso, como se manifestou, não podemos accordar que admittisse estes dois modos de ver, pois pensamos que, no systema mathmatico de projecção, não póde haver convenção possivel para, projectando de uma forma, buscar ver a imagem projectada de outra:

—Quando, na representação da carta celeste, o observador est, figuradamente, num ponto de vista situado no extremo do diametro perpendicular ao plano de projecção, que no caso é o do horizonte do Rio de Janeiro, como tal, representará o céu num plano que é ao depois observado pelo *mesmo lado do ponto de vista*.

—Quando, na representação da carta do Brazil, o mesmo systema de projecção, ainda com as mesmas disposições para o ponto de vista, considerada a *terra transparente*, verá então o observador a projecção do *lado opposto ao ponto de vista de perspectiva*.

A projecção é uma representação mathematica, que não deve estar subordinada senão aos principios e leis que as regem scientificamente.

Um objecto projectado deixa assignaladas por sua projecção as relações mathematicas entre os diversos pontos no plano considerado, obedecidos os principios projectantes, nunca se buscando ver um terceiro ponto, linha ou plano de posição voluntaria de um observador, pois certamente tornaria mais difficil a sua comprehensão, quando não inexequivel a projecção verdadeira e mathematica dos corpos. E, attendendo-se aos methodos mathematicos, apresentando as projecções esphericas o aspecto da parte que se projecta, pensamos que a melhor forma de observar as



projectões estereographicas, mathematicamente devendo ser uma só, esta deve ser a que se emprega para a representação do *Mappa-Mundi*, por ser a verdadeira posição a do plano de projectão, encarando-se as relações angulares das linhas que unem os pontos, encontro das rectas projectantes com o plano de projectão, situados no mesmo plano, do mesmo lado que se projecta, sejam estas projectantes normaes ou obliquas, parallelas ou convergentes e qualquer o methodo de projectão empregado. Assim pensamos porque é somente como pode haver unidade de vistas nas mathematicas com um só modo de observar num mesmo systema de projectão.

Pode ser feita aqui uma pergunta:—Por que não observamos o plano de projectão estereographica do lado opposto ao hemispherio projectado?

E a resposta é immediata.

Porque representariamos, considerando-se a nossa posição sobre a Terra, o *Mappa Mundi*, que é das duas projectões a que representa o que de real existe, ás *avessas*, sómente com o fim de conservarmos no mesmo systema de projectão, caprichosamente, uma representação do céu, em relação a um observador que procura orientar-se pelos pontos cardeaes, a olhar para o espaço, PROJECCÃO DO QUE DE REAL NADA TEM!...

Não devemos nem mesmo gostaríamos de criticar o trabalho do Dr. Prado, por querer representar o céu como melhor lhe pareceu, ainda que, para isso, fosse preciso adoptar por convenções dois modos diversos de ver numa só especie de projectão.

—Não gostaríamos de critical-o, porque tambem do mesmo modo alguns astrónomos têm representado o céu, accrescendo que devemos, pelo mesmo motivo, considerar apaixonada, e sem cabimento, a critica do Dr. Prado ao illustrado Sr. Teixeira Mendes, nesta parte, ou a quem quer que fôsse, por ter escolhido um dos modos de representar o céu para ser adoptado na *Bandeira Nacional*, como tambem o representam os distinctos astrónomos L. Cruls e Edmond Dubois.

O Sr. Prado, ainda com uma serie de argumentos para provar *errado o aspecto do céu*, representado na *Bandeira Nacional* e discutido na "APRECIACÃO PHILOSOPHICA" do Sr. Teixeira Mendes, disse, com ironia e falsas concepções, que para semelhante aspecto do céu só um observador muito longe das mais afastadas estrellas e nebulosas!..."

Considerarmo-nos fóra para concebermos as projectões e podermos dizer, como disse o Sr. Prado, "que os inventores comtistas da nova bandeira, para reproduzirem o aspecto do céu, ultrapassaram os mais remotos dominios da astronomia stellar e, pene-



trando pelo espaço infinito, de lá pintaram o céu do Rio de Janeiro ás avessas!...”

Mesmo para ironia, é muito falso o modo de imaginar, muito fóra das raías do permittido pela intelligencia humana e muito fóra do mais rudimentar conhecimento do universo astronomico.

A esphera celeste é uma ficção, e uma ficção somente imaginada para o ponto de vista a Terra—e, no momento em que fôsse possível imaginarmos o afastamento da Terra, ou de um observador, por menor que fôsse esse afastamento, não mais poderíamos imaginar a apresentação do mesmo aspecto da nossa esphera celeste, ou, como quiz o Sr. Prado, a nossa *esphera celeste ás avessas*.

Outras seriam as distribuições dos grupos estellares, porém muito e muito diversas e tão diversas quantos infinitos seriam os successivos aspectos que a cada instante iria experimentando o observador.

Nunca poderíamos imaginar um ponto de vista afastado, muito longe no infinito “fóra e muito fóra não só do nosso systema solar, mas até muito longe das mais afastadas estrellas nebulosas”.—Primeiro porque seríamos forçados a imaginar novos astros, que surgiriam ao alcance da vista, e o desaparecimento de outros, que sahiriam do mesmo alcance visual;—Depois, porque não poderíamos imaginar a materialização no espaço do que é uma simples ficção, que tem como unico fundamento as posições apparentes das estrellas, umas em relação ás outras, ainda que, depois, materialmente, representemos o céu em pequenos globos, ou cartas, de projecções estereographicas ou orthographicas, considerando todos elles, uma vez que guardem as posições relativas das estrellas entre si, como *verdadeiros aspectos de um céu que é imaginado*.

Diz o Sr. Teixeira Mendes, *Diario Official* de 24 de Novembro de 1889, depois de outras considerações historicas:

—“Para satisfazer a essa dupla necessidade foi que se adoptou a representação idealizada do *aspecto do céu* na capital dos Estados Unidos do Brasil, no momento em que a constellação do *Cruzeiro* se acha no meridiano, estampando-se na direcção da orbita terrestre a legenda—*Ordem e Progresso*.”

Ora, aspecto, astronomicamente, dizem os principaes auctores e dictionarios, “é a situação que têm os astros no céu, uns a respeito dos outros”, e isto se observa, approximadamente, nem podia ser de outra fórma, na *Bandeira Nacional*, não sómente em relação a quasi todas as estrellas, como tambem em relação á orbita terrestre.

“Aspecto, em astronomia, diz Frei Domingos Vieira, no seu



*Diccionario*, é a situação que têm os astros no zodiaco, uns a respeito dos outros."

E ninguém pôde contestar que a *Bandeira Nacional* represente vimos de recriar, consideramos, sem receio de contestações, como verdadeiros, certos e bem organizados os *Aspctos do céu para cada mês na latitude do Rio de Janeiro*, representados no ATLAS CELESTE do eminente astrónomo L. Cruls, e basta dizermos que nesse grandioso trabalho encontramos, com igual orientação, o *aspecto do céu do Rio de Janeiro*, tal qual como está representado na *Bandeira Nacional*.

Devia ter sido menos rigoroso o Dr. Prado, quando disse que "está errada na direcção da *Ecliptica*, nas grandezas, nas posições das estrellas, de todas as estrellas, sem exceptuar uma só. Teriam estas de realizar viagens de centenares de milhares de seculos, para, obedecendo ao decreto e ao Sr. Teixeira Mendes, irem tomar na bola azul as posições que lhes foram designadas dictatorialmente." Continuando:

"Ha no Rio de Janeiro um observatorio astronomico que poderia ter sido consultado, desde que se pretendia pôr em contribuição os astros."

Pois bem, o auctor do "ATLAS CELESTE", o Sr. L. Cruls, membro perpetuo da *Sociedade Astronomica de França*, auctor de um monumental relatorio, como chefe da "COMISSÃO DE EXPLORAÇÃO DO PLANALTO CENTRAL DO BRASIL"—era, no momento, um dos mais distinctos astrónomos do Rio de Janeiro e director do *Observatorio Astronomico*, "que poderia ter sido consultado"!!

Não temos a menor duvida, que na *Bandeira Nacional* esteja representado o aspecto do céu do Rio de Janeiro, approximadamente, como deve ser.

Em um outro ponto do seu opusculo, limitou-se o Dr. Eduardo a indagar o motivo por que foi escolhida a estrella sigma do *Octante*, para representar o *Município Neutro*. Se pensasse um pouco, indagando os seus conhecimentos astronomicos, encontraria logo a resposta.

Não foi pelo facto do Rio de Janeiro estar mais ao sul, nem tão pouco tem cabimento a critica de que existem outros Estados mais do Sul do Rio de Janeiro; certamente o motivo, que é muito justificavel, foi o de, aparentemente, voltearem todas as estrellas em torno da *Octante*, que parece fixa, pois quasi que corresponde, ella, precisamente, á posição do polo sul.

E, como as demais estrellas para a estrella do *Octante*, todos os Estados da União se movimentam na politica nacional em torno



do *Município Neutro*, tal como as estrellas figuradas em torno da pequena *Sigma*.

O não ser vista, como pretendem, a *olho nú* a pequena estrella, não é negar a sua existencia; e quem nos diz a nós que não é ella vista?!...

As estrellas, vistas sem o auxilio de instrumentos, são até as de sexta grandeza, e a *Sigma* do *Octante* está entre a quinta e sexta grandeza, e eu affirmo que a tenho visto, buscando-a precisamente no seu lugar.

Alguna razão, no entanto, tem o Dr. Prado, quando critica o pretendido deslocamento da estrella *Espiga* para o hemispherio norte. Certamente passou despercebido ao Sr. Teixeira Mendes que as duas estrellas representadas no hemispherio norte deviam ser mesmo do hemispherio norte e que, sendo uma *Procyon*, a outra, pela posição que occupa no modelo, não podia deixar de ser *Arcturus*, por diversos motivos; e estamos convictos de que é um dos graves pontos em que vemos a *Apreciação Philosophica*, deslocada do *Decreto* e do modelo exacto. Porém, em tudo isto, houve, certamente, engano de copia e de nomes, e a prova está em que, sendo dois os Estados que têm parte no hemispherio norte, duas deviam ter sido as estrellas assim assignaladas, ainda que tenham, provavelmente, por engano, denominações erradas.

Prova, ainda mais, a precipitação reinante no momento, a distribuição de modelos com 22 estrellas, ao em vez de 21, distribuição feita até para o estrangeiro, sendo que, depois, quizeram supprimir, ou supprimiram, a que, provavelmente, occupava o lugar da *Espiga*.

—Como melhor representação astronomica, apresentou o Dr. Prado um outro projecto, que não podia nem pôde ser accedido, não sómente porque se afasta muito do actual, como porque se pôde prestar á mesma critica, ou critica maior que a feita ao Sr. Teixeira Mendes.

Como astronomia, o seu projecto de reforma da *bandeira nacional* pôde ser considerado um conjuncto de erros, e a faixa representativa da *Ecliptica* não pôde ser traçada.

Disse o Dr. Prado que "o astrónomo official, que devia ser ouvido, teria então de escolher 21 estrellas, todas de maior brilho e todas visiveis, o que, além de mais bello, seria, como já observamos, um symbolo de *igualdade* entre os differentes Estados".

E' um conjuncto de erros, porque enumera estrellas no projecto apresentado, as quaes não são das mais brilhantes, como a *Delta* do *Cruzeiro* e a *Alpha* e *Beta* do *Triangulo*, desprezando outras de maior brilho. Ao demais, disse *todas estrellas visiveis*, como se alguma pudesse ser conhecida e representada sem jamais



ter sido vista! Finalmente, mostrou-se alheio á escala de brilho das estrellas, onde difficilmente encontramos duas do mesmo brilho, afim de que pudessemos representar, precisamente, a egualdade entre os Estados.

O facto de serem todos os Estados symbolicamente representados por estrellas, é bastante para significar a egualdade entre os mesmos.

A faixa representativa da *Ecliptica* não podia ser traçada no projecto do Dr. Eduardo, porque teria de deslocar uma das estrellas escolhidas pelo mesmo, ou a *Espiga* ou a *Regulos*, para que a faixa pudesse ser representada e, então, *teriam estas*, ou uma dellas, *de realizar viagens de centenaes de milhaes de seculos, para, obedecendo ao projecto em questão, irem tomar no CIRCULO AZUL as posições que lhes fossem determinadas, caprichosamente.*

Tudo póde ser criticado, e em materia de interpretação imaginaria e representação symbolica, ou mesmo em todos os conhecimentos da humanidade, “nada é verdadeiro e tudo é permitido”.

O Sr. Teixeira Mendes, antecipando as criticas, que certamente surgiriam, muito bem conceitua, no seu artigo de defeza da divisa “Ordem e Progreso”: “que a tentativa de ridicularizar os homens e as cousas provoca o riso, ou a indignação, segundo as disposições affectivas dos assistentes”.

O estudo sobre a *Bandeira Nacional*, feito pelo festejado escriptor Dr. Eduardo Prado, revela uma investigação e uma illustração raras e, se não fôra o ridiculo a que procurou levar o Sr. Teixeira Mendes, certamente não teria cahido em alguns senões, que se tornaram graves, e o seu trabalho seria, além de grandioso e illustrado, impecavel.

Apreciemos, no conjuncto, a *Bandeira Nacional*, de accordo com o Decreto e em parte com o Dr. Prado e com o Sr. Teixeira Mendes, menos no deslocar a estrella *Espiga* para o hemispherio norte.

Eu vos apresento aqui um modelo, que julgo ser o certo, de accordo com o Decreto e a disposição astronomica pretendida. Por uma simples inspecção do conjuncto, no modelo, verificaremos que a representação é quasi igual á que figura na nossa *Bandeira*, estando apenas a estrella *Espiga* no seu verdadeiro lugar e no lugar da estrella chamada *Espiga*, pelo Sr. Teixeira Mendes, a estrella *Arcturus*, estabelecendo-se, precisamente, o verdadeiro aspecto astronomico pretendido.

Do hemispherio norte figuram duas estrellas:

—*Arcturus* e *Procyon*.



—ARCTUROS, a mais brilhante estrella do hemispherio, pertencente á constellação do *Bootes*, é a estrella que melhor caracteriza todo o hemispherio, ainda que sozinha representada na parte superior da *Ecliptica*, na sua verdadeira posição, não sómente por seu destaque, seu brilho e seu fulgor, como por seu nome, derivado de *Arctus*—*Ursos*, constellações que determinam o hemispherio norte.

Era a constellação do *Bootes* que presidia, na astrologia antiga, aos movimentos das duas *Ursas* e a estrella *Arcturo*, para os povos articos, assignalava a volta da encantadora estação da primavera, cantando o inspirado poeta Hesiodo, no seu monumental poema, *Os trabalhos e os dias*, sublimemente, "que quando *Jupter* tem terminado o seu curso invernos, *Arcturos*, abandonando as ondas sagradas do oceano, levanta o seu brilho nas primeiras horas da noite, scintillando á volta da primavera".

Já o principe dos poetas portuguezes, *Camões*, na sua obra prima, o excellente poema *Os LUSIADAS*, havia procurado representar toda a zona norte com a brilhante estrella *Arcturos*, cantando que:

"Entre a zona que o cancro senhorea,  
Meta Septentrional do sol luzente  
E aquella, que por fria se arrecea  
Tanto, como a do meio por ardente,  
Jaz a soberba Europa; a quem rodea,  
Pela parte de *Arcturo*, e do occidente",  
"Com suas salsas ondas o oceano,  
E pela Austral, o mar Mediterraneo".

—PROCYON, a segunda estrella do hemispherio norte, representada na *Bandeira*, tambem brilhante e de primeira grandeza, é a *alpha* da constellação do *Cão Menor*.

Estrella foi que caracterizou, entre os egypcios, a apparição de *Sirius*. Como vemos, estas duas estrellas brilhantes do hemispherio norte e que razoavelmente devem estar registadas na nossa *Bandeira*, são, precisamente, as mais brilhantes septentrionaes, e que podem ser representadas, elevadas no horizonte, quando no meridiano a constellação do *Crusceiro*, o que se verifica nas primeiras horas da noite do mez de Maio, o mez do Descobrimento do Brazil.

—Procuramos o desenvolvimento em serie das areas em kilometros quadrados, dos Estados e dos brilhos das estrellas e, providencialmente, considerando a area do Municipio Neutro, primeiro termo de uma serie e o brilho de quinta ordem, o da estrella escolhida para a bandeira, a *Sigma* do *Octante*, como o



primeiro termo da outra serie dos brilhos, procurado uma *razão* commum para as duas series estabelecidas, com surpresa e satisfação conseguimos uma relação definida.

Sendo de 1394 kilometros quadrados a area approximada do Municipio Neutro, correspondente á 5.<sup>a</sup>. ordem de brilho septuagesimo terceiro termo da serie estabelecida nesta ordem, sómente encontramos a pequena *Sigma*.

Os termos immediatos e relações entre as areas de mais de cinco mil kilometros quadrados e de menos de vinte e cinco mil kilometros, onde não existem Estados de areas dentro destes limites, não tivemos tambem estrellas figuradas correspondentes.

E, assim, nos desenvolvimentos mathematicos das series de areas e de brilhos, as relações foram estabelecidas, representando-se:

Amazonas, por *Arcturos*; Matto Grosso, por *Sirius*; Pará, por *Procyon*; Goyaz, por *Canopus*; Minas Geraes, por *Alpha* do *Cruzeiro*; Maranhão, pela estrellas *Espiga*; Bahia, por *Antarés*; Piahy, pela *Gama* do *Cruzeiro*; S. Paulo, pela *Beta* do *Cruzeiro*; Rio Grande do Sul, pela *Têta* do *Scorpião*; Paraná, pela *Alpha* do *Triangulo*; Pernambuco, pela *Lambda* do *Scorpião*; Ceará, pela *Epsilon* do *Scorpião*; Parahyba, pela *Kapa* do *Scorpião*; Santa Catharina, pela *Beta* do *Triangulo*; Rio de Janeiro, pela *Gama* do *Triangulo*; Alagôas, pela *Mú* do *Scorpião*; Espirito Santo, pela *Delta* do *Cruzeiro*; Sergipe, pela *Eta* do *Scorpião*; Rio Grande do Norte, pela *Epsilon* do *Cruzeiro*; Municipio Neutro, pela *Sigma* do *Octante*.

Então, todas ellas, assignalamos, pela ordem, no modelo.

As duas estrellas no hemispherio norte, a que já nos referimos, convenientemente, representam os dois grandes Estados, Pará e Amazonas, justamente os que têm parte do territorio no hemispherio norte.

SIRIUS, a grandiosa e brilhante estrellas da *Cannicula*, representa um dos maiores Estados da nossa Republica.

Os egypcios, observando *Sirius*, no seculo vinte e oito antes da nossa éra, cujo nascimento matinal annunciava o transbordamento do *Nilo*, formaram o anno cannicular de 365 dias. E a constellação do *Cão Maior* era observada com precisão, ha mais de cem annos, antes da nossa éra. Os antigos povos do Egypto adoravam profundamente um só ser supremo, que era o Deus, *Annan-Ra*, porém adoravam ainda uma serie de deuses, mais ou menos poderosos, segundo um certo numero de grãos e attributos.

Aos olhos dos egypcios, os astros eram as almas destes seres divinos. Os animaes venerados eram as imagens vivas das diversas divindades celestes.



O cão representava o deus *Sathis*, o juiz dos mortos, que se figurava como *cynocephalo*. Os gregos pronunciavam *Sath* e *Sathis*, e foi desta palavra que se derivou o nome de *Sirius*, estrella brilhante da *Cannicula*, que na nossa bandeira deve representar o Estado de Matto Grosso.

CANOPUS, o sol gigante, dois milhões e quatrocentas e vinte mil vezes maior, em volume, que o nosso *Sol*, centro do nosso *Universe*, conforme os ultimos estudos feitos, agora, em 1915, pelo eminente astrónomo inglez M. Walkey, publicado nestes dias por Knowledge no *Astronomical Journal*, é a mais brilhante estrella da constellação de *Argos*.

*Canopus*, o centro do nosso Universo, deve representar no nosso pavilhão o Estado central da nossa Republica, o *Estado de Goyaz*.

Da constellação da *Virgem*, a deusa *Ceres* da Agricultura, a estrella *alpha*, a *Espiga*, que na *Bandeira* deve representar o Estado do Maranhão, tem notabilissima a sua historia, pois serviu de base ao fundador da astronomia, Hypparcho, para determinar a precessão dos equinoxios.

A nautreza sempre providencial, quando desaparece no occidente, a incontestavel mais brilhante constellação do céu a do *Orion*, eis que surge a não menos bella constellação do *Scorpião*.

Quando o *Cruzeiro* está sobre o nosso meridiano, no levante, brilha no *Scorpião*, chammejante e avermelhada, a ANTARÉS, que representa a Bahia, e muito brilhante, todas as demais estrellas do *Scorpião*, salientadamente as que representam Ceará, Parahyba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Rio Grande do Sul.

A constellação do *Scorpião* é a de mais destaque e é a mais brilhante do hemispherio sul, pelo que não podia, assim, deixar de ser bem representada na nossa *Bandeira*.

No momento astronomico, bem escolhido para figurar, simbolicamente, a confraternização dos Estados do Brazil na *Bandeira Nacional*, ha uma constellação que mais proxima ao polo sul, notada, formada e denominada mais ou menos nos primeiros annos, depois do Descobrimento do Brazil, a qual não podia deixar de ser assignalada, é a constellação do TRIANGULO AUSTRAL, que com tres pequenas, porém bem scintillantes estrellas, representam, caracteristicamente, os tres Estados: Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catharina.

Da constellação do CRUZEIRO, onde vemos representados os Estados do Rio Grande do Norte, Piauhy, Minas Geraes, Espirito Santo e S. Paulo, já Hypparcho, um seculo antes de Christo, conhecia duas suas estrellas, ás quaes deu o nome de *pés do centauro*,



que eram, certamente, as duas *beta* e *gama*, pois parece-nos que a estrella *alpha* não podia ser até então conhecida.

Sómente em 1667 o astrónomo Agostinho Royer deu a denominação de *Cruzeiro* ou *Crus do Sul* á constellação que hoje conhecemos representada por cinco estrellas, em fórma de cruz e a que o grande humroista Mark Tivain deu o appellido de *papa-gaio do sul*, de cujas estrellas uma é de primeira grandeza, duas são de segunda grandeza, outra de terceira e ainda outra de quarta grandeza.

Provavelmente, todas as constellações proximas do pólo sul forma contempladas, com surpresa e encanto, plo brilho que apresentam, pelos primeiros navegadores europeus, que acompanharam e seguiram Vasco da Gama.

Pelos dados historicos, que de então conhecemos, verificamos que o céu circumpolar austral, approximadamente a uns trinta e poucos grãos do polo sul, permaneceu desconhecido até o fim da Idade Media. No entanto, a verdade da precessão dos equinoxios, que faz variar extraordinariamente a posição apparente do céu, deu logar a que Humboldt fizesse observar que, 2900 annos antes da éra christã, devia ter scintillado sobre o horizonte de Berlim, a sete grãos de altura, a nossa brilhante constellação do *Cruzeiro*.

A *Crus do Sul* forma no céu uma das mais encantadoras zonas da *Via-Lactea*, de onde fazem parte, tambem, as brilhantes constellações do *Scorpião Centauro*, *Cannicula* e *Orion*.

Vimos todas as constellações e estrellas figuradas no nosso pavilhão, salientando-as pelo seu verdadeiro valor historico e dados astronomicos. E foi, precisamente nestes dias, no mez de Maio, 25 de Abril de 1500 do calendario Juliano, que ancorou a alviçareira esquadra de Cabral, no seguro porto, ao abrigo das impetuosidades dos mares, guardados pelas *corôas vermelhas*, formadas por myriades de madreporas, tremulando em todas as naus a *cruz vermelha* do pavilhão symbolo da Patria.

E nesse mesmo mez, quando a natureza silenciosa contava, e conta, nas primeiras horas da noite, accentuando-se a magnificencia da *Via-Lactea*, no céu, como se fôra o pavilhão da constellação de *ARCOS*, *Sirius*, *Canopus*, *Antarés*, *Triangulo*, tudo volteando a diminuta *Sigma* do *Octante*, o nosso *Município Neutro*, volteia e scintilla tambem a *Crus do Sul*, de *Camões*, do—

“novo hemispherio nova estrella,  
Não vista de outra gente que ignorante,  
Alguns tempos esteve incerta della:”,



a constellação preponderante da nossa *Bandeira*, bemquista Insignia da nossa Patria.

ALPHEU DINIZ,  
E. C.

## DISCURSO

do Dr. Theodoro Sampaio

*Meus Senhores:*

Ainda uma vez, se rejubila convosco esta casa, ao abrir as suas portas a dous novos recipiendarios que a vêm honrar com o seu passado e collaborar no seu futuro, que é aqui, para todos nós, a obra bemdita da grandeza da patria.

Dous espiritos cultos, dous activos operarios desta grande obra, que é ainda um problema, do futuro nacional, os dous illustres recipiendarios, que acabaes de ouvir, vêm dessa phalange dos combatentes que tomaram a peito e por profissão o desbravamento do territorio nacional, no que elle tem de inaccessible á penetração do progresso verdadeiro; no que elle tem de enigmatico e avaro nas riquezas sonhadas de tantos annos e que jamais se desvendam; no que ha de impraticavel e escabroso nos nossos rios immensos, caudalosos, que, ao mesmo tempo, que se abysmam, armazenam forças capazes de tudo movimentar e produzir. São dous illustres engenheiros, um sahido das lides da Hydraulica, e o outro da Mechanica, que ora vêm collaborar connosco na fáina moralisadora da Historia.

—Dr. Manoel Monteiro Tapajós, Dr. Alfeu Diniz Gonçalves; sêde ambos bemvindos a esta casa, a cujos humbraes os meus illustres confrades me enviam, ao vosso encontro, na honra insigne de vos receber e de vos saudar.

Acabastes de ouvir, meus senhores, em estylo aprimorado, a palavra do Dr. Tapajós, no seu discurso vestibular, a descrever-nos os encantos e as maravilhas da Amazonia, a sua terra natal, um oceano de agua doce n'um mundo verdejante, inundado de luz, e tão abrazado, tão exuberante na sua flora incomparavel, tão prodigioso, aggressivo e imenso na força genesiaca, que ao homem esmaga, que já houve quem o comparasse a um "Inferno Verde". (1)

Dos quadros da vida amazonica, da paisagem que os emol-

(1) Alberto Rangel—"O Inferno Verde".



duram, do sentir do seu povo, que tem mais do aborigene do que do europeu, mais das crenças indigenas que do Evangelho, vós acabastes de ouvir, da palavra colorida do recipiendario, a revelação encantadora de realidade e de pittoresco.

A pesca nos seus varios aspectos, nas aguas do rio-mar; a das tartarugas em a Serpa antiga, a Itaquiara de hoje, onde numerosas flotilhas de canôas, tripuladas por archeiros, faz a caça ao amphibio, a tiros de flecha por elevação, tão certos como os dos mais dextros artilheiros; a caça de vasante, por occasião da desova do amphibio nas praias silenciosas de onde as aguas fugiram, ha bem pouco, e que consiste em surprehender o bando emigrado, virar de costas individuo por individuo, tudo n'um movimento rapido, successivo, multiplo para maior garantia de successo; a pesca á linha nos lagos ou *ygapós* e nos remansos dos rios; a pesca do peixe-boi, do *tucunaré*, do *pirarucú* e do *tambuqui*; as pescarias á vara flexivel, chicoteando as *piracemas* em cardumes á superficie das aguas, para que o pescado salte e tombe dentro da canôa, são scenas de uma realidade pittoresca que elle nos recorda com arte e com sainete de saudade.

tombe dentro da canôa; são scenas de uma realidade pittoresca

A passagem do *sairé*, com as suas luminarias minúsculas, que as aguas espelham á noite, sob o bojo das canoinhas illuminadas em arco, n'um bando fluvial que avança vagarosamente para o porto, ao som de cantares e de instrumentos indigenas, e ao fluctuar de bandeiras alvas de linho; é outra scena de uma originalidade pittoresca que o illustre recipiendario nos descreve com amor e poesia. Percebe-se-lhe n'alma a emoção desse quadro de um passado longinquo. E' que quando do lar paterno sahio o nosso illustre recipiendario, ainda adolescente, aos 18 annos, "tremulo de emoções dispaes, como nol-o referiu ha pouco, ante os augurios que, em caricias, lhe segredavam aos ouvidos as alleluias do porvir", já a sua alma se embebera das "maravilhas cheias de magestade das *serenatas equatoraes*", ás ultimas horas do crepusculo da sua terra amazonica. Engenheiro mais tarde, a mourejar pelas plagas do Norte e do Sul do paiz, as exigencias da vida profissional que a elle, como a mim, guiaram os nossos passos até ás terras paulistas, nos fizeram, a ambos, companheiros do mesmo labor e amigos, na troca de sinceras e affectuosas homenagens.

Hoje depara-me o destino a ventura de aqui receber e saudar na pessoa do illustre engenheiro, chefe da fiscalisação do nosso porto, o profissional distincto, acompanhado dos tropheus de um trabalho proficuo, o escriptor, que o sabe ser nas suas horas de ocio, e porque não dizer, como elle mesmo o diz— "o *advogado*, quando accidentalmente esquece a picareta e se lembra da defeza



patriotica dos interesses da terra natal".—Sêde bemvindo a esta casa, meu caro confrade.

O Dr. Alfeu Diniz, conheci-o ainda joven, na casa paterna, ao terminar o seu tirocinio academico, na Escola Polytechnica, onde hoje occupa, com destaque, uma cadeira de professor.

Do seu gost opelo estudo das sciencias naturaes, de que a propria casa paterna é um rico museu; do seu pendor pela Mechanica, que elle cultiva com o afinco de um industrial, manejando a lima e o malho, e transformando em officina uma parte do lar domestico; da sua vocação pelas bellas-artes, a musica e a pintura, que toda a familia cultiva com esmero, licito nos é esperar, da parte do recipiendario, a collaboração mais proficua, nesta outra officina em que todos laboramos e donde "fazemos brotar dos tumulos do passado, mananciaes abundantes de instrucção social e de intimos prazeres intellectuaes". (1)

O jovem professor, e agora nosso illustrado confrade, acaba de ler-nos uma pagina imaginosa da mechanica celeste, ao explicar como um successo da nossa vida nacional, o de 15 de Novembro de 1889, se registou no firmamento pelas constellações do nosso hemispherio e como esse céu do dia 15 se reflectiu na bandeira auri-verde, substituida, a *armilar* dos tempos idos, pela abobada cintada da *Ordem e Progresso*.

O nobre esforço do recipiendario, em velar o que de erroneo e de ante-esthetico vae nesse symbolo, pelo valor scientifico e correlato que lhe descobre, respeitemol-o sinceramente, ainda que, em outr'óra e em outro meio, tenhamos combatido esse symbolo, ao lado de Eduardo Prado, vulto inolvidavel de um estheta, figura de alto relevo nas lettras nacionaes que a morte tão cedo nos roubou.

O Dr. Alfeu Diniz, mineralogista e mechanico. entrado a collaborar connosco no cultivo da Historia, verá como ella estabelece a harmonia da razão com a imaginação, harmonia esta indispensavel á felicidade.—Sêde bemvindo tambem, collega e illustre confrade.

Do jubilo desta recepção, meus senhores, consenti que nesta hora solemne, e com o peito a estuar de emoção, eu me transporte ao 13 de Maio de 1889, da redempção dos captivos na nossa terra, e lance um olhar sobre os feitos gloriosos que aqui se recordam, e, por palavras repassadas de gratidão, atire umas petalas de flores da saudade sobre os vencidos e vencedores desse dia memoravel.

Mais de tres seculos de oppressão aqui se finaram nesse dia,

(1) Cesar Cantu—Historia Universal—Introducção.



e se finaram, meus senhores, entre flores e galas, como se a nação inteira se tivesse, ella mesma, libertado, ou como se esse soffrimento de seculos de gerações tivesse sido para ella uma lenta agonia, germen inextinguivel de aspirações incontidas.

Presa da idéa generosa, a nação inteira estremeceu e a lucta, que então se seguiu, com vistas a triumphar de todos os corações, carecia de ser incruenta.

Segui de perto o desenvolver dos successos que considero os mais emocionantes do meu tempo; vi as batalhas parlamentares do primeiro Rio Branco na Assembléa Nacional, em 1872; assisti aos comicios populares, na praça publica e nos theatros, onde a voz da razão, da justiça e da caridade, pela palavra vibrante e eloquente de oradores e tribunos como José do Patrocínio, André Rebouças, Ubaldino do Amaral, Octaviano Hudson, echoava convincente, irresistivel, em todas as consciencias. Na imprensa, lia-se com soffreguidão e enthusiasmo os escriptos de João Mendes de Almeida, de Ferreira de Menezes, de Joaquim Serra, de Paranhos e de Gusmão Lobo.

Dos jornaes e dos comicios populares a idéa vencedora ganhou as alturas do poder. A augusta Regente, a Princeza Isabel, os principes seus filhos, os ministros, os presidentes de provincias, as camaras legislativas, o exercito, a armada, todos se comprazem, se esforçam em collaborar na causa da redempção.

Onda irresistivel que se tornou por todo o paiz, dominando todos os espiritos, assoberbando a todas as consciencias de qualquer ordem, impondo-se já no terreno das soluções definitivas, radicaes, já não havia poder humano capaz de a conter. A idéa irrompia triumphante.

“Da pirataria ao redor do berço”, como em estylo lapidar estigmatizou o nobre Visconde de Inhomirim a escravidão dos nascituros, mancha que a lei aurea de 28 de Setembro primeiro apagou; da exploração da velhice sexagenaria, que a eloquencia inflammada de José Bonifacio, numa ficção magistral, evocou na figura do ancião escravo, hombros curvados ao peso de tres seculos de oppressão, e que a lei, em marcha progressiva, tambem remiu, num gesto inesquecivel de liberalismo; das medidas protectoras do escravo, cada dia recommendadas nos avisos e resoluções do executivo; de tudo quanto dentro da legalidade se inventou em prol da emancipação, a tudo excedeu, de tudo zombou a onda incontida da idéa vencedora.

O jangadeiro do Ceará, no extremo norte, bloqueia as costas da terra natal e decide, resolutamente, que dali não mais sahiria um homem escravo; e o Ceará, á inspiração de Satyro Dias, foi o primeiro a remir-se da mancha do escravismo.



No Sul, em S. Paulo, um homem genial, sahido d'entre os escravos, elle mesmo redimido como tantos outros, cujas cadeias quebrára a sua valente eloquencia tribunica, Luiz Gama, um Spartaco na alma de um Esopo, e depois d'elle Antonio Bento, audaz e destemido, abalam as ultimas resistencias nos arraiaes do escravismo. A fuga em massa, o exodo pacifico da escravaria que abandona os cafezaes, respeitando comtudo a propriedade e o senhorio, provoca o incendio geral dos espiritos, a cuja luz se impunha, sem demora, a libertação total, inevitavel.

Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, invencivel, incansavel nas travadas parlamentares; André Rebouças e José do Patrocínio, o invicto, a commandarem as phalanges populares; Antonio Ferreira Vianna, o ministro da Justiça, de cujo punho sahiu, num laconismo commovente, essa *Lei* que, a um tempo, é uma reparação e uma gloria; todos estes já tombados na morte, todos os que com elles combateram nesse dia memoravel e de que, para a posteridade, já não ha senão cinzas e a memoria veneranda, recebam daqui as homenagens do nosso respeito, da nossa gratidão e a segurança de como adherimos aos exemplos de civismo que nos legaram.

E agora, meus senhores, os sobreviventes, os que, vivos, são dos vivos esquecidos. A estes, meus senhores, não os olvidemos aqui, na hora da gratidão, que a justiça da Historia já os sagrou benemeritos:—João Alfredo Corrêa de Oliveira, inclito estadista, octogenario hoje, e D. Isabel de Bragança, a Serenissima Princeza, *Redemptora* na alma dos redimidos, ella, banida na terra estrangeira, por esse gesto abnegado que lhe custou uma corôa, ella, retirada no aconchego domestico, refugio derradeiro dos que bem serviram e não naufragaram na vida.

Sejam as minhas palavras, ao terminar, em homenagem a ambos, um appello inflammado á gratidão nacional e que nessa gratidão, como uma flamma carinhosa e bemfazeja, se aqueça ainda e por muitos annos a sua velhice benemerita.

THEODORO SAMPAIO.

## Sessão solenne commemorativa do dia 2 de Julho

**Discurso pronunciado pelo Dr. Manoel Carlos Devoto,  
Presidente da Liga de Educação Civica da Bahia**

*Minhas Senhoras; meus Senhores:*

A captivante gentileza do erudito 1º. Secretario do Instituto Geographico e Historico, utilissima Associação á qual os assignalados serviços por elle prestados se contam e numeram por quantos



dias transcorrem em sua existencia social, determinou se fizesse ouvir a palavra desauthorisada do presidente da Liga de Educação Civica, nesta festa em que se rememora o epilogo das lutas pela independencia.

Furtar-me a essa honrosissima incumbencia, fôra retribuir com inominavel descortesia tão fidalgo appello.

---

Não ides, Senhores que me escutaes, ouvir-me disreterear sobre o facto altamente memoravel, e eternamente esculpido nos annaes da nossa historia patria; não, por certo, que o tendes bem conhecido e religiosamente gravado no vosso cultivado espirito; e quando assim não fôra, vel-o-eis, em pouco, relembrado pelo verbo eloquente e ponderado do orador official, que vos prenderá a attenção alli, da eminencia daquella tribuna, onde tantos cultores amestrados da nossa historia e castigados manejadores do formoso e opulento idioma de Garrett, Herculano e Ruy teem espargido tanta luz, fazendo, ainda neste momento, vibrarem os echos deste salão, tão forte, profunda, intensa e duradoura, a impressão nelle deixada pela palavra inspirada, erudita, grandiloqua e fecunda dos que nella teem doutrinado.

---

Irmanadas no mesmo sentimento, norteadas para o mesmo escopo, as duas associações, que teem por lemma principal dos seus intuitos, a educação civica, hoje aqui se congregam, afim de comemorar o alto feito praticado a 2 de Julho de 1823, epilogo das lutas empenhadas pela Independencia, eternamente assignalado no gesto altivo e no grito de revolta do Principe Regente, contra o jugo da Metropole.

---

Educar, formar o character civico, eis a summula das nossas aspirações.

Quando impera, despudorada e audaz, a corrupção politica, —quando a sordida ganancia do vil metal é ou parece ser, o movel manifesto e patente de todas as acções;—quando o indifferentismo das classes dirigentes deixa passarem immemorados os altos feitos dos nossos abnegados antecessores;—quando a fé se vê suplantada pelo scepticismo e pela descrença;—quando, apavorados, perscrutamos o mysterioso dia de amanhã, receiosos pelo futuro da Patria querida, ameaçada na sua integridade, e quiçá na sua autonomia e independencia, qual presa cobiçada pelas tendencias imperialistas, apoiadas no flammifero tonitroar dos monstros de aço, ou na penetração lenta, mas crescente, dos milhões sterlinos, a titulo de repetidos emprestimos, contraídos a juros elevados e sob as garantias, ás vezes humilhantes, de tudo quanto constitue a



riqueza patria;—quando tudo isso se observa e nos traz preoccupados, temerosos e desalentados, é de louvar o esforço dos que, mantendo o culto do passado, e inspirados no amor da Patria, procuram alimentar e avivar a propaganda da educação civica.

Tal o intuito das duas associações promotoras dos festivaes que hoje se celebram. Ajudae-nos, Gentilissimas Senhoras; vinde em nosso auxilio, Illustres Cavalheiros; comnosco, educae, no lar, nas escolas, nos templos, onde a fé se avigora e fortalece, nos Gymnasios, nos Educandarios, nas Academias, nas Associações e nos Institutos Commerciaes, nas Officinas, onde o trabalho alenta e nobilita;—aqui, allí, acolá, nas Capitaes, nas Cidades, nas Villas, nas Aldeias, nos Arraiaes, em toda a parte onde pulsar um coração fremente no amor da Patria;—enfim, Senhores, *Urbi et Orbe*.

## CONFERENCIA

**lida no Instituto no dia 23 de Outubro de 1915  
pelo Dr. João Ferreira de Araujo Pinho, em  
commemoração do 1.º centenario do nasci-  
mento do Barão de Cotegipe**

Com o declinar da idade, vae a intelligencia se apoucando, a imaginação só encontra em sua paleta tintas descoradas, a memoria já não sabe do pequeno cabedal que lhe fôra confiado, e a palavra, tacteando na penumbra do crepusculo, não mais se ajusta á modalidade plastica da idéa e á escala flexivel dos sentimentos e emoções que, pela harmonia dos contrastes, fazem o rythmo do coração humano.

Essa preocupação natural bem me advertiu dos riscos a que eu me abalançaria, encaminhando os meus passos mal seguros para a eminencia desta tribuna do Instituto, consagrada á magnificencia do talento, illuminada por tantos especialistas provectoros, que lhe têm accrescentado os thesouros com exhaustivas monographias, e por oradores academicos, rouxinoes da palavra, encantando o ambiente com os gorgeios de suas palestras literarias.

Mas eu me rendi sem resistencia possivel á instancia captivante e tentadora do benemerito Sr. 1º. Secretario, a cujo esforço perseverante, porfioso, tenaz, o Instituto deve, em maxima parte, sua auspiciôsa restauração.

Muito applausivel é, de certo, o desvelo com que esta nobre e util Instituição se aprimóra no cultivo da literatura especial, a



que se vóta. A Geographia e a Historia integram-se, estudando o homem e os povos no espaço e no tempo, no meio em que vivem e no modo como vivem. Penetrando, como sciencias, nos vastos campos que o espirito humano, num labor continuo, fecunda e dilata, ellas elevam e dignificam o seu bemfazejo ministerio de instrucção e educação social.

O tempo, que a nossa veleidade se compraz em dividir e fraccionar, desdenha as differentes denominações com que o decoramos e preside mysterioso, na sua actualidade permanente, ás transformações cosmicas e á marcha rectilinea ou sinuosa, lenta ou célere, com que a corrente irresistivel da evolução social impulsa os povos e as nacionalidades pelo caminho do progresso e da perfectibilidade.

Nós, caminheiros de um dia, é que passamos pelo tempo; nós é que vivemos da realidade do presente, das esperanças e aspirações do futuro, das recordações e beneficios do passado.

O tempo é perpetuo na sua immobibilidade espectante.

A Historia desforra-se do tempo: resuscita, coordena e encadeia as éras e as épocas numa synthese admiravel; ministra, com o prestigio do passado, o ensino encyclopedico, suggerido por fecundos exemplos, lições, advertencias; sanêa e zêla os mananciaes, que abeberam a sêde insaciavel de saber. Discriminando as lendas mythicas, que são o encanto e a poesia dos povos primitivos, das tradições apuradas á luz da critica scientifica, analysa os homens e os acontecimentos na sua magestade épica, angustias tragicas, invenções sublimes, heroicidades estupendas, barbaridades execrandas, abnegações quasi divinas, no bello e no horrivel; em summa, apresenta o quadro complexo da vida universal com a sua luz e as suas sombras, constituindo-se pharol inextinguivel, cujas projecções luminosas claream os mais longinquos segredos do futuro.

Em estreita concordancia com essas leis invisiveis, mas evidentes na logica inviolavel com que regulam a ordem universal, quaesquer que sejam as contradições apparentes na vida cosmologica, ou social, ella segue, par a par, a evolução progressiva da humanidade em seus varios estadios, traça a linha ascencional e a descedente do circulo, em que gyram, num moto-contínuo, gerações e gerações, que se succedem com o dia e a noite de seus destinos.

Cultivando intimas relações com essa incomparavel mestra da vida, que professa a sciencia e a experiencia, accumuladas de muitos seculos, o Instituto destina-se particularmente a ser, não sómente a arca santa das tradições que urdem inextricavelmente a nossa estrutura social e politica, mas tambem um modesto Pan-



theon dos grandes homens, que culminaram, como pincaros, nas inconstancias da fortuna, nas glórias, na cultura e civilização de nossa patria.

Eu, portanto, não me sentia livre de prestar ao Instituto, ainda com sacrificio do assumpto, o obulo da minha palavra neste dia em que a familia, perlustrando com o terno desconsolo da saudade um longo e glorioso passado, naturalmente concentra os transportes do seu amor na adoração de uma memoria querida, cujo culto se expande á medida que os annos se distanciam;—neste dia, em que a Patria, cuja justiça ás vezes é serodia, conta o centenario natalicio de um seu filho mui prestante, que a honrou, que a exalçou, que a serviu abnegadamente num longo periodo de cincoenta annos.

Ainda os seus derradeiros combates de Hercules parlamentar, intrepidamente sustentados com sacrificio irreparavel de seus vellos dias, inspiraram-se na convicção profunda, que uma fé ardente inflammava, de que era a causa do Brasil que elle propugnava, forcejando por amparar a monarchia periclitante.

A seu vêr, o regimen imperial ainda não havia completado a sua missão historica; seria, portanto, calamitosa ao paiz a sua substituição pela fórmula republicana de governo, inadequada, por prematura, a um meio social e politico de cultura incipiente e não preparado.

As faculdades peregrinas do seu luminoso espirito, apuradas no cadinho de uma larga experiencia, que lhe conferiu o dom da prophesia, patenteáram-se em brados vehementes de alarma, avisando a imminencia da tempestade fragorosa. Mas esses brados, aos quaes o amor da patria infundiu a maxima energia, perderam-se num deserto soturno e mouco. Até os mais directamente ameaçados obstinaram-se em os não escutar.

Emfim... cumpriram-se os fados com a sua bôa e má fortuna.

Transcorreram já cinco lustros, após a subversão das antigas instituições, enraizadas na vida nacional, e a Republica presidencial proclamada continúa a debater-se num tirocinio laborioso de adaptação ao meio, que lhe não estava predisposto e ainda não assimilou. A evolução tem se arrastado lentamente e parece distanciada da sua fórmula definitiva.

O regimen parlamentar, em que a Nação foi educada e se formou, abria nobre concorrência aos talentos e ás idéas. Quem as tinha, apoiadas pela opinião publica, afinal havia de governar. Os partidos, na porfia pelo poder, tendiam a se organizar regularmente e creavam-se contrapêsos que se equilibravam e moderavam.

Pela fiscalisação assidua, energica e ás vezes apaixonada até



à violencia, continham, reprimiam os maus governos e impunham-lhes a substituição. Era o regimen dos competentes e o espantallo dos incapazes. As idéas amadurecidas na opinião dominavam. A efficiencia nacional fazia-se obedecida e respeitada. O rei reinava e com elle governavam os ministros responsaveis, revestidos de experiencia e meritos provados em rigoroso tirocinio. As exigencias da ordem combinavam-se com as aspirações do progresso, e a tradição com os aperfeiçoamentos opportunos.

No regimen actual, o cidadão escalado para a alta magistratura é tudo e presume-se encyclopedico no exercicio de attribuições quasi dictatoriaes. O aparelho funciona imperfeitamente, jogando entre todos os defeitos do parlamentarismo, sem nenhuma das suas incomparaveis vantagens, num paiz indifferente aos seus destinos e onde a urna elitoral é um symbolo de irrisão.

Illustrem essa dura realidade os fulgidos conceitos do Cons. RUY BARBOSA, principe dos publicistas nacionaes:

“Quando adoptamos dos Estados-Unidos esta forma de governo, e procuramos adaptar o seu delicado e complexo mecanismo aos nossos habitos, evidentemente a nossa cultura, sobretudo entre as gerações que vinham formar a Republica, era ainda imperfeita no conhecimento da organização politica e da jurisprudencia americana...

...“Não que os homens de 1889 entre nós não se achassem saturados do principio da liberdade. Não, Srs. Senadores. Devemos à Monarchia esse grande serviço—o de ter, desde sua enthronisação neste paiz, creado o regimen liberal e pela pratica, não mui fiel, mas em grande parte satisfactoria, desse regimen, educado gerações e gerações de homens de Estado que souberam amar, conhecer e praticar a liberdade constitucional. Não, portanto, que os nossos politicos, os politicos daquela geração não trouxessem internada em si a semente das liberdades constitucionaes, mas porque a transformação do regimen trouxéra consigo liberdades tamanhas que seria necessaria uma transformação completa nos nossos costumes politicos, para que se não puzessem entre nós uma confusão fatal e uma desordem ruinosa ás novas instituições aqui estabelecidas. Passavamos do governo parlamentar ao governo presidencial, do governo da tribuna ao governo das commissões parlamentares; passavamos de um governo de responsabilidade, de um governo de merecimento, de um governo de conquista das posições pela palavra, de um governo de responsabilidade parlamentar, a um governo dotado no seu chefe de prerogativas quasi dictatoriaes, a um governo que para ser actualmente praticado requeria a presença de lições que servissem de correctivo, de freio e de dique efficaz.



...“Nós passamos repentinamente de um terreno, onde todas essas garantias estavam consolidadas no mecanismo, na fórmula parlamentar com a presença dos ministros no seio das camaras, com a elegibilidade dos ministros, com os votos de confiança, com a dissolução da Camara; passamos de um regimen, onde todas essas garantias se achavam consolidadas deste modo, para um regimen onde nos encontramos destituídos completamente destas garantias e collocados na situação de um systema, que, em lhe faltando esse grande correctivo da justiça, não é mais do que a dissimulação da autocracia russa, derivada por um simulacro de formas parlamentares ”

No entanto, é já sobejo o tempo para que o noso regimen, que se tem abeirado da dictadura e da anarchia, se republicanise, realisando o sonho dos que confiavam achar na innovação o especifico para a hypocondria que os agitava, proveniente de uma longa paz, ininterruptamente desfructada no equilibrio estavel de todos os direitos, interesses collectivos e liberdades publicas.

Penosa é a apprehensão dos patriotas ao espectaculo de um futuro imprevisivel. A nação innegavelmente está padecendo uma crise seria, intensa, profunda, que lhe affecta o credito, o caracter, a estabilidade. As paixões e os interesses sobreexcitados, sem rumo certo, irrompem com catadura demagogica. Parece que o solo da patria collêa em ondulações vulcanicas, e nos chega o echo fragoroso de um desmoronamento. Nunca se impoz tão imperiosa a necessidade de organisarem-se centros patrioticos de cooperação energica e decidida em torno da nossa bandeira como symbolo de união nacional e da unidade politica, inestimavel legado dos estadistas da Monarchia. Os politicos dirigentes, compenetrados de suas graves responsabilidades, applicuem a efficiencia bemfazeja de sua acção conjuncta ao cumprimento desse dever inexoravel. O momento politico e institucional é muito serio.

A conveniencia primacial dos povos é a seguridade individual que fecunda e desenvolve a riqueza, é a paz que impulsiona a prosperidade e o progresso, firma o credito e a bôa fama. A substancia da vida social e politica das nações é a democracia sobre o largo pedestal do direito e da liberdade.

O Barão de Cotegipe annunciou em Maio de 88 que uma perturbação enorme convulsionaria o paiz por muitos annos e accrescentou: “Si eu me engano, lavrem na minha sepultura este epithio: o chamado no seculo Barão de Cotegipe, João Mauricio Wanderley, era um visionario.”

Foi um vidente o notavel estadista, a quem se rende hoje esta homenagem singela, mas edificante na sua expressão sincera e nobre. O Instituto nesse lance de civismo inspirou-se no



profundissimo conceito de Seneca—o Philosopho, o qual, ha dois mil annos, preleccionou:

“Resta muito que fazer e restará sempre. Os que vierem muitos mil seculos depois de nós ainda terão muito que accrescentar. E ainda quando os antigos tivessem achado tudo, é sempre coisa nova saber fazer uso e applicação daquillo que elles fizeram. Os que nos precederam fizeram muito, mas não concluíram tudo. Devemos todavia admiral-os e reverencial-os. Porque não guardariamos os retratos destes grandes homens e não honrariamos o dia do seu nascimento, afim de excitar á virtude? Quanto a mim, eu os reverencio extremamente e nunca oiço citar os nomes destas grandes personagens sem que eu me erga em honra dellas.”

Ha um seculo nasceu João Mauricio Wanderley, na antiga Provincia, hoje Estado da Bahia. Certifica-o o seu assento de baptismo:

“Ao 1º. de Novmebro de 1815, na Freguezia da Barra do Rio Grande, baptizou e poz os Santos Oleos, de licença minha, o Reverendo André Affonso de Oliveira a João, nascido aos 23 de Outubro do mesmo anno, filho legitimo do (1) Alferes João Mauricio Wanderley e D. Francisca Antonia Wanderley, moradores nesta Villa. Foram padrinhos Felisberto Caldeira Brant Pontes (2) e José Bento Antos Coelho de quem apresentou procuração o Capitão José Mariani, e o Capitão mór João Barretto de Sá Menezes; do que para constar mandei fazer este assento em que me assignei. —O Vigario, *Manoel Francisco de Paula Negrão*.”

Pouco depois de formado em Direito pela Faculdade de Olinda, em 1837, entrou Wanderley na vida publica, confirmando a brilhante reputação que adquiriu no seu curso academico. As qualidades privilegiadas de seu espirito lucido, de uma intuição e assimilação instantaneas, e de um caracer perseverante, energico, combativo, abriram-lhe a carreira trabalhosa, em que colheu muitos louros com proveito e gloria para o seu paiz. Maravilhoso talento natural, tudo nelle era espirito, agudeza, vivacidade e graça. Sua notavel capacidade politica deu-lhe cedo prestigio e autoridade de chefe. Produziu, diz Joaquim Nabuco, nos homens de sua epocha a impressão de ser o mais *intelligente* d'elles.

Ferreira de Araujo, famoso jornalista e seu inexoravel adversario, consagrou-lhe estes conceitos de justiça posthuma:

“O Barão de Cotegipe foi pelo talento, pela dedicação á

(1) Por carta patente imperial, confirmado em 1823 Capitão-mór das ordenanças da villa de Campo Largo.

(2) Marquez de Barbacena.



causa publica e pela inquebrantavel honestidade, um dos homens mais notaveis e de que mais legitimamente nos podemos orgulhar. Na historia dos nossos progressos realizados nem sempre se encontrará na fila dos aureolados pela victoria o nome do Barão de Cotegipe, mas de cada vez que se queira entrar na indagação das causas e no estudo dos effeitos ha de se encontrar os vestigios das garras poderosas d'esse homem, que sahiu muito da orbita commum e que apenas não teve occasião, ou por fatalidade das circumstancias, ou por falta de confiança nas proprias forças, de ser o que o seu talento lhe permittiria ser—um homem sem igual. Em nossa opinião as instituições juradas perderam com a morte do Barão de Cotegipe o seu principal esteio e não ha no scenário politico nenhum vulto que possa como elle pretender, sem ousadia, o papel arriscado de affiançador das instituições contra a corrente das aspirações adiantadas que visam evidentemente a transformação radical da nossa forma de Governo."

Sua afanosa carreira, de luctas, sacrificios e gloriosos serviços, entrelaçou-se á vida nacional pela accentuada ascendencia que elle exerceu no paiz durante um longo periodo de 50 annos, fulgurando nas mais culminantes posições com acção decisiva.

Sua vida de feições muito notaveis, que impressionaram até o estrangeiro, não pode ser resumida e condensada no quadro estreitissimo de uma conferencia. Aliás, é obra de grande tomo, que comporta volumes, o estudo complexo de Cotegipe magistrado, chefe politico, diplomata, orador parlamentar, administrador, chefe de policia e Presidente da Provincia da Bahia, Ministro de Estado diversas vezes, Presidente do Conselho de Ministros.

Importantissimos serviços prestou-os elle até o fim da vida; porque, lidador de excepcional envergadura, só se retirou da arena no dia em que, fulminado de morte repentina, cahio sobre o seu escudo invulneravel.

Diante de uma tarefa tão vasta e complexa, entendi sahir-me da difficultosa emergencia escrevendo uma pagina da agitada e brilhante vida do grande patriota, relativa a objecto mais accommodado á indole do Instituto, moldando o meu dizer no depoimento dos factos e na authenticidade dos documentos, do modo mais succinto possivel, para não abusar demasiado da longanimidade do auditorio e da precariedade de minhas forças.



O BARÃO DE COTEGIPE MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DO  
BRASIL NO RIO DA PRATA—TRATADOS DE PAZ COM O  
PARAGUAY

O Marechal Solano Lopez, dictador do Paraguay, nos provocou á guerra, capturando, em plena paz, o vapor "Marquez de Olinda", que conduzia a seu bordo o Presidente recém-nomeado para Matto Grosso e invadindo, á mão armada, aquella remota e indefensa Provincia do Imperio.

Semelhantemente, procedera com a Republica Argentina, mandando aprisionar por sua esquadilha dois vapores argentinos, que se achavam desaparecidos no porto de Corrientes, e pouco depois invadindo com exercito numeroso a propria cidade e a provincia desse nome.

Estes actos de inopinada hostilidade forçaram o Governo Argentino a sahir da neutralidade em que se achava acastellado.

O Brasil já contava com a alliança da Republica do Uruguay, garantida pelo seu Governador provisório, General Venancio Flores. Feridos em seus brios e interesses, uniram-se os tres Estados contra o inimigo commum, celebrando no dia 1º. de Maio de 1865 um tratado de alliança, com um protocollo complementar da mesma data. Para facilitar aos seus alliados os meios de conseguir os fins da alliança celebrada, teve o Governo Imperial de lhes emprestar, á Republica Argentina a quantia de dois milhões e á Republica do Uruguay a de oitocentos mil pesos fortes.

A nova phase em que entrou a guerra, depois que as nossas forças occuparam a cidade de Assumpção, em Janeiro de 69, e Lopez fugiu para as Cordilheiras, exigio ser estudada não só sob o aspecto militar, como relativamente á politica seguida até então pelos Alliados.

Nestas circumstancias resolveu o Governo Imperial enviar um dos ministros d'Estado ao theatro dos acontecimentos para observal-os em sua verdadeira luz, auxiliar o nosso General em Chefe no empenho de accelerar as novas operações militares e combinar com os Governos Alliados a acção politica mais conveniente. A escolha naturalmente recahiu no Cons. Paranhos (futuro Visconde do Rio Branco), ministro dos Negocios Estrangeiros do gabinete Itaborahy, o qual reunia ao perfeito conhecimento dos negocios da Alliança a experiencia de outras missões diplomaticas no Prata.

Cotegipe, que era ministro da Marinha, assumiu interinamente, durante a ausencia do seu illustre collega, a pasta dos Negocios Estrangeiros.

Chegado a Assumpção em Fevereiro de 1869, Rio Branco fez



sentir a necessidade indeclinavel da fundação de um Governo provisório que representasse a nacionalidade paraguaya e com quem podessem os Alliados se entender. Estes divergiram, preferindo ao estabelecimento de um Governo nacional no Paraguay a nomeação pelos proprios Alliados de autoridades que exercessem jurisdicção debaixo de suas vistas.

Graças, porém, á prudencia e aos esforços reiterados de Rio Branco, estabeleceu-se o Governo provisório, com o qual se procedeu a um accordo em 2 de Junho de 1869, mediante o qual esse Governo se constituiu alliado para concluir a guerra contra Lopez. Morto este no campo de batalha e finda de facto a guerra em 1º. de Março de 1870, manifestou Rio Branco sua opinião de que o Governo Provisorio escolhido pelo povo paraguayo estava reconhecido; e, obedecido em toda a Republica, exercia plena soberania interna e cextrna.

Era, portanto, competente, em face do Direito das Gentes, para tratar das condições definitivas da paz; e não só o interesse dos Alliados como o do proprio vencido pediam fossem ellas firmadas logo depois da victoria. Mas as observações em contrario allegadas pelo Governo Argentino revelaram disposições tão generosas para com a Republica do Paraguay, que os ajustes definitivos, posto que declarados urgentes, foram espaçados.

Firmou-se o accordo de 20 de Junho de 1870 em que o Governo provisório, ratificando o anterior, acceitava em substancia o Tratado de Alliança de 1º. de Maio de 1865, reservando-se para o Governo permanente as modificações deste mesmo Tratado que *possa propor o Governo Paraguay no interesse da Republica.*

Eleito o Governo permanente,urgia que fossem celebradas as negociações definitivas.

Realisaram-se em consequencia em Dezembro de 70 e Janeiro de 71. em Buenos Ayres, as conferencias que firmaram as bases para o tratado definitivo de paz. Duas questões importantissimas surdiram, que, não tendo podido ser resolvidas entre os Plenipotenciarios, ficaram adiadas para as negociações de Assumpção, quando se houvesse de tratar com o Governo do Paraguay. Foram ellas: 1º., o reconhecimento da clausula do protocollo annexo ao Tratado de 1º. de Maio de 1865 que inhibiu ao Paraguay levantar á margem do rio fortificações que obstassem a livre navegação; 2º., a fixação de limites do Chaco entre a Republica Argentina e o Paraguay. Esta é que foi a questão capital, originaria de todas as difficuldades creadas pelas vistas ambiciosas do Governo Argentino.

As questões principaes protelavam-se indefinidamente.



Rio Branco retirou-se para a Côrte, chamado para organizar o seu glorioso ministerio de 7 de Março de 71.

Jactavam-se os Argentinos de que o Ministro Brasileiro andara, mais de um anno, nas ante-salas da sua Chancellaria sem nada haver conseguido de definitivo e appellidavam Rio Branco de pastelleiro diplomatico.

A tactica argentina era proveitosa á Confederação, mas com certeza não era leal.

O Brazil só tinha o interesse da livre navegação do rio Paraguay para suas communicações com a remota Provincia de Matto Grosso. Seus limites foram reconhecidos e sempre respeitados pelos dois Lopez.

A Republica Argentina, porém, depois da guerra e por direito da victoria apossou-se do territorio das Missões entre os rios Uruguay e Paraná e de todo o territorio do Chaco, desde a embocadura do rio Paraguay até a Bahia Negra na Bolivia, incluída a Villa Occidental, proxima á Assumpção. Impossibilitado o Paraguay, exausto, de contestal-o pela força, o interesse argentino era evitar, á sombra da Alliança, a solução definitiva dessas complicações. Emquanto, porém, não fossem ellas resolvidas, nós eramos obrigados a estar presentes, continuando a occupação militar que nos esgotava o thesouro e os recursos, quando o unico interesse do Imperio era a integridade e independencia do Paraguay.

Era este o pé das coisas quando foi nomeado Cotegipe, por decreto de 9 de Agosto de 1871, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario em Missão Especial junto aos Presidentes das Republicas Oriental do Uruguay, Argentina e do Paraguay. O fim da importantissima missão era concluir as negociações que Rio Branco deixára pendentes em Janeiro. Estava reservada a Cotegipe a gloria de cortar o nó gordio da emmaranhada politica dos nossos ardilosos Alliados.

Elles doeram-se do pulso energico e vociferaram em pura perda.

A proposito escreveu-lhe o seu particular amigo Visconde do Bom Retiro, que então acompanhava o Imperador na sua excursão pela Europa, a seguinte carta:

“Paris—1º. de Janeiro de 1872.

“Meu caro Wanderley.—Tambem peço a Deus por V. de quem sou amigo sincero e pelo nosso Brazil—que a sua espinhosa missão seja coroada do exito o mais feliz, e o menos demorado. Apreciei muito a sua nomeação e ao mesmo tempo a nova prova de dedicação por V. dada acceitando a mesma missão. Conheço muito toda essa gente; já estive no meio della algum tempo;



fui muito bem tratado; porém, por mais que disfarçassem alguns dos principaes, dos melhores, entrevia eu sempre o que *in pectore* se passava de latente, mas profunda desconfiança.

"Tenho fé robusta, que V. com o seu *geito*, e intelligencia ha de vencer as difficuldades e voltar cheio de gloria. Si as não superar, uma consolação lhe restará, e é que ninguem então *actualmente* as poderia dominar.

"Tenho cartas de Montevidéo e de Buenos Ayres, recebidas ha dias, muito circumstanciadas, que mostrei a *Alguem*, e de pessoas competentes que pintam bem o estado das cousas por lá, e mostram a luta que V. tem de ter, e a paciencia de que será mister revestir-se para fazer alguma cousa. Falo, pois, um *pouco* informado."

#### MONTEVIDÉO

Licenciado pelo Senado, partiu do Rio no dia 2 de Setembro e só a 13 chegou em Montevidéo, tendo se demorado tres dias na capital da Provincia de Santa Catharina, detido pela urgencia de reparos no vapor que o conduzia. "Foi uma viagem da India e com grande risco de vida, escreve elle ao Visconde do Rio Branco. Que bello principio!"

A imprensa procurava penetrar a intenção do Governo Imperial a respeito dos negocios da Republica e conciliação dos partidos que nella se batiam em guerra civil. A casualidade do encontro de Cotegipe com o General Mitre no mesmo hotel, em que se hospedaram, foi considerada um symptoma.

"Havia uma certa anciedade em saber-se o que faremos, diz Cotegipe, não por temor de que se realise nossa mediação, mas pelo desejo de que ella não se demore. E' anhelos geral de nationaes e estrangeiros que este estado de coisas violento e indefinido tenha proximo termo."

Em execução de suas instrucções tratou numa conferencia que solicitára, das reclamações do Barão de Mauá e outros assumptos que lhe foram incumbidos.

Fez considerações ao Presidente Battle sobre a inconveniencia de empregar subditos brasileiros nas forças legaes da Republica, collocando-nos com esse procedimento em falsa posição, não somente compromettendo a segurança e tranquillidade da nossa fronteira, como a dos subditos brasileiros residentes n'aquelle Estado, envolvendo-os em luctas e odios a que deviam ser extranhos.

Battle procurou explicar-se, declarando que acceitára os serviços que lhe foram espontaneamente offerecidos pelo Briga-



deiro Fidelis e Tenente Ilha, mas os não autorisára a alliciar brasileiros.

Entretanto, observou Cotegipe, Fidelis proclamára, chamando os brasileiros ás armas e foi collocado no commando da fronteira, em contacto com as nossas autoridades. A sua influencia, se a tinha, só poderia se exercer sobre brasileiros, coagindo-os ao serviço da guerra civil no estrangeiro, e não constava que o Governo Oriental houvesse reprovado o acto do seu agente, sendo certo que a tendencia geral dos residentes brasileiros na Republica era para não se envolverem em suas dissensões politicas.

Impressionava Cotegipe a situação melindrosa em que encontrou a Republica em frente á guerra civil, que a dilacerava, com as provaveis consequencias que d'ahi resultariam.

A Missão de que fôra encarregado despertava desconfianças no animo do partido dominante e porventura no do proprio Governo. A imprensa que representava o partido Colorado fomentava essas desconfianças, que afinal se dissiparam em vista da linguagem franca de que usou o Barão. Os adherentes ao partido contrario (Blanco) e em geral o commercio parecia antes desejar que temerem qualquer intervenção do Imperio para assegurar a ordem e garantir os multiplos interesses, prejudicados com a continuação daquelle estado anarchico. Era sensível, principalmente entre os residentes estrangeiros, a modificação dos preconceitos que nutriam contra a politica brasileira. O proprio corpo diplomatico não se mostrava estranho a esse sentimento de justiça para comnosco.

Reconheciam todos que um paiz dotado de tantos elementos de prosperidade caminhava para seu anniquilamento. Era, portanto, geral o anhelos pela paz e conciliação; mas não se acertavam os meios conducentes a realisá-lo; porque, como é usual, ninguém se dispunha a fazer o minimo sacrificio de seus interesses e opiniões.

O Governo conseguirá vantagens importantes e successivas sobre os revoltosos, mas não podia rechaçá-los. Estes quasi dominavam a campanha, percorrendo-a em todas as direcções, e a entrada da primavera lhes proporcionava maior mobilidade. Não era, pois, de presumir que a guerra civil terminasse antes que se concluisse o periodo legal do Presidente, já tendo expirado o da legislatura que, a seu alvedrio, prorogára os seus poderes.

Era grave a situação da Republica do Uruguay em relação a si mesma e ás outras nações.

Sobre esse estado anormal Cotegipe fazia ponderações ao Governo Imperial no intuito de prevenil-o para qualquer eventualidade e imprevisto que podesse surgir.



Herrera y Obes, Ministro dos Negocios Exteriores, a quem Cotegeipe manifestára a imminencia do perigo, deu-lhe a entender que a mediação mesmo pessoal do Presidente da Republica Argentina seria acceita, e igualmente a do Brasil. Cotegeipe affiançou-lhe que o seu Governo não hesitaria em prestar seus bons officios para a pacificação da Republica, se lhe fossem solicitados com probabilidade de bom exito; mas seria mais honroso ao povo oriental que a si proprio devesse o restabelecimento da paz.

Desgraçadamente os dissidentes não confiavam nas promessas do Governo, contentando-se com a garantia moral do Brasil; mas era problematico podesse esta effectuar-se sem se transformar em garantia material.

O Ministro dos Estados Unidos da America do Norte, em visita a Côtégeipe, inquiria a sua opinião sobre o meio mais conveniente de restabelecer a paz, parecendo-lhe que aos Estados do Brasil e da Republica Argentina, como mais interessados, cumpria achal-o e empregal-o. Respondeu-lhe Cotegeipe que os brasileiros luctavam com preconceitos antigos, a que não foram extranhos os diplomatas d'outros tempos e que a nossa acção diplomatica poderia substituir-se pela acção material, a qual somente empregariamos em defesa dos interesses essenciaes do Imperio. O Ministro, a quem pediu que suggerisse o meio mais conveniente a empregar-se, lembrou o chamar o povo a deliberar. Fazendo-lhe ver a impossibilidade de tal expediente, insinuou-lhe Cotegeipe que a elle, Minisro, na qualidade de representante de uma Republica poderosa e desinteressada, é que competia fazer uma tentativa a que o seu Governo se associaria.

Para mais aggravar esse estado anomalo e perigoso, a crise financeira reduzira o Governo da Republica á necessidade de recorrer ao papel moeda, dando-lhe por garantia um esprestimo futuro, já de ante-mão consumido em soldos e fornecimentos. Cotegeipe expõe essa afflictiva situação ao Governo Imperial, para que reflecta sobre a linha de proceder que lhe conviria adoptar, caso se realisassem as consequencias que temia, e expende francamente a sua opinião: "de predispoem-se forças na fronteira, prepararem-se alguns vasos de guerra," declarando francamente o motivo e o fim por que se o fez. Talvez que só o temor de uma intervenção traga a pacificação. E quando succeda que a Republica fique sem autoridade legal que a governe, empregar essa força, como as circumstancias melhor o indicarem. A prevenção é de boa politica, não durmamos sobre o vulcão.

"O imprevisto tem muita parte em todas as questões d'esta Republica. Pode ser que tudo isto se resolva pelo imprevisto e de modo satisfactorio; todavia não será prudente confiar no acaso."



Depois da audiencia de sua apresentação ao Presidente da Republica, recahindo a conversa sobre a situação do Paraguay, o Sr. Herrera y Obes, Ministro das Relações Exteriores e recém-chegado de Buenos Ayres, disse que Sarmento, Presidente da Argentina, mostrava-se vivamente preocupado com o estado do Paraguay, onde não existiam elementos alguns de nacionalidade, nem população, nem homens de governo, nem recursos financeiros. Ao que Cotegipe respondeu com animação que a lealdade e a boa politica nos impunham o dever de sustentar não só aquella como as outras nacionalidades, pequenas ou não, cuja existencia influísse nos interesses essenciaes do Imperio, e que não consentiríamos na absorpção de nenhuma dellas; era esta a politica do Brazil.

Tão franca declaração impressionou agradavelmente aos Srs. Battle e Herrera y Obes. E como este, em conferencia subsequente, alludisse com muita satisfação ás palavras de Cotegipe referentes á sustentação da independencia dos Estados vizinhos, e se mostrasse desejoso de caminhar de accordo com o Governo Imperial, insinuou-lhe Cotegipe a conveniencia de serem dadas amplas instrucções ao Ministro Oriental quanto ás negociações com o Paraguay, na previsão de não poderem os Alliados manter a união de vistas que até então haviam mantido.

Justificava este receio com a mudança effectuada na politica do Governo Argentino depois da retirada de Varella. Herrera achou procedente o seu receio, attentas as disposições *pouco amigaveis* de Tejedor para com o Brasil e deu-lhe promessas no sentido indicado.

Em carta particular de 23 de Setembro, diz Cotegipe ao Con. Corrêa, Ministro de Extrangeiros:

"Tenho encontrado embaraços mui serios e premeditados.

Tenho, porém, procurado por-me de accordo com o Governo Oriental e não me faltam promessas lisonjeiras. Ainda não sei quem seja o Plenipotenciario Argentino. A não publicação official da escolha dá-me que pensar. Eu não estou disposto a tolerar procedimentos que firam nossa dignidade. Do character do Sr. Tejedor, Ministro das Relações Exteriores, tenho desfavoraveis informações. Em todo caso eu não me tenho em conta de medroso."

Na mesma data, em carta particular ao Visconde do Rio Branco, Presidente do Conselho de Ministros:

"Parto hoje para Buenos Ayres. Já estava gostando desta terra, onde encontrei uma colonia de brasileiros que me receberam como irmão. Moralmente, nada temos que invejar a esse povo. Eu quizeria que os nossos republicanos viessem gosar um pouco das liberdades republicanas. Estou aqui ha doze dias e, além de



dois assassinatos, contam-se quatro execuções judiciais e sete *extra-judiciais!*”

\* \* \*

As colónias hispano-americanas que formavam o antigo vice-reinado de Buenos-Ayres, inspiradas no exemplo dos Estados Unidos do Norte e descontentes com o Governo da metropole, aproveitaram a occasião, em que a Hespanha luctava com a invasão franceza no principio do seculo passado, para conquistarem sua independencia.

Constituidas em Republicas, a do Paraguay transformou-se logo em ferrenha dictadura, que se manteve de Francia a Lopez. As outras, Chile, Argentina, Uruguay, cahiram em anarchia. As instituições que adoptaram não se ajustavam aos seus costumes, tendencias e infima cultura. A caudilhagem de espada se dividia em vencedores, que escalavam o poder, e conspiradores que os desalojavam. Era a guerra civil permanente, nutrindo-se de odios insaciaveis e ambições sem nobreza.

As guerras santas da independencia trouxeram-lhes as guerras civis e estas a anarchia e o desperdicio de um longo periodo que os Estados Unidos e o Brasil utilmente aproveitam á sombra da paz.

Era tal a situação daquellas Republicas que Tocqueville, o famoso apostolo da democracia, deixou cahirem-lhe, a proposito, do bico da penna essas palavras candentes: “Quando penso na alternativa de miseria e de crime em que vivem aquelles paizes, sou forçado a admittir que para elles o despotismo seria um beneficio.”

Alguns proceres argentinos, duvidosos de implantar-se ali um governo estavel e ambiciosos de engrandecimento, tinham a idéa assentada de restabelecer o antigo Vice-Reinado do Prata, com a absorpção do Paraguay e do Uruguay.

Elisalde disse francamente a Thornton, Ministro da Inglaterra, e álguns politicos brasileiros que tinha a esperança de ver, em seus dias, reunido em um feixe um antigo Vice-reinado.

A politica imperial, ao revez, consistia em assegurar e defender a independencia daquelles dois Estados, evitando a realisação de um plano, que na sua persistencia atravez as guerras e revoluções revelava a aspiração tenaz da Republica Argentina de conseguir a hegemonia politica na America do Sul.

Rosas recusou sempre reconhecer a independencia do Paraguay; nós acudimos o Paraguay com auxilios. Oribe invadiu o Estado Oriental; nós impedimos que a praça de Montividéo se rendesse ás forças inimigas.

Destes factos originou-se a guerra gloriosa que movemos



contra Rosas, conseguindo exterminar sua abominavel tyrannia.

O Paraguay, exaustado depois da guerra, tornou-se presa facil e cubizada pelos argentinos. As nossas forças ali conservadas mantiveram-lhe a independencia e o fortaleceram para o bom exito das negociações diplomaticas.

A Republica Argentina pretendia por limites com o Paraguay a margem direita do rio até a Bahia Negra, na Bolivia, comprehendendo todo o Chaco com a ilha de Cerrito, que pela sua posição topographica era a chave do rio, e a Villa Occidental, á pequena distancia de Assumpção.

Oppunha-se ao cumprimento da clausula do Tratado que prohibia ao Paraguay levantar fortificações á margem do rio, porque importava indirectamente prohibição de armar-se a ilha de Martim Garcia.

Foi a politica imperial constante e invariavel manter a independencia e integridade do Uruguay e do Paraguay. "E, porque?" exclama Cotegipe no Senado. "Será uma especie de cavalheirismo, de domquixotismo politico, sustentarmos este principio? Não, Senhores. E' a execução de Tratados, é o nosso interesse nacional immediato: aquelles Estados são dois para-choques; impedem o dos dois outros paizes."

O plano preconcebido e pertinazmente acariciado explica a politica de furta-passo, sinuosidades e contemporisações, empregada pela Republica Argentina quanto á solução das questões de maxima importancia, de alcance decisivo, e influindo com uma intervenção mais ou menos dissimulada nas agitações que convulsionavam as suas vizinhas, á espreita do momento opportuno para dar o bote calculado.

O interesse do Brasil em relação ao Uruguay era ter segurança e paz na fronteira, não se envolvendo nos negocios internos da Republica senão quanto bastasse para pacifical-a, garantindo a estabilidade do seu Governo contra as facções que a dilaceravam com as suas continuas agitações. Do Paraguay só pretendia a liberdade de navegação do rio para suas communicações com a remota Provincia de Matto Grosso.

#### BUENOS-AYRES

A bordo do transporte de guerra "Rosario", posto á sua disposição para desempenho da Missão Especial, partiu Cotegipe de Montevideo no dia 23, tendo-se provido de mobilia e tudo mais indispensavel, como se tivesse de fixar morada em Assumpção.

Em Buenos Ayres no dia 24, logo visitou a Tejedor, que lhe communicou a nomeação de Quintana, presidente do Senado, para Plenipotenciario incumbido de tratar os ajustes definitivos de paz



com o Paraguay, não a tendo acceitado Mitre, e manifestou esperança de que seriam promptamente concluidos. Observou-lhe Cotegipe que se os Alliados se apresentassem unidos, a negociação se tornaria facil, mas que a politica do Governo Argentino havia despertado esperanças, talvez exageradas, no animo do Governo Paraguay e não seria de surpreender que por isso encontrassem obstaculos. Havendo, como havia, desaccordo entre o Presidente e o Congresso Paraguayos, ou o Paraguay não acceitaria as condições de paz ou se dissolveria o Governo, ficando assim os Alliados numa posição singular.

Replicou Tejedor que o desaccôrdo alludido era motivo para que as duas fracções quizessem ser, cada qual, mais agradável aos Alliados; e, na hypothese de recusa das condições de paz propostas, o Governo Argentino occuparia o territorio que lhe *pertencia* e o defenderia. Mostrou-lhe uma carta do General Vedia, comunicando-lhe a candidatura de Barreiro a Vice-Presidente da Republica do Paraguay, com o plano de que, realisada esta, o Congresso demittiria Rivarola, o que não seria impossivel, em vista do que o mesmo Congresso praticára com o Ministro da Fazenda, Gill. Accrescentou que o Governo Argentino mudára de pensamento, considerando que a paz devêra ter sido assignada com o Governo Provisorio, como nós propuzéramos, e que o accôrdo de não sujeitar os Tratados á approvação do Congresso Paraguay era uma consequencia desse pensamento.

Cotegipe assegurou suas boas disposições para facilitar ao nosso Alliado a sua tarefa, mesmo com sacrificio nosso, e convidou-o a meditar sobre as concessões, que espontaneamente quizesse fazer ao Paraguay, tornando bem sensivel que o Tratado de Alliança seria o seu ponto de partida, sem mencionar o Protocollo annexo.

Era evidente que a mutação da politica do Governo Argentino tinha por fim tirar do Tratado todas as consequencias.

Esperou Cotegipe que o Senado approvasse a nomeação de Quintana.

Era obscuro ainda o pensamento do nosso Alliado, que não correspondia á lhaneza do nosso procedimento. Reservou-se Cotegipe, para, em conferencia posterior, tiral-o da reserva em que se resguardára, afim de chegarem a resultados praticos.

A "Nacion", órgão do partido de Mitre, recebe-o com encomios e desconfianças:

"Acha-se entre nós o Barão de Cotegipe, nomeado pelo Governo do Brazil em missão extraordinaria para entender nos



arranjos de paz com o Paraguay, em combinação com os Plenipotenciarios da Republica Argentina e do Uruguay.

O Barão de Cotegipe, uma das mais distinctas personagens do Brazil por sua intelligencia, character e elevação de vistas, gosa entre seus compatriotas de uma reputação de superioridade intellectual e politica, que o precedeu em sua missão ao Rio da Prata.

O Rio da Prata é o campo de acção e a pedra de toque dos politicos brasileiros. Nelle firmam a sua reputação ou a compromettem, podendo dizer-se que não receberão o sello definitivo que os consagra até terem passado por esta grande prova.

Desejamos ao Sr. Cotegipe felicidades em sua missão e agradavel permanencia entre nós."

\* \* \*

Visitaram-n'o varios individuos dos mais influentes do partido *blanco*, que ali se achavam emigrados. Manifestaram-lhe a impossibilidade da paz no Estado Oriental, sem a mediação do Brasil, e que era inevitavel a anarchia geral, findo o periodo legal da Presidencia; sendo, então, forçado o Imperio a defender as fronteiras e proteger os brasileiros.

Repetiu-lhes Cotegipe o que havia declarado em Montevidéo a *blancos e colorados*: O Governo Brasileiro desejava que a conciliação se fizesse por acto exclusivo dos orientaes; só empregaria seus bons officios se lhes fossem solicitados, e se conservaria attento á marcha dos acontecimentos.

Notou Cotegipe que Nyna Reis, considerado entre elles a melhor cabeça do partido *blanco*, mostrava-se reservado e ás vezes, de industria, algum tanto obscuro. Interpellado directamente sobre a situação da Republica e qual o seu parecer quanto aos meios de conjurar os perigos que a ameaçavam, respondeu que nada esperava do projecto de reconciliarem-se os partidos;—que a guerra civil se prolongaria até a extincção dos poderes legaes do Presidente e nesse meio tempo esperavam adquirir vantagens militares, que obrigariam os visinhos a tomal-os em consideração e a intervir para o restabelecimento da ordem;—que se manteriam firmes até que o Brasil concluísse os ajustes de paz com o Paraguay.

\* \* \*

No dia 30 de Setembro procurou a Tejedor com o fim de indagar o dia da partida de Quintana e esclarecer-se a respeito das vistas do Governo Argentino em relação aos ajustes que se tinham de celebrar com o Paraguay. Neste intento, perguntou-lhe se já reflectira sobre o assumpto exposto na sua anterior entrevista e pediu-lhe toda a franqueza, attenta a conveniencia de que os Alliados não se apresentassem divergentes ante o Governo



Paraguay, quanto ao modo de execução do Tratado de 1º. de Maio. Fez sentir a reserva que notava, aliás inexplicavel, porquanto o interesse brasileiro no Paraguay cifrava-se unicamente em manter a independencia daquella Republica.

Seria incomprehensivel que pretendessemos ali exercer influencia, quando a que resultava da vizinhança e das relações commerciaes era indisputavelmente da Republica Argentina. A Provincia de Matto Grosso tinha no Rio da Prata, de preferencia ao Rio de Janeiro, o seu mercado, sem que com isso nos preoccupassemos. Para aquella Provincia só pretendiamos a livre navegação.

Replicou Tejedor que não usara de reservas e menos nas conferencias com o Visconde do Rio Branco, como provavam os documentos officiaes nos quaes estava tudo quanto podia dar a perceber divergencias entre os Alliados.

Quanto ao modo de execução do Tratado de 1º. de Maio, já havia declarado *cingir-se ao Tratado*.

Respondeu-lhe Cotegipe que assim era, mas suppunha não ser este o seu *ultimatum*, attendendo ás promessas feitas ao Paraguay e á especie de compromisso contrahido pelos Alliados no Accordo Preliminar de paz.

Sem indicar ponto algum sobre limites, procurou demonstrar a conveniencia de que a Republica Argentina não occupasse territorios, para ella inuteis e de mui difficil defesa, sendo-lhe preferivel, politicamente fallando, limitar-se pelo rio Paraguay com a Republica deste nome a fazel-o com esta, Bolivia e Brasil. Os Alliados resalvaram os direitos da Bolivia, porque, pois, não deixar a esta dirimir suas questões com o Paraguay? Era digna de reparo a difficuldade de que o Brasil garantisse, em virtude do Tratado, territorios que a propria Argentina reconhecia litigiosos. Tejedor nada objectou, parecendo não repellir as idéas suscitadas.

Insistindo na conveniencia de porem-se de accordo os Plenipotenciarios no mesmo pensamento e fixarem os pontos, além dos quaes não iriam, deu Cotegipe á conversação um torneio mais franco e amigavel, declarando que, uma vez assentados esses pontos, poderiam ser incluídos no instrumento geral de paz nossos respectivos limites, escusando assim uma nova convenção de garantia. Embora o Tratado de Alliança se referisse a tratados separados e os Protocollos ultimos assim estabelecessem, não havia razão que contrariasse o methodo lembrado, desde que se desse accordo.

Limitou-se Tejedor a responder que essa fôra a sua opinião, mas della cedera a instancias do Visconde do Rio Branco.

Mostrando desejo de saber o que pensava da neutralidade do



Paraguay, objecto a que o mesmo Visconde déra summa importancia, respondeu-lhe Cotegipe que compartia as idéas de Rio Branco, considerando ser aquelle o meio de manter-se a independencia do Paraguay, incapaz de defendel-a por si só, e, além disso, de justificar a prohibição de poder elle levantar fortificações á margem do rio. Tejedor concordou com a primeira parte e emmudeceu quanto á segunda.

Quintana, com quem se avistára no dia 2 de Outubro, declarou-lhe só poder partir depois do dia 16; tinha muitos negocios a seu cargo, na qualidade de advogado. Approvou as idéas anteriormente enunciadas a Tejedor sobre a conveniencia de previo accordo. Prevalecendo-se do tom amigavel da conversação, perguntou-lhe Cotegipe o que pensava da resolução tomada que eximia os Tratados da approvação do Congresso Paraguayo. Respondeu que, retribuindo a franqueza, não sabia como justificar semelhante clausula e *fôra condição de sua acceitação não se persistir nella.*

\* \* \*

Em carta particular ao Visconde do Rio Branco, Presidente do Conselho de Ministros, datada de 10 de Outubro, felicita-o Cotegipe pela passagem da lei sobre o elemento servil:

"O aroma das flores e do incenso não deixou a V. Exa. tempo para escrever-me duas linhas. Desculpo-o.

"Foi uma grande victoria e uma grande honra para V. Exa. Aceite um abraço que de coração lhe transmitto.

"Os jornaes daqui foram unanimes nos seus louvores e o *Standart* denominou-o *libertador*. Adquire V. Exa. uma força moral immensa que não deve perder para bem da nossa patria. De longe o nosso patriotismo parece augmentar-se: eu sinto aqui maior prazer do que se me achasse no Brasil."

E, referindo-se a Tejedor e Quintana, accrescenta: "No Paraguay hão de achar o caso mais difficil do que pensam. Não perco a esperança de que se contentem com a linha do Pilcomayo. Se o contrario praticarem e o Paraguay reluctar, não sei como se evitará uma negociação separada. Meus esforços serão para irmos ao fim, como pricipiamos, de accordo—ainda com sacrificio nosso; mas para isto é mister que não queiram o que não é justo e muito menos que garantamos injustiças.

Tenho sido bem recebido geralmente e com especialidade pela colonia brasileira. Os jornaes já não se occupam commigo, depois que me retrataram como um Metternich. Louvado seja Deus."

\* \* \*

A proposito da lei de 28 de Setembro, o Sr. Alsina inseriu



no seu discurso de encerramento do Congresso Argentino o seguinte trecho:

“Um paiz amigo e americano acaba de praticar um facto de grande transcendencia social, pelo que creio dever felicitar ao Congresso. Refiro-me á proclamação da liberdade do ventre feita pelos Poderes Publicos do Imperio do Brasil. Este successo deve causar-nos uma impressão agradável, vendo nelle não só uma conquista do direito, senão este exemplo eloquente: que quando os governos de um paiz têm vontade decidida, têm fé para levar a cabo uma reforma importante em nome dos principios consagrados pela razão universal, as preocupações cedem e os interesses particulares são vencidos.”

Cotegipe passou ao Ministro das Relações Exteriores da Republica a seguinte nota, com data de 14 de Outubro:

“Senhor Ministro:

Foi para mim tão grata a impressão que recebi do discurso pronunciado, por ocasião do encerramento do Congresso Nacional, por S. Ex. o Sr. Vice-Presidente da Republica no exercicio do poder, que julgo do meu dever manifestal-a a V. Ex.

Comquanto não ficasse, nem poderia ficar, indifferente ás considerações de ordem tão elevada, em que entrou S. Exa., o Sr. Dr. Alsina, experimentei mais viva e mais intima satisfação, ouvindo suas palavras, quando fez menção da lei pela qual o Poder Legislativo do Brasil acaba de estabelecer disposições sobre a manumissão dos escravos no Imperio, melhorando sua condição actual e chamando as gerações futuras, desde ao nascimento, ao gozo da liberdade. Penhorou-me, tanto quanto lisongeou-me, a expressão dos sentimentos de sympathia com que S. Exa. o Sr. Vice-Presidente fez sobresahir a firmeza e perseverança dos Poderes Publicos do Imperio no seu empenho de realizar tão grandiosa idéa. E o conhecimento que tenho dos sentimentos do Governo de S. M. o Imperador dá-me tão segura confiança de que sou d'elle fiel interprete, que não hesito em pedir a S. Exa. que, em seu nome, offereça cordiaes agradecimentos a S. Exa., o Sr. Dr. Alsina.

Aproveito a oportunidade, etc.—*Barão de Cotegipe.*

A S. Exa. o Sr. D. Carlos Tejedor.”

\* \* \*

A nomeação de Ministro Plenipotenciario da Republica Argentina recahiu em Quintana, que sempre se mostrou nosso adversario em todas as coisas do Imperio.

Illustrado, politico pertinaz, orador de palavra facil, incisiva e apaixonada, dominado de franca antipathia contra o Brasil e contra a Aliança, sua nomeação causou surpresa aos moderados



e jubilo aos exaltados. Por isso mesmo revelou-se mais admiravel a habilidade de Cotegipe na missão delicadissima que lhe fôra confiada e foi a *pedra de toque* do seu valor.

Fixaram-se nos negocios do Rio da Prata, cuja solução parecia interminavel e ameaçadora de serias complicações, as vistas do Brasil. Era geral e intensa a preocupação do espirito publico.

Em carta particular de 14 de Outubro, escreve Cotegipe a Rio Branco:

"Faço-lhe esta em despedida. Parto amanhã e commigo vai o Sr. Rodriguez. Quintana sahirá dois ou tres dias depois.

Apesar de todas as reservas deste Governo, eu espero que tudo se arranjará em bem e que até precisarão de nós para lhes aplainarmos difficuldades.

Rodriguez disse-me que Quintana pretendia tratar primeiro dos limites, no que me parece haver equivoco. Simultaneamente bem, porém tem o que se lhe diga, pois não podemos ficar dependentes de uma questão que por sua natureza e pelos Tratados é posterior.

Se recusar assignar o Protocollo comnosco sem o de limites e eu vir que é demorado conseguir o accordo paraguay, estou disposto a assignal-o eu, só ou com o ministro Oriental, salvo se as as condições forem tão justas que nós devamos tambem pensar sobre a resolução do Governo Paraguay.

Lá iremos a Deus e á ventura."

#### ASSUMPÇÃO

Chegou a Assumpção em 26 de Outubro. O Presidente Rivarella tinha resolvido o conflicto com o Congresso, dissolvendo-o e convocando outro.

Escreve Cotegipe a Rio Branco:—"Fui no dia seguinte ao de minha chegada visitar o Presidente. Achei-o de cama com o esforço do *golpe de Estado*. O que se passou na conversa digo-o oficialmente. O que porém só digo a V. Exa. é que esse acto em que não tivemos parte, nem directa nem indirectamente, muito facilitará o nosso trabalho, si Rivarolla tiver um pouco de tino.

"Acreditando que o nosso Alliado não obterá do Paraguay o que pretende, peço instrucções que não sei si chegarão a tempo. Aqui digo a V. Exa. que se se der a hypothese que eu figuro, e não me chegarem as instrucções positivas, não hesitarei em concluir por nossa parte. Carregarei com a responsabilidade e *procurem-me no Engenho*."

Quintana mostrava-se impressionado pela nova situação em que encontrou a Republica, e como que arrependido de ter apres-



sado sua audiencia de apresentação, principalmente depois que recebeu cartas e jornaes de Buenos Ayres, pronunciando-se com vehemencia contra o *golpe de Estado* de Rivarolla, que aliás não foi senão antecipação do que lhe preparavam. Seria demittido e nomeado outro Presidente, com quem contavam os argentinos.

“Houve mutação de scenario sem que para ella contribuissemos, escreve Cotegipe. O apoio do Congresso, do qual se faria arma, falhou, e hoje não ha como recuar do que foi accordado entre os Alliados.”

A falsa posição em que ficou o Ministro Argentino explicava a sua idéa de não tratar com o Presidente enquanto este não voltasse á legalidade.

Estava Cotegipe ha 23 dias em Assumpção e ainda não tinham começado as negociações. Quintana allegava não ter recebido as instrucções que esperava de Buenos Ayres e desejava um novo adiamento.

O Ministro Oriental, Rodriguez, fugindo a compromettimentos, allegava molestia para se retirar, declarando que o seu Governo prestaria adhesão ao que fosse pactuado sobre as bases assentadas entre os representantes das Potencias Alliadas, não duvidando trasladar-se a Assumpção, quando concluido o Tratado, para prestar-lhe a sua assignatura.

Um movimento sedicioso, occorrido em fins de Novembro, parecia favorecido pelos argentinos. Alguns dos conspiradores sahiram da Villa Occidental ou de lá dirigiram a conspiração, não occultando que uma solução, que os incorporasse á Republica Argentina, nada teria de inconveniente. Era de presumir que a demora premeditada das negociações assentava na esperança de que a scena se transformasse.

A Villa Occidental, visinha de Assumpção, era o ponto de apoio do nosso Alliado para suscitar e manter divisões, defraudar as rendas do Paraguay, reduzindo-o á contingencia de acceitar como favor a sua incorporação ao antigo Vice-Reinado. As circumstancias se offereciam favoraveis á realisação desse sonho dos politicos argentinos:—a Republica do Paraguay sem elementos de resistencia;—a do Uruguay enfraquecida pela guerra civil;—a Bolivia fraca, e allegando os argentinos direitos seus incontestaveis a duas de suas provincias. O appetite annexador do nosso Alliado estava sobreexcitado e o seu orgulho era excessivo. “Eu respondo, diz Cotegipe, áquelles que affirmam que Mitre e seu partido pensam diversamente, que são *nuances*. Uns querem ver se conseguem por geito o que outros pretendem pela força. Estas tendencias explicam os embaraços que temos sempre encontrado para regular os negocios do Paraguay e os que estou



experimentando. Espero a cada momento achar-me só no campo e nessa previsão busquei a opinião do Ministro Oriental em forma de um conselho que lhe pedi, declarando-me elle que eu estava no meu direito celebrando os tratados com o Paraguay, se o Ministro Argentino se retirasse; e podia contar com a acquiescencia do Governo Oriental."

A nomeação de Cotegipe, de principios de Agosto, foi sem demora communicada ao Governo Argentino, para que, em chegando a Buenos Ayres, encontrasse elle o Plenipotenciario com quem devia celebrar as negociações em Assumpção. Cotegipe, entretanto, teve de esperar naquella cidade mais de vinte dias para que Quintana se dispuzesse a partir. Reunidos em Assumpção os tres representantes da Alliança, depois da audiencia de sua apresentação official, tiveram a primeira conferencia no dia 3 de Novembro e procederam á revisão dos artigos do Accordo Preliminar, de Janeiro, em Buenos Ayres.

Mas surgiu logo uma grande difficuldade. A clausula do protocollo annexo ao Tratado de 1º. de Maio, relativo á prohibição de fortificações devia ser inserida no Tratado commum de paz, porque era obrigação commum da Alliança. O Plenipotenciario Argentino oppoz-se tenazmente a isso. Era o caso de considerar-se róta a Alliança. O Plenipotenciario Brasileiro não o fez; entendeu opportuno adiar a difficuldade, accitando, como o Plenipotenciario Argentino, a suggestão conciliadora do seu collega Oriental para que ficasse a questão reservada para ulterior deliberação, depois de encetada a negociação com o Governo do Paraguay.

O Argentino declarou que precisava de instrucções de seu Governo, quando o Paraguay nomeou os seus Plenipotenciarios para tratar com os Alliados, protelando assim as negociações, até que surprehendeu os seus collegas com uma questão previa, na conferencia de 30 de Novembro, por elle pedida, declarando "*casus fæderis*" o reconhecimento e convenção dos limites estabelecidos no Tratado de Alliança. Respondeu-lhe Cotegipe que a questão era prematura, devia ser adiada para depois de ouvido o Paraguay, que pelas estipulações acceitas tinha o direito de apresentar modificações ás propostas dos Alliados.

Obstinou-se Quintana em não encetar negociações, antes que aquella questão fosse resolvida. O protocollo de 30 de Novembro esclareceu lucidamente o assumpto.

O Plenipotenciario Oriental observou que o Governo Paraguay accetára o Tratado de Alliança sem prejuizo das modificações que aconselhassem a conveniencia e a generosidade dos Alliados, precisamente quanto aos limites da Republica Argentina, —por conseguinte essa faculdade das concessões não abrangia os



Alliados, que não representavam direitos proprios no caso. O Plenipotenciario Brasileiro declara a questão prematura. Os ajustes sobre limites e a clausula relativa a fortificações ficariam reservados para ser objecto de ulterior deliberação, entre os Alliados, caso se reconhecesse ser impossivel um ajuste amigavel sobre estes pontos, ou qualquer delles, com o Governo do Paraguay, o que não tinha ainda sido verificado. Entrando em largas e lucidas considerações, expostas no Protocollo de 30 de Novembro, conclue:

“sustentar pela força collectiva da Alliança direitos que se promette discutir e attender, se forem fundados; —sustental-os ainda por territorios contestados pela Republica da Bolivia, não se concilia com as reiteradas manifestações que ficam mencionadas e muito menos com as rectas e generosas intenções dos Alliados em relação á Republica do Paraguay. O compromisso da Alliança não se deve entender de modo que a sua força collectiva sirva para dar ao Brasil ou á Republica Argentina territorio a que não tinham legitimo direito antes da guerra, porque toda a idéa de conquista foi arredada pelo pacto de aliança. O Governo do Brasil está disposto a acompanhar seu digno alliado em quaesquer concessões justas ou equitativas, mantendo assim a constante harmonia com que ambos sempre procederam. A discussão previa destes e de outros pontos duvidosos que podem ser resolvidos no decurso da negociação, já tão demorada, nenhuma vantagem offerece. Figurar hypotheses que talvez se não realizem é complicar sem necessidade as soluções desejadas.”

E firmou as seguintes conclusões peremptorias:

“1º.—Que em nenhum tempo deixou o Governo Brasileiro de reconhecer e sustentar o Tratado de 1º. de Maio de 1865 como obrigatorio para os Alliados em todas as suas estipulações.

2º.—Que não era, nem fôra jamais, sua intenção envolver-se na questão de limites argentinos, senão para prestar-lhe todo o apoio compativel com o mesmo Tratado e idéas já expostas.

3º.—Que não se recusava a examinar, em tempo opportuno e em commum com os demais alliados, os meios adequados a superar a supposta reluctancia do Governo Paraguay, de accordo com a letra e o espirito do artigo 17 do Tratado de Alliança.

4º.—Que, sim, se recusava a comprometter sua responsabilidade antes que fossem abertas negociações com o Governo Paraguay, conhecidas suas propostas, examinados e discutidos seus titulos, conforme expressamente estipulou-se no artigo 2 do Accordo Preliminar de Paz e consta das reiteradas manifestações da Alliança.



5º.—Que esta questão deveria ficar adiada, como ficou a da validade do Protocollo annexo ao Tratado, para depois de ouvido o Governo Paraguay, podendo, ou não, ser modificadas essas estipulações; possibilidade admittida e sustentada pelo Governo Argentino e a que o Governo Brasileiro accedeu por insistencia do seu digno Alliado.

6º.—Que em todo o periodo da Alliança o Governo do Brasil tem dado constantes provas de lealdade a seus compromissos e de espirito de conciliação nunca desmentido.

Sente, por isso, o Plenipotenciario Brasileiro que tenha surgido afinal divergencia profunda no modo de interpretar os dous pontos referidos; e, ainda mais, de não poder acceitar a suggestão de seu illustre collega para trasladarem-se as negociações a Buenos-Ayres, em face da declaração peremptoria de que o seu Governo se acha de perfeito accordo com o pensamento do Sr. Plenipotenciario. O Plenipotenciario Brasileiro conclue por declarar que na situação, que não desejou e muito menos provocou, só lhe resta o alvitre de entabolar com o Governo Paraguay, si este convier, os ajustes dos Tratados peculiares ao Brasil, nos quaes não têm os Alliados que intervir, confiando o mesmo Plenipotenciario Brasileiro que esta sua resolução em nada alterará as boas relações entre seus respectivos Governos e será acceita pelos seus dignos collegas, como fundada em direito."

Não podia ser mais concludente e magistral e elevada a contestação.

O Plenipotenciario Argentino por sua vez declara:

"1º.—Que enquanto a dissidencia pendente não fosse previamente resolvida, negava-se á abertura das negociações com o Governo Paraguay;

2º.—Que no entanto desconhecia formalmente a seu digno collega o direito de abrir isoladamente essas negociações;

3º.—Que reservava ao seu Governo toda liberdade de acção para o caso em que as abrisse sem o seu consentimento;

4º.—Que immediatamente se retiraria desta cidade para dar conta ao seu Governo de todo o occorrido."

\* \* \*

Partiu Quintana no dia 15 e, no dia 16 tendo encalhado o seu navio abaixo de Villeta, pede soccorro a Cotegipe, que lh'o presta incontinenti, mandando um vapor que o conduziu a Buenos Ayres. As cartas trocadas a respeito são da mais fina cortezia diplomatica.

Antes de Quintana, se tinha retirado, no dia 5, o Ministro Oriental. Ficára Cotegipe só, em campo.

O Governo Paraguay passa-lhe nota communicando que



Quintana se ausentára, declarando que por este facto ficava *adiada a abertura das negociações que os Alliados deviam entabular* com aquelle Governo; outrosim, pergunta a Cotegipe se estava disposto a tratar com os Plenipotenciarios já nomeados.

Responde Cotegipe que Quintana fallára em nome do seu Governo; não fallára em nome dos Alliados e que elle estava prompto a encetar as negociações.

Por officio e em carta particular, leva ao conhecimento do Cons. Corrêa e do Visconde do Rio Branco essas graves occurrencias:

“Exmo. Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia.—Assumpção, 17 de Dezembro de 1871.—Tenho a honra de apresentar a V. Exa. juntas por copia, sob ns. 1, 2, 3 e 4, as notas trocadas entre esta Missão, o Ministro de Relações Exteriores Domingos Ortiz e o Representante da Republica Argentina.

Penso ser excusado commentar o procedimento pouco reflectido do Sr. Plenipotenciario fallando em nome da Alliança e julgando-se autorisado a exigir o adiamento de *qualquer negociação até que elle ou o seu Governo o declarasse opportuno*.

A resposta do Ministro Paraguay e a comunicação, que em seguida me dirigiu, revelam não só maior intelligencia das conveniencias, como tambem uma mais justa apreciação dos interesses de seu paiz.

Foi uma feliz casualidade que eu não tivesse ainda dado sciencia ao Governo Paraguay da minha resolução de tratar em separado, porque o passo dado pelo Plenipotenciario Argentino mais completamente me justifica.

V. Exa. avaliará o quanto ha de extraordinario na tentativa occulta de obstar á abertura de qualquer negociação por parte do Brasil, depois das declarações francas no Protocollo n. 4. Ahi mui de industria referi-me aos tratados peculiares, dando a entender no decurso da discussão que os iria negociando confidencialmente até que viessem instrucções do Governo Argentino, circumstancia que não foi mencionada no Protocollo.

Mas nada satisfazia o meu Collega senão, ou chamar-me á sua opinião, ou impedir uma solução qualquer sem o previo consentimento. Tive impulsos, ao ler a nota do Representante da Republica Argentina, de, por intermedio do nosso Ministro, Sr. Magalhães, reclamar contra tão offensivo proceder; mas, reflectindo melhor assentei de deixar V. Exa. livremente pesar qual o partido que delle poderá tirar, e obrar como mais conveniente e acertado lhe parecer.

Esta occurrencia vem coroar a serie de razões, que nos assiste, para regular por nós mesmos as questões que temos



pendentes com o Paraguay; e persuado-me de que ainda o mais prevenido espirito não nos poderá accusar de falta de lealdade a nossos compromissos, e da mais extrema moderação.

Toda a minha correspondencia, desde que cheguei a esta capital, demonstra que eu previa e receiava tudo quanto ora succede; e é por isto que, revestindo-me de prudencia e resignação, aguardei que naturalmente se desenvolvesse e aclarasse o pensamento do nosso Alliado. Note V. Exa. a gradação seguida no mez e meio decorrido da nossa apresentação até hoje.

1º. recusa peremptoria de reconhecer a clausula do Protocollo annexo ao tratado de 1º. de Maio. Esforços da minha parte para fazel-o reconhecer, e afinal o adiamento sem esperança de proficuo resultado.

2º. protellação *premeditada* da abertura das negociações, depois de ajustadas entre os tres Plenipotenciarios as bases do Tratado definitivo de paz.

3º. proposta de accordo previo sobre o alcance da obrigação dos Alliados na sustentação dos limites Argentinos e Brasileiros, condição *sine qua non* para abertura das negociações. Novos esforços meus para adiar a resolução da questão, enquanto não fosse ouvido o Governo Paraguay, conforme o que fôra assentado nas conferencias de Buenos Ayres.

4º. declaração, por mais de uma vez repetida, de que sem o apoio illimitado que exigia, a Alliança não tinha razão de ser; não cedendo entretanto da impugnação, que sempre oppoz, ao reconhecimento da validade do Protocollo annexo.

5º. a retirada do Plenipotenciario Argentino, sem aguardar, nem mesmo pedir, novas instrucções (de que aliás não necessitava).

6º. Tentativa final de obstar todo e qualquer ajuste sem o *placet* do Governo Argentino.

7º. repulsa de todos os meios conciliatorios, propostos por mim e pelo Plenipotenciario Oriental, e creio os mais convinhaveis ao bom exito da negociação.

Realisada desta forma, além das previsões de V. Exa., a hypothese, em que, segundo minhas instrucções, me seria permitido tratar separadamente, não hesitei em fazel-o, e espero desemmaranhar-nos da tãa em que o nosso Alliado procura enredar-nos, não sem quebra da nossa dignidade.

A negociação vai pois começar e procurarei fazer ao Paraguay as possiveis concessões, que sirvam de documento do nosso desinteresse e boa fé, e o habilite com o nosso exemplo a exigir o que não se lhe deve negar para garantia de sua independencia, e



cingindo-me á letra e espirito das instrucções que me foram confiadas.

Releva observar que me achei sempre de perfeito accordo com o Plenipotenciario Oriental, a quem não escápara, e por mais de uma vez me prevenira, que o Plenipotenciario Argentino não trataria, valendo-se, para escapar, de qualquer pretexto. O que, porém, não penetrou elle, e ninguém penetraria, é que o pretexto fosse tão despido de razão, que bem pode ser qualificado de futilidade.

Desculpe-me V. Exa. se em alguma expressão fui mais severo do que conviria. Exprimi meu pensamento sem ambages; considero esse o primeiro de meus deveres para com o Governo do meu paiz. —*Barão de Cotegipe.*”

Ao Visconde do Rio Branco:

“Ahi vão importantes communicações para as quaes chamo a attenção de V. Exa.

A bomba, ha tanto tempo carregada, veio fazer explosão nas minhas mãos. Era mui natural; porque os adiamentos são expedientes transitorios, não são soluções definitivas.

Não estou por isso descontente, nem penso que d'ahi resultará damno algum. O nosso Alliado ha de apresentar as coisas a seu geito, os jornaes gritarão e ameaçarão com o grande poder de Deus; mas ahi ficarão.

A justificação do nosso procedimento será facil e concludente.

Espero que as negociações marchem com rapidez e não prescindirei da approvação do Congresso que, segundo creio, não a recusará.

Se isto acontecer, levarei commigo um Ministro Paraguay para trocar as ratificações e ajustar a convenção sobre a occupação militar, se o Governo convier, pois a este respeito não tive instrucções.

Fico ancioso por concluir.

A morte de meu cunhado, que administrava minhas propriedades, torna o meu sacrificio superior a toda a expressão. Meu sogro tem 78 annos; ficou em tal estado que receio pela sua existencia. E' mister a consciencia de estar cumprindo um dever de honra para conter-me a mil leguas de distancia dos que me são caros e do lugar, onde corre grande risco a fortuna de meus filhos.—*Barão de Cotegipe.*”

---

Quintana presumira, com sua brusca retirada, ter levantado incoercivel obstaculo. O grupo opposicionista paraguay empenhava tudo por mallograr os intuitos e esforços do Plenipotenciario



Brasileiro. José Falcon, Ministro do Exterior, embarçava a situação com um trabalho secreto, não só entre os membros do Congresso, como no seio do proprio Ministerio. Nas conferencias particulares, realizadas com o fim de assentarem-se as bases dos Tratados, manifestára pretensões tão desarrazoadas que se desaveio com o seu collega Plenipotenciario, Loysaga, espirito conciliador e bem avisado das conveniencias da Republica. O momento politico se complicava. Cotegipe, em longa e franca conversação, entende-se com o Presidente Jovellanos, que era um character sisudo, mas timorato; desfaz as intrigas, desbarata as machinações. Jovellanos convida-o, em seguida, para uma conferencia com os Ministros e alguns Senadores, na casa do Governo, e, depois de larga discussão, accordaram todos acerca das questões suscitadas.

Em 4 de Janeiro, enceta Cotegipe com Loysaga (Falcon se demittira) as negociações em separado e assigna com o Paraguay, a 9, o Tratado definitivo de paz e o de limites, a 16 o Tratado para entrega de desertores e criminosos, a 18 o de Amisade, Commercio e Navegação.

Em 20 de Janeiro e 6 de Fevereiro o Congresso os approvou por 23 votos contra 4. Foram logo ratificados e o Senador Palacios nomeado Plenipotenciario junto ao Imperador para celebrar a troca da ratificação dos Tratados.

Era um golpe de Estado diplomatico. A retirada imprudente do Ministro Argentino para frustal-o não fez senão augmentar-lhe o alcance e a repercussão no Prata.

Diz Joaquim Nabuco que este lance diplomatico de Cotegipe foi uma obra definitiva, que rachou de meio a meio, com uma machadada herculea, a politica de Tegedor. A sua assignatura nesses Tratados separados de Assumpção é um traço sufficiente para caracterisar o seu temperamento diplomatico e a aspiração que elle tinha pela hegemonia brasileira na America do Sul.

Dando ao Cons. Corrêa aquella faustosa noticia, accrescenta, em carta particular:

V. Exa. em seu despacho de 31 de Dezembro (\*) ordena que eu sobresteja na celebração dos Tratados, si tiver motivo para crer que o nosso procedimento dará causa a uma guerra com a Republica Argentina. Confesso que não comprehendo com que razão fundaria ella a sua declaração de guerra; não os supponho tão

(\*) Este despacho contem as instrucções positivas, pedidas por Cotegipe e que não chegaram em tempo util.

Rio Branco se preocupava: «Não temo o rompimento com os Argentinos, mas sentiria muito que o Imperador viesse achar por esse lado uma situação nova e apparentemente grave. A gente da opposição já tem feito censuras a V. Ex. sem saber o que se tem passado, anima a Quintana e ao seu governo.»



loucos. Peor, a meu ver, seria recuassemos, depois de termos iniciado as negociações com previo annuncio; perderíamos, e para sempre, toda a força moral nestes paizes, e não fariamos mais do que adiar a lucta por pouco tempo, tendo então contra nós os elementos de todas estas Republicas. E' natural se mostre descontente, *maxime* por ver baldados os seus planos; mas não passa dahi. O Governo do Brasil, logo que ratificar os Tratados, os comunicará ao Argentino, e então lhe dará quaesquer explicações, mostrando que tem razão.

Si porém adiantarem-se em pedil-as, V. Exa. poderá adial-as até minha chegada, ou dal-as com os esclarecimentos que já possui, e com firmeza; si mostrar-se *tibio* está perdido."

Em carta anterior, datada em 8 de Janeiro, elle observava confidencialmente ao Cons. Corrêa:

"V. Exa., ou o Governo, parece ter muito receio do descontentamento do nosso Alliado. Esse descontentamento será infallivel, a menos que não lhe andemos na rabadilha. A grita e rancos da imprensa não significam força, e ao contrario crescem na razão da fraqueza. A volta do Sr. Quintana, e a idéa de que o Brasil vae tratar só, tem um pouco desconcertado as cabeças, porque nunca acreditaram que nos *atrevessemos a tanto*; tal é a sua cegueira! Eu não temo nenhuma consequencia má do passo que damos e se ella viesse, antes já, que daqui a um ou dois annos; porquanto para repellir qualquer *cabeçada* não seria mister nem mais um soldado, nem mais um navio; mas é hypothese que não se realisará, esteja o Governo tranquillo.

..."Oito ou dez dias mais e o problema fica resolvido, a partida ganha ou perdida. Si for ganha, colha o Brasil o proveito e seja eu sacrificado ás *furias argentinas*, que não me queixarei."

\* \* \*

O effeito produzido pela noticia desses tratados foi extraordinario e fulminante em Buenos Ayres. Todos os jornaes, á excepção do "Standart", levantaram unisonos uma cruzada odiosa contra o Brasil, a quem accusavam de desleal e faltando á fé dos Tratados. A grande offensa irrogada á Republica devia ser reparada com a annullação dos Tratados;—desoccupação do Paraguay pelas forças brasileiras e—desoccupação immediata da ilha de Cerrito. Era preciso dar uma lição severa ao Brasil, destruindo o Imperio, unidos em Alliança os povos do Prata e do Pacifico, para consumir a emancipação da America, arrojando para o outro lado do oceano a corôa dos Braganças.

Era o brado de guerra.

Essa linguagem exaltada e virulenta não poupava referencias pessoas ao Representante do Brasil, que tivera a audacia, a *felonia*



e *infidencia* de celebrar os Tratados com o Paraguay e a quem, asseveravam, faltaria coragem para desembarcar em Buenos Ayres.

Correspondiam por esse modo ao seu alliado leal e generoso durante os cinco annos de guerra. Foi a nossa força naval em Riachuelo que desbaratou a esquadilha paraguaya, salvando a Confederação de enorme perigo e Buenos Ayres de uma humilhação.

A nossa esquadra é que abriu caminho á invasão do Paraguay, forçando as fortificações de Curupaity, Humaytá e Angustura, e descobriu o flanco inimigo, inutilisando-lhe os planos. Para o exercito que aniquilou o poder militar de Lopez, o Brasil contribuiu com tres quartas partes, e elle só, com a maior abnegação e sacrificio, perseguiu durante mezes, através de densas mattas, por sobre montanhas e banhados, o tyranno, que succumbiu no Aquidaban. Foram as nossas forças que corôaram a victoria, entrando em Assumpção. Os nossos gastos de guerra foram extraordinarios; fornecemos até recursos aos nossos alliados para equiparem os contingentes que tinham de concorrer para as operações.

Que lucrou o Brasil?

Nem uma polegada de terreno.

A Republica Argentina enriqueceu com o nosso oiro, conservou a sua integridade, talvez a sua existencia e apoderou-se de vastos territorios.

Uma nova guerra não podia convir a nenhum dos alliados que, ha pouco, pugnaram juntos para reivindicar a independencia de um povo heroico até o fanatismo, em plagas inhospitas, onde jazem dormindo, lado a lado, o somno eterno, guerreiros que se bateram com igual denodo e que a santa paz da morte reconciliou.

#### REGRESSO

Deixa Assumpção a 17 de Fevereiro, recebidas as mais expressivas homenagens do Povo e do Governo Paraguayos, da colonia brasileira e da nossa officialidade de terra e mar, com a presença do General argentino Julio Vedia.

Entre as providencias que entendeu consentaneas á delicadeza do momento politico, fez especial recommendação ao Marechal Commandante da Divisão Brasileira para que—procurasse estar sempre de intelligencia com o Commandante das Forças Argentinas nos casos extraordinarios occurrentes, assim como—manti-vesse com elle a maior harmonia; visto que as relações de amizade entre as duas nações não tinham sido perturbadas pelo facto dos Tratados em separado com o Paraguay.



Entretanto, como os interesses do Imperio exigiam a maior prudencia, a par de toda a energia, em sustentar o Governo legal da Republica e com elle a segurança e tranquillidade publica e era este o dever primordial da força de occupação, não hesitasse, neste caso, em proceder por si só, si lhe faltasse o concurso do seu collega.

Após penosa e demorada viagem, desembarca Cotegipe em Buenos Ayres, com a serenidade que o seu espirito superior mantinha deante dos perigos e no fogo da acção. Tinha embainhado a espada de Alexandre com que cortára o nó gordio da complicada politica argentina. Ia agora desenvolver os recursos da sua habilidade diplomatica para acalmar os animos e chamal-os á razão. Entendeu-se com o Presidente da Republica e o Ministro Tejedor.

Em officio de 28 de Fevereiro, communica ao Governo as importantes conferencias.

Nota-se neste extraordinario documento o tacto com que a energia se amolda subtilmente a opportuno espirito de conciliação para arredar difficuldades, que se antolhavam insuperaveis. A altivez civica promove nobremente as altas conveniencias nacionaes.

Reproduzo textualmente este longo e minucioso officio, em attenção á transcendencia do assumpto, como tenho praticado em relação a alguns documentos de importancia, para não desfigurar o relevo peculiar de limpidez, concisão, naturalidade e expressão mascula que caracterisam o estylo do grande brasileiro.

#### CONFERENCIAS

“Ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros.—Reservado.—Buenos Ayres, 28 de Fevereiro de 1872.—A 26 de Fevereiro, dia util depois da minha chegada a esta cidade, fui com o nosso Ministro, Sr. Conselheiro Magalhães, fazer uma visita ao Presidente da Republica, o qual mandára me cumprimentar pelo seu ajudante de ordens. Haviam-me dito que o Sr. Tejedor, Ministro das Relações Exteriores, não voltára do campo; mas encontrei-o em companhia do Presidente na casa do Governo.

O Sr. Sarmiento pretende representar o papel de um Rei Constitucional; não trata dos negocios publicos, senão por intermedio de seus Ministros. A nossa conversação, pois, versou sobre objectos indifferentes.

Ao Sr. Tejedor, que se retirára, pedi uma conferencia, que me foi logo concedida em sua Secretaria. Quando ahi entrei, sahia o Sr. Cons. Magalhães, que acabára de fazer entrega da Circular em que o Governo Imperial justifica a resolução que



tomára de autorisar-me a tratar separadamente com o Paraguay. Tejedor conservava o despacho ainda fechado. Começou por perguntar-me se era exacto (o que naquelle momento lhe disséra o Sr. Magalhães) que eu me mostrára resentido e queixoso de S. Exa. pelos negocios do Paraguay, e qual o motivo? Certamente, respondi, e creio que com razão, porquanto havendo eu por mais de uma vez instado com S. Exa. para que nos puzessemos de accordo nas duas questões, que ficaram adiadas nas conferencias de Buenos Ayres, de sorte que nos apresentassemos unidos em um só pensamento perante o Governo Paraguay, S. Exa. evitára discutil-as; entretanto, essas mesmas questões ou uma dellas fôra a causa do rompimento da negociação conjuncta; parecendo, portanto, que o Plenipotenciario Argentino levára o proposito de não tratar. Negou S. Exa. a exactidão do meu acerto; a unica insinuação, disse, a que evitei responder foi de combinarmos os meios coercitivos contra o Paraguay, caso este recusasse as propostas dos Alliados. Arguiu-me o Sr. Tejedor de ser eu, ao contrario, o causador do rompimento da negociação, porquanto estando assentadas as bases della na conferencia de Buenos Ayres, eu propuzera a revisão das mesmas bases, e procurára modificá-las introduzindo, ou novas clausulas, ou outras que tinham sido adiadas, dando assim a perceber, que não reconhecia as ditas bases, e tinha fins differentes: dahi e só dahi, concluiu S. Exa., nasceu a divergencia que deu em resultado o rompimento da negociação.

Observei que o Plenipotenciario Argentino não puzera a menor objecção á revisão das bases ajustadas (procedimento que o Sr. Tejedor reprovou); que o meu fim propondo a revisão fôra: 1º. corrigir alguns defeitos de redacção; 2º. incluir as estipulações sobre neutralidade e fortificações, que não podiam deixar de fazer parte do Tratado de Paz, como obrigação commum da Alliança; que nessa occasião foi desconhecida a validade do Protocollo annexo ao Tratado de 1º. de Maio, e não obstante adiei a difficuldade para não romper; que a unica estipulação nova, proposta por mim, fôra a conservação das forças alliadas para a manutenção da boa ordem, e cumprimento do ajustado, proposta que retirei; e assim não podia ella ser causa do rompimento da negociação. A causa foi a questão da garantia dos limites argentinos, apresentada a 30 de Novembro depois de estarem os Plenipotenciarios Alliados accordes no Projecto commum de paz, e essa mesma questão não ficou adiada por negar-se a isso o Plenipotenciario Argentino, como aliás ficára assentado nos Protocollos de Janeiro.

Insistiu o Sr. Tejedor em attribuir á revisão dos Protocollos,



e por conseguinte á minha iniciativa, o rompimento;—que para esse fim recorri aos Protocollos do Sr. Varella já inutilizados (*borrados*, foi a sua expressão) pelos de Buenos Ayres, quando os negociadores nada mais tinham a fazer do que abrir logo a negociação com o Governo Paraguay, e aguardar suas allegações.

Contestei, que tal era o meu desejo, e por isso instei; mas que o Plenipotenciario Argentino, de 6 a 30 de Novembro, nos reteve com repetidos adiamentos, á espera de novas instrucções, até que apresentou-nos a questão de garantia prévia dos limites com caracter de *ultimatum*, contra o que fôra aqui ajustado.

Então e só então, declarei que trataria separadamente, unico recurso que me restava: ainda assim, limitei-me a declarar, que negociaria os tratados *peculiares* ao Brasil, deixando tempo ao Governo Argentino para mandar um outro Ministro, se o entendesse conveniente.

Disse Tejedor que nunca acreditou que eu assim procedesse sem dirigir-me ao seu Governo, previnindo-o da minha resolução, e por isso guardou silencio, e só protestou contra o acto quando não teve mais duvida da sua realisação.

Oppuz a essa observação que a declaração ou intimação era inutil, 1º. por estar officialmente feita no Protocollo de 30 de Novembro; 2º. por estar previamente approvedo o procedimento do Plenipotenciario Argentino; 3º. por não poder eu no Paraguay corresponder-me directamente com S. Exa.

Conclui que os Tratados nada continham que contrariasse os interesses presentes ou futuros da Republica Argentina, como S. Exa. já teria visto, por terem sido pelo Governo Paraguay mostrados ao General Vedia.

Respondeu-me S. Exa. que ainda *não approvára nem reprovara* o procedimento do Sr. Quintana e que era um motivo de queixa que tinha contra mim o ter tido conhecimento dos tratados, e isso mesmo, em resumo, por communicação da parte contraria.

Não me era permittido, disse eu, dal-os a conhecer antes que fossem presentes ao meu Governo; este os recebêra no dia 15 ou 16 do corrente, e eu aqui estava a 24, e disposto a communicar-os todos a S. Exa.

O Sr. Tejedor pediu-me que lhe transmittisse copia dos Tratados.

Respondi que talvez não houvesse tempo de tirar as copias do de paz e limites, e lh'as daria confidenciais e particularmente, e não por nota: isso faria o Governo do Brasil, se os approvasse.

Nessa occasião pedi tambem copia do Protesto dirigido ao



Governo Imperial, e do *memorandum* do Sr. Quintana, parte integrante do Protocollo de 30 de Novembro.

S. Exa. ficou de m'os enviar antes da minha partida. Tratando das medidas tomadas pelo Governo Argentino em relação ao Paraguay, ponderei que um augmento de forças em Assumpção poderia excitar rivalidades e era desnecessario, porque tão respeitadas seriam por nós 10, quanto 10 mil homens.

O Sr. Tejedor affiançou que, quaesquer que fossem as medidas tomadas, não tinham ellas por fim acautelar-se contra o Brasil, porque estava convencido do que eu lhe dizia, mas sim contra o Paraguay, visto que hoje estavam os Argentinos sós, por abandono nosso. Protestei contra a ultima expressão, que era inexacta, e a prova era que subsistião as mesmas ordens para que o nosso General procedesse de harmonia com o General Vedia, e conforme as estipulações do Accordo Preliminar de Paz, emquanto o Governo Imperial não resolvesse o contrario.

O tom geral da conversação, que durou tres horas, posto que ás vezes animado, foi sempre polido e amigavel. Ao despedir-me, perguntou-me S. Exa. si a minha partida era tão urgente que eu não pudesse espaçal-a até o dia 28, porque desejava ter ainda uma conferencia para melhor nos entendermos. Prometti demorar-me. Com effeito ás 11 horas teve logar a conferencia assentada para hoje, e prolongou-se por espaço de duas horas e meia.

Antes de tudo fallou o Sr. Tejedor da nota circular que lhe fôra entregue pelo Sr. Cons. Magalhães no dia 26; disse que não a considerava uma resposta antecipada ao seu protesto, como expressara-se o Sr. Magalhães; mas que continha algumas considerações, que pareciam accusações ao Governo Argentino, e disto se mostrou sentido.

As considerações a que se referia erão a occupação dos territorios das Missões e do Chaco sem accordo dos Alliados, e a falta de concurso de forças argentinas na ultima phase da guerra, o que era inexacto.

Disse-lhe eu que apenas ouvira ler a circular, e não era por isso de extranhar que não pudesse explicar o seu sentido; porém, me parecia, que o Governo Imperial mencionando esses factos não tinha em mente recriminar, e sim provar com elles que o Governo Argentino tem obrado *por si só* em casos graves, não dando ao Tratado de 1º. de Maio sentido tam restrictivo como hoje lhe dá. Entreguei a S. Exa. copias dos Tratados de paz e de limites: acceitou a do 1º. e disse já possuir a do 2º. Offereci-lhe a leitura dos de extradicação e navegação e commercio; recusou porque não conteriam mais do que as estipulações usuaes em semelhantes actos. Passamos a considerar a situação actual em relação á Alliança.



Inquiri qual a intenção do Governo Argentino, e que marcha pretende adoptar. O Sr. Tejedor disse que aguardaria resposta á nota que dirigira ao Governo Imperial e segundo ella declararia, ou não, rota a Alliança. Ponderei que S. Exa. não devia contar com a não ratificação dos Tratados, e pois todo o accordo ou conciliação que tenha por base essa condição não offerecia probabilidade de bom exito. S. Exa. respondeu-me que tambem assim pensava; porém que poderíamos encontrar outro meio de não quebrarmos a Alliança. Os pontos do Tratado de paz que mais impressionaram ao Ministro Argentino eram a garantia singular do Brasil á integridade e independencia do Paraguay e conservação de forças brasileiras por tempo indefinido. Expliquei, quanto ao primeiro, que o Brasil, garantindo *por sua parte* a integridade e independencia do Paraguay, deixava a porta aberta para a garantia collectiva; quanto ao segundo, que, *tratando separadamente*, deveramos tomar cautelas para execução dos nossos ajustes, *maxime*, quando não conhecíamos o pensamento dos outros Alliados; mas que, dependendo a occupação militar de uma *Convenção*, estava o meu Governo livre para celebral-a ou não, conforme o aspecto, que tomassem os negocios. Li o Protocollo da negociação do Tratado de paz, do qual se via que não nos eximimos das obrigações da Alliança; antes tudo foi ahi calculado para chegarmos ao mesmo resultado, inda que por caminho diverso.

O Sr. Tejedor deu mostras de satisfacção; pediu uma copia do Protocollo (que lhe enviarei de Montevideo) declarando que o pensamento nelle revelado e minhas explicações modificavam as suas apprehensões e provavam que não fôra nossa intenção, negociando separadamente, romper o Tratado; pois era possível o accordo. Se fôra essa nossa intenção, acudi, ter-nos-hiamos aproveitado do desconhecimento do Protocollo annexo ao Tratado, que para nós é parte integrante delle.

Depois de varias considerações sobre os termos do accordo desejado, escrevi sobre a mesa de S. Exa., em papel seu, o seguinte:

“Que se o Governo do Brasil contestar a nota que o Argentino lhe dirigiu, reconhecendo as obrigações do Tratado de Alliança, embora tratasse separadamente, não seria esta considerada rota. Que o Governo Argentino trataria com o Paraguay e buscaria depois as garantias do dito Tratado. O Governo do Brasil volveria ao accordado em Buenos Ayres sobre a retirada das forças communs. Que então, ou dada esta explicação, poderiam ser ratificados os Tratados. Que o Governo Argentino se apressaria a mandar um Ministro para *arreglar* as questões pendentes ou o modo pratico do accordo.”



Lendo o que acima fica escripto, S. Exa. disse que era mais simples o seguinte:

"Que o Governo do Brasil declarasse em resposta á nota do Governo Argentino, que reconhece as obrigações do Tratado de Alliança, e está disposto a dar as garantias que elle offerece. Feito o que, o Governo Argentino mandará um negociador ao Paraguay, o qual depois iria ao Brasil reduzir á *forma de Protocollo* as declarações da nota. Feitas aquellas declarações nenhum inconveniente ha em que sejam ratificados os Tratados."

Parecendo-me o pensamento o mesmo, acceitei a correcção, sem contudo occultar que eu procedia pelo conhecimento que tinha das intenções do meu Governo, e não por instrucções que não tivera tempo de receber.

Afinal concordamos em que si o Governo Imperial já tivesse respondido á nota do Governo Argentino poderia retiral-a, pelo que não se faria obra por ella, emquanto eu não chegasse á Côrte e desse a V. Exa. conta do que entre nós occorrera.

Esquecia-me mencionar que o Sr. Tejedor fez ainda uma declaração a nós muito conveniente, e foi que se estivera na posição do Dr. Quintana teria, em vista das minhas declarações finaes do Protocollo de 30 de Novembro, reaberto ou prosseguido nas negociações. Era natural que a conversação, de então por diante tomasse um character mais intimo e assim succedeu. Notei que o Governo Argentino não tivesse preenchido a sua Legação na Côrte, justamente quando elevamos o character da nossa em Buenos Ayres; que esta circumstancia e a demora, como que calculada, da negociação com o Paraguay offendião o nosso melindre, e davão-nos que reflectir. O Sr. Tejedor explicou o motivo de não ter preenchido a Legação vaga, fundando-se em falta de pessoas de experiencia, que não possuíam elles como nós, e negou que houvesse jamais calculada demora nas negociações com o Paraguay. Accrescentou que tivera intenção de ir elle proprio ao Rio de Janeiro, e depois convidára o General Mitre que a isso se prestava. Mostrei-me então resentido com o procedimento de Mitre, e disse que, estabelecido o accordo, a missão deste só serviria para dar á questão uma importancia que não tinha. Qualquer *moço* com as instrucções de S. Exa. faria tanto quanto o General.

Não sei se me engano, affirmando que o Sr. Tejedor não me pareceu desgostar da repulsa que eu fazia ao General. S. Exa. ainda que não se tenha apresentado é, a meu ver, o unico candidato serio á futura presidencia da Republica, em opposição a Mitre. Tudo quanto contribuir possa para diminuir o prestigio deste não lhe será desagradavel. Ao despedir-se, disse-me com



jovialidade,—já sei que a Mitre não mando. Agradei a S. Exa. o espirito conciliador, de que nesta occasião dera provas, refutando assim a arguição que alguns lhe fazião de aspero no seu trato official. S. Exa. sorriu-se e respondeu-me que chamavão aspereza o que era tenacidade em suas opiniões.

Seguindo hoje para Montevidéo, nada mais resta senão reiterar a V. Exa., etc.—*B. de Cotegipe.*”

Referindo-se a estas importantes conferencias, diz Cotegipe, em carta particular de 1º. de Março, ao Cons. Corrêa:

“O resultado foi, penso eu, satisfactorio, podendo se chegar a um accordo sem quebra de nossa dignidade, e perda da posição, que assumimos. Para esse fim cumpre que o Governo Imperial não se apresse em ratificar os Tratados, e aguarde a minha presença, assim como que não responda ao protesto do Governo Argentino contra elles. Eu estarei na Côrte até o dia 9 do corrente. Tenho esperança fundada de que os nossos opposicionistas ficarão representando o papel de *mais Argentinos* que os proprios Argentinos. A imprensa tinha mudado *de tom*, e a “Nacion” que me ameaçava com *canhonazos* pela retaguarda e flanco remetteu-se ao silencio depois da minha chegada. A nuvem que parecia carregada desfaz-se com maior facilidade do que se formou. Tranquillisem-se pois, se é que tiveram témor.”

#### MONTEVIDÉO

Aportou a esta cidade no dia 29 de Fevereiro. Tendo Battle passado o Governo da Republica a Gomensoro, Presidente do Senado, com este conferenciou no dia 2 de Março, na casa do Governo, tendo sido antes visitado e cumprimentado por parte do Presidente.

A conferencia que solicitou tinha por fim saudar Gomensoro pela sua ascensão ao poder e principalmente communicar-lhe os successos do Paraguay, no intuito de inteirar-se da opinião do Governo Oriental.

O novo Presidente adiantou-se, fazendo os mais significativos protestos de amisade ao Imperio e manifestando vivo desejo de satisfazer-lhe as justas reclamações, particularmente o pagamento da divida contrahida pela Republica. Mostrou-se adverso a qualquer acto de união com a Republica Argentina, tendo feito romper no primeiro dia da sua administração as negociações de paz em que o Governo Argentino era mediador quanto á embaraçada situação politica do paiz.

Expoz-lhe Cotegipe os motivos por que tratára separadamente com o Paraguay e offereceu-lhe copia do Tratado de paz, unico



que poderia interessar á Republica Oriental, esperando que não haveria difficuldade da parte de S. Exa. em adherir a elle ou celebrar identico com a Republica do Paraguay. Lembrou-lhe a conveniencia de ser ouvido sobre qualquer deliberação do Governo, a esse respeito o Dr. Adolpho Rodrigues, como negociador que fôra, e homem de bom conselho.

Prometteu-lhe Gomensoro occupar-se do assumpto logo que ficasse organizado o seu Ministerio; antecipou-se, porém, em declarar que o Imperio estava no seu direito de proceder, como procedera em Assumpção.

Communicando, em data de 2 de Março, ao General José Auto (Barão de Jaguarão), Commandante das nossas forças no Paraguay, as occurrencias de Buenos Ayres, manifesta-lhe Cote-gipe a esperança de que tudo terminará em paz. Recommenda-lhe, porém, muita vigilancia para que alguma revolução promovida ou protegida por Argentinos, ali residentes, não nos venha collocar em difficuldades.

Indica-lhe providencias.

"Em todo caso, diz Cote-gipe, é melhor que nos accussem de ter protegido o Governo, do que termos de combater depois uma revolução triumphante, que se declare contra os Ajustes que fizemos e se ligue aos Argentinos. Nada de facilitar."

Ao mesmo tempo, dirigiu-se ao Almirante, chefe da Estação Naval em Assumpção, communicando-lhe que os espiritos em Buenos Ayres iam-se tranquillizando e, segundo o que ouvira, não era de receiar perturbação das nossas relações com a Republica.

"Todavia algumas medidas de precaução, tomadas de um modo reservado, que excluam a ideia de provocação ou de temor, não parecem excusadas." E indicou diversas.

\* \* \*

Era intenso o jubilo dos brasileiros residentes nas tres Republicas pela resolução decisiva e patriotica de Cote-gipe, celebrando com o Paraguay os Tratados em separado, e assim cortando de golpe o nó gordio da emmaranhada diplomacia do Rio da Prata. Festejavam-n'o manifestações de apreço e applausos de toda a colonia, exultante, desoppressa de velhas humilhações pela fulminante reivindicação dos brios de seu paiz, havia tanto tempo melindrados. Cote-gipe tocára a fibra nacional.

Essas nobres e francas expansões dos seus compatriotas eram, no theatro dos acontecimentos, a mais formal approvação do seu procedimento e o confortavam salutarmente das lutas porfiadas, que teve de sustentar e nas quaes a energia civica tantas vezes emulou com a habilidade diplomatica.



Antes de partir para o Rio, sentiu-se na necessidade de leval-as ao conhecimento do Governo:

“Montevideo, 4 de Março de 1872.—Illmo. e Exmo. Sr.—Não será por certo indifferente ao Governo Imperial o saber que todos os brasileiros residentes no Rio da Prata têm recebido com applausos a noticia de haver o Brasil terminado por si só as questões pendentes com o Paraguay. Os proprios commerciantes, cujos interesses seriam grandemente prejudicados por qualquer conflicto com a Republica Argentina, são os primeiros a demonstrar sua satisfação encarando com animo tranquillo, e dispostos a sacrificios, qualquer eventualidade futura. Eu tenho tido agora occasião de reconhecer que o patriotismo mais se avigora e augmenta longe da Patria.

Na Provincia do Rio Grande igual sentimento se manifesta sem distincção de côres politicas. E' de esperar que o mesmo succeda em todas as Provincias do Imperio, assim mesquinhos interesses partidarios, de que se prevalece o estrangeiro para aggre-dir-nos, não abafem o verdadeiro sentimento nacional.

Prevaleço-me, etc.—*Barão de Cotegipe.*”

A S. Exa. o Sr. Cons. Manoel Francisco Corrêa.”

\* \* \*

Muitas e incessantes provas de admiração e respeito foram tributadas ao prestigioso diplomata, até que partiu para o Rio, onde, chegando a 9, foi acolhido com geraes applausos, expressivas manifestações e as honras devidas.

#### FIM DA MISSÃO

Ouvido o Conselho d'Estado, o Governo ratificou e promulgou por Decreto de 27 de Março os Tratados celebrados pelo Barão de Cotegipe; considerou relevante o serviço por elle prestado ao paiz, terminando satisfactoriamente as importantes negociações confiada ás suas luzes e reconhecido zelo (\*)

#### DESPEZAS COM O PLENIPOTENCIARIO

“Rio de Janeiro, Ministro dos Negocios Estrangeiros, 7 de Abril de 1872.—Illmo. e Exmo. Sr.—Em additamento ao meu des-

(\*) O Dr. Carvalho de Moraes, ex-secretario da Missão, communicou a Cotegipe em carta de 2 de maio que tivera uma longa conversação com o Imperador o qual se mostrava curioso de informações minuciosas sobre os homens e as coisas do Paraguay e da Argentina. S. M. que já tinha lido os tratados e protocollos, manifestou sua plena approvação nestas palavras: «O que fez o Cotegipe foi bem feito, não havia coisa melhor que fazer.»

Os tratados foram objecto de larga discussão na imprensa e no parlamento, inspirando-se a opposição em conveniencias de partido.



pacho n. 1 de 5 deste mez, tenho a honra de participar a V. Exa. que o Governo Imperial lhe concedeu o vencimento annual de trinta contos de réis, ao cambio de 27 dinheiros esterlinos por mil réis e mais a quantia de quinze contos, equivalentes a dois quartos de seus vencimentos, a titulo de ajuda de custo para despesas de viagem e primeiro estabelecimento.

Renovo a V. Exa. etc.—*Manoel Francisco Corrêa.*

Ao Exmo. Sr. Barão de Cotegipe, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario em Missão Especial no Rio da Prata."

\* \* \*

Antes de partir, no dia 24, para a Bahia, onde instavam por sua presença serios interesses particulares, pediu Cotegipe ao Governo que o embolsasse das despesas feitas com caracter reservado, durante a sua Missão. A importancia dellas consta do seguinte officio:

"Rio de Janeiro, Ministerio dos Negocios Estrangeiros: 23 de Março, 1872.—Illmo. e Exmo. Sr.—*Reservado.*—Recebi hontem o officio reservado que V. Exa. fez-me a honra de dirigir em data de 12 do corrente e em resposta participo a V. Exa. que já solicitei do Ministerio da Fazenda que mande entregar ao Dr. Director Geral desta Secretaria de Estado a quantia de dous contos e quinhentos e sessenta mil réis (2:560\$000) que ficará á disposição de V. Exa. para embolso de algumas despesas com caracter reservado que V. Exa. fez no decurso de sua Missão Especial nas Republicas Argentina, Oriental do Uruguay e Paraguay.

Renovo a V. Exa., etc.—*Manoel Francisco Corrêa.*

Ao Exmo. Sr. Conselheiro Barão de Cotegipe."

E' grato reconhecer-se que no Imperio se fazia diplomacia com proveito real para a Nação e insignificante dispendio para os cofres publicos.

#### AINDA O ALLIADO

A nota de 15 de Fevereiro, a que perfunctoriamente alludiu Tejedor na conferencia de 28 em Buenos Ayres era, entretanto, concebida numa linguagem arrogante e intimatoria que perturbou as boas disposições do Governo Imperial. Continha trechos assim:

"A Alliança de 1º. de Maio de 1865 foi um acto de necessidade, mas um acto providencial, que podia servir para estreitar a amizade de duas nações que haviam combatido entre si em uma epocha não mui remota.



Tres annos de convivencia nos campos de batalha e seis cobertos pelo amplo manto do Tratado de 1º. de Maio haviam começado a destruir as mutuas preocupações, consolidando a communhão de interesses do Imperio com as Republicas do Prata.

...Na grande desgraça do Paraguay, os Estados republicanos do norte e do sul da America comprehenderiam talvez o protectorado de outra Republica; comprehenderiam mesmo a garantia commum do Imperio e seus Alliados que tiraria do facto todos os seus attributos perigosos; mas não comprehenderiam nunca a garantia separada e a occupação militar, ainda depois da guerra, somente pelo Imperio, que por suas condições naturaes não pode garantir bem a existencia de uma Republica, ajudando-a a sahir do abysmo em que cahio. O protectorado, em tal caso, seria em outros termos a absorpção e deste modo a Republica Argentina appareceria ante as nações como fazendo a alliança e a guerra para engrandecimento do Imperio.

O Presidente da Republica, em cujo nome tenho a honra de dirigir as precedentes considerações, espera que pesarão bastante no animo do Governo Imperial para impedir que se levem a effeito os Tratados celebrados em Assumpção pelo Sr. Barão de Cotegipe com quebra da Alliança; ou para achar o meio conciliatorio que a conserve até que tenha produzido os beneficos resultados que se tiveram em vista, assegurando por sua parte, se fosse necessario, a disposição mais franca e energica de continuar a manter todas as obrigações da Alliança."

Responde-lhe o Governo Imperial, em 22 de Março, com uma longa nota, bem deduzida e na qual sobresaem esses trechos al-tivos:

"Não datam de 1º. de Maio de 1865 as relações de perfeita amizade entre o Brasil e as Republicas do Prata. Estas relações existem desde a alliança de 1852 que libertou o Estado Oriental e a Republica Argentina da oppressão dos dictadores Oribe e Rosas.

A alliança de 1865 bem que devesse exercer benefica influencia entre as tres nações, ligando-as por cinco annos de sacrificios e glorias communs em defeza da sua honra e direitos essenciaes, já encontrou aquella base solida de uma união não menos honrosa e talvez de maior alcance politico para a paz e prosperidade desta parte da America."

Na sua famosa nota de 27 de Abril, investe Tejedor bellicoso e aggressivo:

"A historia de tratados rotos por uma interpretação interes-



sada de suas clausulas, ou por não serem já necessarias a alguma das partes contractantes, não é nova no mundo.

E' certo, Sr. Ministro, que a amizade de dous povos vizinhos não tem data fixa, como tambem não a tem a inimizade. A batalha de Ituzaingo não nos separou para sempre, assim como não nos ligou para sempre a cooperação brasileira que libertou a Republica Argentina e a do Uruguay de seus dictadores Oribe e Rosas.

"A realidade e grandeza do Tratado de 1º. de Maio estão compromettidas por tal modo que nada poderá já restabelecel-as senão a concurrencia franca e energica dos tres Governos assignatarios para o seu fiel e mais completo cumprimento.

"A Republica Argentina, que necessita desta reparação, a espera ainda da sabedoria do Governo Brasileiro em retribuição da lealdade com que cumpriu durante sete annos seus compromissos de alliança."

Rebate-o victoriosamente, em linguagem lucida, moderada e digna, o Governo Imperial, em nota de 20 de Junho, que contém esses trechos:

"O Governo Imperial hesitou se devia considerar a referida nota como um empenho de paz e de manutenção dos vinculos da honrosa alliança de 1865, ou se antes como proposito de romper com essa alliança e provocar uma decisão extrema e funesta para ambos os povos.

"Não pensa o Governo Imperial que o Tratado de 1º. de Maio de 1865 tenha para os tres Estados mais importancia do que a segurança que obtiveram pelas armas e os ajustes concernentes a limites, commercio e navegação fluvial, sobre que deve assentar sua paz futura com o Paraguay; não pensa que as recordações dessa alliança devam ser mais gratas aos tres povos do que a de 1852 que acabou com duas tyrannias e abriu uma nova era de liberdade e de progresso para as Republicas do Prata.

"Que significa o concurso franco e energico que a Republica Argentina espera de seus Alliados? Para que fim o reclama e como entende que deve ser prestado? A nota não o declara, mas isto é que convem conhecer e combinar. Não se illude seguramente o Governo Argentino a respeito da unica difficuldade que se oppõe aos seus ajustes de paz com o Paraguay. A difficuldade está nos limites do Chaco. O Paraguay não lhe contesta seu direito ao territorio de Missões e os demais ajustes estão fóra de toda duvida. Porque, pois, quando seus Alliados não declinam de nenhuma das obrigações que contrahiram pelo Tratado de 1º. de Maio e nobremente provaram na epocha dos grandes esforços da guerra, não procura o Governo Argentino entender-se com



o Governo Paraguay para reconhecer se é ou não possível um amigavel accordo com este?"

\* \* \*

Tendo conhecimento da arrogante nota de 27 de Abril, entendeu Cotegipe do seu dever rectificar alguns erros de facto commettidos por Tejedor, de referencia a actos, por elle praticados como Plenipotenciario nas Republicas do Prata, e o fez numa longa carta que teve grande repercussão no paiz e fóra d'elle, dirigida em 25 de Junho, da Bahia, onde se achava, ao Cons. Corrêa, Ministro dos Negocios Estrangeiros.

Neste notavel documento leem-se estes trechos energicos e vibrantes de eloquencia e patriotismo:

"A situação, a que nos quer impellir o Governo Argentino, é por demais singular!

Fizemos a paz não com o inimigo armado, mas com um governo reconhecido amigo por accordo commum dos Alliados. Nem levemente offendemos seus interesses; reconhecemos subsistentes os deveres da Alliança e estamos dispostos a prestar a garantia estipulada, logo que o Governo Argentino trate com o Paraguay. Entretanto, levantam contra nós o que os francezes denominam—*querelle d'allemand*; offendem nossos brios, ameaçam nossas instituições e previnem-se para uma aggressão armada!

Com que fim perturba-se a nossa tranquillidade, interrompe-se nosso progresso pacifico e obriga-se-nos a transformarmos em instrumento de guerra o ferro de que necessitamos para lavrar a terra e animar as industrias?

Vencedora ou vencida, teria a Republica de talar ou ver talados campos, incendiadas cidades, expostas á furia da soldadesca creanças e mulheres inoffensivas, o sangue derramado em jorros. Tudo porque e para que? Para satisfação de vaidades offendidas...

O sangue e o suor dos povos merecem tão pouco daquelles que fazem praça de sentimentos humanitarios?

Não serão preferiveis as glorias alcançadas nos campos da intelligencia e do trabalho?

Sê a despeito da nossa longanimidade e moderação nos virmos constrangidos a repellir pela força offensas á nossa soberania e dignidade, não perderemos da memoria a recordação que ora se nos desperta das glorias de *Itusaingo*, já que o sangue brasileiro derramado em *Caseros* pela libertação do nosso Alliado e nos campos do Paraguay não basta para lavar a *mancha* de uma batalha perdida ou de exito duvidoso.

"A Republica Argentina procurou sempre e procura, paciente e tenaz, reivindicar os territorios a que se julga com direito. E' assim que o territorio de Missões pertencente ao Paraguay rei-



vindicou-o pelo Tratado de Alliança e não só occupou-o por *direito de victoria*, como até toda a margem direita do rio Paraguay, no Grão Chaco, até a Bahia Negra.

"E, assim que ainda não abriu mão de suas pretensões ao dominio de tres Provincias da Bolivia. E' assim que a ilha de Martim Garcia, proxima á margem do Estado Oriental, foi occupada e armada.

"Estes são os factos. As intenções revelou-as um dos mais moderados e notaveis estadistas da Republica, quando, na expansão do seu patriotismo, declarou—que não esperava morrer sem ver reconstituído o Vice-Reinado do Prata.

*Intenções e factos* recebem uma claridade sinistra das posições estrategicas que a Republica occupa ou procura occupar, mais adaptadas á aggressão do que á defeza. *Martim Garcia* tranca os portos do Uruguay e do Guazu, domina com os seus fogos o Estado Oriental; *Cerrito* trancará o Alto Paraná e a foz do Paraguay; *Villa Occidental*, distante 868 milhas de Buenos Ayres, é um quartel de tropas e não uma colonia civil; o estreito de *Magalhães* será um novo *Gibraltar* ou um mais extenso *Dardanellos* para as Republicas do Pacífico...

"Por entre as cerrações do Prata descobrem-se raios de luz, em que têm fitos os olhos seus argonautas politicos.

Admiro-os; mas, por Deus, peço-lhes que nos não tomem por cegos ou ignorantes...

"A invectiva (de que pela negociação separada o Brasil se constituiu o unico credor do Paraguay) não attinge o Brasil que facilitou ao Paraguay a negociação de um emprestimo avultado, cedendo-lhe a credito todo o trem rodante para exploração da sua estrada de ferro, restituiu-lhe toda a prata e joias tomadas nos campos de batalha, abandonou para as necessidades administrativas a parte que lhe tocou na divisão das presas de guerra, cedeu armas e munições para sua segurança interna, nada exige daquillo que podia ser seu direito de vencedor, garante a paz de que tanto precisa a Republica, respeita as autoridades e trata a todos como irmãos.

"Não; o povo que assim procede não pode ser o prepotente e ambicioso, a que allude o digno Ministro Argentino.

...A ingenuidade com que elle procura convencer-nos de que o *Chaco*, deserto, que o Paraguay nunca poderia colonisar é nada em comparação da immensa divida proveniente da guerra, traz á lembrança a tactica de certos mercadores, que depreciam o objecto que almejam adquirir. Infelizmente os paraguayos não pensam assim; antes, renitentes, acreditam que o *Chaco* é para elles questão de segurança interna e externa, de independencia, questão



de vida e de morte; emfim allegam, a exemplo de Pedro o Grande, e talvez com mais razão, que o somno das bellas filhas de Assumpção não deve ser perturbado pelo estampido do canhão argentino; que em caso de guerra sua Capital pode ser destruida em poucas horas, que a occupação por forças argentinas da Villa Occidental (que elles não podem colonisar a 15 milhas de distancia!) é um padraço a todo o Paraguay, especialmente á séde do Governo; que suas rendas são defraudadas pelo contrabando; que os criminosos e conspiradores alli acham asylo e dalli podem ameaçar constantemente a segurança do Estado; que de uma divida se podem libertar, não assim da espada de Damocles sempre coruscante sobre suas cabeças.

Não sei se raciocinam bem; refiro o que ouvi. Territorio, que tão pouco vale para a Republica Argentina e de que faz tamanho cabedal o Paraguay, deverá ser o pomo de discordia entre visinhos e irmãos?"

\* \* \*

Esta ardente polemica diplomatica produziu no espirito publico uma certa agitação bellicosa, que só amainou com a enviatura pelo Governo Argentino do General Mitre ao Rio, em Julho.

Durante tres mezes encontrou elle difficuldades em tratar do objecto essencial da sua missão. Só depois de prestadas completas satisfações sobre a nota de 27 de Abril, conseguiu assignar com o Visconde de S. Vicente, plenipotenciario brasileiro, o Accôrdo de 19 de Novembro, moldado na formula conciliatoria escripta por Cotegipe, na conferencia de 28 de Fevereiro com Tejedor; isto é, declarando subsistente a Alliança como antes dos Tratados—Cotegipe, que se mantinham em pleno e positivo vigor e obrigando-se o Brasil a cooperar com o seu Alliado nas negociações que ia entabolar no Paraguay.

\* \* \*

*Em principios de 1873*, manda o Governo Argentino o General Mitre ao Paraguay para negociar. O Brasil se faz representar pelo Barão de Araguaya. Mas não tendo sido Mitre sustentado por seu governo na politica de concessões que propuzera, regressa em Setembro para Buenos Ayres, com a sua missão mallograda.

*Em 1875* vem o Ministro Tejedor ao Rio... Celebravam-se as conferencias entre elle, o plenipotenciario paraguayoso Soisa e o Visconde do Rio Branco, acompanhado do Visconde de Caravellas, quando se soube que Tejedor e Soisa tinham feito um accôrdo (20 de Maio) á revelia dos Ministros brasileiros.

Logo depois (2 de Junho) retirou-se Tejedor do Rio, sem se despedir do Imperador.



O Governo Paraguay desapprovou sem demora o Tratado e demittiu o seu plenipotenciario, por se ter afastado das suas instrucções, contrariando os interesses da Republica, e cedido direitos seus essenciaes.

O Governo Argentino, por sua parte, dá plena satisfação ao Governo Imperial, quanto ao procedimento de Tejedor, e este, num manifesto que publicou, explicando a sua retirada, declara que absolutamente não tivera em mente offender a Côrte do Brasil; elogia o Imperador e se confessa grato ás considerações com que fôra sempre honrado.

### SOLUÇÃO FINAL

Em Junho de 1875, o Visconde do Rio Branco retira-se do Governo.. Chamado a substituí-lo, o Duque de Caxias exige a cooperação de Cotegipe, a quem dá carta branca para organizar o novo Gabinete (25 de Junho). Cotegipe fica com a pasta dos Negocios Estrangeiros.

O novo Ministro Argentino, Irigoyen, era um espirito cordato.

O Governo Imperial convidado em Dezembro, ao mesmo tempo, pelos Governos Argentino e Paraguay, para tomar parte nas negociações que tinham por fim o ajuste das questões pendentes entre as duas Republicas, fez-se representar.

No dia 3 de Fevereiro de 1876 concluiam-se satisfactoriamente as negociações, firmando-se, em Buenos Ayres, os tratados definitivos de paz e limites. A's conferencias em que se fizeram estes ajustes assistiu, como Plenipotenciario Brasileiro, com instrucções de Cotegipe, o Barão de Aguiar Andrade, tendo o Brasil prestado sua coadjuvação. (\*)

Quanto á questão de limites, que era a mais séria, a Argentina desistio de sua pretensão á parte do Chaco comprehendida entre a Bahia Negra e o Pilcomayo; tomou por limite a margem meridional deste rio, a ilha de Cerrito, sujeitando a arbitramento a posse da Villa Occidental, com o seu territorio até o Rio Verde.

(\*) Em carta particular escrevia-lhe Cotegipe: «A nossa tenacidade em procurar acabar com todas as questões de limites com os nossos vizinhos é attribuida á ambição de alargar as fronteiras. Ao contrario, nosso anelo é acabar com esse pomo de discórdia e firmar nossas relações sobre as solidas bases da confiança e cordealidade se a tentativa que agora faço confiado nas protestações do Governo Argentino fôr infructifera não a renovarei.

... Quanto mais adiada for a solução, tanto mais difficil será ella no futuro. Exponha, pois V. Ex. ao dr. Irigoyen o que lhe parecer mais conveniente a persuadil-o. Não occulte v. ex. que será para mim um motivo de satisfação o bom exito da missão de v. ex. O vencimento das causas ainda justas alegra o litigante.»



Ficaram assim resolvidas as maiores difficuldades de modo conforme á dignidade do Brasil e aos interesses do Paraguay.

O Brasil effectuou a desocupação militar antes do prazo estipulado (\*) e abandonou a ilha de Cerrito.

O laudo de Hayes, presidente dos Estados Unidos, foi favoravel ao Paraguay, a quem reverteu a Villa Occidental.

Cotegipe, tratando separadamente com o Paraguay, em 1872, deu solução honrosa e prompta ás nossas questões peculiares; ultimava agora sua tarefa patriotica, concorrendo para firmar-se de modo definitivo e completo a paz entre as duas Republicas.

Era a solução final de todos os compromissos da Alliança, preenchidos pelo Brasil com a maior abengação e esculpola lealdade.

\* \* \*

O Barão era intransigente em tudo quanto se relacionava com a grandeza e honra da patria; não admittia que outro povo tivesse a veleidade de disputar ao Brasil a primazia no Continente Sul-Americano.

Mas a sua susceptibilidade patriotica não excluia a lealdade com que se empenhava pela cordialidade das relações internacionais, preconizando sempre as conveniencias da paz. Para assestural-a com a Republica Argentina restava-nos resolver a unica questão que entretinha apprehensões e desconfianças e poderia motivar serios conflictos—a questão de limites.

Quando a Argentina, em 1882, deu os primeiros passos para invadir o territorio das Palmas ou de Missões, que o Brasil reputava seu, ha mais de um seculo, Cotegipe, attento, deu o primeiro brado na imprensa. Em 12 de Julho, num memoravel discurso, provou á evidencia a nossa linha divisoria e concitou o Ministerio de então a agir e acautelar-se contra eventualidades funestas.

Com essa melindrosa questão muito se occuparam Ministerios e homens eminentes, conforme á exigencia das circumstancias.

Cotegipe, chefe do Gabinete de 20 de Agosto de 1885 e Ministro dos Negocios Estrangeiros, deu ao cumprimento ao Tratado de 28 de Setembro, que assignou com a Republica Argentina, nomeando uma commissão que, conjunctamente com a do Governo Argentino, devia proceder ao reconhecimento dos rios liti-

---

(\*) Em 17 de maio escreve Juan Gill, Presidente do Paraguay, muito amistosamente a Cotegipe, protestando mais uma vez gratidão e reconhecimento ao Governo Imperial, sob cujos auspícios tinha exercido o seu paiz a plenitude de sua soberania e conseguira favoravelmente o desenlace de todas as suas questões com a Republica Argentina; ao mesmo tempo, lhe remette um exemplar do manifesto que dirigira ao povo no dia 13 por occasião do embarque das Forças brasileiras.



giosos Peperiguassú, S. Antonio, Chapecó e Chopin e do territorio entre elles comprehendido. Esta selecta commissão de abalisados profissionaes, entre os quaes Dionysio de Cerqueira, era presidida pelo eminente Barão de Capanema. Quando Capanema julgou dispensavel a verificação do rio Jangada, em divergencia com a commissão argentina, Cotegipe, sem demora, recommendou ao nosso Ministro, Barão de Alencar, que se entendesse com o Governo Argentino para que a respectiva commissão procedesse á verificação daquelle rio, porque a reputava essencial, e no mesmo sentido ordenou ao chefe da nossa commissão. Se prevalecera a opinião de Capanema o nosso direito de posse ficaria sem base. Essa verificação, entretanto, procedida pela commissão mixta, deixou perfeitamente e de commum accordo provado que o rio S. Antonio—Guazu, do explorador hespanhol Oyarvide, não era o Chopin, pretendido pelos Argentinos, mas aquelle mesmo rio Jangada, que corre muito mais a leste, abrangendo a zona então contestada, o territorio da villa das Palmas, occupado sempre pelo Brasil sem nenhuma impugnação.

Ficou, deste modo, firmada a nossa posse e esta foi a base da sentença arbitral que proclamou o nosso direito.

Em cumprimento ás estipulações do Tratado de 4 de Novembro de 1889 (Ministerio Ouro Preto) celebrado com a Republica Argentina, foi o transcendente pleito submettido ao julgamento do Presidente dos Estados Unidos, Cleveland, arbitro escolhido, e o Barão do Rio Branco nomeado para representar-nos.

Com admiravel lucidez e incitado por inspiração patriotica, tinha Cotegipe disposto os elementos decisivos e preparado o processo de que se utilisou com muito tino e habilidade o Barão do Rio Branco na monumental defeza do nosso direito. A simples leitura da sua notavel Exposição e do laudo de Cleveland, baseado no principio do *uti possidetis*, evidenciam o proveito maximo que lhes foi o trabalho esculpulozo feito e executado *in loco* pela digna commissão. E' este o trecho capital do laudo, proferido em 5 de Fevereiro de 1895, em nosso favor:

“A linha divisoria entre a Republica Argentina e o Brasil, na parte que me foi submettida para arbitramento e decisão, é constituida e ficará estabelecida pelos rios Peperi (tambem chamado Peperi-Guassú) e S. Antonio, a saber: os rios que o Brasil designou na Exposição e documentos que me foram submettidos como constituindo o limite acima denominado *systema occidental*. ”

Ficou assim definitivamente resolvida a unica questão que poderia perturbar a nossa paz com os vizinhos e surgia uma phase francamente auspiciosa, de cordialidade intima, para os povos sul-americanos. Para o feliz desenlace desse pleito memora-



vel, ao qual se acha ligado o nome do Barão do Rio Branco, contribuiu efficientemente o prestante, solícito, abnegado servidor da patria e grande Estadista do Imperio, Barão de Coteigipe.

### CONCLUSÃO

E' muito glorioso o nosso passado diplomatico, mantendo, desde a Independencia, a politica da paz e concordia com as outras Nações do Continente.

Se alguma vez praticamos a intervenção foi em soccorro aos povos do Prata contra os caudilhos que os tyrannisavam, e ameaçavam a paz americana.

Essa politica tradicional tornou-a de mais facil execução a influencia decisiva de circumstancias propicias, que ocorreram successivamente e foram transformando a attitudo suspicaz, mantida injustamente para comnosco por nossos visinhos da America do Sul.

E' expressão deste facto o Tratado do A. B. C., ha pouco celebrado.

A politica é experimental; orienta-se pelo rumo das conveniencias publicas.

Povos que possuem innumeradas riquezas naturaes por explorar, vastos territorios baldios, onde venha o trabalho intelligente exercer sua fecunda iniciativa, e cuja diversidade de producções pôde supprir a mutua deficiencia dos seus mercados, devem estender-se mãos amigas por sobre as fronteiras;—desenvolver o seu progresso, emulando, apenas, na expansão de seus melhoramentos;—consolidar na correspondencia de idéas, affectos e interesses communs, a paz reciproca. Não os separam agora problemas vitaes de interesse internacional, que entretinham rivalidades de antepassados, vistas ambiciosas de conquistas e protectorado. Nos campos de batalha, hombro a hombro, empunharam parallelamente as armas para derrocar tyrannias. São geographica e economicamente destinados a viver unidos, e hoje melhor se conhecem e com inteira confiança devem approximar-se.

A confraternisação das nações é o fructo espontaneo do intercambio intellectual, da affinidade de sentimentos, tradições, cultura, e muito principalmente da harmonia e conformidade de interesses entre os povos. Não resulta, nem depende da acção official dos Governos e da letra dos Tratados. Estes, desgraçadamente, só têm força moral e valor, quando traduzem e confirmam o sentimento nacional.

Tudo promette paz na America; mas a diplomacia do A. B. C. só pôde ser efficaz, sendo forte pelos elementos que con-



solidem o mutuo respeito entre as nações amigas e independentes e apoiem com energia os seus direitos.

O equilibrio se mantém entre forças iguaes ou equivalentes. Toda nação tem o dever, que o proprio instincto suggere, de apparellhar a sua defesa e segurança, não descansando candidamente na magnanimidade e desinteresse dos amigos, em cujas mãos o imprevisto e os graves nadas da diplomacia podem collocar armas hostis.

Na linguagem diplomatica usualmente floream os euphemismos de *familia humana*, *fraternidade internacional*, *paz universal*. Mas, quando os interesses se chocam e as paixões rugem, que valem os Tratados, os preceitos abstractos do Direito das Gentes, os compromissos solemnes e as sagradas leis da humanidade?

Quem se recorda hoje da famosa conferencia de Haya senão para applaudir, unicamente, o platonismo de suas estipulações, moldadas na ethica social?

Debalde as leis divinas e humanas estão bradando clamorosamente contra essa guerra sem exemplo na Historia, cujos canhões colossaes, atroando, abalam as columnas do mundo; e, secundados pelos multiplos artefactos da sciencia, deshonrada ao serviço da ferocidade, fazem jorrar o sangue humano, inundando as terras e avermelhando os mares.

As invenções mais uteis, offerecidas á humanidade para accrescimo do seu progresso e bem estar, adaptaram-se a destino diverso; transformaram-se, contradictoriamente, em forças pavorosas de subita exterminação.

A guerra é essencialmente violenta e louca; destróe a sagrada vida humana, nutre-se de cadaveres e de nada se commove.

Monumentos grandiosos, sobreviventes á edacidade dos tempos e nos quaes o esforço de muitas gerações, atravez dos seculos, numa collaboração continua, paciente, carinhosa e perseverante foi lentamente enthesourando maravilhas da sciencia, primores da arte, requintes da industria, não inspiram reverencia.

Reliquias privilegiadas, nas quaes o culto das edades transmitia ao futuro a alma encarnada do passado, o espirito, as idéas, as emoções que inspiraram o traçado de suas linhas, assignalando grandes épocas de criação artistica, são meros obstaculos que o furor vandalico arreda do seu caminho.

Desgraçadamente, são as nações mais cultas e civilisadas do mundo que dão a execranda prova de que nellas a animalidade da especie humana, uma vez assanhada, irrompe mais perita na hediondez de seus processos.

Não! Guerra á guerra.

Arvoremos na eminencia mais culminante do nosso Conti-



nente a bandeira branca que, fluctuando ás auras da liberdade, acene aos povos americanos um amplexo de solidarielale fraternal.

A formula internacional do A. B. C., moldurada entre ramos da oliveira biblica, não se restrinja a méra expressão inicial do alphabeto; crystalise-se em facto positivo e permanente.

Absorvamos todas as nossas energias nos officios e artes da paz.

Terminada essa guerra barbara que ahi está scandalizando a civilisação christã, traçados que sejam pelo compasso egoista dos vencedores os limites geographicos, começará a guerra economica, organisaada pelo commercio do mundo. Imprevistas relações terão de estabelecer-se. O canal de Panamá tambem é uma nova estrada.

Apparelhemmo-nos, explorando e desenvolvendo os fecundos elementos com que a natureza munificentemente nos dotou.

Temos feito, nós, o papel de ricos necessitados; ou de observadores desattentos, que no meio de uma floresta não encontram lenha para o seu fogão.

E' mister trabalhar e saber trabalhar—industria e instrucção.

A' guerra de sangue, que extermina, opponhamos a guerra de suor, que vivifica. Augmentemos o patrimonio que recebemos do passado.

Esta solemnidade, edificante pelo sentimento grandioso que traduz e honra os nobres designios do Instituto, a todos nós conforta com inspirações generosas.

As gerações, que se succedem, não ficam estacionadas; antes, se prendem, umas ás outras, por um nexo inquebrantavel de solidariiedade, promovendo o progresso, que não é senão o resultado da perseverança com que cada geração continúa o esforço da geração anterior no mesmo sentido e direcção.

O presente é já o futuro que evoluiu do passado.

Reverenciando, pois, a memoria dos grandes homens que fundaram nossa nacionalidade, que lhe criaram a civilisação, que não recuaram diante dos perigos, nem olharam a sacrificios, para servir-a, defender-lhe os brios, os direitos, a honra, acceitemos as salutaes lições do seu exemplo, accrescentando o thesouro de gloriosas tradições, que herdamos, para que o Brasil uno, forte, prospero e feliz na concordia de seus filhos, preencha seu culminante destino no concerto internacional.

E as gratas impressões da nossa despedida recordem-nos o suggestivo exemplo dos athenienses que, após as cerimoniaes civicas, vibrando golpes sonoros no bronze dos seus escudos, acclamavam calorosamente aquella palavra augusta, que synthetisa todos os affectos nobres, todas as grandezas, infortunios, glorias e



heroismos communs e é o symbolo fulgurante, na linguagem universal, do sentimento divino, que electriza a alma dos povos: Patria! Patria!

## DISCURSOS DE ENTRADA NO INSTITUTO

**Dos Srs. Dr. Antonio de Araujo Gomes de Sá, Genesio da Silva e Tenente Dr. Bina Fonyat, recebidos pelos Srs. Antonio Vianna, Dr. Armando Campos e Major Arthur Gomes de Carvalho**

SESSÃO DE 15 DE NOVEMBRO DE 1915

### DISCURSO DO DR. ANTONIO SÁ

*Meus illustres e dignissimos consocios. Meus senhores.*

Por mim, humilde membro que vou ser deste Instituto, eu vos direi sem orgulho em que me occulte: errou no que pretende, perdeu no que collime, esse que de mim muito esperou em prol deste luzido GREGIO, que, sem o meu debil concurso, vive com brilho e vence com fulgor.

Sim. Porque eu, que neste momento vos dirijo um verbo simples e despretencioso, cumprindo somente o desejo de exprimir o sentimento de jubilo de que me possuo, por ser tido no vosso doce e utilissimo convivio; no meu viver, quer como homem publico, quer como efficiente de um tempo ido, sem dons que me nobilitem, sem luzes que me guiem no presente o rumo do futuro; em pouco, em muito pouco, posso proteger o curso luminoso deste conjuncto de homens eminentes, deste GREGIO benemerito, por isso que, nem de leve, fulgem em mim resquicios de primor.

Fizestes, escolhendo-me vosso consocio, o que só costume ver nos espiritos superiores e que, por isso mesmo, surtem vãos por sobre miseros preconceitos.

Eis o motivo por que eu me deixei prender nos elos do vosso gentil convite, e devo dizer-vos, sincero, quem fui, quem sou e quem serei, vencendo o portico deste TEMPLO, repleto de fulgores.

\* \* \*

Quem fui? O debil rebento de um tronco bom e, sobretudo, honesto, em cujo viver de espiritos só virtudes vi florirem e vicios, nem de longe pretenderem prender.

Eduquei-me sob o influxo do bem e tive por complemento dos meus humildes e virtuosos genitores um excellente mestre, conhe-



cido de todos vós, que tem sido entre nós erguido em mil louvores, que nem lhe podem dizer o seu merecimento, entre os velhos, entre os moços e entre os que recebem no presente o brilho do seu espirito de eleito, fulgindo como um sol que incidisse nos pequeninos cerebros, sequiosos de luz.

Do collegio, de que conservo vivo o exemplo do bom e do honesto, fui vencer o tirocinio superior, onde, por muito feliz, entre docentes e condiscipulos, conservei, desde o inicio, ouvindo Filinto, Leovigildo e Guerreiro, um nome sem deslises, que desgostos me dêsse no meio de muitos outros, estudiosos como eu.

Tenho por mim, neste recinto, quem vos pode dizer se me expriimo sincero neste ponto.

Depois, colhido o louro de um torneio vencido, penetrei no mundo de desillusões, suppondo (ingenuo que fui) fosse o viver somente um eterno sorrir!...

Dentro em pouco, porém, vi que o sorriso dos moços nem sempre é o prenuncio de um futuro venturoso, e, sim, o prologo de um soffrer continuo ou de um existir repleto de desgostos...

E eu soffri!

Sem que desperte dores no recesso do meu dorido peito, eu vos direi: funebre dobre de sino, ouvido por mim, filho extremoso, pelo espirito deste que me deu o ser e que se foi, morrendo como um justo, entre outros golpes bem fundos, foi o primeiro que me fez sentir negrumes no viver.

Superior, porém, eu fui vencendo os obices do existir, tendo, como tive e, felizmente, tenho, consorte e filhos, meus enlêvos, que me impellem, cheio de vigor, no trilho em que me tenho conduzido neste mundo, rico de dores, e pobre, muito pobre mesmo, de momentos bons e felizes, como este.

\* \* \*

Quem sou? Um pequenino servo de Themis, que fiz do direito em si o ponto em que reside o immenso bem dos homens, e que Deus quiz fosse tido por nós como virtude de virtudes, e que d'elle mesmo nos veio por intermedio do conhecimento que todos devemos ter dos nossos e dos direitos de outrem.

\* \* \*

Eu vos disse, no principio, que tinheis feito de mim um juizo immerecido, escolhendo-me vosso consocio.

Disse e repito.

Fostes bons e fostes generosos.

Com o serdes gentis, erguestes um simples, cioso, comtudo, dos estudos que o elevem e dignifiquem, por meio dos conheci-



mentos scientificos, vendo, ouvindo e lendo, como si de cerebro sem luz, seguisse sem temores, no intuito de vencer.

Eis o que sou.

\* \* \*

Orgulho todo é meu, por me sentir no vosso doce e superior convivio.

Flue do meu ser um jubilo incontido, por me ver neste recinto, todo bom, todo proveito, como si neste TEMPLO se celebre, sob meus olhos, o novo surgir do meu espirito, sequioso do lume que me excite o empenho de viver no meio puro em que me detendes pelos grilhões dos nossos profundos conhecimentos.

Tudo eu terei, recebendo do vosso ensino o que deixei de ter em outros tempos, quer porque o desleixo me tolhesse, quer porque inconsciente eu estivesse.

\* \* \*

Eu venho beber comvosco em fonte cujo espelho reflecte os melhores dons contidos neste solio, no mesmo berço de Ruy, o vinho scientifico que me inebria o intellecto, sorvido em cópos de ouro.

Eu venho com os olhos fitos neste horizonte de luz.

E vendo os seus primores, sentindo-lhe os nobres effeitos, noto que, por isso mesmo, tudo, menos eu, concorre com brilho em beneficio do progresso intenso e positivo deste Gremio, cujos porticos, neste momento, penetro como socio.

Sinto-me bem por isso, como si de mim se fosse um outro eu, e o proprio revivesse sobre o influxo poderoso dos vossos empreendimentos scientificos.

\* \* \*

Quem serei? Si fui o *zero* que vos disse, hoje um *numero* entre vós, e, no futuro, hei de escrevel-o com um orgulho que eu mesmo nem sei como conte.

\* \* \*

O meu intimo sentir, que os vossos ouvidos percebem nos breves termos do meu singelo dizer, é tudo que de sincero reside nos refólhos do meu peito, todo cheio deste mesmo vigor e nobres volições com que tendes erguido o Instituto Historico, que de mim só pode ter fogosos elogios.

\* \* \*

Querer é poder.

Todo o homem consegue o que pretende deste mundo, persistindo firme no desejo; mormente, se possuir os requisitos do intellecto, si bem que pobres como o meu.

No meu discurso, producto exclusivo de um esforço ingente que despendi como noviço do vosso culto, vêde somente o designio



que nutri de exprimir os meus sentimentos, sem o emprego de um symbolo de todo preciso no modo de dizer ou de escrever o que os nossos espiritos conhecem e podem produzir.

Quiz, tentei e consegui que me ouvisseis por minutos, sem que dissesse o primeiro signio com que se expõem os estylos.

Releve-se-me o inepto intento.

Perdõe-se-me o estulto proposito.

\* \* \*

No intuito que tive, e bem vêdes que cumpri, louve-se menos em mim o esquisito escôpo, que o meu illustre e glorioso mestre, doutor Ernesto Ribeiro, que recebe de um seu discipulo, num excentrico discurso, os meus intimos encomios, pois d'elle eu só tenho tido luzes e conselhos com que pudesse ser recebido neste Gremio.

Elle, o emerito cultor do verbo que o celebrizou entre os profundos conhecedores do PORTUGUEZ, que encontre no meu gesto o empenho que tive de querer ser-lhe gentil, dizendo-lhe, de publico, o muito bem que lhe quero e o respeito que lhe voto.

\* \* \*

Consocios.

Sêde indulgentes commigo.

Recebei-me como se eu fosse um proscripto que buscou o recolhimento deste tecto, em que vejo luzindo os espiritos superiores dos conselheiros Torres, nutrindo, como nutro, o desejo imperecível de tudo emprehender em prôl do brilho, em bem do progresso do INSTITUTO HISTORICO, conhecidos, "*Urbi et Orbe*", o seu merecimento e o seu fim, uteis de todo e de todo proveitosos.

Tenho dito.

ANTONIO SÁ.

## DISCURSO DO SR. ANTONIO VIANNA

*Minhas prezadas Senhoras e meus respeitaveis Senhores:*

Muito de coração eu vos envio os meus saudaes cordiaes, do alto desta tribuna, a que me guindaram o doce auctoritarismo de Bernardinô de Souza, o tantas vezes benemerito secretario deste Instituto, e a radcada Sympathia que me influe o recipiendario, a que paronympho.

A prolixidade é propria dos espiritos juvenis. Não vos assusteis, porém: estimo o valor dos oradores que me succederão e serei succinto, tanto permitta a minha missão, neste momento, para que não vos demore o goso de ouvirdes as melodias da



eloquencia, que nos reserva o verbo auctorisado desses intimos da tribuna.

\* \* \*

A ausencia inesperada de Ajuricaba de Menezes me creou essa situação feliz. Aceito-a e começo a desempenhal-a.

Ainda bem que falo entre amigos e esta condição me permite cuidar de logo do novel consocio.

O melhor elogio em que, em outro tempo, eu lhe poderia fazer, neste recinto douto, era cital-o como poeta espontaneo e humorista succulento. De poeta, porém, não lhe ponho a pécha, posto que merecida, para preserval-o do oratorio dos infelizes.—“Que Deus lhe dê melhor sorte”—Já ouvi de illustre dâma a um escudeiro do Parnaso.

Entretanto, é bem assignale que o meu jovem companheiro teve trafico com as musas.

Levo-o, comtudo, á conta de verduras do espirito, que é dos moços o perpetrar versos, magnissimos, embora, de inspiração em confronto com os exuberantes cantos dos mestres gongoricos ou dos impenitentes diagolistas dos autos de fé, como os impiedosos ensaiadores da descriptiva nos poemas em que se emparelham a mythologia e mechanica, o amor e mercancia de acepipes, o Santo Officio e Augusto Comte, na bizarra promiscuidade de um balcão de turco.

Quem, jovem alumno das lettras e das sciencias, e até, ás vezes, simples medidor de oleos baratos, não praticou o perdoavel delicto de encadear pensamentos caroaveis, impressões momentaneas, estado de almas em ruma de rimas, por se lhe afigurar mais gentil e mais nobre o trajar a idéa com rythmados periodos? Não ha fugir ao attributo: não fosse o Brazil a terra dos poetas e trovadores...

A poesia está para a juventude como o perfume para as flores: raro o exemplar que não trescala versos ou aromas.

A' idade dos sonhos e da phantasia, ao delicioso decennio dos 15 aos 25 annos, poudes o caro confrade vibrar na espontanea manifestação de uma alma sadia, afinando o sentimento na cravelha do riso, do humorismo suave, que não é a gargalhada sarcastica dojogral, mas o signo de uma organização serena.

Surprehende-se-lhe a ironia a cada conceito que expende na ruidosa camaradagem estudantal. O seu riso resorta rapido a silhueta dos que o cercam, sem que esse trabalho modelador penetre o cerne e vá, ao menos, de leve tocar os recessos do character.

Deixa-nos a impressão identica ao fugaz arrepio das auras nas corollas vellutineas. Bem que lhe serviu o humorismo de arma cavalheiresca na sustentação de sua galharda juventude.



Delle registam-se as mais interessantes passagens que nos fazem lembrar Xavier de Novaes enlulado e Gregorio de Mattos, sem bilis e sem vinganças. E' a ironia de Camillo, na na casquillice de Eça. Rosentino não desdouraria de tel-o por discipulo. E para ajustar mais perto, em familia o pensamento: é Carlos Chiacchio na assiduidade productiva de Aloysio de Carvalho, o mais fecundo e mais espirituoso mestre da rima entre nós. Vá em abonoa do meu paranymphado um traço intimo com Aloysio: este pulsa o violão como um symbolo, aquelle o dedilha como troveiro enamorado, á hora da lua cheia ou nos lazeres do estagio escolar.

Dos bancos collegiaes, onde a palavra veneranda do eminente educador Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro teve a maravilha de, na formação aturada de um espirito lucido, moldar o character integro que se nos apresenta; da escola á buliçosa alegria academica, a sua vida é uma sequencia de episodios pittorescos, que mais realçam o estudante exemplar, laureado e aproveitado, que hoje se completa no profissional de reputação, a quem se abre a estrada ampla e intermina, por onde costumam desfilar os portadores de credenciaes, que o tempo não consome nem a injustiça logra apoucar.

Na academia, floresceu o seu talento, na pujança de uma vontade vigorosa e o seu tirocinio honra mestres e o recommenda.

Do Digesto ás praxes, a sua peregrinação jamais teve intermittencias: foi um investigador constante de preceitos que ainda lhe occupam os est udos na sua hoje afanosa vida publica.

Cultor do direito, accumulando cabedaes preciosos da bella sciencia de Quintiliano, deixou os humbraes da gloriosa Faculdade Bahiana entre os louvores e as esperanças dos mestres e condiscipulos, que guardam, como um perfume suavissimo, a lembrança de sua companhia, pontilhada de interessantes anedotas.

Sobrasse-me o tempo, que ora me angustia, e vos falaria, á larga, destas anedotas. E o eu tratar de semelhantes miudezas, neste momento, se justificaria com a sinceridade a que me apraz servir, sempre que tenho de fazer justiça ao valor alheio.

Fosse assim o espirito o espirito de muitos que andam por ahi, abordoados no pretexto da critica, a cantar, como pobres cegos, estropiadamente, os feitos de outrens, amigos ou desestimados, e teriamos a verdadeira physionomia do nosso meio intellectual.

Fosse o commentador aos recuados dias do individuo em apreço buscar a inicial dos seus estudos, aproveitando na fuligem do esquecimento os factos apreciaveis e teriamos obra de confiança.



Como, porém, conseguir esta perfeição de trabalho, esse es-  
crupuloso seleccionar, se não é mais evangelho a verdade, preterida  
em seu logar pela invencionice?

Resistindo ao tempo, resistindo á caudal, defendendo-se a  
instituição sagrada, que é a Historia; assim triumphase.

E' para isto que aqui nos reunimos frequentemente, quotidiana-  
mente quasi, cada um no seu posto, cada qual com a sua incum-  
bencia, todos com o pensamento em actividade harmonica.

Aprende-se o culto dos maiores nos exemplos dos que nos  
cercam, dos que vimos encontrar desde que nos tornamos intimos  
na illustre communhão.

E' o processo triumphante e capaz derestituir ao paiz o seu  
esplendor disseminado pela Providencia nesta vastidão de terras  
incultas e de homens soporisados.

Jamais me esquecerei da elocução brilhante do insigne prelado  
que nos felicitou com a sua presença, em memoravel noite de  
Outubro preterito, quando nos traçou o escôpo dos Institutos Geo-  
graphicos e Historicos—bandeirantes hodiernos da exhumação da  
Patria abandonada—como elementos destinados a produzir, nos  
seus effeitos moraes, a regeneração da sociedade abalada nos  
alicerces da familia.

Redigo o conceito ditado pela ancianidade experiente e sa-  
bedora para que se perpetue na memoria do moço que me serve  
de obecto ea quem devera affirmar a confiança que o deste  
gremio depositam nas suas resistencias de estudioso pertinaz.

Essa confissão era de dispensar com o acceitarmol-o no nosso  
meio, que implica no lhe reconhecermos as qualidades solicitadas  
aos que se nos propõem.

O Instituto Geographico e Historico da Bahia quiz de publico  
viesse eu proclamar as credenciaes do novo paladino, de vós, por  
demais conhecido.

Não as quero deslustrar, na desvalia da phrase que me accorre,  
se vivissimas se mantiveram na palavra do recipiendario.

Ouvistes-o e melhor julgareis do nosso acerto.

Seu discurso merece arguta attenção: resumbra engenho e  
arte.

O auctor, por sobejo modesto, excluiu de toda a peça a  
prolongada inicial do seu nome, que o é tambem do alphabeto.

Quiz assim ser sobrio ser sobrio e quiçá evitar a focalisação  
de sua pessoa. Baldado intento, vossas ovações assim o disseram.

\* \* \*

Meu caro Dr. Antonio Araujo Gomes de Sá.

Com os effusivos applausos de todos nós, o Instituto Geogra-



phico e Historico da Bahia vos recebe, nos votos de boas vindas que a minha palavra exprime.

Accommodae-vos comnosco.

terreno é vasto :trabalhae e sêde feliz, prezado consocio.

ANTONIO VIANNA.

## DISCURSO DO SR. GENESIO DA SILVA

*Senhores do Instituto Geographico e Historico da Bahia:*

Não me pode o embaraço chegar a maior extremo.

Nem sei eu que outro agrado assim me sustivera o animo em tal perplexidade.

Entendestes por bem timbrar de excessivos no desmedido de vosso capricho fidalgo; e a tanto me alçaste a propria coragem, que nem há condemnar-se o destemor de minhas maneiras.

Demais de tudo isso, leviano que eu fui, nem me tolerou o zelo assentir commedido á magnanimidade muito alta de vossa distincção: incauto, insoffrido, ambicioso, minha resposta se disse na precipitação contente de minha acquiescencia immediata.

Fez tanto assim o luxo todo de meu enlevo.

Pôde tanto assim a bizzarria toda de meu engano.

Todavia, primeiro que me venhaes advertir excesso no insosiego de minha alegria, ponderae que assim é razão que seja.

Os excitantes fortes é que provocam os reflexos generalizados.

Quem é o que não sabe que ao assalto de uma commoção insolita sempre nos responde o coração a estremecer um excesso maior entre os de toda a hora? E a curiosidade nova de uma impressão mais forte, na ousadia gentil de um ataque adivinhado, quem a sentiu que o não sentisse logo a se render mais vigoroso em sua exaltação?

Não é, está ahi, que eu me não tema da vertigem cá de cima, nem é que nada se me dê correr fortuna assim de me deixar levar das presumpções destes fastigios: dou bem que chegaria a pompear a galhardia de meus enthusiasmos, muito influido da maravilha destas festas, capacitado dos applausos vivos de minha disposição, se não abrissem conflictos, um com o outro, aquillo que eu quizer e aquillo que eu posso.

Mas é que nem tudo consegue a logica dos sentimentos, mesmo ao influxo magnífico destes lugares.

Por isso, malditoso de mim, até me sobreirrito com o meu despeito, triste de não poder engenhar a combinação nova de vocabulos que vingasse á magnificencia de uma traducção lealdosa, excellindo em louçanias ineditas, num triumpho real de compleição. Se o conseguira, haviéis de me ouvir a discorrer da historia.



occulta de certos encantamentos—pesadelos constantes de almas moças—que tremeluzem a chamma inquieta de uma fascinação manente aos olhos dos nossos desejos, modelando, no diluimento mesmo do sonho esboçado, a apparição mesma daquillo que se quer.

E penetrado do valor de minhas razões, está de ver que me haviéis de condescender com ellas, cedendo de vossa sympathia á posição com que falo deste desperdicio de prodigalidade, contente assim do meu proveito.

Certo eu me demoraria a discutir se há, de verdade, na essencia de cada segredo de esperança, a possibilidade de um milagre, e talvez que eu vos concitára as attensões para o mysterioso poder das cubiças disfarçadas, a ver se, desse modo, enaltecendo a valia de uma disposição latente, eu conseguira contar alguma coisa do tanto que passei vigorizando anhelos na admiração que votava a esta Casa.

Em verdade, senhores do Instituto, accumulaes, nababescos, excellencias de seu mui descommuns para a funcção superior que o vosso ideal vos commeteu. E, de presente, no meio em que viveis, reunindo um tal conjuncto de valores no privilegio da situação que vos criastes, daes a sentir que estaes sendo bem assim uma especie de polo, onde existe um maximo de potencial, centralizando um campo singular, cujas linhas de força se irradiam da parte melhor dos nossos homens cultos.

Por isso é que, tal o affirmou um grande entre os maiores daqui mesmo, a vossa historia, a historia do Instituto “faz muita conta na vida intellectual da Bahia”. Que eu me referisse propotadamente á movimentação esplendida destes ultimos dias, e, ainda assim, eu não pudera repetir-lhe a affirmativa, nem mais sincera, nem mais opportunamente.

Mas, nem é só isso. A vossa historia, a historia do Instituto faz muita conta na vida social do meio em que vivemos.

Nem há mister de que eu ponha exemplos em maiores corpos; e aqui unicamente saliento, dos Estatutos desta Casa, um objectivo, só por só, contra muitos que ahí se especificam. Nem quero outro referido que aquelle de “*fazer a diffusão da historia em todos os seus ramos e em todas as suas applicações á vida social*”.

A grandeza do fim a que ahí se visa, muito mal diriam della a equidade do meu pensar e a verdade de meu juizo, se um e outro falassem direito por minha voz. E disso eu encarregára, descansado, ao meu enthusiasmo, dando largas á minha admiração, a confiar no quanto o louvor exalça o elogio, se á influencia só e só desses estimulos, eu pudesse fiar tanto de minha traducção.

Mas é que... *traduttore, tradittore*.



E bem me é o evadir-me de assim me justicar.

Eu dizia: "fazer a diffusão da historia em todos os seus ramos e em todas as suas applicações á vida social".

Insisto em accentuar que a grandeza do objecto é maior de toda a apreciação. E que, entre nós, é elle dos desideratos mais instantes.

Todos sabemos de convicção nossa que os problemas sociaes, muito mais do que o teem sido em todo o sempre, vão a monopolizar, hora a hora, a pouco e pouco, a preocupação do nosso tempo.

Não é de outro que de Kant certa ponderação que agora faz bem ao meu proposito. E' aquella onde elle já dizia: "ainda se discute a arte de educar os homens como a arte de os governar".

Ora, por mais que nos toquem no gosto as questões de philosophia, havemos de concordar em que o abstracto dellas tolhe a possibilidade da educação geral por meio de sua diffusão.

(Já nisso o patriotismo de Theophilo Braga encontrou fortes razões para escrever uma Historia Universal.)

Demais, ainda, dessa difficuldade de assimilação pelo commum dos individuos, a verdade é que a philosophia é seu tanto violenta no suscitar idéas, ainda as menos radicaes. Pelo ordinario provoca uma ruptura de equilibrio que acarreta comsigo um sequito de desastres. E até á aquisição da nova vertical,—que é o equilibrio novo,—que de oscillações funestas que ella sóe de promover!

E' que a gestação destas noções é muito lenta, morosissima, por que de facto abrolhem proveitos de valor incontestavel. E ainda vingada a boa semente em arvore rica de viço, reabrotando aqui e ali uma haste nova de principios, garrindo a festa de um novedio lindo de idéas, muito tempo ainda há de passar, dahí que rebente, florejando, um viridario primoroso de ideaes, e activo, efficiente, fructifique em obra vivedoira.

Por outro lado, todos aquelles que pregam a critica continua da vida reconhecem no estudo da historia um meio optimo de propagar e capitalizar conhecimentos exactos, verdadeiros, do que são os seres e do que são as coisas realmente.

O individuo educado muito bem destas noções tem real facilidade em localizar no tempo, numa derivação proveitosissima, as questões vitaes de toda a ordem que lhe surjam a saltar a attenção. E assim, como se fôra despertado em sua propria educação, o estudioso adquire um tal complexo de habitos mentaes, que dahi efflue, por consequencia, um respeito grande para tudo o que é passado, um zelo extremo para tudo o que é evocação.



E é então comprehender o poeta philosopho que, ansioso de rehabilitar a tradição, veio a cantá-la a

“alma das idades”

a

“alma do passado que transmigra”,  
reconhecendo isto:

“Durante longos seculos, escuras  
“Forças do mal viciaram teu prestigio,  
“Como impedindo ao pensamento o vôo.  
“Recebendo o vigor de cada idade  
“Lotus que encerra o germen do futuro  
“Fecundam-te auras de aspirações novas;  
“Conciliou-te a sciencia, achou-te o intuito,  
“Elo espontaneo da concordia humana.

De feito, é possuido daquelle respeito grande para tudo o que é passado, é tocado daquelle zelo extremo para tudo o que é evocação, que o investigador amoroso tenta e pertenta, aqui e ali, averiguar da verdade do que andou vencendo o tempo, do que veio passando adeante, resistente, victorioso do olvido, por que assim se ratifique a moral de um feito nomeado, por que mais bem se assente a psychologia de um gesto valeroso.

E é dahi que vem a voluptade sacra do sabio interessado que todo se devota em decifrar um geroglypho egypcio ou um cunei-forme assyrio; a dilecção religiosa daquelle que todo entrega sua attenção dias a fio, já a colligir os elementos de uma lingua ignorada, já a analysar, cuidadoso, uma crypta veneravel; é dahi que vem a paciencia linda desse outro, todo extremos, ou se investiga a significação de um monumento que o destino de um dia feliz mandou erguer, ou se trabalha de adivinhar o sentido occulto de um symbolo antigo, que muita vez demora um preito de saudade.

Eu li de Taine: “a historia não é senão a historia do coração; nós temos que buscar os sentimentos das gerações passadas, e não temos que buscar outra coisa além disso”.

E de Garcia Calderon: “comprehender outras vidas é sympathizar com ellas”.

Daqui, do Instituto, do empenho seu em realizar o pensamento heroico da obra que se impôs, é clara mostra da escolha dos processos de que elle usa, a selecção dos meios que elle aparelha por attingir a meta de seus almejos. E tudo isto,—a eleição que faz do facto representativo, o carinho laborioso com que recolhe e acata o documento respeitavel, a canseira das analyses com que



examina miudezas valiosas, synthetizando noções, emfim, por que se amplie e se complete, mais e mais, o conhecimento pelo qual se interessou,—tudo isso há de rematar em real utilidade para as letras do país, para a sua vida social; e dahi a perfeição moral de muitos a projectar o bem particular de todos.

O que sentiu déveras o effeito salutar destes ensinamentos, porque se usasse a pesquisar de cada facto a causa escondida, porque se avezasse a perquirir de cada phenomeno a lei occulta, esse apprendeu, sem esperar, na verdade da historia sã, o perigoso da logica dos extremos; e, certo, há de desfazer, superior, no sectarismo mau, intransigente, das vistas unilateraes, catechizado á sciencia da tolerancia, o espirito puro de todo o preconceito, o animo alheio de toda a hostilidade.

A vós, que sabeis ao justo de como o destino de um país depende do estado de consciencia collectiva; a vós, que conheceis a preceito a enormidade dos males que na vida politica do Brasil correm por conta da instabilidade dos sentimentos em que se combina, se forma e se organiza o principio de nossas acções, dada a nossa falta de unanimidade no sentir,—conformismo emotivo indispensavel a todo o progresso, a toda a ordem nas idéas; a vós não traria eu nenhuma novidade se tentasse salientar a virtude educativa dos doutrinaamentos que vulgarizaes, manso e manso, a propiciar utilidades de maior momento.

Tambem eu mesmo o não saberia fazer. E por bem pago já me dou com o viver o que intento na devoção com que vos sigo.

Mas, ainda protegido das vantagens de vossa acolhida, e por mais alteado que eu me sinta nos remigios de minha vaidade, minha diligencia há de teimar o empenho honesto de que eu vos não prometa á feição dos meus desejos.

Já que me deixaes tomar-vos a assistencia; já que é verdade que a subida me não cansa muito, acostado que eu me vou em vosso apoio, fico que hei de haurir aqui,—um meio rico,—a seiva boa que me há de dar prestigio ao mesmo desvalor.

Ter-se-á o registo, posto em exemplo, da magia das associações sympathicas. Tem sido sempre esta a physiologia destas vizinhanças de nucleos. Nem há mesmo por onde lhes fugir ás influencias.

Mal não há, pois que é assim, em que eu descanse neste confiar.

Maneira corajosa de querer.

Eu creio, até, em que me haviéis de justificar o medo natural e o apparelho de defesa do disfarce, assim falassem por mim conceitos de Mejia no que toca a essas variedades curiosissimas de mimetismo.



Mas eu espero. Embora que a fraqueza me seja qual é, já quase a sinto força ao toque só de vossa protecção.

A provisão melhor para o pior da travessia, sei bem que a hei de ter no proprio alôr de vosso gesto.

Por bem-dizer a excellencia do incentivo que ella traz, hei de fazer de um desejo vosso todo um cuidado meu.

Ninguém poderá jamais dizer que assim ficou desmerecido aquillo mesmo que tanto se devêra encarecer.

## DISCURSO DO DR. ARMANDO DE CAMPOS

*Amigo—irmão.*

Consente assim chamar-te de publico;—que de muito prezo, para ostentá-la, a dita de nos entendermos.

Illusoria que a suspeitasse já, como tantas outras me têm sido, (ah! se têm...), á tua amizade eu me apegaria mais ainda, se possível, agora, quando, soffrego e exausto de ermo caminhar asperrimo, a voluptuosa frescura de murmuro oasis acariciante se me impõe ao descanso dos desalentados membros, ao retempero do animo quebrantado.

Dá que me não falte o alento estimulador de uma reciprocidade affectiva, em cujo sereno refugio possamos ambos, como até hoje, entendidos e affins, destrinçar decepções, conter impetos de desvairamentos, amornar coleras devastadoras e afogar desenganos aniquilantes.

Ah! que se não fôra o teu abrigoso conforto de amigo-irmão, o mutualismo, quiçá egoista, que sonho entre nós indefinido, esse delicioso comprehender de pensamentos accordes,—cimento que nos vincula,—não saberia eu, farta vez, como supportar o vazio apavorante que em torno a mim sinto crescente; os propinamentos de fel com que amarissimos dissabores travosos me envenenam a alma, eu não os conseguiria, vezes tantas, dirimidos, não fossem os intimos desafigos confidenciaes, imperativas expansões de meu modo de ser, que supportas solícito.

Assim vivemos; assim viveremos, presinto-o, numa das derradeiras visões optimistas que ainda me permitto...

Quizera mesmo, se neste momento psychico me fosse dado sonhar, entrever-nos como aquelles dois gregos legendarios, cujas almas, em astros transmudadas, com a fulgencia de todas as radiosas criações hellenicis, té hoje brilham no estellifero espaço, como symbolo perenne dos grandes irmanamentos. Contraste que a minha phantasia ansiante, avida de renascimentos, busca entre as delicias da poesia mythologica, para curar o desalento inveterado da legenda biblica, em que se vêem, logo separados em atroz antagonismo, os dois filhos do primeiro homem,—segundo dos angus-



tiosos legados de uma religião esterilizante da belleza e compressiva da vida: a evocação daquella das mais formosas encarnações do anthropomorphismo helleno, neste momento feita, reconforta e balsamiza, a jorros de luz, a escura negridão de meu pessimismo acerbo.

Ao menos na visão mystica de um symbolo, assim, alcançamos a suprema plausibilidade de uma irmanização completa, de um completo fundir inquebrantavel de dois seres, para a vida e para a morte ligados indissolivelmente.

Força é que o mysticismo de uma das minhas ultimas confianças, através do affecto meu, queira assim a nossa estima.

---

E agora, senhores do Instituto, como dizer-vos de quem, por tantos e taes laços de estreita intimidade e affectuosissimo convivio,—de intelligencia, de espirito e de coração,—é para mim algo de completivo, de preenchedor das proprias lacunas?

Como arriscar-me a não ver inquinada de suspeita, por vós, a admiração que eu quizera proclamada consciente e justa?

Demais da alegria de vê-lo neste meio, não sei que outra coisa vos diga. Acreditado, entretanto, devo ser no affirmar-vos que esse meu jubilo não é o de amigo, mas o de socio do Instituto. Não é tão somente o prazer de te-lo ao meu lado, aqui, como em toda a parte onde esteja o quero: é, sim, a satisfação alta e plena de quem, prezando esta casa, e zelando, como quem mais o fizer, os destinos seus, vê juntar-se um novo e valeroso pioneiro, um capaz e ardente cruzado da fé que professamos.

Traz, eu vo-lo juro, as melhores e mais bem forjadas armas que, para a campanha a intensificarmos mais e mais, indispensaveis nos são.

O culto do passado, pratica que quasi religiosa nos deve ser, apurou-o elle no perquirir paciente e no apurar meticoloso das fontes lidimas do vernaculo,—treinamento magnifico para os labores de indagações affins.

Para penhor disso, fio julgaes bastante a profissão de fé que ouvistes.

Emfim, para que demasias apologeticas que assim julgarieis o mais que vos dissesse?

Melhor que quanto e de quanto eu vos fiasse, garantidor elle proprio será, pelo contingente valioso que d'elle recebereis. E possa o exemplo seu de moço, que aqui vem fortalecer-se no conhecimento exacto de nós mesmos e de nossa terra, para melhor servi-la, bebendo no passado inspirações para o futuro,—animar outros assim a movimento igual...

Neo-confrade,—sê bemvindo.



# DISCURSO DO TENENTE DR. BINA FONYAT

*Exmo. Sr. Presidente e mais membros da Directoria do Instituto Geographico e Historico da Bahia.—Illustres representantes das altas auctoridades.—Meu honrado introductor.—Minhas senhoras.—Meus senhores.*

Aos que possuem uma vida curta e obscura, qual a minha, somente á bondade dos meus, hoje, consocios que compõem a Directoria do Instituto Geographico e Historico da Bahia devo a honra de vos dirigir a palavra, desta tribuna, por onde têm passado as mais notaveis intelligencias e illustrações do Estado.

Bem comprehendo que não tenho ainda titulos que me recomendem a tão alta distincção, de pertencer ao Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Convicto de que os meus serviços ao paiz, como homem publico que sou, não servem de ingresso a este areopago, composto do que de melhor possui a sociedade da Bahia, com a qual convivo ha já cinco annos quasi, e á qual já me habituei a querer, como se minha fosse, dadas as raizes que aqui deixei crear chão abaixo, eu só justifico vossa benevolencia, em me fazendo vosso consocio, no interesse, por vós sabido, com que acompanho o evoluir do meu paiz, da nossa cara patria.

Não me posso, de modo algum, igualar ás esclarecidas competencias que se têm revelado neste tabernaculo...

Ousadia minha seria, si quizesse hombrear com os grandes intellectuaes que aqui se têm feito ouvir e sentir, na predica dos principios sagrados da moral, na reminiscencia dos factos passados ou na firme orientação dos principios politicos que nos regem.

\* \* \*

Não exagerei, portanto, quando vos disse honrado com a acceitação, por parte da digna e esforçada Directoria, do meu nome, para socio deste Instituto.

Sem deslustrar a missão das outras associações, que, nesta terra, existem, não vejo outra que lhe sobrepuje em importancia, quer pelo seu programma patriotico, educativo e altruista, quer pelas élites que a compõem.

Destinada a recordar aos presentes o nosso passado, ella constitue talvez o mais forte incentivo para a elevação dos nossos costumes, estreitando os brasileiros na continuação do que de mais sagrado hemos herdado dos nossos antepassados.

Não é meu intuito recordar aqui, por ser muito do vosso conhecimento, os grandes serviços a nós prestados, pelos vestigios que neste local têm deixado as gerações desaparecidas.

Com a divisa do grande philosopho "Recordar é viver", que



o Instituto tomou para seu dilemma, já muito se tem aqui aprendido; que de inspirações têm assaltado aos cerebros dos seus assistentes, ouvindo as competências, para o proseguimento da vida de honra dos nossos antepassados, assim como para o progresso desta nossa civilização.

Aos corações bem formados nada é mais suave, do que recordar.

Aos caracteres mais severos, nada mais satisfactorio do que o applauso a seus actos, pelo identico proceder ao dos seus ascendentes.

E' estudando o passado que bem orientamos o futuro; é rememorando a nossa historia que aperfeiçoamos os nossos ideaes; é encarando os nossos antepassados, profissionaes da honra e do dever como elles o têm sido, que nos encorajamos para a lucta pela felicidade dos nossos.

E' aqui a escola de tudo isso...

\* \* \*

Templo, em que se cultúa a virtude, o saber, o passado e a Patria, mais do que nenhum outro, si m'o permittem, dizer, sem lisonja, o Instituto Geographico e Historico da Bahia deve entre nós merecer a primazia.

Daqui irradiou o Brasil!

Aqui teve inicio a nossa querida patria; daqui foram expulsos os ultimos soldados da metropole, quando então se poudo constituir a nossa autonomia de nação livre.

Terra que recebeu a visita dos seus descobridores, a Bahia é a cellula da nossa Historia e da nossa Geographia, ou, o que vale dizer:—da nossa nacionalidade.

Em todas as épocas, jamais deixou de ter primordial papel na suprema mentalidade dos nossos destinos.

Aquelles seus filhos, que espalharam a vida e a civilização, até formarem o Brasil de hoje, sempre o elevaram até os nossos dias.

Pelo predomínio politico deste Estado no regimen decahido e pela supremacia intellectual dos seus filhos, quando foi do nascimento da Republica, o Brasil é um producto da naturalidade bahiana.

E, por isso, o Instituto Geographico e Historico da Bahia possue o primordial logar.

\* \* \*

Agradeço-vos, pois, a honra que me conferistes, incluindo, o meu obscuro nome, na lista dos que amparam esta instituição, sustentaculo do nosso passado.

Agradeço-vos, ainda, a escolha da vossa parte, particularmente



prazenteira para mim, do meu companheiro e amigo, o Sr. Major Arthur de Carvalho, para saudar a minha entrada nesta casa.

O meu digno introductor é um exemplo de caracter e de saber, pelo que, farei sempre o que em minhas forças estiver, para corresponder á responsabilidade dos seus meritos.

Resta agora hypothecar-vos os meus esforços em pròl do desenvolvimento e elevação do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Eu o faço, solememente, ante tão distincta assembléa.

BINA FONYAT.

---

NOTA—O discurso do Major Arthur Gomes de Carvalho não foi entregue á Secretaria, pelo que deixa de ser publicado.

---

## DISCURSO

**pronunciado na sessão solemne do dia 3 de Maio,  
pelo Dr. Braz do Amaral**

*Senhores:*

Quando, ha 22 annos, fundamos esta instituição, nós, que formavamos um grupo de homens de indoles, profissões e ideaes muito differentes, estavamos todos longe de pensar, no meio pobre e desanimado em que lançavamos a semente, que ella tivesse tão prolongada vida e que houvesse de resistir a tantos embates e obstaculos.

Alguns não cogitavam do futuro e eram levados pelo desejo de concorrer para o que outros queriam; em muitos actuava este *deixar ir*, que tanto influe nas pessoas em que não ha sobre cousa alguma opiniões radicadas e firmes; em outros actuavam determinantes de diversas especies.

Alguns, porém, tinham orientação segura sobre uma especie de alicerce de uma instituição que devia servir algum dia como um nucleo de estudos fortes, uma como escola de severas e elevadas idéas, logar onde se aprendesse a discernir e a julgar entre outros factos, as acções dos homens e a vida das sociedades.

Era, portanto, uma forma de nobre e grandioso ensino que intentavamos levar a effeito, o mais difficil e arrojado de que é capaz a intelligencia humana.

Fazer da Historia, a mestra da vida, um caminho para formar



os espiritos, ajudar a educação delles com as precisas demonstrações e provas, ensinando-os a amar a verdade e distinguir o real valor do falso, o que serve para ganhar vantagens na vida do outro, o que conduz á rectidão, porque se baseia na moral.

Tal foi entre nós o pensamento predominante ao fundar este Instituto!

Discernir, separar o honesto do deshonesto, não é facil ás vezes e ainda mais difficil é dar o verdadeiro lôgar na escala da dignidade ou das misérias humanas a quem o merece.

A Historia é, antes de tudo, um professor de moral, applicando a cada caso exposto a expressão séria e sã, approvadora ou repulsiva perante as leis eternas do bom, do justo e do honesto, sobre o que fazem os homens, e esta associação tem por fim servir de deposito de provas, de manancial de documentos e informações capazes de fixar e estabelecer a verdade sobre os actos da vida, tanto na politica como na sociedade, de modo a apurar-se a determinante delles.

Importa pouco, deante da posteridade, como deante de Deus, que seja o reprobó um genio ou um indigente sem cultura.

A intelligencia, os dotes do saber, as vantagens que dão os conhecimentos das sciencias não attenuam os crimes e os desvios; pelo contrario, tornam-os como a embriaguez para o soldado no tempo de guerra, uma circumstancia aggravante e fatal.

Atravez do tempo e do espaço, irmanam-se na grandeza os que fazem cousas altruisticas e nobres, como se irmanam na ignominia os que commettem ingratidões, fraquezas e perversidades.

E se não vejamos!

Ha muitos annos, o governador romano da Judéa, Poncio, chamado a pronunciar-se sobre a sorte de um accusado, que elle sabia innocente de um crime politico que lhe attribuiam, abandonou-o aos seus inimigos, para não se indispor com uma plebe irritada contra a victima e não fazer desaffectedos seus os que tinham interesse na sua morte, embora conhecesse perfeitamente os moveis que impelliam taes accusadores.

Dahi em deante—... E... E quantas vezes se tem reproduzido isto?... Um individuo devorado de ambição, de fama e notoriedade, precisa para esse fim de uma assembléa, deante da qual tem de se pronunciar sobre certa pessoa que a maioria dessa assembléa detesta por lhe haver fustigado alguns desvios e vicios.

A pessoa accusada está innocente, o ambicioso de fama e notoriedade sabe-o perfeitamente, conhece mais que essa pessoa tem plena razão e já lhe sentiu o valor quando em uma occasião difficil com essa pessoa se encontrou quasi só no momento em que



todos o abandonavam, mas não se quer indispor com a maioria hostil ao accusado, contra o qual se excitam muitas paixões e odios.

Titubeia e exclama, receiando ultrajar o amigo das horas difficeis...—Mas isto não se deve fazer com Fulano! Com um homem que tem prestado a nossa sociedade os serviços que elle tem feito, isto é uma injuria!

Lgrimas tremem-lhe na voz!

Ainda diz a outro—Fulano tem razão!

Mas, chamado a votar, pronunciando-se contra o amigo das horas difficeis, pronuncia-se contra aquelle que julgava ter razão em sua alma, contra aquillo que no seu senso intimo era o justo, para não desagradar a maioria encarnçada contra um inimigo!

E quando lhe notam depois a singularidade de tudo aquillo, responde ainda, para desculpar a sua fraqueza:

—Mas como é que eu ia ficar sósinho!

Aqui no Brazil, no periodo colonial, Lazaro de Mello, recebeu de seu padrinho, Manoel Beckmann, o pão e o sal, o abrigo da casa e o caminho da vida e da fortuna, mas quando este foi accusado de rebellião, Lazaro de Mello o denunciou e entregou ás mãos do algoz!

Ha cerca de 300 annos, Tito Oates, explorando o odio da nação ingleza contra o papismo, falsificava uma accusação, da qual se deprehendeu que os jesuitas tramavam uma conspiração para matar o rei e destruir a religião anglicana, na Inglaterra.

Muitas pessoas foram condemnadas por tal crime, que era a obra de um impostor perverso, como se vio depois.

Passados muitos annos, um individuo que deseja perder a outro, porque lhe é desaffectedo e lhe ambiciona certo posto, mandou escrever por um amigo um artigo em que era atacada a pessoa que elle queria depôr, e o cumplice, sabendo perfeitamente o que estava a fazer, escrevia com risadinhas, parando ás vezes a pena, hesitante, para esboçar meias resistencias—Que aquillo era muito forte... que não fizesse isso!... Mas escreveu tudo, e o artigo foi publicado na parte que os jornaes têm aberta a um tanto por linha a todas as insinuações, torpezas e calumnias!

Francisco Bacon, moço, pobre, sem nome e sem fama, foi apreciado, graças a seus talentos, pelo valido de uma rainha, o Conde de Essex, que o protegeu, o introduziu na Côrte e lhe abriu o caminho dos altos cargos da carreira publica, pondo-o na linha da gloria e da fortuna!

Pois quando a soberana aborreceu a Essex e o quiz fazer condemnar, o instrumento que mais seguramente serviu para perder o Conde foi o seu protegido Francisco Bacon, que é,



entretanto, o celebre philosopho, uma das estrellas da intelligencia humana, o mesmo de quem Macaulay ajuiza que proclamava grandes e boas cousas e as fazia más e indignas.

Dizei-me agora se todos estes desgraçados não devem ficar expostos perante a posteridade, como punição da fraqueza de caracter, do egoismo e da covardia, e para que, pela reprovação das consciencias honestas, estes deshonoradores da especie humana não fiquem a se confundir com os bons, com os que têm almas justas e nobres?!

Quanto ás sociedades, repetem-se ellas, como os homens, com os seus defeitos e vicios, e não raro as mesmas causas ou causas analogas de interesses de certos grupos que nellas vem a predominar, transformam-as em instrumento para servir a gôso e ambição de alguns, factos que apressam a corrupção e quêda dessas mesmas sociedades, além do enfraquecimento resultante do tempo, que as fez semelhar ao organismo humano, nos seus tres períodos de desenvolvimento, apogeu e declinio.

Depois do perpassar de muitas sociedades antigas, que se diziam fundadas sobre a tyrannia e a escravidão, vimos o evoluir das novas sociedades christãs.

A' semelhança de Boudha, a victima dos phariseus havia tentado reformar o mundo com uma orientação de paz, de irmandade, de compartilhamento pelas dores alheias, assim como de resignação nas proprias.

E parecia que deveras se ia estabelecer no universo uma esperanza de serena paz e de cordialidade entre os homens!

As revoluções, crises temporarias, terminavam de ordinario por um apaziguamento, no qual se entrevia em um futuro ainda remoto, mas que parecia realisavel, o ideal christão de paz, caridade e bem reciprocos.

Vira-se, é verdade, que a doutrina da irmandade, tanto no christianismo como no budhismo, era um ponto fraco na applicação das duas religiões e os espiritos argutos desconfiavam que os homens nunca a praticariam seriamente.

Veio a Revolução Franceza e chamou—a Igualdade e Fraternidade, mas á evidencia ficou logo patente que as classes descendentes dos antigos conquistadores e as classes novas, formadas pelos ricos do seculo 19º., não cumpriam de forma alguma os themas da Revolução.

Entretanto, sempre se suppunha que pelo lado religioso se chegasse a um resultado, notando certos actos de altruismo na sociedade.

Os negros, por exemplo, foram por muito tempo expatriados á força e sujeitos a um captiveiro. Isto revoltou os espiritos



philantropicos, pelo que em toda a parte se fez a propaganda pela liberdade dos negros; e em nome do principio de que todos são irmãos, se extinguiu oficialmente a submissão de uns aos outros pela força.

Mas o desejo de predominio de uns povos sobre outros não cessou, o desprezo dos mais fortes pelos mais fracos não diminuiu, e, no fundo, o fanatismo das grandes populações por um individuo, o seu monarcha, não desapareceu, apesar de todo o esforço dos socialistas e das leis liberaes e egualitarias.

E um elemento novo, peor, mais egoista e mais desapiadado do que a antiga força ou predominio de um só sobre muitos, por prejuizo de sangue, veio produzir toda a quéda do systema. Foi o capitalismo.

A accumulção da riqueza em poucas mãos produziu a exploração regularisada dos pobres pelos ricos, dos pequenos, muito numerosos, pelos grandes, em numero limitado.

Começou a se admirar e a chamar progresso o apparecimento das enormes usinas e fabricas.

E logo os europeus não chegaram mais lá na sua sua terra e os capitalistas, não tendo mais quem consumisse os productos das suas fabricas, lançaram os seus agentes á exploração do mundo.

Como outr'ora, no ultimo seculo da Republica Romana, as guerras não se faziam mais pela gloria do Estado e sim pelo interesse dos capitalistas, que exploravam as provincias e os reinos visinhos, commettendo nuns e noutros toda a sorte de exacções, as quaes motivaram na Asia, entre outras, a celebre resistencia de Mithridates e a ser satisfeita de uma maneira atroz a ambição insaciavel daquelle magistrado romano, Aquilius, a quem derramaram pela bocca ouro derretido, tambem agora, no mundo moderno, os generaes, os almirantes, as frotas e os exercitos coloniaes se tornaram agentes dos banqueiros.

Os negros não foram mais transportados para servir na America como escravos, porém receberam a submissão imposta pelos europeus lá mesmo na Africa e lá servem para explorar a terra.

O systema da usura chégou a um extremo nunca visto e os paizes que o condemnaram nas suas leis sujeitam-se a elle abertamente, no que se convencionou chamar *typos dos emprestimos*.

Por causa desses emprestimos, os representantes das Republicas fracas da America, apanhadas na rêde das especulações da usura, mendigam humildemente a benevolencia dos banqueiros das grandes capitães europeas, como nunca o fizeram os mais servis cortezãos nas antecamaras dos seus soberanos.



Creou-se um vasto calculo de exploração dos paizes de produção habitados por povos fracos e mal governados.

Começou a fazer-se systematicamente uma vasta exploração do mundo em beneficio dos banqueiros da Europa e dahi nasceu uma serie variadissima de casos juridicos e politicos, de complicações de varias especies, que produziram as mais aberrantes e injuriosas violações do direito e da justiça, as mais vergonhosas fraudes e desvios do cumprimento de obrigações contrahidas, como a que se deu ha quatro annos com o desmembramento do imperio turco, e as mais flagrantes violencias á pratica dos principios christãos, honestos e de honra.

O commercialismo, a avidez do ganho, excitando a ambição de dominio, de tudo avassalar e de tudo açambarcar, levou a uma politica cujos resultados não podiam deixar de produzir sérias desavenças pelo choque dos interesses.

Ella se deu como uma consequencia logica dos erros e immoralidades accumuladas, porque é logico que o mal ha de sempre produzir o mal.

Na ancia da luta desvirtuaram-se de todo o que a doutrina christã mostrava de mais elevado, o que os philosophos e moralistas expunham nas suas lições como a marcha ascendente da humanidade para o seu aperfeiçoamento.

A civilisação renegou as suas crenças e os principios apregoados, e o que se chamava *estado barbaro* triumphou e hoje levanta altivamente a cabeça, predominando a força bruta sobre o direito e a liberdade.

Os homens fundem-se com o Estado e o Estado se concentra ou na vontade absoluta de um, ou na gana capitalista de banqueiros avidos, conforme obedece a sociedade a uma destas duas forças.

Voltou-se na parte mais civilisada do mundo a uma especie de fetchismo, isto é, á adoração irreflectida, apaixonada, grosseira e feroz e, como num delirio, a morte e os quadros mais execraveis da devastação se tornam as coisas comezinhas, applaudidas e quasi normaes da vida das que se chamavam outr'ora as nações cultas e christãs.

Mata, mata, é o grito de todos, o grito que se ouve por toda a parte na Europa.

A azagaia do africano selvagem, que corta uma só vida e que era o instrumento do obscurantismo, se tornou um brinquedo ao lado das armas dos civilisados, que ceifam muitas vidas em cada tiro.

O processo atroz de matar os roedores, presos numa ratoeira, lançando-lhes fogo, depois de banhal-os num liquido inflammavel, e que repugnava pela bestialidade dos que o empregavam, tornou-



se o meio favorito que a intellectualidade superior da Europa está empregando para conquistar suas victorias.

Eu explicava a meus discipulos, ainda ha pouco tempo, que era horrivel e fóra da dignidade humana a crueldade de Carrier, o medonho proconsul da Vendéa, que ordenara as *noyades* de Nantes.

Pois as *noyades* de Nantes pouco são deante do afogamento de milhares de innocentes de cada vez, de todos os sexos, idades e condições!

A civilisação dementou e, como uma louca, atravessa hoje os mares, as terras e os espaços do ar, desmentindo o que ella apre-goára como a justiça, o direito e o bem!

Inverteu-se tudo, pois.

Os selvagens fazem mais cousas de christãos, obedecem mais aos dictames do direito, da moderação, da tolerancia e do respeito á vida de seus semelhantes do que os que até agora se apresentavam como superiores a elles, por praticarem essas virtudes e orgulhosamente se classificavam de *raças superiores*.

Pelo que, cabe-nos reflectir se foi para isto que progredimos tanto?

Se foi para este resultado que se fizeram tantas rapinas e tantas violencias na America, na Asia, na Africa e na Oceania?

Se foi para isto que os europeus têm causado tantos soffrimentos aos povos fracos e têm feito tantas trapaças, tantas faltas de fé, tantas adulterações da verdade e do direito?

Se foi para isto que tantas especulações se fizeram, apparentando altruismos, realisação de progressos e de importantes obras, que apenas escondiam o interesse de especuladores e de usurarios, de companhias de argentarios, que abertamente declaravam depois não terem feito *politica sentimental*?

Se foi para se engolfar neste abysmo de desgraças que se corromperam tantas e tantas vezes os dirigentes dos paizes em que apparentemente o governo está nas dependencias dos povos, mas se acha, na realidade, nas mãos de alguns poucos sem escrúpulos?

Se foi para isto que se faziam os contractos immoraes que esses povos vão pagar com immensos sacrificios, afim de se levantarem capitaes da Europa, que se assemelham a Sodoma e a Babilonia da antiguidade; afim de se estadear aquelle luxo da plutocracia feliz, para o goso da qual contribuiam todos os povos da terra; os operarios brancos, sempre miseraveis, e os trabalhadores americanos, asiaticos e africanos, os indigenas, que, para multiplicar o ouro dos banqueiros da Europa, patinham nos lama-



ções, cavam as minas, suam e morrem nas terras paludosas e quentes?

Deu, afinal, no que estamos a saber, tanta especulação, tantas manobras de usura, tanta corrupção, tanto mal e tanta gana de dinheiro!

Não valia a pena empregar taes meios para chegar a este fim, como não vale ao homem ter o fito de enriquecer por todos os meios, mesmo os mais indignos e infamantes, para morrer antes de chegar a perfazer a somma desejada, como tantas vezes acontece!

Nós, com os olhos da historia, escrevemos e registamos tudo, para que tirem desta tremenda lição as conclusões que merecem os que vierem após.

Por agora, todos, á semelhança do historiador italiano, nos detemos para isto deante do desastre de uma civilização, como elle sustou a sua narrativa perante o cadaver de Cesar, victimado pelos seus apaniguados e amigos, no que nós hoje chamariamos uma scisão politica, insensivel e sereno na magestade da morte, para dizer:

—Elle jazia agora alli, e alli só pela primeira vez descansava!

A Persia estava salva!

O grande destruidor tinha sido por sua vez destruido!

E' cedo demais para prever se os povos fracos e mal organisados ainda, terão de se sujeitar a um despotismo militar e monarchico, absorvente de todas as liberdades individuaes e ameaçador para todas as nacionalidades independentes; se continuará a fazer-se a exploração do mundo pelo commercialismo dos monopolisadores de dinheiro, dos traficantes de valores e de trabalho, ou se surgirá uma solução nova que, após o cataclysmo, como ha cem annos após a Revolução Franceza, dê ensanchas á formação de outros Estados e de uma era que, garantindo a paz universal, permitta á humanidade continuar a cuidar da sua conservação, a desenvolver as virtudes, a applicar os melhoramentos sociaes, tão caramente adquiridos, e lhe permitta esperar emfim que se tornem realidades os grandes ideaes do christianismo!

Está aberta a sessão.



# RELATORIO

**apresentado pelo 1º Secretario do Instituto Geographico e Historico da Bahia Prof. Bernardino José de Souza no dia 3 de Maio de 1916, data do anniversario da fundação do mesmo Instituto**

*Senhores:*

Se tanto chamamos astro o sol como as nebulosas, toleramos que umas mal se distingam, enquanto o outro, illuminando a terra, apaga o firmamento: phrase de um dos Castilhos da Lusitania classica, que bem se ajusta no preambulo do Relatorio que a lei deste Instituto me ordena fazer todos os annos, dizendo-vos a nossa vida de 365 dias escoados. Após a mal distincta claridade da minha palavra, o resplendor da eloquencia peregrina de Theodoro Sampaio, nosso orador official.

Vinte e dois annos atraz, numa das salas do Gremio Litterario desta cidade do Salvador, um reduzido manipulo de amantes da nossa geographia e da nossa historia lançavam os fundamentos deste Instituto, que hoje vos recebe, entre flores e jubilos, galas singelas do seu anniversario, que as prendas da vossa fidalga gentileza exalçam nas expansões de uma festa educadora.

Levantaram o templo das nossas tradições e o cenaculo das investigações da nossa gleba: e desde aquelle então, levitas dedicados começaram, ora a enthesourar lembranças dos outros tempos, ruinarias de dias muito velhos, cimelios preciosos dos avoengos, não raro colhendo "as flores da seara antes de passar a ceifeira" para o encadeiamento do dia de hontem ao dia de amanhã, ora a promover o conhecimento perfeito da nossa terra, tendendo á revivescencia dos arrojados tempos dos sertanistas de outr'ora, cursando os campos ignotos de terra a dentro.

Dos seus primeiros paladinos alguns já não existem, outros são dentre os nossos maiores e estes poderão dizer se a nossa geração tem continuado a manter o fogo sagrado nestas aras benemeritas, onde, no culto desinteressado do passado memoravel, se fortalece a esperanza no futuro e a fé vivissima nos destinos altos da nossa terra amada.

Tambem vós, meus gentilissimos ouvintes.

Não arrefecemos um só instante na aspera jornada que empreendemos: em nossos hombros, um dia, descansaram a sorte do Instituto e ao nosso nome deram a responsabilidade maior na manutenção desta Sociedade nobilissima, que "não exprime um



egoismo, não timbra no ganho material, não pretende um soccorro mutuo”.

De pertinacia e dedicação, de amor e boa vontade fizemos a panoplia para a pugna nobilitante, e de como nos portamos na justa, que vos diga a lisa sinceridade dos nossos irmãos de trabalho.

Andam-nos em mente, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, os esforços ingentes dos primeiros que lidaram nesta tenda: aos seus exemplos compomos os nossos labores parcissimos ante a grandeza do commettimento sonhado pelas suas almas de patriotas insignes.

E temos feito muito se em parallelo collocardes os vultos venerandos que a regeram e os diminutos valores de quem tem hoje a gloria da sua guarda.

Sobretudo o menor dos vossos servos e o servo maior do Instituto.

Servo que, em verdade, o sou, cumpro a sua lei: devo fazer o Relatorio das principaes occurrencias do anno que hoje finda no marco do vigesimo segundo anniversario do nosso e vosso Instituto Geographico e Historico.

Eu vos devia, porém, estas palavras preliminares, exhortação ao vosso generoso espirito, para o perdão das minhas faltas e dos meus erros, rogativa á vossa florida generosidade para a ajuda do Instituto, que vive para a Bahia e pela Bahia, nossa terra idolatrada, terra amada de nossos paes, terra venturosa de nossos filhos, se carinhos e labores lhe dedicarmos, sincera e patrioticamente. E aqui é, sem duvida, uma bella escola do amor da patria, que nasce da educação civica e que gera o orgulho nacional.

Zelamos aqui tradições, fundamentos da alma nacional, que a firmam e amparam, que a exalçam aos seus proprios olhos, que a illuminam e norTEAM, pela visão retrospectiva, não só dos infortunios e grandes perigos, senão das empresas valorosas e dos feitos memoraveis e glorias refulgentes de seus antepassados illustres. Vamos assim intensificando velhos affectos, e venerando virtudes ancestraes.. E zelando tradições, fazemos aqui tradições que constituem sementeira copiosa em rasgos de abnegação no presente e cheia de beneficios para a romagem do futuro.

A nossa vida foi intensa, nos doze mezes hoje vencidos. Officina de trabalho colectivo, culminada pela melhor fraternidade, poiso de estudo individual, scenario de discussões scientificas, órgão commemorativo de festas civicas, portico onde se conjugam idéas para realisações fecundas, foi tudo isto o nosso Instituto. Scientistas disseram aqui as verdades obtidas em locu-



brações penosas; litteratos aqui contaram as suas impressões de arte; em nosso ambito vibraram lyras de poetas; ouvimos a palavra arrebatada de propagandistas emeritos; aqui se fizeram ouvir mestres educadores e de um principe da Igreja vimos o vulto magestoso e veneravel, que nesta sala deixou cahir a derradeira torrente dos fulgores de sua palavra famosa.

Não importa a modestia dos commettimentos; devemos-os aferir pela craveira das condições vitaes do nosso gremio.

Façamos-lhe o summario.

## CONFERENCIAS

Nos doze mezes transcorridos, quatro vezes aquella tribuna foi honrada com o dominio de vultos eminentes das nossas letras.

Aos 18 de Julho de 1915 o Instituto ouviu a voz do Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, fidalgo representante da nobre linhagem dos Abrantes: S. S. discorreu sobre a catastrophe que ainda hoje enluta o mundo, crise formidavel que desvenderá novos horizontes á humanidade. Testemunha ocular dos movimentos bellicos até a grande jornada do rio Marne, tivemos, por 70 minutos de fala conceituosa, apurada, educadora, profundamente criteriosa, a visão do estupendo conflicto entre os maiores operarios da civilisação.

Foi nesse dia que o Instituto, tendo escutado os lamentos da Terra do Sol, exorou, por minha voz, uma esmola para o soccorro de irmãos desgraçados do Nordéste, crestado pelo sol ingrato. Bello dia em que a romagem propria da nossa sociedade se adereçou das perolas da caridade.

Quando se contaram doze dias de Outubro, ouvimos a palavra sabia do integro magistrado Dr. Ezequiel Pondé, discreteando como mestre sobre o *Juiz e a forma de sua actuação nas applicações do Direito*. Aquella tribuna raras vezes se terá elevado tanto como a elevou o eminente conferencista: jurisconsulto insigne, deu-nos uma das nossas noites mais fulgurantes.

Onze dias depois, a 23, uma Conferencia sabia exornava-se dos attractivos de uma commemoração justissima: celebramos então o centenario do nascimento do Barão de Cotegipe, lustre do nosso passado, perpetuando no marmore a festa em sua honra e nossa gloria. Nesse dia tivemos a ventura da palavra primorosa do nosso venerando consocio Dr. João Ferreira de Araujo Pinho. O valor da sua peça sobreleva por ter sido um *magnifico inedito* em torno da missão de Cotegipe no Rio da Prata: a nossa Revista registrará o magistral estudo.

Aos 19 de Novembro exteriorisamos o culto fervoroso da na-



cionalidade, na festa do auri-verde pendão: entoamos dois hymnos, um pelo verbo fecundo e castiço, brilhante e inflammado do meu querido mestre Dr. Virgilio de Lemos e outro pela penna do immenso Euclydes da Cunha, na demonstração do *Valor de um Symbolo*, que a generosidade de Arnaldo Pimenta teve a bem mimosear ao Instituto. Era o Instituto cumprindo a sua missão educadora nas hosannas ao symbolo da Patria, festa grandiloqua, que nos ensinou o patriota professor de New-York, Jorge Bolch, primeiro a praticar a nos Kindergarten da metropole gigante do Norte, desfraldando a sina das listas e das estrellas aos beijos e aos olhos da infancia garrula de seus jardins. A sublime oração do nosso Conferencista guardou-a o Instituto e aos 19 de Novembro do anno que corre distribuirá impressa pelas escolas e gymnasios, afim de que a mocidade a leia, e guarde para todo o sempre a pagina formosa do grande espirito e largo coração.

Eu vos aviso de que no proximo dia 13 de Maio, em homenagem ao celebrado dia da redempção, aqui falará o provecto mestre Dr. José Rodrigues da Costa Dorea, a respeito da portentosa nação americana. Eu vos rogo a presença e em troca desta honraria o coração agradecido.

### SESSÕES EXTRAORDINARIAS

Foram 8 as sessões extraordinarias havidas no periodo que vos historio: 2 commemorativas de datas nacionaes, as de 13 de Maio e 15 de Novembro; uma solemnisando a recordação da maior data bahiana, 2 de Julho, quando tivemos o auxilio efficacissimo e a bonissima companhia da Liga de Educação Civica, que, pela sua benemerita Directoria e pela palavra do seu dignissimo Presidente, Dr. Manoel Carlos Devoto, tanto relevo deu ás festividades civicas do memoravel dia, que assignalou um dos nossos maiores triumphos; em 2 outras, a 14 de Setembro e 11 de Outubro, ouvimos duas palavras de propagandistas, a do representante da União Pan-Americana e a do Dr. Edmundo Gutierrez, columbiano de nascimento, americano de coração, cuja eloquencia arrebatada tanto impressionou o luzido auditorio, que o applaudiu calorosamente; uma foi realizada para a recepção de uma gloria do clero nacional e Presidente do nosso irmão Pernambucano, recebendo-o entre as demonstrações do nosso respeito e as homenagens da nossa veneração, dando-lhe o titulo de Socio Honorario; a de 22 de Setembro é a maior lembrança da minha vida, por isso que, de volta de Pernambuco, os excessos da generosidade de meus companheiros de trabalho e a amizade inquebrantavel de um mestre amigo e de um amigo irmão tiveram a bem tributar-me uma honra,



rão grande, tão além do pequeno merito que posso ter, que a resposta que lhes dei foram as minhas lagrimas agradecidas; finalmente, na restante, aos 17 de Fevereiro, commemoramos o centenario de Adolpho Warnhagen, Visconde de Porto Seguro, o maior dos nossos historiographos, cuja vida laboriosa e insigne foi relembrada pelo nosso orador official.

### SESSÕES ORDINARIAS

Tambem foram 8 as sessões regulamentares.

13 de Junho, 25 de Julho, 31 de Agosto, 10 de Outubro, 28 de Novembro, 17 de Fevereiro, 26 de Março os seus dias. Em todas tratamos de assumptos referentes á vida do Instituto, não raro versando problemas recommendados pelos nossos Estatutos. Dellas falam minuciosamente as nossas actas—chronica da nossa historia.

### PALESTRAS OU TERTULIAS

Destas reuniões litterarias e scientificas dos socios, em bôa hora creada por um grupo de devotados á prosperidade desta casa, houve seis: Eutychio Leal, moço e já brilhante scientista, que tem a sua gloria maior no Hospicio de Alienados desta Capital, Descartes Magalhães, bello espirito num character sem jaça, Braz do Amaral, o mais trabalhador dos nossos historiographos, Pedro Mello, grande talento e grande competencia, Caio Pinheiro, o almirante querido do nosso barco, Manoel Tapajoz, que tão bem sabe consorciar as formulas mathematicas com as flores da litteratura, Armando de Campos, formoso espirito numa alma immensa, Silvino Marques, lustre de nosso commercio, Arthur de Carvalho, que a um bello talento une a delicadeza da flor, Affonso Costa, espirito investigador e brilhante intelligencia, foram os seus patronos, o que significa exito esplendido e virntes louros.

Por vezes, ás quartas-feiras, aqui se reunia uma pleiade de associados, para a leitura e glosa de bons trechos de prosa e verso, sobresahindo o poeta Alvaro Reis, que nos deu a ouvida primeira da sua preciosa *Musa Franceza*.

---

E, depois deste inventario, quem ha que não affirme que o Instituto Geographico e Historico da Bahia viveu intensa e brilhantemente?

### SOCIOS

Nas 48 semanas transcorridas entraram para o nosso grémio 48 novos confrades, que se encorporaram dest'arte á phalange, muito reduzida ainda, dos seareiros da gloria e fama da Bahia.



No mesmo tempo perdemos 25: 6 viajaram para a eternidade e delles, dentro em pouco, falará Theodoro Sampaio, realçando-lhes as memorias e dando-lhes as offerendas da nossa saudade; os restantes abandonaram-nos na estrada que palmilhamos. A solemnidade de hoje impõe-me o silenciar de alguns passos e por isso este capitulo do meu desageitado Relatorio é feito de reticencias.

Temos actualmente 222 socios contribuintes, escassa população para a empresa benemerita que inscrevemos em nossa lei. Eu appello neste momento para a Bahia intellectual, para a Bahia que sabe estimar o nosso serviço em prol do nosso futuro e do nosso nome, para a Bahia que sempre ampara os grandes ideaes e porfia na victoria das causas nobilitantes, exorando-lhe a honra de se enfileirar ao nosso lado; para o patrocínio, para o enriquecimento, para a fortaleza do maior legado que podemos deixar aos nossos vindouros. A companhia é a mais honrosa e magnifica: aqui se vive de dedicações, somente se reclama desprendimento; o nosso escudo é a bôa vontade e a perseverança a nossa melhor arma; nas searas que trabalhamos fazemos diariamente abundosa colheita de glorias, glorias intimas que resultam do cumprimento de deveres civicos, exemplos para os nossos filhos.

Vinde para o nosso meio, Senhores da Bahia magnanima e grandiosa: em vossa entrada tereis os nossos abraços, as nossas flores, o nosso coração, depois a boa fraternidade da nossa sociedade e sempre a honra de terdes concorrido para a manutenção e brilho da mais util instituição da nossa terra.

## CONGRESSOS

O Instituto enviou delegados a dois Congressos Scientificos: ao 5º. Congresso Brasileiro de Geographia e ao 2º. Congresso Scientifico Pan-Americano. O primeiro realizou-se na Veneza brasileira; o segundo, na cidade que relembra no seu nome a linha mais admiravel dos fundadores de nacionalidades. Neste fomos representado pelo illustrado professor Dr. Rodrigues Doria, de cujos brilhos nos falou o Sr. Glen Swigget, subsecretario do mesmo Congresso, em carta que a Imprensa da Bahia publicou, em meio do nosso agradecimento.

No Congresso do Recife coube-me a fortuna de representar o meu Instituto sim, o meu, porque ninguem mais o quer e lhe quer.

Não devo omittir neste Relatorio a circumstancia honrosissima para nós e para a Bahia de ter aquelle Congresso designado, por unanimidade de votos e reboar de unisonas palmas, esta Cidade do Salvador para séde do 5º. Congresso Brasileiro de Geographia,



o Governo deste Estado o seu patrono e o nosso Instituto o seu organizador. Desde 17 de Dezembro do anno passado, quando recebemos o officio de comunicação da mesa directora do 4.º Congresso, começamos a obra de propaganda, espalhando até hoje mais de 12.000 circulares, convites e prospectos do futuro comicio que se ha de realizar em Setembro proximo. A Comissão Organizadora, nomeada pelos congressistas do Recife, auxiliada por grande numero de outros socios do Instituto, não tem descansado um instante no trabalho de preparação do certamen geographico, que ha de marcar uma epoca nos fastos intellectuaes da nossa terra. Dispondo do apoio decidido do Governo do Estado, a quem cabe a maior responsabilidade do commettimento projectado, como as mais seguras promessas de auxilio por parte do Governo do Municipio, tendo o patrocínio de quasi todas as instituições scientificas e litterarias da Bahia e de outras associações, com o favor dos nossos homens de letras e com as adhesões que nos chegam diariamente de todos os recantos do paiz, possuindo a grande honra do auxilio da Imprensa toda do Estado, contando com a magnitude da idéa que vae empolgando todos os espiritos, o Instituto Geographico e Historico da Bahia terá, certamente, em Setembro, o maior florão de sua historia illustre.

A Imprensa desta Capital vae registrando semanalmente os nossos trabalhos em torno do grande empreendimento.

---

Passemos agora de ligeiro e a passos largos, um lança d'olhos sobre as varias secções do Instituto.

Em primeiro logar, a nossa Bibliotheca.

Parabens, meus dignos consocios.

Graças ao coração liberal e nobre espirito do commendador José Alves Ferreira, teremos a pouco trecho completa e condignamente installada esta utilissima secção. S. Exa. houve por bem doar ao Instituto o elevado numerario (3:000\$000), indispensavel á realização das obras projectadas desde 1914. Não me era licito occultar-lhe o nome querido, embora a seu contragosto. Rasgos de tal generosidade, acções de tão alto porte, não devem nem podem ficar apenas registradas nas paginas pouco lidas das Actas de qualquer Sociedade. Assim entendendo, julgo até o meu dever e, ademais, é este o momento mais proprio para lhe presentear as mais vivas seguranças do nosso respeito e da nossa perenne gratidão: S. Exa. é um dos poucos dos nossos benemeritos.

Do Archivo e do Museu eu vos podia repetir as mesmas palavras do meu Relatorio de 1915, porque têm continuado regular-



mente os labores de seus encarregados, os illustres escriptarios Drs. Braz do Amaral, Reis Magalhães, Revault de Figueiredo, além de outros. Dia a dia, crescem as nossas collecções de documentos e objectos raros, de logo catalogados em pastas e em armarios, que todavia necessitam uma reforma radical. Uns e outros nos chegam sempre pela generosidade de pessoas cujos nomes e offertas estão registrados em livro especial. A todos o nosso agradecimento.

---

A nossa collecção philatelica está digna de ver-se: afóra os offertantes, devemos-a á solicitude de Carlos Vianna, digna de todos os applausos. Na sala Castro Alves ha uma modesta tenda, onde o confrade amigo, todos os dias quasi, arranja e dispõe as marcas postaes do mundo inteiro.

---

Acha-se no prelo o n. 42 da nossa Revista, correspondente ao 1.º semestre de 1916. A impressão está sendo feita nas officinas da Imprensa Official, sob a competente e esclarecida direcção do nosso consocio Dr. Aguiar Costa Pinto. Aqui registro dois grandes agradecimentos: á Assembléa Geral do Estado, pelo ter dado ao Executivo autorização para mandar imprimir gratuitamente a nossa Revista nas referidas officinas, e ao Exmo. Sr. Dr. José Joaquim Seabra, ex-governador, que mandou cumprir a autorização do Legislativo. O Instituto espera que o Exmo. Sr. Dr. Governador continue a proteger-nos com a mesma e outras medidas auxiliaadoras. S. Exa. ha de seguir no amparo do Instituto a mesma politica do seu querido antecessor, nosso eminente conterraneo, a quem o Instituto agradeceu, por minha lettra, os inestimaveis serviços que nos prestou.

O Instituto tambem espera o arrimo dos dignos e illustres Secretarios de S. Exa., e todos são nossos dedicados confrades, como teve o do Exmo. Sr. Dr. Arlindo Fragoso, fulgurante Secretario Geral do Governo passado.

---

Chego neste momento ao assumpto magno da nossa vida financeira. Calarei propositadamente todas as penas, todos os sabores, todos os embarços, lembrando-vos, porém, que a man-tença desta casa é o mais arduo problema que a sua Directoria enfrenta. E porque vos não narro a serie de obices que a todo o instante se nos abrolham? Simplesmente porque é nesse dominio que registramos o maior triumpho administrativo de todos os 22 annos da existencia do Instituto. Nada devemos. Este predio é nosso, inteiramente nosso. Em 11 de Abril do corrente anno, levei ao Banco Auxiliar das Classes a ultima quantia em paga-



mento do onus hypothecario, que pesava esmagadoramente sobre esta casa, desde 1896. Lêde a nossa Revista por inteiro: lá vereis em Relatorios, em Dicursos, em Pareceres, sempre a travanca insuperavel da hypotheca, cujos juros nem sempre se pagavam em dia, o que requer sincero agradecimento aos generosos Directores do estabelecimento bancario, onde nos acorrentamos por 20 annos penosos. Estamos livres da cadeia angustiosa: de azas soltas, poderemos agora adejar mais altos vôos. Eu me orgulho de ser uma parte minima desta Directoria que libertou o Instituto da Bahia.

Desde 7 de Setembro do anno passado, estamos privados da convivencia efficaz e da dedicação sem treguas do nosso Thesoureiro, Major Achilles Pedreira Machado, victima de um accidente terrivel, que ainda lhe não consentiu a volta ao nosso seio. De ordem do nosso venerando Presidente, assumi a responsabilidade do seu cargo aqui, na governança da casa, levando-lhe sempre contas e notas para a escripta devida. Assim sobrecarregado, não descurei um instante os trabalhos da Secretaria a meu cargo: eu vos asseguro achar-se tudo em dia e regularizado. Do meu desempenho digam os meus irmãos e diga tambem o publico de minha terra, que me não pode regatear o reconhecimento de uma verdade: a dos extremos de amor que consagro a este templo inviolado e inviolavel da confraternização de todos os bahianos.

\* \* \*

Eis o meu relatorio: perdoae a palavra desenfeitada e pobre do vosso Secretario.

Agora o epilogo afinado no mesmo diapasão de todos os meus trabalhos, feitos em vossa honra e por vossa ordem. E' o pedido do vosso amparo para esta instituição, onde todos nos instruimos, os moços escutando as palavras dos velhos, os velhos avigorando-se ao aconchego daquelles, todos cultuando 'os nomes illustres dos que se foram, todos relembrando os feitos memoraveis do passado, todos uteis e prestantes no labor desinteressado e eloquente de abrir a estrada de maiores glorias e mais refulgentes triumphos, com o sentimento profundo das mais altas e nobres virtudes civicas, e tudo para o ensinamento das gerações do porvir. Aqui vivemos de mutua cooperação, que une um pensamento a outro pensamento, uma vontade a outra vontade, um affecto a outro affecto, para podermos chegar, assim profundamente vinculados, á realização dos nossos ideaes de paz, de amor, de patriotismo.

Não nos esqueçamos jamais da phrase lapidar de Herculano: «o mister de recordar o passado é uma especie de magistratura»



moral, é uma especie de sacerdocio. Exercitem-o os que podem e sabem: porque não o fazer é um crime."

E' por isso que eu sonho o Instituto Geographico e Historico da Bahia o maior e o mais justo orgulho da nossa gente.

E para isto, com os mimos da vossa magnanimidade, só é de mister querer, querer sempre, querer efficazmente, sempre e patrioticamente querer.

BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA,  
1º. Secretario.

## DISCURSO

pronunciado na sessão solemne de 3 de Maio  
de 1916 no Instituto Geographico e  
Historico da Bahia

*Exmos. Senhores.*

Dever que me impõe esta casa, nas sessões solemnes de seu anniversario, é este de dizer um ultimo adeus aos consocios que já foram e que, no anno derradeiro, a morte nos arrebatou. Penoso dever é este a que aliás me submetto com amor, presa que sou das mesmas emoções, dos mesmos affectos que a vós todos dominam, honrado que me sinto com ser o interprete destes sentimentos, manifestação esta em que ás lagrimas envoltas em petalas de rosas ou occultas na brancura dos goivos aqui substituímos por outro tributo de gratidão, mais significativo, um ramilhete de idéas, flores do pensamento a trescalarem saudade e com mais viço, desejaria eu, do que o dessas flores vivas que desabrocham pela manhã e morrem á tarde.

Recordar saudoso é soffrer e amar ao mesmo tempo. Evocar, porém, como o fazemos, não é somente amar e soffrer, é mais do que isso, é resuscitar o morto e chamal-o a collaborar connosco na vida. Bemdicto aquelle que por uma saudade se nos prende a nós e em nós perennemente vive, como que a triumphar da propria morte, já então não mais, como se diz, uma magua sem remedio de perdel-o.

A's portas da Historia, donde esses mortos queridos nos amparam os passos a cada momento e nos illuminam a Vida, a saudade nossa parecerá talvez uma prece, mas a evocação que fazemos será sempre appello salutar ás nossas proprias forças para os imitar e seguir.

Que evocação me não desperta agora o espirito alevantado do sabio geologo Orville Derby, nosso consocio, genio amigo que



foi pae do meu espirito?! Com que dôr não estou aqui a rever a scena tragica em que elle se despediu da vida naquella manhã sinistra de 27 de Novembro?!

Alma doce e bem amparada da calma fleugmatica, caracteristica da sua raça, era, entretanto, a deste anglo-saxonio, nascido na America. Conheci-o ainda jovem entre os profissionaes do nosso Museu Nacional, sob a direcção de Ladislau Netto, já lá vão uns trinta e oito annos; elle, um naturalista com as suas primeiras armas feitas, um egresso da Universidade de Cornell, onde se formara em 1874 e onde professara como instructor do Curso de Geologia, cerca de dous annos; eu, um novato na profissão que abracei, sahido da Polytechnica do Rio de Janeiro, qual não ainda sem rumo no oceano da vida.

Derby tinha então os seus 27 annos, pois nascera em Kellegulle, no Estado de New-York, a 23 de Julho de 1851; eu entrava nos meus 23, com o meu curso de engenheiro, terminado havia dous annos.

O destino, que nos unira, fez-nos da amizade um laço firme, que nos ligou por longos annos, no exercicio das nossas profissões afins e complementares uma da outra. O geologo e o engenheiro ligaram-se por toda a sua mocidade, que foi operosa, digo-o sem vangloria, e nos completamos, um ao outro, muita vez.

Orville Derby era brasileiro de coração e de consciencia, porque, estudando a nossa terra e conhecendo-a como *ninguem*, encontrou nella o theatro dos seus triumphos na sciencia e, por essa via, ainda mais fundamente a amou.

Estudante ainda, viajava elle o Amazonas com o Professor Hartt, em 1870 e 1871. Deslumbrou-se com a belleza virgem da nossa terra e a ella tornou em 1785, na qualidade de ajudante da Comissão Geologica do Imperio, organizada e dirigida por aquelle eminente Professor, a convite de D. Pedro II.

Nesse tempo, meus senhores, quasi meio seculo decorrido, o estudo do nosso paiz era o problema maximo do seu governo. D. Pedro que, como sabeis, cultivava a sciencia e a fomentava com amor, attrahia ao Brasil sabios naturalistas, geologos e engenheiros eminentes; facilitava-lhes meios de percorrerem o paiz e o estudarem nas suas riquezas naturaes e possibilidade de trafico, preparando com isso o futuro. Não comprehendia o monarcha a existencia nacional sem o amparo da sciencia.

Governar, dirigir um paiz novo, como o nosso, é, antes de tudo, *bem administrar*, isto é, governar a riqueza não só para conserval-a, mas ainda para tornal-a productiva e governar a riqueza é, na sua phase prescipua, tocar, conhecer o patrimonio administrado.



O governo do Imperio, que já é tempo de se o estudar, com mais serenidade, entendia, e entendia bem, que era do seu dever primordial, visando a grandeza, a supremacia da patria na America do Sul, estudar o territorio nacional n sua geographia, na sua geologia, na sua flora incomparavel, nas suas possibilidades de todo genero.

Tinha-se passado já o cyclo dos naturalistas desbravadores, *pioneiros* da sciencia em que culminaram vultos, como von Eschwege, o Principe de Neuwied, de S. Hilaire, von Martius, Alcides d'Orbigny e Guilherme Lund, o sabio anachoreta da Lagoa Santa. Nos meados do seculo XIX, porém, a faina das explorações scientificas renasceu sob os auspicios de D. Pedro. Uma pleiade brilhante que começa com Wallace, Page, Avé Lallemand, Chandless, Agassis e Ricardo Burton, de 1853 a 1868, se arroja então ás lides da sciencia militante pelos dominios da geographia, da geologia, da botanica e da ethnologia indigena.

Tinha fenecido, apenas começados os seus labores de um anno, pelos sertões do Ceará, a Comissão Scientifica Brasileira com Freire Allemão, Capanema e Ferreira Lago. O imperador, porém, não desanima; chama dos Estados Unidos Carlos Frederico Hartt e o encarrega de organizar e dirigir a Comissão Geologica do Imperio.

Foi Hartt, o eminente e operosissimo geologo americano, que nos deu Orville Derby, o discipulo seu, mais aproveitado, que desde então comnosco se identificou, estudando-nos a terra, as suas riquezas, o homem e até a nossa historia, porque Derby, *polygrapho* admiravel, era tambem um investigador sizudo do nosso passado.

Com o professor Hartt trabalhou o nosso pranteado consocio três annos, quantos aqui vivera o mestre, que tombou ceifado pela febre, quando já victorioso no campo das explorações, enveredava pela coordenação systematica do avultado cabedal scientifico que lograra reunir. Dispersou-se então a Comissão Geologica. Mais uma vez o infortunio triumphava da sciencia entre nós. Derby, que queria ser o continuador do mestre bem amado, ficou. Deram-lhe por missão guardar os despojos scientificos da Comissão extincta e elle fez timbre de salvar para a sciencia e para a honra do Brasil aquelle thesouro, que poderia ainda ser um monumento á memoria do mestre.

No Museu Nacional encontrou elle o refugio propicio a designio que trazia. Tomou conta da Secção de Geologia desse estabelecimento, que Ladislau Netto, seu illustre director, se esforçava de converter n'um cenóbio de naturalistas e de estudiosos. Prestigiava-o com zelo o Imperador, frequentador assiduo das con-



ferencias scientificas que ahi, com regularidade de cursos, se realisavam.

Derby, que não era orador, pois que a palavra tarda não lhe acudia prompto ao luzir do pensamento, não frequentava a cathedra da conferencia, mas em compensação trabalhava com amor e carinho na sua collecção geologica, e encontrava no velho monarcha, nas suas horas vagas do palacio de S. Christovam, um espirito amigo, culto bastante para ouvir-lhe as communicações e alegrar-se com ellas, animando, estimulando as pesquisas do jovem scientista.

D. Pedro, na verdade, tinha predilecção pelas palestras que diziam com a sciencia; gostava de participar das emoções dos sabios e viajantes quando lhe narravam estes o successo de suas pesquisas, os episodios das travessias arriscadas.

Derby ia, de quando em vez, a S. Cristovam a palestrar com o velho monarcha, cioso, de ordinario, de o não ver apparecer com mais frequencia ainda.

Foi nesse tempo, que, mudada a politica do paiz, com a ascensão dos liberaes ao poder, se cogitou de reatar os estudos scientificos, no terreno, que a fatalidade interrompera ainda em seu começo. O Conselheiro Sinimbú, espirito de saxonio em estadista brasileiro, que trazia para o governo um programma inteiro de melhoramentos materiaes e de reformas, reatou então o fio das explorações e estudos interrompidos. Parecia-lhe indispensavel activar a producção nacional com o povoamento do solo, com o rasgar estradas, com o apparelhar os portos, dando-lhe transporte rapido, sahidas faceis, o quanto possivel adaptadas aos nossos recursos naturaes. Mandou assim estudar os portos e rios susceptiveis de navegação, na costa leste, onde a vida nacional já era mais intensa. Chamou William Milnor Roberts dos Estados Unidos e deu-lhe por auxiliares na *Commissão Hydraulica*, que então se organisou e de que fiz parte, auxiliares brasileiros, para que praticassem e se habilitassem na especialidade. Derby se ajunctou, como addido, á essa Commissão e foi assim que ambos viajamos a estudar o grande rio S. Francisco, quer do ponto de vista geologico, quer do da possibilidade da sua navegação por barcos de vapor.

Companheiros no Museu Nacional, companheiros e amigos continuamos na nova Commissão.

Derby desejava subir o rio desde a sua foz no Oceano, pelas regiões de suas cabeceiras, nos sertões mineiros, tornar ao Rio de Janeiro. A commissão, com effeito, navegou ao arrepio da corrente desde o mar, no baixo S. Francisco, transpoz as ca-



choeiras de Paulo Affonso e subiu até Pirapora, para além da confluencia do rio das Velhas.

Neste viajar, que foi de mezes, aos deveres que me incumbiam na technica da Commissão ajunctava eu os de um ajudante voluntario dos trabalhos de Orville Derby. Segui-o nas suas ameadadas pesquisas por montes e valles, pelas margens, pelas ilhas e penedias daquelle soberbo caudal, a colher amostras de rochas, especimens paleontologicos, minereos de valor industrial e, com isso, o meu espirito se familiarisou e se enriqueceu ao calor do enthusiasmo que as nossas communs descobertas, de ordinario, nos traziam.

Que vos direi dos episodios tantos que essa excursão scientifica, a nós ambos, nos deparou?

Recordo-me daquelle ascensão á Serra da Manga, a cavalleiro da confluencia do rio das Velhas e S. Francisco, na manhã de 15 de Dezembro de 1879. Estamos aqui diante de um dos mais encantadores panoramas que nos depara o Brasil central, e vale a pena recordar isso.

Derby e eu tinhamos a muito custo galgado o culminante dessa serra, penedo elevado, açoutado rijamente pela ventania e onde, com risco, nos mantinhamos afim de observar a região em de redor.

Em amplo horizonte de mais de vinte leguas de raio, desdobra-se a nossos pés o sertão mineiro, com planos successivos azulados, que a perspectiva aérea magicamente dispõe e recorta afastando. Chapadas largas se levantam mais proximas para além do vallo que o rio cavou para seu proprio leito, e, sobre a planura alta, rompendo-lhe a monotonia, erguem-se, destacados, serros curtos, rochosos, escavados, vermelhos, de um pittoresco incomparavel.

De um lado, e bem longe, no valle verde-escuro, que se abre para o septentrião, uma delgada fita prateada, aqui e allí interrompida, por algum relevo mais saliente do terreno, nos assignala o curso do rio, prestes a sumir-se no horizonte entre dous esporões, com aspectos de aterrados gigantescos que as aguas tivessem cortado a meio. De outro lado, na direcção de Sueste, o valle do rio das Velhas, com a sua larga planicie baixa em que se distinguem manchas negras, movediças, sombras das nuvens que transitam pelo céu, parece fugir-nos por uma quebrada, ao sopé de um esporão aplainado, que é a serra do Corumbatahy, deixando-nos a impressão de um campo feracissimo, destinado á lavoura do futuro. A nossos pés, o terreno de gramineas altas, que alguns arbustos raros, dispersos, sombreiam, deixa-nos bem patente o dorso empolado da chapada com sulcos humidos, onde cresce



rotundo o burity, orlando de verde os brejaes e descendo, como em uma alea de palmas esphericas, o curso de minusculos ribeiros até a planicie lá embaixo.

Diante desse scenario immenso de uma belleza, toda nossa, como é a belleza dos nossos campos do sertão, Derby, não se contendo de emoção, diz-me, tomando-me o braço:—"Não lhe dá desejo de copiar isso?...". Como?! respondi eu, se não trouxe, para tanto, o necessario."

—"Pois ensaie fazel-o com isso..." e ia arrancando as folhas da sua carteira de notas, uma á uma, enquanto a traços rapidos o meu lapis fixava no papel o perfil dos montes, o relevo mais saliente das quebradas e o que havia de mais pittoresco naquelle horionte incomparavel.

Guardo ainda entre os meus papeis velhos esse desenho lançado n'uma longa tira de folhas reunidas, reliquia que me proporcionou aquelle espirito amigo, tão accessivel aos affagos da natureza, interprete tão fiel, que o era, das grandes verdades que ella encerra.

Pouco mais de anno depois disso, a Commissão Roberts que estudara o Rio S. Francisco, o porto de Santos e outros da costa nordeste, punha termo aos seus trabalhos. Derby tornou ao Museu e eu, por momento, desviado da hydraulica, vim para os trabalhos technicos do prolongamento da estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco, cujas pontes metalicas, em boa parte, calculei.

Estava escripto, porém, que Derby e eu deviamos, junctos, trabalhar ainda e por largos annos. Em 1886, estando eu, já havia mais de dous annos, a desobstruir as cachoeiras do Sobradinho e outras que, abaixo do Joazeiro, difficultavam a navegação do rio S. Francisco, recebi ordem do ministro da Agricultura, que então era o Conselheiro Antonio Prado, de deixar o meu posto de 1º. engenheiro na Commissão, dirigida pelo illustre e mallogrado Engenheiro, Antonio Placido Peixoto de Amarante, e apresentar-me no Rio de Janeiro para tomar outro destino. Sabia já por carta de Derby do que é que se tratava. O Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, então na presidencia de S. Paulo, desejava levantar a carta geographica da Provincia, como precedencia dos estudos geologicos, iniciando-se porém os trabalhos pelos da exploração do rio Paranapanema, a servir ás communicações interiores para Matto Grosso. Era isto então muito das cogitações dos estadistas do segundo imperio:—libertar Matto Grosso das dependencias do Rio da Prata,—o que nos forçava, em verdade, a acompanhar muito de perto e com sobresaltos a politica interna daquelles povos.

Derby dizia-me então:—"Conto com a sua collaboração nessa obra e, se não contar, creio que desistirei da empresa".



Lisongeava-me sobremaneira o pensar do meu nobre amigo, mas eu é que me não reconhecia com capacidade para tanto. Aceitei reluctante. Entregava-me elle a parte geographica dos trabalhos, reservando para si, com a collaboração de distinctos profissionaes, Luiz Felipe Gonzaga de Campos e Francisco de Paula e Oliveira, os propriamente geologicos.

O Conselheiro João Alfredo moldou assim o seu governo na Provincia pelos dictames da sciencia, a cujo amparo habilmente se acolhera. Rasgar estradas ao sertão, aproveitando quanto possivel os caudalosos rios que para lá conduzem; preparar elementos com que projectar novas, através das zonas de cultura; estudar, em summa, para com acerto resolver, tal foi o escopo a que visou a breve, curtissima embora, mas proficua administração do notavel estadista, autor, que seria muito em breve, da reforma que extinguiu a escravidão na nossa terra.

A Republica, que pouco depois sobreveio a esse alevantado commettimento, não empeceu a marcha, já então prospera, da Comissão Geographica e Geologica de S. Paulo. Pelo contrario, amparou-a, desenvolveu-a. Façamos-lhe esta justiça. Bafejou-a com carinho Prudente de Moraes; tornou-a mais efficiente, augmentando-lhe os recursos, Bernardino de Campos.

Derby transferiu então a sua residencia para S. Paulo, deixando o Museu Nacional, onde o seu trabalho logrou salvar para a sciencia bôa parte do cabedal geologico que Hartt reunira.

Outros trabalhos de minha profissão, para os quaes me convidara o governo de S. Paulo, como, por exemplo, o saneamento da sua capital, o serviço sanitario, o das aguas, levaram-me a deixar a Comissão Geographica e Geologica em 1891, após cinco annos de arduos labores geodesicos e topographicos.

O periodo critico que, de ordinario, experimentam ou atravessam os trabalhos scientificos entre nós, periodo em que se lhes corta o fio da existencia antes que os primeiros fructos se lhes dispontem, passou-o galhardamente a Comissão paulista, cujos trabalhos, entregues annualmente á publicidade, lhe grangearam, para logo, universal sympathia.

Começa aqui o periodo mais operoso da vida do notavel geologo. Já os trabalhos geographicos realizados davam margem sufficiente para os estudos e pesquisas dos geologos. Gonzaga de Campos, Paula Oliveira, Eugenio Hussac, H. Florence collaboram com Derby na Geologia. O meio culto e favoravel, que já era o meio paulista, deparou a Derby o que elle então precisava para mostrar as multiplas feições do seu talento privilegiado. Geologo, descobriu, descreveu, publicou em relatorios, em revistas scienti-



ficas nacionaes e estrangeiras, mas principalmente nestas, o resultado dos seus magistraes estudos.

As contribuições que, por esse meio, trouxe elle á sciencia do geologo, valeram-lhe a legitima e universalmente acatada autoridade que os centros scientificos da Europa e da America lhe reconheceram.

Ao seu impulso a sciencia caminhou e as industrias correlatas prosperaram. Geographo, as investigações de character paleographico e de natureza politico-administrativa o attrahiam de preferencia e, por essa via, o levaram até os dominios da Historia. Derby investigava e escrevia e criticava como um historiador profissional. Os seus trabalhos, em grosso volume, sobre questões de limites interestaduaes são um modelo de erudição, de substanciosa critica e de habilidade.

Do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo foi um dos fundadores e dos mais firmes sustentaculos que teve aquella casa. As revistas annuaes desse Instituto estão cheias de trabalhos substanciosos e eruditos do nosso illustrado confrade.

Em cerca de doze annos de convivencia com os paulistas, Derby, que alliava ás boas maneiras, o tracto ameno e um grande saber, poudo conquistar-lhes a mais sincera e indefectivel estima, por essa operosa actividade que, sem ruido, fructificava na sciencia, e, sem pretensões, se desdobrava em bôa sementeira de idéas, opportunas, adequadas, uteis á publica administração.

Em 1904, Derby deixou S. Paulo. Atrahiu-o para aqui, o que fez até por meu intermedio, o illustre Dr. Miguel Calmon, então Secretario da Agricultura do governo do Dr. Severino Vieira.

Calmon, que sabia dar o devido apreço ao merito do abalisado geologo, queria d'elle um exame rapido, um estudo, por linhas geraes, do nosso territorio bahiano, sob o ponto de vista da geologia e das possibilidades industriaes co-relatas. Derby percorreu do nosso territorio o que dantes e por outras vias não tinha ainda logrado percorrer, e nos deu assim, á guisa de summula geologica, uma noticia, que a imprensa divulgou e não proseguiu.

No governo de Affonso Penna, viu Derby raiar uma nova era para os trabalhos scientificos de sua predilecção.

Miguel Calmon chamou-o e lhe entregou o *Serviço Geologico do Brasil*. Reatava-se o fio dos estudos que com Hartt se interrompera. Voltava-se assim ao bom caminho, porque, ainda uma vez, é preciso que se diga:—"não ha governo possivel sem o amparo da sciencia".

Derby, que já uma vez eu vira entristecido com a marcha das cousas publicas, de referencia aos trabalhos scientificos, que eram da sua predilecção, e os seus unicos ideaes; que eu vira



amargurado, torturado pela inconstancia e displicencia com que entre nós essas cousas se tratam; Derby que, por um sentimento todo brasileiro, que era defacto o seu, recusara collocação eminente e de valor scientifico na sua propria patria, reviveu então, animado ao calor da bôa amizade e confiança que lhe dispensava o jovem ministro. Mas os trabalhos da sua direcção começavam apenas de avultar, com os estudos do ferro de Minas Geraes, feitos por Gonzaga de Campos; com os do carvão de pedra, para o que, por inspiração sua, se chamou ao Brasil o eminente especialista White; com as investigações interessantes sobre as madeiras silificadas, da collaboração de Arrojado Lisboa; com as publicações sobre os fosseis devonianos do Paraná colleccionados por Paula Oliveira; com os estudos geographicos, interessando a zona secca do Nordeste Brasileiro, e com outros muitos affectando á lavoura secca e á irrigação das terras marginaes do rio S. Francisco, quando assim tudo prenunciava prosperidade nos estudos, foi, de facto, e pelo contrario, quando muito lamentavelmente tudo se cortou.

Durou pouco, como se vê, esse reviver de um ideal que o absorvera por toda a vida. Mudado o governo, mudaram-se processos e orientação. O Serviço Geologico começou então a ser hostilizado pelos successores de Calmon. Negavam-lhe recursos para as essenciaes operações de campo. Tinham-n'o os ministros por uma inutilidade, que a só consideração pela pessoa do geologo eminente amparava-o contra a total extincção.

Era uma crueldade esse suplicio do sabio cujo merito pessoal se tornava, assim, preço de uma intoleravel sinecura.

Si pedia geologos, davam-lhe escripturarios e amanuenses. Ao trabalho da geologia militante antepunha-se a faina burocratica dos balancetes, dos officios, *memoranda*, e indigestos relatorios.

Cada ministro novo na pasta da Agricultura era uma desillusão nova para o sabio geologo que aqui encanecera, ao serviço desta terra que elle tanto amou e que acabava de acceitar como patria adoptiva.

Si se voltava elle para o passado, reconhecia para traz de si o longo caminho que a sciencia tinha feito pelo trabalho do seu cerebro infatigavel, pela sua proficiencia no indefeso laborar. Um grande cabedal scientifico, representado em mais de 129 publicações e livros diversos de sua autoria ahi estavam a enriquecer os annaes da sciencia do geologo, do paleontologista, do geographo, do ethnographo e do historiador. Podia considerar-se quite com o mundo sabio e descansar com honra á sombra dos louros colhidos. Mas elle, aos sessenta e quatro annos, se sentia ainda bastante forte para as luctas do trabalho em prol do seu ideal e elle via e sentia que desse ideal apenas uma parte lograra elle realizar.



Atiraram-n'o á voragem da morte os nossos dissídios. Desenganado, convencido talvez de que luctava em vão contra o indefinível, o impalpável, que é esse espirito anonymo e mesquinho com que os incapazes costumam açular odios e prevenções contra os homens de genio, Derby recolheu-se para desaparecer de vez, envolto no sudario sinistro das desillusões amargas.

Deve-lhe o meu espirito uma especial homenagem de gratidão. Bôa parte do successo da minha carreira, si algum successo tive, devo-o a elle pelo seu conselho amigo, pela sua interferencia sempre opportuna. Devo-lhe muito do que sei e aprendi no grande livro da Natureza, cujas folhas elle me ensinou a volver com amor e confiança.

Possam as minhas palavras, em derradeira homenagem ao seu genio, despertar em vós todos que me ouvís a mesma commoção de que me sinto possuido, neste momento, ao evocar a imagem do mestre e amigo, que passou, e que essa commoção seja como um perfume com que daqui thuriferamos a sua memoria impercível.

A morte, meus senhores, foi desta vez desapiedada e cruel para com os obreiros desta casa. Pesou aqui com braço forte e nos arrebatou, a breve trecho, bom numero de consocios:

Alfredo Cesar Cabucú, que vós todos conhecestes consocio sempre animado e perquiridor da nossa commissão de finanças; industrial e advogado de merito no fôro desta capital; espirito culto, apto para as funcções mais elevadas da politica e da administração, finado a 23 de Agosto de 1915;

Geraldo Teixeira, cultura juridica invejavel, espirito de eleição em corpo valetudinario, tolhido pela enfermidade, mas não vergada jamais a vontade ao seu imperio;

Monsenhor Victor Soledade, sacerdote exemplar, incançavel nos labores do seu santo ministerio, que soube sempre se impor ao respeito e amor das populações paulistas que elle por largos annos parochiou, com seus serviços bons, serviços que ali se procurou compensar com a cruz do episcopado que elle humildemente recusara, finado aqui a 13 de Março, proximo passado, após longa e penosissima viagem por invios sertões, onde debalde procurou lenitivos para os seus soffrimentos;

D. Luiz Raymundo da Silva Britto, arcebispo de Olinda, que vós, ha bem pouco, aqui recebestes entre flores e alegrias, como a um triumphador nos prelios da eloquencia e como a um mestre na arte atheniense de bem dizer; finado a 9 de Dezembro no seu posto de honra, o antistite venerado dos pernambucanos era alma aberta aos grandes ideaes, coração generoso que o fazia adorado da mocidade estudiosa de outróra, hoje homens de letras, triumphadores acclamados da actualidade;



Bernardino Ferreira de Almeida, thesoureiro que foi por algum tempo desta casa, cargo em que tão bons serviços lhe prestou; homem de commercio, estimado no seu meio pelas suas maneiras captivantes, finado de subito a 25 de Fevereiro deste anno;

Joaquim Fortes, outro negociante de reconhecida e geral estima no nosso meio; a todos esses, que a morte nos arrebatou, meus senhores, uma lagrima de saudade, uma braçada de flores sobre os seus tumulos.

No meio deste apparatus festivo, por entre luzes e flores, que esta solemnidade nos pede, deve parecer extranha a nota lugubre do orador official a dar esse ultimo adeus aos que já foram. E' que nesta casa, meus senhores, o mysterio da morte não apavóra; a morte, aqui aprendemos a contemplar-lhe a face com a bôa philosophia que nos ensina que—"vivo, está-se constantemente a morrer; morto, começa-se no definitivo a viver..."

Com este pensamento é que me volto aqui agora para Zacharias de Góes e Vasconcellos, o estadista eminente do segundo imperio, cujo centenario, passado a 5 de Novembro, queremos hoje recordar.

Uma homenagem modesta, mas tão significativa, como as que os gregos de Miltiades tributaram ao vencedor dos persas em Marathona, dirá aos vindouros como foi grande a benemerencia do estadista e como expressiva e sincera é a gratidão dos que nesta lapide, tão singela, a quizeram perpetuada.

Nobreza d'alma, altivez de character, rigidez de principios, franqueza ás vezes rude no exprimir-se, coherencia, convicção, moralidade exemplar, honestidade intangivel, tudo isso alliado á uma cutura invejavel, servida por palavra correcta e dialetica invencivel; homem de estado, chefe de partido, ministro, senador do Imperio, professor emerito, tudo isso foi Zacharias de Góes e Vasconcellos e n'uma culminancia tão alta, qual bem poucos, antes d'elle e depois d'elle, lograram attingir.

Ao lado do inclito Barão de Cotegipe e a seguir-lhe aqui na ordem das homenagens, esta lapide ganhará por certo em significação e realce. Um e outro, Wanderley e Zacharias, pelos seus nomes evocados neste "Pœcilo" de novo genero, sentir-se-ão bem; elles que na vida foram tão dignos um do outro, ainda que em campos diversos, ambos iguaes no brilho do talento, ambos nas virtudes patrioticas, se houbrem arão bem aqui, como modelo.

Vi uma vez Zacharias falar no Senado. A scena se me gravou na memoria com a nitidez com que se gravam as impressões juvenis, nitidez qual decerto me não assiste á palavra agora para vol-a descrever.

Era então o Senado do segundo imperio verdadeiramente



uma assembléa de notaveis; si não tinha o aspecto de uma assembléa de deuses, qual ao gaulez se afigurava o senado romano, não perdia decerto em veneração e dignidade, comparado com o areopago de Athenas. Pelas curues senatoriaes assentavam-se emnências encanecidas, em cuja fronte os cabellos brancos rebrilhavam com o saber e as virtudes patrióticas.

Zacharias, com a palavra, de pé em frente da sua cadeira, a figura erecta e impecavel no vestir, o gesto sobrio, a cabeça erguida, face lisa com a barba por inteiro escanhoadá, discorria, criticava, causticava uma medida recente do governo. Não era propriamente a figura de um Pericles diante da assembléa atheniense. Demosthenes teria sido mais vehemente, Cicero mais rico e abundante, mais violento também nas suas apostrophes, o orador brasileiro, porém, era, no rigor da palavra, um discutidor parlamentar, um *debater*, como dizem os inglezes, invencivel na dialética, arma que sabia manejar a primor e que o tornara tão temido dos ministros novatos.

Ouviam-n'o em derredor, attentos os senadores. Silencio respeitoso reinava na sala; mas esse silencio, ali, mais parecia uma homenagem de discipulos do que o aprazimento dos circūstantes á critica desapiedada do orador opposicionista.

Perorando, a phrase se lhe tornava mais incisiva, mais cortantes os argumentos abundavam, e, no dizer rapido, havia nelle um quer que seja de intencional como que a metralhar o adversario e atiral-o rôto para os seus ultimos reductos.

Nesses prelios, que eram quasi quotidianos, para Zacharias, a protecção do presidente do Senado, o venerando Visconde de Abaeté, tornava-se-lhe até parternal. Ao primeiro aparte, intervinha logo o presidente:—"Attenção, quem tem a palavra é o Snr. Conselheiro Zacharias". Era essa a homenagem que o velho Visconde entendia que elle e os demais senadores deviam ao talento, ao saber, ao caracter do nobre orador parlamentar.

Que essa lapide, meus senhores, que o seu nome recorda, aqui figure como um trophéo, mas com a mesma virtude dos trophéos entre reliquias venerandas, legadas á geração vindoura.

—Caracter, moralidade incorruptivel, abnegação patriótica—eis, meus senhores, o que ella nos diz, ao apresentar-nos esse nome. Imitando-o, não nos arreceiemos jamais de ouvir de algum novo Solon aquellas palavras irritadas, ditas ao povo de Athenas:—"Não attribuaes aos deuses, mas á vossa cobardia o infortunio que vos attingir."

THEODORO SAMPAIO.

Maio, 3, de 1916.



## DISCURSO

pronunciado em 13 de Maio de 1916 pelo socio  
Alberto Rabello no dia de sua entrada

O Seminario de Belem, da Bahia,  
e o Padre Brtholomeu Lourenço, o  
*Voador*, erradamente chamado de  
Gusmão.

*Exmos. Senhores*  
*Carissimos Consocios*

Sejam de saudação as primeiras palavras que vos dirijo, a vós que abris os braços acolhedores para receber-me em fraternal amplexo.

Trago para a vossa bondade as sinceras expressões de um agradecimento profundo.

Eu sei que me vão trair as rudes maneiras de provinciano, o nenhum desembaraço do novel, o desatavio com que visto a phrase pouco trabalhada nas justas da palavra.

Mas haveis de prestar-me indulgencia, pois se não trago nas armas os braços de cruzado, tambem não vos estou a contar a historia de bravas lides, por onde se lobriguem altas famas e merecimentos.

Sou simples conhecedor da minha pequenez. Somente vossa gentileza me daria a excelsa honra de vos chamar companheiros, me permittiria a extrema satisfação de vir collaborar convosco na obra de si grandiosa, que é a ardua tarefa a que se propoz o Instituto.

Repositorio precioso dos nossos feitos; livro aberto onde se lêem desde os timidos ensaios infantis dos nossos primeiros passos, até as nossas maiores conquistas de povo civilizado; thesouro sagrado á guarda do nosso affecto, é o Instituto o templo magestoso onde se entoam hymnos ás sublimadas grandezas de nossa Patria!

O vosso exemplo de civismo, a vossa prova de amor a esta casa, de vós que agora me ouvis, dos que com mãos carinhosas a ergueram das cinzas de um incendio terrivel, daquelles que se foram da vida deixando de seu esforço um traço fundo de abnegação, me serão incentivo para trabalhar desassombrado e constante, despindo de já o manto empoeirado de peregrino para envergar a blusa de artifice, e a fazer do tosco bordão das jornadas um escôpo brilhante e glorioso!...



E' o que vos posso prometter.  
São estas as credenciaes que trago.  
Salve! pois, Senhores Consocios.

\* \* \*

Em nosso espirito, desde os tempos infantis, existiu sempre uma especial predilecção pelas cousas antigas, por tudo quanto se reveste do cunho vetusto das idades. Não sabíamos ainda esmiúçar o seu criterio e já nos surpreendíamos detidos ante os velhos muros limosos, como a lobrigar na escura esmeralda das vegetações, pelas largas fendas abertas, o sulco por onde, lento, houvesse escôado o tempo destruidor...

Quantas vezes contemplando, em meio do campo abandonado, um antigo pilar solitario, viramos erguer-se do fundo de nossa imaginação, nascida de uma phantasia creadora, a serie immensa de outros supportes como aquelle, que logo se cobria de telhas, resuscitando o velho alpendre de algum engenho de outras éras!

E logo, junto á serra donde as aguas desciam rendando os claros lagêdos, viamos a escura garganta das calhas e o lento moer de negra azenha gottejante, tocando a simples engrenagem das primitivas moendas.

E em derredor e longe, como num mar revolto, o ondulante e verde pennacho dos cannaviaes...

Depois o declinio, a pobreza, algum infortunio grande, uma tragedia talvez, e o abandono de tudo, que o tempo reduzira áquella unica testemunha, que era o negro pilar solitario.

Apareamos, então, da nossa phantasia.

Em Belém nosso espirito achou largo campo para suas divagações, e no extincto Seminario, de que só resta a igreja, attestando o esforço de seu abnegado fundador—o jesuita portuguez Alexandre de Gusmão,—de suas velhas paredes parecia exhallar o perfume suavissimo daquella incomparavel piedade.

No silencio dos corredores, á hora em que o poente se vestia das purpuras do entardecer, prolongando pelas varandas a silhueta das arcadas, ao macio soprar das auras fagueiras movendo a escura sotaina do ultimo frade (1) que tangia de sobre as lageas do adro o sonoro sino do arraial, naquella meia luz, esfumada na penumbra,

(1) Frei Jesuino de S. José, de quem adeante falaremos.



parecia-nos que errava ainda, engolphada nas cogitações de sua obra meritoria, a figura do piedoso ancião, cuja vida fôra por um seculo, menos quatro annos apenas, uma serie maravilhosa de benemerencias e sacrificios.

E as badaladas cahiam como um lento martellar pregando o negro esquife da noite, enquanto as trevas desciam esmorecendo o brilho forte da torre adornada de pratos da verdadeira louça de Macão.

Dahi nasceu o ardente desejo de penetrar-lhe os arcanos, conhecer-lhe a historia inteira, para não mais nos determos ante o marmore amarellado de suas lapides seculares, nem olharmos para as arcadas silenciosas da parte soterrada pelos desabamentos, sem ao certo conhecer de sua vida e de seu remoto passado.

Não foi facil de vencer a tarefa a que nos impozemos, e começamos a trabalhar, publicando há 12 annos um ligeiro ensaio intitulado *Um canto da Bahia*, que vindo a lume na *A Ordem*, da Cachoeira, fôra logo transcripto, nesta capital, pelo *Diario de Noticias*, e que se fundamentava nos escassos documentos que então houveramos conseguido.

Mas, com o tempo, fomos esmiuçando os pontos confusos, cuidadosos e pacientes seleccionamos e guardamos em notas o que nos parecia de aproveitavel, até que conseguimos chegar desde a fundação da igreja e Seminario seguindo-lhe a formação até o maior desenvolvimento.

Vimos crescer sob o influxo da extrema piedade do jesuita a obra que com desvelo e carinho iniciara e, para lá, em busca dos seus ensinamentos, chegarem creanças e "sahirem perfectos varões para o seculo e para as diversas ordens, os filhos das casas mais nobres e ricas do Brasil!" (2)

E a par dos resultados moraes da doutrina os favores materiaes cresciam tambem, consequentes de uma direcção criteriosa, que então já adquirira para o patrimonio do Seminario 5 fazendas de gado, além de numerosos escravos. (3)

Era já ao tempo em que o Marquez de Pombal, por sua influencia conseguira d'El-Rei o decreto de expulsão dos jesuitas.

Vimos então o *Instrumento de Inventario e Sequestro*

(2) Rocha Pitta. "Hist. da America Portugueza."

(3) Annaes da Bibliot. Nac. Vol. XXXI.



*dos ornamentos, ouro, prata e mais alfaías pertencentes ao Seminario de Bethlem*, (4) seguida de minuciosa descripção do edificio e procedida pelo Des. Francsico de Figueiredo Vaz.

Era então o declínio, a morte da gloriosa obra que por tantos annos derramara a luz e a fé no espirito e no coração da mocidade; era a destruição e o fim daquillo que representava o esforço herculeo de uma ferrea vontade, a somma de uma serie enorme de difficuldades vencidas.

Lemos, por fim, a carta do Cabido da Sé da Bahia, de 7 de Abril de 1760, dirigida a El-Rei D. José, avisando-o "que já se achava evacuada a Igreja e o Seminario de Belem no termo da villa de Cachoeira".

Felizmente, na modesta sepultura onde descansam seus restos, já dormia o somno da eternidade o velho padre cuja obra destruíam sem piedade, e dos seus olhos, que se haviam fechado no esquecimento tranquillo das rudes cousas do mundo, não desceu, como fio de lava escaldante, o pranto daquelle grande desgosto.

Mais de uma vez se tentou aproveitar o antigo Seminario de Belém.

Em 1817 foi expedida por S. M. o Rei de Portugal uma carta regia ao Conde dos Arcos, governador e capitão geral da Bahia, em que declarava fazer mercê a Joaquim do Livramento (que fundou na Cidade do Salvador, da Bahia, o Collegio dos Orphãos de S. Joaquim) do edificio denominado Seminario de Belém, que pertencera aos jesuitas, para que ahi estabelecesse uma casa pia de educação para os menores orphãos e desamparados, etc. (5)

Em 1823 o deputado Pereira da Cunha apresentou á Assembléa Constituinte, de que era membro, um projecto de lei creando duas universidades no Imperio, sendo uma no Maranhão e outra no arraial de Belém, que demóra seis kilometros da cidade de Cachoeira. (6)

Tambem a 20 de Abril de 1826, S. M. o Imperador expediu um aviso, ordenando que, de conformidade com a carta régia de 1817, fosse creado um collegio publico para a instrucção da mocidade, no Seminario dos jesuitas, sito no arraial de Belém. (7)

---

(4) Idem, idem.

(5) Aristides A. Milton, "*Ephemerides Cachoeiranas*".

(6) Idem, idem.

(7) Idem, idem.



Por fim, há 15 annos seguamente, correu a noticia de que era desejo de S. Exa. o Sr. D. Jeronymo Thomé, muito digno arcebispo-primaz, auxiliar os padres do Seminario de Itú, de S. Paulo, na louvavel tentativa de erguer no local do antigo Seminario, aproveitando-lhe as excellentes condições de salubridade, um identico estabelecimento de educação.

Falharam, porém, todas as louvaveis idéias, e o tempo reduziu, na sua obra demolidora, a um montão de escombros e ruínarias aquillo que ainda hoje poderia estar de pé, se a boa vontade dos homens fosse a effeito levada.

Para que se tenha uma idéia, ou se possa avaliar da importancia a que chegou o Seminario de Belém, basta ler as palavras da carta do Desembargador Thomaz Roby de Barros Barretto, dirigida ao Director Geral dos Estudos, D. Thomaz de Miranda.

Esse documento, datado da Bahia, de 29 de Março de 1760, diz: "Pouco distante da villa de Cachoeira, tinham os ditos padres da denominada Companhia de Jesus hum Seminario, onde assistiam humas vezes 70 e outras 80 estudantes, os quaes pagavam 50\$000 por seu sustento e ensino." (8)

Surprehendeu-nos, porém, ao proseguirmos n'aquelle trabalho, a interessante noticia de que havia estudado em Belém o grande Bartholomeu de Gusmão.

Aos nossos olhos tomou vulto a parda figura do velho templo arruinado e legendario, e o estudo por que buscavamos apreciar a figura do fundador Alexandre norteou-nos para um rumo que não previramos, enveredando-nos por uma trilha que nos pareceu da mais requintada importancia.

Não deixaremos, por isso, de salientar o nome precioso e inesquecivel do jesuita Alexandre de Gusmão, cuja obra do Seminario de Belém, fundado no anno remoto de 1686, e sincerissimo devotamento á causa de Deus se impõem á admiração dos homens e ao respeito das gerações.

Dessa valiosa figura, a quem ainda se não prestou a devida homenagem por tão inestimaveis serviços, semeiador do bem, propagandista desinteressado da virtude e do saber, apostolo que foi da caridade, existem tres gravuras, sendo dellas mais interessante a que foi editada em



Paris, por Petit, e que acompanha um desenho do frontespicio do Seminario de Belém. (9)

Uma das outras duas, a que foi aberta na cidade allemã de Augsburg pelo esculptor Gottlick Hens, tem a seguinte legenda, que lemos traduzida do latim:

"Verdadeira effigie do servo de Deus Alexandre de Gusmão, da Companhia de Jesus, fundador do Seminario de Belém, no Brasil, duas vezes Provincial desta Provincia, singularmente dotado de reconhecidas e preclaras virtudes, devoto especialmente do Menino Jesus reclinado no presepio, poderosamente formidavel contra os demonios, esclarecido por milagres antes e depois de sua morte e afamado por visões do céu. Finou-se no Seminario de Belém, no dia 15 de Março por elle predito, nonagesimo quinto de vida mortal, e septuagessimo oitavo de religiosa, cujo sepulchro é visitado com grande concurso e devoção de todos." (10)

Cabem aqui as palavras que escreveu o erudito Professor Pedro Celestino da Silva, espirito culto e devotado ás investigações historicas, no seu precioso livro *A Cachoeira e seu Municipio*, valioso repositório de arduas pesquisas, substancioso trabalho que virá breve a lume e que, com a devida permissão, transcrevemos, a proposito da visita que se faz ao tumulo do inculpavel varão:

"A tradição guarda entre fugitivas reminiscencias que andam envolvidas nos fumos da lenda, a veneração attribuida á lousa do piedoso padre, cujas virtudes sobrenaturaes e prodigios abona o vulgo de viva fé.

Estas superstições e crendices, tão arraigadas ficaram no animo popular, que ainda recebe a humilde lousa reverencias cultuaes da mulher esteril, que julga corrigir o defeito, deitando-se sobre esta por alguns instantes.

Assim rezam velhas chronicas sob os atavios da lenda, e se a noticia se resente de parcimonia documental, é pelo menos calculada para dar esse toque romanesco e lendario a quem morreu com grande *opinião de santidade*."

Temos o prazer de registrar aqui o achado, fazem 15 annos, de uma caixa que lá deixamos, em uma das velhas arcas da igreja, munida de tres claros oraes, com um dispositivo para collocação de vidros, tendo acima delles a seguinte inscripção em letras claras de um dourado

(9) "Gallerie Illustrée de la Compagnie de Jesus", pour le P. Alfred Hanny.

(10) Rev. do Inst. Hist. Braz. Vol. XVIII.



antigo: EM QUE ESTÃO AS RELIQUIAS DO V. P. ALEXANDRE DE GUSMÃO.

Isto vem confirmar-lhe os titulos de santidade, justificando a veneração do povo, pois ali certamente collocaram para expôr á admiração e respeito dos fieis certos objectos de uso do venerando padre.

O mais acertado, é que em semelhante caixa fossem guardados os restos mortaes do virtuoso jesuita, pois a este pensamento nos induz a carta do então chanceller da da Relação da Bahia, dirigida a El-Rei D. José, quando diz, tratando do jesuita Anchieta: "e acompanha a dita remessa um cofre de jacarandá com a sua ferragem de prata, em que vão as estimaveis reliquias do veneravel P. Anchieta, e constam de 4 ossos das canellas e duas tunicas; o que tudo irá entregue ao Capm. de Mar e Guerra Antonio de Britto Freire." (11)

Foi Alexandre um filho amantissimo da igreja, illustre tambem pelas obras que publicou e que se contam por mais de dez, salientando-se a *Arvore da Vida*, *Jesus Crucificado*, *O Côrvo e a pomba de Noé*, Lisboa, 1734, e *A Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron*, *A Virgem N. S. da Companhia de Jesus*, Lisboa 1715, etc., (12) citadas pelos entendidos, como producções de alto merecimento.

"Fez com esmolas e por desenho seu o Seminario, e por suas proprias mãos o excellente retabulo do altar mór, fabricado de fina tartaruga, e varias peças da sacristia e muitos presepios de finos materiaes. Era eximio na arte ceramica, como se depreheende do presepio, que ainda hoje se vê no altar mór e do calvario completo, que está sobre o altar da sacristia." (13)

Chamamos a attenção dos competentes para a face frontal desse altar, pois lá se encontra um admiravel trabalho, preciosa obra de ceramica daquelles tempos, cuja classificação não precisamos, mas que nos parece um mosaico, e que assegura a extrema pericia de quem pacientemente a executou. E' possivel que seja trabalho do benemerito jesuita.

Ao centro de complicadas ramagens, que ostentam

(11) Annaes da Biblioth. Nac. Vol. XXXI.

(12) Dicc. Bibliog. Port. de Innocencio da Silva.

(13) "O Mensageiro do Coração de Jesus", (Itú) S. Paulo, N. 211. Vol. 18. Dez. 1913.



variegadas flores e onde pousam algumas aves, está escripta a legenda: *Florete Flores*. E ellas bem floresceram, perfumando-lhe os dias de doce paz em que viveu mergulhada a sua obra, dando-lhe farta messe de alegrias ao coração, inebriando-lhe o espirito do aroma suavissimo do amor e da fé!

E' para notar que em todo esse grande esforço o jesuita Alexandre de Gusmão só tivesse como auxilio official a verba de 100\$000, que lhe mandara dar S. M. o Rei, a 26 de Julho de 1693, ou sejam 7 annos depois da fundação, pelo Capitão General Camara Coitinho, "para serviço da igreja e utilidade dos reaes vassallos".

Poucos annos antes de morrer, deixou Alexandre o cargo de reitor, continuando, porém, a trabalhar pela casa que fundara. Por fim, fechou para sempre os olhos no anno de 1724, cercado da confiança e respeito dos que o amaram, feliz, contemplando a obra do seu esforço que, como semente abençoada, germinara naquelle solo fecundo. Está sepultado na capella-mór ao lado de Frei Manoel da Ressurreição, 3º. arcebispo da Bahia, "que alli fallecêra nos seus braços." (14)

E' tambem este um ponto interessante que se vem incorporar ao já valioso patrimonio historico do Seminario de Belém.

O illustre publicista bahiano Dr. Aristides Augusto Milton, confirmando a opinião de outros historiadores, acrescenta, no seu valioso livro *Ephemerides Cachoeiranas*, que "o prelado, depois de haver abafado a revolta militar que rebentára a 24 de Outubro de 1687, epocha da morte de Mathias da Cunha, a quem succedeu no governo, e de ter feito uma visita pastoral ás comarcas do sul, se recolheu a esta cidade, então villa; e no povoado de Belém, que dista da Cachoeira 6 kilometros approximadamente, cerrou os olhos á luz da vida. Seu corpo foi sepultado na capella-mór da igreja do mesmo povoado, á qual nesse tempo era annexo um Seminario de padres, de que hoje resta apenas a memoria".

Sobre estas opiniões, porém, merece-nos especial citação a do historiador Sebastião da Rocha Pitta, pela circumstancia notavel de ser contemporaneo do acontecimento e de residir, ao tempo, em sua propriedade, á margem do rio Paraguassú.

(14) Rocha Pitta, op. cit.



E' para notar ainda que na capella-mór existiam apenas tres sepulturas, a saber: a do fundador, Alexandre de Gusmão, ao lado esquerdo; a do Coronel de cavalaria Antonio de Aragão de Menezes e sua mulher, fundadores e grandes bemfeitores do Seminario, ao lado direito; e a do centro, ostentando grande lousa, que não tem inscripção.

E' de suppôr que seja esta a do illustre arcebispo, que por humildade ordenara lhe não pozessem inscripção na lapide.

Mais ainda poderemos arguir, pois se apreciarmos os obitos pelas respectivas datas, concluiremos que esta é exactamente a mais antiga.

Hoje, porém, se quizessemos comprovar a veracidade destas affirmativas, buscando no fundo da cova, não os restos que os seculos deveriam por certo haver de todo consumido, mas as insignias, como o anel, o cordão e a cruz, com que o venerando sacerdote houvesse sido inhumado, nem mesmo isso poderíamos levar a cabo. A sepultura de D. Frei Manoel da Resurreição foi aberta a 6 de Abril de 1891, e nella enterrado Frei Jesuino de S. José, um piedoso franciscano que havia sido visitador e guardião na sua ordem, e a Belém chegara, como capellão, no anno de 1855.

Espirito elevado, coração generoso, foi Frei Jesuino de S. José, pelo longo espaço de 36 annos, o guia espiritual e o amigo dedicadissimo dos habitantes de Belém.

Por sua morte, nas homenagens que lhe tributaram, verificou-se sobejamente a gratidão e estima que lhe votavam os moradores.

E, por certo, na supposição de que sob aquella lousa em branco jamais houvesse repousado viajante da derradeira e dolorosa viagem, ignorantes desse ponto historico, e desejosos de dar um jazigo melhor aos despojos do bondoso frade, fizeram recahir a escolha sobre aquella sepultura, que parecia nunca tivesse sido occupada.

Mas, deixemos mergulhada nas sombras do templo, dormindo o somno tranquillo dos seculos, a pobre lousa que o tempo vae consumindo e será pó e nada no amanhã remoto das idades; deixemos na memoria dos homens a historia do venerando Alexandre, cujo pallido debuxo pretendemos ha pouco esboçar, e volvamo-nos para a nova face em que se apresenta a questão, com o apparecimento do *Voador* no Seminario de Belém.



E exclamaramos, surprehendidos:

—Que! Pois respirando aquelles ares, contemplando a formosura daquelle céo, concentrando-se ante aquelles occasos admiraveis, onde o sol desaparece sob a cupula ensanguentada que, como enorme redoma, assenta sobre o fundo cinzento dos campos silenciosos; ali, ouvindo a doce cantiga das aguas no fresco valle onde serpeia o *Pitanga*; naquellê templo, sob aquellas arcadas, por aquelles caminhos, sentira, vivera ou pensara o grande homem que depois legaria ao Brasil a gloria extraordinaria de ser patria do inventor dos balões?!

E não seria ali, no silencio bucolico daquella paragem, que seu espirito concebera a idéia grandiosa do extraordinario engenho? Alguma lenda, como outras varias que corriam na voz do povo, pela simples igualdade do appellido ou do supposto parentesco com o venerando Alexandre, emprestaria ao local mais essa aura de respeito tradicional, asseverando a passagem, por aquellas plagas, do grandioso santista?

Ante esta duvida estacaramos, e foi desejosos de conhecer a verdade que nos embrenhamos no labyrintho das investigações, em busca da preciosa e verdadeira trilha.

Mas, como viera para ali o filho de Francisco Lourenço, cirurgião-mór do presidio de Santos, a antiquissima villa declarada Praça de Armas, e sua mulher, D. Maria Alvares?

Que pensamento o inspirara a deixar sua terra natal, onde tambem havia um seminario, para buscar nas paragens da Bahia, padecendo as fadigas das difficultosas viagens, um identico estabelecimento de ensino? As excellencias da doutrina? Mas se o de lá tambem era acreditado! Os laços de parentesco?

E nosso espirito vacillava, sem a segurança de uma resposta pela affirmativa, onde podessemos ler claramente os motivos daquella resolução.

Um dia, por feliz-acaso, chegou-nos ás mãos um numero da gazeta *O Estandarte Catholico*, orgão dos monges beneditinos de S. Paulo. Nella havia uma noticia sobre as cpxeriencias de Bartholomeu Lourenço, que deixara embasbacada a congregação do Seminario de Belém, onde o mesmo era estudante.

Depois de descrever a differença de nivel entre o local onde demorava a fonte e o ponto onde estava edificado o Seminario, tratava do requerimento que o estudante



Bartholomeu Lourenço dirigira á Camara da Bahia, pedindo privilegio para seu invento. Dizia assim:

“Collocou o joven estudante um cano que descia do Seminario á lagôa, nesta construindo muralha e represas, e com tanto acerto se conduziu, que um dia viram todos, assombrados, jorrar limpida e abundante, no interior do Seminario, a agua da lagôa. Mais tarde Bartholomeu requereu á Camara da Bahia que lhe cedesse privilegio dessa invenção, allegando que “elle com muito particular estudo e experiencia que fez deu no segredo de fazer subir a agua toda á distancia que se quizesse levar, e que com effeito a fez subir o supplicante no Seminario de Belém, quatrocentos e sessenta palmos, como mostra por uma certidão, passada pelo muito reverendo padre Alexandre de Gusmão, reitor do dito Seminario, e que com o mesmo invento se poderia fazer mover os engenhos de beira-mar com agua delle, e a este respeito todos os engenhos que tivessem tãques, fonte ou rio, ainda que estejam em parte muito inferior”, etc. A Camara cedeu privilegio em 12 de Dezembro de 1705. Em seguida pediu que o privilegio se tornasse extensivo a todo o Estado do Brasil e foi deferido em 18 de Novembro de 1706.” (15)

Mais adeante dizia:

“Conta uma nota do Sr. Silva Leme que o Sr. Azevedo Marques diz: “O appellido de Gusmão lhe veio de seu protector, o jesuita Alexandre de Gusmão, padrinho de um irmão de Bartholomeu, de nome Alexandre, e que na ascendencia da familia do *Voador* não entra a familia ou nome de Gusmão.”

A primeira parte vinha certificar-nos da passagem de Bartholomeu pelo Seminario de Belém, mas a segunda era uma nova duvida em que lançaram o nosso já fatigado espirito.

Havia-nos dito Gustave Tissandier (16) que, “depois de brilhantes estudos no Seminario de Belém, entregara-se Bartholomeu, com interesse, aos trabalhos da physica e chimica. A primeira manifestação do seu engenho foi o mecanismo que inventou para fazer subir a agua de qualquer rio, lago ou brejo, ou mesmo de mar, á altura que se pretendesse.

Estava o Seminario edificado sobre um monte arejado

(15) O “Estandarte Catholico”, n. 46.

(16) G. Tissandier. “Martyres da Sciencia”, pg. 130.



e airoso, mas faltava-lhe agua para alimentação e serviço da casa, no que se despendia bastante. Bartholomeu Lourenço, durante seu tempo de estada ali, estudou o assumpto e conseguiu, por meio de um cano e machinismo, fazer subir ao convento a agua de um brejo que ficava a alguma distancia e inferior ao convento 101 metros.”

Desse invento, há alguns annos passados, restava uma parte do cano, já destruido e soterrado, e que era feito de duas telhas unidas e tomadas de argamassa nos pontos de contacto.

O resto do apparelho, alguma armação ou engrenagem, represas e muralhas que existiram, tudo consumiu o tempo ou destruíram os homens, pois mesmo da fonte, (17) cujas aguas foram outrora aproveitadas, nada mais existe que um quadro de alvenaria forrado a tijollos, para proteger a minação, e um amontoado de blocos que se desconjuntam, e por onde flúe crystalilno um fio de agua tranquillo.

São também attestados de sua passagem pela Bahia os versos de Thomaz Pinto Brandão, que se acham no precioso livro do Sr. Felippe Simões. (18)

Os seus vôos na Bahia  
 Algum principio tiveram,  
 Que por isso o não quizeram  
 Os Padres da Companhia.  
 Suspeita alguma haveria,  
 Do que se saberá cêdo,  
 E se em segredo, de mêdo,  
 Uns padres o expulsaram lá,  
 Talvez que o recolham cá  
 Outros padres em segredo.

Tambem o Sr. Britto Rebello, no seu artigo do “O Occidente”, n. 168, affirma que “na Bahia Bartholomeu Lourenço inventara o meio de fazer subir a agua á altura que se quizesse, o que fez no Seminario de Belém, onde a elevou a 460 palmos”.

Estava, pois, confirmada, escoimada de duvidas, a passagem do *Voador* pelo Seminario de Belém. Foi quando tivemos a dita de conhecer o trabalho do Sr. Visconde de

(17) Fonte dos Padres, é o nome que ainda hoje lhe dão.

(18) F. Simões. “A Invenção dos aerostatos reivindicada”.



S. Leopoldo e lêr a parte referente a Alexandre, irmão de Bartholomeu. Diz assim:

“Uma particularidade nos transmittiu o seu panegyrista; de que lhe viera o nome do jesuita Alexandre de Gusmão, o qual na pia baptismal fôra instrumento de sua regeneração, desempenhando com a doutrina a obrigação, que era de esperar de um varão cujas virtudes ainda rescendem entre nós, deixando monumento de seu zelo pela educação da puericia no Seminario que fundou na villa de Cachoeira, quatorze leguas distante da Bahia. Cujo appellido em signal de gratidão e reverencia adoptaram alguns membros desta familia. Os serviços que este respeitavel varão prestou ao Brasil, em especial a protecção dada ao desvalido santista, nos impõe o grato dever de reproduzir aqui, etc.”

Terminamos, então, por verificar que o jesuita portuguez Alexandre de Gusmão, antes de vir fundar o Seminario de N. Senhora de Belém, houvera sido reitor do collegio dos jesuitas, na então villa de Santos (19), como no da Capitania do Espírito Santo, e, desse modo, ficamos comprehendendo porque Bartholomeu preferira o Seminario de Belém ao de sua terra natal.

Não nos sahia do pensamento, entretanto, a nota do Sr. Azevedo Marques, affirmando que na ascendencia do *Voador* não entrava o appellido de Gusmão.

O bello trabalho do Sr. Visconde de S. Leopoldo, por si só, não constituia prova bastante para que nella descansassemos das nossas pesquisas.

A principio duvidamos da veracidade de tal affirmativa e chegamos a ser favoraveis, a admittir o appellido de Gusmão. Debalde, nos estreitos recursos de quem habita o interior, sem o auxilio de boas bibliothecas, onde se apresenta mais vasto o campo de investigações, procuravamos a razão que levara os citados historiadores a semelhante conclusão, ainda assim repassada de um criminoso lacerismo e sem ao mesmo delinear os caminhos por onde lá foram chegar.

Hoje, porém, com o tempo e com o fructo do nosso esforço, somos partidarios ardorosos da negativa, que constitue effectivamente o motivo da presente conferencia.

Vamos saldar, pois, meus Senhores, o compromisso que tomamos para com o Instituto, na carta que dirigimos ao

(19) “Rev. do Inst. Hist. Bras.” Tomo 45, pag. 409.



illustre director da "A Tarde", contestando a communicacão do erudito mestre o Sr. Desembargador Filinto Bastos, a esta casa.

Será fastidiosa a enumeração das nossas provas, o que fará alongar um pouco a presente conferencia, escripta exclusivamente no intuito de fazer justiça ao eminente brasileiro, fulgurante gloria do nosso querido torrão.

Diremos, portanto, confirmando a opinião dos Srs. Azevedo Marques e Visconde de S. Leopoldo, "que o appellido de Gusmão não entrava na ascendencia da familia do *Voador* e que este o adoptara por gratidão"; e, por nossa conta e responsabilidade, diremos mais, contestando a ultima parte da citada opinião, *que Bartholomeu jamais adoptura semelhante appellido*.

Será, talvez, arrojo nosso buscar destruir, na singeleza destas despretenciosas considerações, o uso consagrado de mais de dois seculos, na adopção generalizada do nome de Gusmão, acrescentado ao do Padre Bartholomeu Lourenço.

Perdõem-nos aquelles que, estribados em contestações de valor historico, destruíram a nossa proposição, que está amparada nas razões que se seguem:

1ª.—A petição que dirigiu o *Voador* ao Rei de Portugal D. João V, pedindo privilegio para sua machina de voar.

Este documento importantissimo, que foi "fielmente copiado" ou é "copia fidedigna", na expressão das abalisadas citações da nota, foi pela primeira vez publicado em Lisbôa, em 1774, na officina de Simão Thadêo Ferreira, com o titulo seguinte: "Petição do Padre Bartholomeu Lourenço sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar e suas utilidades".

Assim começa a petição: "Senhor. Diz o licenciado Bartholomeu Lourenço, que elle tem descoberto um instrumento para andar pelo ar da mesma sorte que pela terra e pelo mar com muito mais brevidade, fazendo-se muitas vezes duzentas e mais leguas por dia, nos quaes instrumentos se poderão levar os avisos de mais importancia aos exercitos e terras mais

(20) Innocencio F. da Silva. "Maravilhas do Genio do Homem".

(21) Revista "Aerophilo". Anno I, n. 4.



remotas, quasi ao mesmo tempo em que se resolvem, etc." (22)

Como vêdes, Senhores, o padre Bartholomeu Lourenço não declarou neste documento, de seu proprio punho, o appellido de Gusmão.

E será crível, que o inventor de um semelhante appa-

(22) Dicc. Univ. Ill. Portuguez. Lisbôa, 1887.

#### PETIÇÃO

Senhor—Diz o licenciado Bartholomeu Lourenço, que elle tem descoberto um instrumento para andar pelo ar da mesma sorte que pela terra e pelo mar, com muito mais brevidade, etc.; fazendo-se muitas vezes duzentas e mais legoas por dia, nos quaes instrumentos se poderão levar avisos de maior importancia aos exercitos e terras mais remotas, quasi no mesmo tempo em que se resolvem: no que interessa a Vossa Magestade muito mais que a todos os outros principes, pela maior distancia dos seus dominios; evitando-se desta sorte os desgovernos das conquistas que provêm em grande parte de chegar tarde a noticia delles. Alem do que poderá Vossa Magestade mandar vir todo o preciso dellas muito mais brevemente e mais seguro; polerão os homens de negocio passar lettras e cabedaes a todas as praças sitiadas; poderão ser soccorridos tanto de gente, como de munições e viveres a todo o tempo, e retirarem-se dellas todas as pessoas que quizerem sem que o inimigo o possa impedir. Descobrir-se-hão as regiões que ficam mais visinhas ao Polo do Mundo, sendo da nação portugueza a gloria dos descobrimentos que tantas têm tentado inutilmente as estrangeiras. Saber-se-hão verdadeiramente as longitudes de todo o mundo, que por estarem erradas nos mapas causam muitos naufragios, além de infinitas conveniencias que mostrará o tempo, e outras que por si são notorias, que todas merecem a real attenção de Vossa Magestade. E porque deste invento tão util se podem seguir muitas desordens commettendo-se com o seu uso muitos crimes, e facilitando-se mais na confiança de se poder passár a outros reinos, o que se evita estando reduzido o dicto uso a uma só pessoa, a quem se mandem a todo tempo as ordens que forem convenientes a respeito do dicto transporte, e prohibindo-se a todos os mais sob graves penas, e é bem que se remunere ao Supp. invento de tanta importancia: Pede a Vossa Magestade que seja servido conceder ao Supp. privilegio de que, pondo por obra o dicto invento, nenhuma pessoa, de qualquer qualidade que fôr, possa usar d'elle em nenhum tempo neste reino e suas conquistas, nem trazel-o de fóra para o dicto reino ou conquistas com qualquer pretexto sem licença do Supp. ou de seus herdeiros, sob pena de perdimento de todos os seus bens, a metade para o Sup. e a outra a quem o accusar, e salvo as penas, que a Vossa Magestade lhe parecer que pede a importancia deste negocio, as quaes todas terão logar tanto que tenha usado d'elle, para que não fiquem frustradas as ditas penas, tenha usado d'elle, para que não fiquem frustradas as ditas penas, ausentando-se o que nellas tiver incorrido. E. R. M."



relho, prevendo as utilidades do mesmo e até as suas mais recentes applicações nos nossos dias, supplicando privilegio especial e penas para os imitadores, não cogitasse de ser exacto na collocação de seu nome, omittindo justamente o appellido, a partê que indica a origem, o ramo paterno?

Surprehendemos em vosso pensamento uma negativa formal.

2<sup>a</sup>.—O alvará concedendo o privilegio, assignado por D. João V, em Lisbôa, aos 19 de Abril de 1709.

No dizer do Sr. Innocencio Francisco da Silva, em nota publicada na *Revista Universal*, ás *Maravilhas do Genio do Homem*, de Amadée Bast, “o alvará foi copiado fielmente, na Torre do Tombo da Chancellaria de El-Rei D. João V, no livro 31, fls. 202 verso, dos officios e mercês”. Eis como começa o alvará: “Eu El-Rey faço saber que o Padre Bartholomeu Lourenço me representou por sua petição que elle tinha descoberto um instrumento, etc.”

O alvará é um documento authenticico, “fielmente copiado”, no dizer do historiador. Será crível que nesse documento lhe supprimissem o nome de Gusmão, no caso que elle figurasse na petição?

Ninguém o acreditará sinceramente.

3<sup>a</sup>.—O inventario a que se procedeu pelo Juizo dos Orphãos da Villa de Santos, em 4 de Janeiro de 1721, por fallecimento de Francisco Lourenço, pae do *Voador*, a 19 de Dezembro de 1720.

Nesses autos declarou a viuva inventariante, D. Maria Alvares, que de seu fallecido marido lhe ficaram 12 filhos, a saber:

“1<sup>o</sup>. — Domingas Gonçalves, casada com Antonio Lemos—40 annos.

2<sup>o</sup>.—Padre Simão Alves, professo do 4<sup>o</sup>. voto na Companhia de Jesus—38 annos.

3<sup>o</sup>.—Maria Gomes, casada com Francisco Vicente—37 annos.

4<sup>o</sup>.—*Padre Bartholomeu Lourenço*, Clerigo Secular—35 annos.

5<sup>o</sup>.—Joanna Gomes (23), casada com Antonio Ferreira Gambôa—32 annos.

---

(23) O Sr. Felix Ferreira, no seu apreciado livro “Noções da Vida Domestica”, no capitulo “As mulheres celebres”, chama-a de Joanna de Gusmão, irmã do *Voador*, e conta a interessante noticia que se segue:



6º.—Frei Patricio de Santa Maria, religioso franciscano—30 annos.

7º.—Paula Maria, religiosa do Convento de Santa Clara, da villa de Santarém—28 annos.

8º.—Archangela da Conceição, idem, idem, Portugal—26 annos.

9º.—*Alexandre de Gusmão*—25 annos.

10º.—Brigida Monteiro—22 annos.

11º.—Ignacio Rodrigues, Regular da Companhia de Jesus—20 annos.

12º.—João de Santa Maria, religioso Carmelita—17 annos.”

Poderíamos passar sem commentario em torno da inconfundivel prova que é o presente documento. Elle, por si só, fala mais alto que quantos outros podessemos apresentar.

Deve-se o seu conhecimento ao Sr. José Feliciano Pinheiro, Visconde de S. Leopoldo, quando procurou determinar a idade exacta do *Voador*. (24)

E', portanto, a propria genitora que nos traz, em do-

“Casou-se com um rico agricultor, mas depois de alguns annos da mais feliz vida do lar, adoeceu gravemente, pelo que teve de ir a um remanso do rio Iguape fazer uso dessas aguas, ás quaes se attribuiam então qualidades medicinaes. Restabelecida em pouco, foi, como era de costume entre os que ficavam bons, render graças á Senhora das Neves, em uma ermida proxima, onde se adorava o Senhor, que, segundo a tradição, abençoára aquellas aguas. Ahi fizeram os dois esposos votos de “não passar a segundas nupcias e de perigrinar pela terra, servindo a Deus e ao proximo, aquelle que sobrevivesse ao outro”.

Coube a D. Joanna de Gusmão cumprir a promessa, pois viveu dentro de poucos annos.

Repartindo por seus parentes tudo quanto possuia, vestindo-se de negro burel e pendurando ao pescoço uma imagem do Menino Deus, sahiu a esmolar de porta em porta. Assim atravessou o sul da Provincia de S. Paulo, na parte que hoje constitue a Provincia do Paraná, e chegou a Santa Catharina precedida do nome de *mulher santa*, que lhe dera o povo. Ali, obtendo por doação dez braças de terra, lançou os fundamentos da igreja do Menino Deus, na cidade de Desterro.

Contava perto de 80 annos quando concluiu a sua piedosa empresa; sahiu ainda a esmolar, mas sentindo-se enfraquecer, voltou de novo a Santa Catharina, e, na casa que construiu junto áquelle templo, abriu uma escola para meninas.

Nessa civilizadora missão consumiu pacientemente os restos de seus dias, vindo a morrer aos 92 annos de idade, em fins do seculo passado, sendo pranteada pela população inteira do Desterro, onde se lhe fizeram pomposas exequias.”

(24) Rev. do Inst. Hist. Bras., tomo LXV, 1ª. parte.



cumento de tal monta, a declaração por si verdadeira, pois iria figurar no inventario de seu fallecido marido; é, portanto, repetimos, a propria mãe do *Voador* que lhe vem negar o appellido de Gusmão.

Não será isso uma prova cabal de que elle jamais o adoptara ou possuira?

Porque motivo, então, declarou D. Maria Alvares o appellido de Gusmão, quando citou o nome de Alexandre, seu 9º. filho?

Certamente porque este o adoptara do seu protector, o jesuita portuguez Alexandre de Gusmão, fundador do Seminario de Belém.

Era este um uso muito vulgar naquelles tempos.

E a desigualdade de nomes, numa mesma familia, a disparidade que se nota nessa lista de 12 apenas, não será uma confirmação deste pensar?

Não é Lourenço exactamente o appellido de seu pae, Francisco Lourenço, e da relação apresentada não é o *Voador* o unico que o adoptou?

4ª.—E' curioso que seus inimigos, autores de tantas satyras, nas poesias que chegaram ao nosso conhecimento (ao todo 15 producções) e de que temos copia completa, é curioso que um só de quantos o detratarem, com a circumstancia de serem contemporaneos do invento, nas quasi duzentas estrophes que escreveram, não o chamassem pelo appellido, não se utilisassem da palavra Gusmão, que, rimando com a palavra balão, tambem é facil de collocar no verso, por ter duas syllabas apenas!

Não virá esta notavel circumstancia em favor das nossas opiniões?

Parece-nos decisivo.

5ª.—Francisco Leitão Ferreira, contemporaneo de Bartholomeu e seu consocio na Academia Real de Historia, tratando da ascensão do *Voador*, diz: "*Bartholomeu Lourenço*, clérigo de ordens menores, etc." (25)

Seria tambem absurdo admittir que Francisco Leitão, conhecendo-o e privando na intimidade, vivendo ao mesmo tempo em que occorreu o invento do glorioso santista, não lhe soubesse o nome por inteiro.

Este argumento nos parece da mais absoluta confiança.

6ª.—No tomo IX de uma collecção de papeis politicos portuguezes, relativos aos seculos XVII e XVIII, e que



hoje existe no Museu Britannico, tendo pertencido ao Desembargador Mathias Pinheiro e depois ao Desembargador João Tavares de Abreu, sendo, afinal comprada para o Museu ao espolio do poeta Southey, existe uma copia da petição que diz: "Petição que fez o Padre *Bartholomeu Lourenço* ao Desembargador do Passo, para que lhe concedesse fazer um invento que havia de andar pelo ar e com effeito se lhe concedeu, o qual elevando a Casa da India o fez subir em 1709". (26)

Este documento tem aqui registo para confirmar a fidelidade da copia da petição a que primeiro me referi.

7<sup>a</sup>.—A vallisosa prova que encontrou o Sr. Felippe Simões, na Bibliotheca de Évora, codice 342, dá-nos pelo proprio titulo uma perfeita segurança de que na familia do *Voador* não entrava o appellido de Gusmão.

Diz assim: "Descripção e figura da admiravel machina para se navegar pelo ar que fez em Lisbôa o Padre *Bartholomeu Lourenço*, natural do Brasil, dada á estampa por um amigo do autor, tirada de noticias particulares que este lhe communicou." (27)

Tambem e ainda este, que se apresenta com as credenciaes de amigo e confidente, nega-lhe o nome de Gusmão.

8<sup>a</sup>.—Nas officinas de Simão Thadêo, em Lisbôa, no anno de 1774, acompanhando uma gravura da machina, imprimiu-se uma noticia sob o titulo seguinte: "Machina aerostatica que pela primeira vez se viu na Europa—inventada pelo celebre *Bartholomeu Lourenço*, por antonomasia o *Voador*—irmão do insigne Alexandre de Gusmão, lançada ao ar no Castello de S. Jorge, donde o autor desceu della no Terreiro do Paço, etc." (28)

Este documento é decisivo, Senhores, pois, referindo-se aos nomes dos dois illustres irmãos, nega ao primeiro o appellido de Gusmão.

Poderíamos ainda enumerar varias provas em favor da nossa opinião, mas, como já vae longa a presente documentação e seria descortesia nossa abusar por mais tempo da vossa gentileza, limitar-nos-emos a apresentar apenas mais esta, sendo que nella falará, como na primeira, o proprio *Bartholomeu Lourenço*:

(26) "A invenção dos aerostatos reivindicada", op. cit.

(27) Idem.

(28) Catalogo de Manuscriptos Portuguezes existentes no Museu Britannico, por F. F. Figanière. Lisbôa, 1854.



9ª.—Diz o Sr. Diogo Barbosa Machado, que foi seu contemporaneo, na *Bibliotheca Lusitana*, e confirma-o o Diccionario Universal Portuguez Illustrado, que depois de 1709, tendo Bartholomeu regressado da Hollanda, completara os seus estudos em Coimbra (29) e publicara uma obra com o titulo: "Varios modos de exgottar, sem gente, as náus que fazem agua, offerecido ao mui alto e poderoso Rei de Portugal D. João V, nosso Senhor, pelo Padre *Bartholomeu Lourenço*. Lisboa 1710".

Tinhamos já conhecimento dessa obra, mas fomos finalmente encontral-a com o primitivo titulo latino no Grande Diccionario Universal Illustrado, de Larousse.

Não é possivel que, dedicando um trabalho ao monarcha, trabalho valioso, pois nelle se cogitava de uma engenhosa descoberta, que o autor omittisse novamente o seu appellido.

Parece-nos, portanto, Senhores, ficar explicada a razão que tinhamos de proclamar a negativa, protestando contra o indevido acrescimo ao nome d o illustre brasileiro.

Alexandre de Gusmão, o notavel e brilhante politico, pondo-se em destaque ao mesmo tempo em que occorria a gloria do maravilhoso invento de seu irmão, e sendo seu successor na missão á Roma, como enviado de D. João V, na solicitação de duas Bullas—a da Patriarchal e a das quartas partes dos Bispados—realizara com rara habilidade o delicado negocio, vendo seu esforço coroado de justos premios e de larga fama.

Alexandre brilhara na diplomacia, mergulhado nas grandezas da Côrte. Cavalheiro professo da Oredm de Christo, Fidalgo da Casa de S. Magestade, Alcaide-mór de Piconha, Conselheiro do Conselho Ultramarino, falleceu a 31 de Dezembro de 1753 e está sepultado em Lisbôa, no Convento de N. S. dos Carmelitas Descalços.

Foi talvez o destaque em que se encontrava o seu nome que determinou ficassem chamando pelo mesmo appellido ao seu insigne irmão o padre Bartholomeu Lourenço. Dahi, por certo, o motivo.

E este uso, atravessando os seculos, passando como legitimo através das idades e dos tempos, vem agora encontrar documentada contestação, graças aos investigadores que, em suas arduas pesquisas, deixaram cabedal

(29) E' facto que o *Voador* faltara á ultima matricula na Universidade de Coimbra, occupado com a sua machina. ("Estandarte Catholico", n. 46. Itú, S. Paulo).



sufficiente sobre o qual assentamos as bases da nossa despretenciosa opinião.

Eis-nos, pois, chegados à conclusão, que parece logica, de que na ascendencia do *Voador* não entrara a familia ou o appellido de Gusmão. E que se o diplomata Alexandre o accrescentara ao seu nome, por sentimento de louvavel gratidão, ao contrario, seu irmão o Padre Bartholomeu Lourenço jamais o adoptara.

Foi este, meus Senhores, o ponto principal da presente conferencia. Mais longe não pôde ir o nosso esforço e por isso desculpae-nos, já que tão pallidamente nos desempenhamos de tão alto compromisso.

A verdade é que dos trabalhos vindos a lume a respeito do Padre Bartholomeu, poucos merecem o applauso de um sincero julgamento.

Dos demais, alguns, falhos de criterio e arrogados á censura, emprestam ao *Voador* qualidades excepcionaes e phantasticas de poderio e riqueza; outros, na completa ignorancia do assumpto, mostram-se cheios de revoltantes commentarios, em que a verdade historica é torpemente sacrificada.

Alguns, sem encarar com segurança a materia, bordam uma vaga historia mysteriosa, onde o feitiço ou a lenda, amparados sempre por um *consta*, representa a barata moldura de um quadro mal desenhado.

Fallidos da documentação positivada, que imprime ao trabalho uma typica feição de verdadeiro, limitam-se a pallidas citações sem commentarios ou bases que venham pôr a claro as divergencias.

Poucos, portanto, têm tritado de tão relevante assumpto com o criterio que a propria materia reclama. Limitando-se a acompanhar o *Voador* no tocante á sua estada em Lisbôa, deixam no olvido sua passagem e estadia na Bahia, ou mais propriamente no Seminario de Belém, da Cachoeira, onde se realizaram as primeiras manifestações de seu talento extraordinario.

“Seus estudos de physica e mecanica no Seminario de Belém, a dedicação e apuro com que a elles se devotou”, além do pequeno prazo decorrente entre sua retirada do Seminario e as experiencias realizadas em Lisbôa, são razões sobejas para que se pense houvesse elle na Bahia imaginado o apparelho com que depois levaria o nome á Posteridade.

Calar este ponto, que é dos mais notaveis de sua exis-



tencia, é não reclamar para a Bahia o quinhão a que ella tem direito na partilha cobiçada de tão legitima gloria!

E mal pensava o sabio que sua obra, tomando o desenvolvimento a que chegou em nossos dias, viesse fazel-o um vidente, anteconcebendo os empregos de sua rudimentar concepção.

Desde suas experiencias iniciaes até as definitivas dos mais modernos aeroplanos, passa um mundo de sacrificios e de desillusões, de devotamentos e de vexames, onde cabem muito bem os nomes de Bagnolet, dos irmãos Gerli e Robert, do abbadê Bertrand, na antiguidade; e de Santos Dumont, Augusto Severo, Bleriot e tantos outros, até o Conde de Zeppelin, nos nossos dias, norteando a dirigibilidade para a solução do difficil problema.

E não são outra cousa senão verdadeira solução esses extraordinarios *raids* em que se contam "velocidades phantasticas deapparelhos que ultrapassam a de 203 kilometros por hora, attingindo outros 6.000 metros de altura, onde a pressão atmospherica fica reduzida a quasi um terço, e, finalmente, um terceiro, navegando noite e dia, durante 23 horas consecutivas". (30)

Que importa, porém, que se tenha chegado ao maximo do desenvolvimento, se a experiencia inicial foi a sua, se della derivam todas as outras aspirações na serie immensa de tentativas que chegaram agora á realização do problema?

A gloria é sempre nossa e ninguem nol-a poderá apagra, gravada tão fundo como se encontra nas paginas de ouro da historia.

E assim, meus Senhores, laborando naquelle engano, o erudito e preclaro Desembargador Filinto Bastos, em sessão deste Instituto, communicou a impressão que lhe deixara o livro do Sr. Visconde de Faria, affirmando ser o *Voador* irmão do jesuita portuguez que fundou o Seminario de Belém, no anno de 1686.

Nesse louvado esforço de reivindicar, se bem que para Portugal, a gloria da descoberta dos balões, que a França nos quiz tirar, attribuindo-a aos irmãos Montgolfier, cujas experiencias se realizaram 74 annos depois das de Bartholomeu Lourenço, não regateamos applausos ao Sr. Visconde de Faria, descendente de José Maria Faria, o func-

(30) "Aerophilo", rev. do "Aero-Club Brasileiro", anno I, n. 4, Rio de Janeiro.



cionario que escreveu o documento dando garantia de invenção, assignado por D. João V.

Deve-se ao Sr. Visconde de Faria a fundação da "Academia Bartholomeu de Gusmão", cujos trabalhos têm merecido os mais francos elogios.

Mas, nem por isso deveríamos calar a verdade histórica, auxiliando os investigadores na penosa tarefa de fazer luz sobre este ponto obscuro.

É nossa carta dirigida ao director da "A Tarde", datada do fundo do reconvexo, onde mal chegam os ecos das grandes cousas da cidade, só tardiamente, em virtude de accumulo de publicações e trabalhos inadiáveis da imprensa, sahira a lume naquella apreciadissimo diario.

Talvez por este motivo o digno Sr. Desembargador Filinto Bastos, cujo nome aqui declino respeitoso, não tivesse immediato conhecimento das nossas rectificações.

Vem ao caso dizer que estas ligeiras notas não se arrogam de ter o merecimento de um trabalho cuidado, feito á sombra de longas pesquisas, como o proprio assumpto requer.

Longe dos melos proprios ás investigações, afastado das boas bibliothecas onde se podessem colher melhores dados, todavia alguma coisa conseguimos, e estas considerações representam apenas o desejo de bem servir á verdade, fazendo justiça á memoria dos que foram grandes pelo trabalho e pelo talento, honrando a Deus e á Patria.

Não assumissemos então o compromisso de apresentar ao Instituto o presente trabalho, teriamos preferido silenciar sobre a materia em questão, deixando que os competentes melhor dissessem sobre o assumpto.

É por isso que ás vossas presenças, como á de um sol grandioso, nossa retina se contrahe, no deshabito de contemplar as intensas fulgurações do alto!

O só e louvavel intuito de concorrer, na altura de nossas forças, encoraja-nos a levar tambem uma pedra para o grandioso edificio da reivindicção, que é a gloria de tel-o como nascido neste torrão brasileiro, filho illustre que se alcandora nas asas da fama, para dizer ao mundo pasmo a immensidade da nossa grandeza.

Mas, Senhores, é tempo já de voltarmos ao Seminario de Belém.

Embebidos na dissertação, lá deixamos o seminarista Bartholomeu cogitando dos privilegios para o seu primeiro invento.



Era no fim do anno de 1707.

Estavam pois concedidos os privilegios requeridos. Pouco depois partira Bartholomeu para Portugal, onde se matriculou, em Coimbra, na Universidade de Canones.

Em Lisboa começou a evidenciar-se a sua individualidade. A impressionante figura do Padre logo captivou a quantos de si se approximaram e o merecimento dos seus dotes oratorios, o conhecimento de varias linguas e larga illustração, grangearam-lhe em breve a admiração de todos e a particular estima de El-Rei.

Ahi inicia a construcção da *Passarola*, auxiliado por D. João V, "que tomando tanto a peito realizar esta empreza, fez á sua custa todos os gastos com a construcção e organização da projectada machina". (31)

De facto, fez Bartholomeu a sua primeira ascensão em Lisboa, no pateo da Casa da India, em presença de El-Rei, da Côrte e do povo, aos 8 de Agosto de 1709. Subindo até a altura da Sala das Embaixadas, dahi descendo suavemente, por ter soffrido avaria o apparelho, em consequencia de choque no edificio.

Outros autores escrevem discordando e dizendo que a experiencia se fez dentro da propria Sala das Embaixadas.

Essas opiniões, porém, não devem ser tomadas á conta de acceitaveis, porquanto não se concebe que o tal invento, dadas as utilidades que lhe prediz o autor no requerimento de privilegio, podesse mover-se ou fosse de dimensões que permittissem sua movimentação no estreito ambito daquela sala.

Precisamos, porém, salientar outra face da obra do *Voador*.

Não era Bartholomeu um simples amator, que por sabor das sensações da altura, gosando o inedito prazer daquela vertigem, se arrojasse no bojo de uma aeronave, demandando sem rumo as amplidões do espaço, por um simples *sport*.

Pelo contrario, elle muito confiava nos destinos de seu apparelho.

E desse ponto da dirigibilidade, que só agora, em nossos dias, depois que o grande Santos Dumont, conseguindo demonstral-o, se teve como resolvido, delle, ha 216 annos, cogitára o Padre Bartholomeu Lourenço.

(31) Pereira da Silva—"Varões Illustres".



E, se assim não fosse, porque teria promettido *subir a um ponto dado e determinado, fazer duzentas e mais leguas por dia; soccorrer as praças sitiadas em tempo de guerra, dellas se retirando aquillo que quizesse, sem o inimigo impedir; descobrir as terras mais proximas dos polos do mundo, sendo para Portugal a gloria de taes descobrimentos?*

Por certo, não se tratava de um simples balão, que subisse sem direcção, vagando á mercê dos ventos.

Não há duvida, portanto, que em aquellas palavras do requerimento os olhos da imparcialidade verão a existencia de um rumo determinado, de uma direcção conhecida.

Devido á larga propaganda franceza, houve tempo em que se negou quasi a Bartholomeu a gloria de ter sido o primeiro a tratar de tal assumpto. Chegou-se mesmo a dizer que aquillo não passava de pura lenda, ou de mera phantasia do sonhador espirito do Padre e que as experiencias nunca chegaram a ser realizadas.

Venceu na campanha sordida a verdade, e graças ao esforço dos historiadores, exhumadores pacientes de preciosas velharias, devotados espiritos á causa sagrada da justiça, tomou a controversa questão um rumo inteiramente diverso.

Hoje, felizmente, podemos dizer em face de documentos insophismaveis que a gloria é puramente do Brasil.

Além desse perigoso elemento da propaganda franceza, no proprio Portugal, poetastros ridiculos lançaram-lhe tremendas offensas, cobrindo-o de baldões, manchando-o de ridiculo.

Eis algumas estrophes:

Por força do vosso estudo,  
 Por geito do vosso estado,  
 Para tudo sois azado  
 Tendo pena para tudo;  
 Assim de estylo não mudo  
 No extranho do meu louvor,  
 E entendo do meu amor  
 (Se o não tomaes por labéo,  
 Que até chegardes ao céu  
 Haveis de ser *voador*). (32)

(32) "Pinto renascido", etc. Transcripto da "Memoria", por Freire de Carvalho.



Esta maroma escondida  
 Qué abala toda a cidade,  
 Esta mentira ou verdade  
 Ou esta duvida crida,  
 Esta exalação nascida  
 No portuguez firmamento,  
 Este nunca visto invento  
 Do Padre Bartholomeu,  
 Assim fôra santo eu  
 Como elle é cousa de vento.

Esta fera passarola  
 Que leva por mais que brame  
 Trezentos mil réis de arame  
 Somente para a gaiola;  
 Esta urdida paviola  
 Ou este tecido enredo;  
 Este das mulheres mêdo  
 Emfim dos homens espanto,  
 Assim fôra eu cedo santo  
 Como se ha de acabar cêdo.

Meu padre Bartholomeu,  
 Eu, segundo o meu sentir,  
 Não vi outro mais subir  
 De quantos vi voar eu,  
 O conceito é como meu  
 Que o não pude achar melhor;  
 Porém se como orador  
 Tanto sabeis levantar,  
 Não me deveis extranhar  
 Que eu vos chame Voador (33)

Fui tambem dos segredos mais occultos  
 Por arte não vulgar famoso espia,

.....  
 .....

Eis quando um dia no meu vinho estava,  
 Tomei o folle as asas despresando,  
 E surrando-me fui o vento abrindo  
 O vôo dei ao Inferno...

..... (34) etc.

(33) Dicc. Ill. Portuguez, op. cit.

(34) Innocencio F. da Silva. Dicc. Bibliogr.



Não bastassem as notas citadas, as obras dadas a lume antes da experiencia franceza, bastaria o testemunho de Foubles de Saint-Fond, contemporaneo das experiencias dos Montgolfier, para assegurarmos o direito de prioridade, quando declara, com a notavel circumstancia de ser francez, que as ditas experiencias se realizaram na cidade de Amnonny, na 5.<sup>a</sup> feira, 5 de Junho de 1783. (35)

Existe ainda outro importante documento que vem em favor de Bartholomeu Lourenço.

E' uma carta firmada pela princeza Elisabeth Christina, mãe da Imperatriz Maria Thereza, datada de 2 de Junho de 1709. Nessa carta se encontra a declaração que a Rainha de Portugal lhe fizera sobre a invenção de um homem que estava em Lisbôa com um navio no qual pretendia voar. "Si cette inventions vencit je viendrois tout le semaine un jour trouvé. V. A., etc." (36)

Convem dizer que a proposito do invento de Bartholomeu correm duas versões sobre a fórmula do aparelho, e há mesmo duas gravuras que o representam differentemente.

A primeira tem a fórmula de um passaro, crivado de tubos, por onde passava o ar, enchendo uma especie de barriga saliente, por meio da qual se elevava e munido de governo, folles para substituir o vento quando faltasse, asas para garantir a estabilidade do aparelho, dimensão e capacidade (que seria de 11 tripulantes, inclusive o inventor) e espheras onde estava o *segredo da attração*, conforme o folheto impresso nas officinas de Simão Thadêo, em Lisbôa, no anno de 1774.

A segunda, de desenho inteiramente diverso, tem a fórmula de uma pyramide triangular, construida de laminas de cobre ou ferro, e presa com fortes cordas a um pavimento de madeira, em fórmula de barca, onde iria o aeronauta, guiando-a por meio de um leme.

Referindo-se á pyramide, diz o autor da descripção que "as laminas de cobre ou ferro serão tão bem unidas a ponto de não deixar escapar os *espiritos magneticos* que nella estiverem guardados".

Abstemo-nos de entrar na apreciação do *segredo* da primeira e dos *espiritos magneticos* da segunda, por cuidarmos que taes nomes fossem dados pelo autor com o

(35) Dicc. U. I. Port., op. cit.

(36) "Aerophilo", rev. cit (copia textual).



fito de desviar a curiosidade do publico de certos pontos interessantes de seu aparelho.

Além disso, a terminologia arrevezada daquellas descrições são muito proprias ao alvorecer da Physica em Portugal e em que Bartholomeu era um dos mais versados do seu tempo.

Existe um documento publicado ao tempo das experiencias e que com muita razão se attribue a Bartholomeu, que se intitula *Manifesto Summario para os que ignoram poder-se navegar pelo elemento do ar*.

Desse *manifesto* se conclue que o invento do Padre Bartholomeu tinha realmente a fórma de um passaro, e são a confirmação as seguintes palavras, que transcrevemos: "Dão todo credito á navegação dos mares só porque o vemos sulcados continuamente, que se tal não vira é certo que se não se crêra por ser um invento tão difficiloso, que até Salomão depois de o ver admirou. *Tria sunt difficilia mihi; viam aquilae in celo; viam avis in medio maris, etc.*

Neste proverbio temos a paridade do nosso invento que é *viam aquilae in celo*; assim como pois vemos a uma ave cortar os ares, assim é possível cortal-os com qualquer instrumento á sua imitação, tendo os mesmos instrumentos necessarios como v. g. a náu que foi feita á sua semelhança; pois as velas lhe servem de asas, a prôa de peito, o leme de cauda e os homens que a governam de vida. Tres cousas são necessarias á ave para vôar, convem saber: asas, vida e ar; asas, para subir, vida para se mover e ar para as sustentar: de sorte que faltando um destes tres requesitos, ficam inuteis os outros dois; porque asas sem vida não podem ter movimento, vida sem ar não pode ter elevação e ar sem estes individuos não pode ser sulcado: porem dando-se estas tres circumstancias de asas, vida e ar, conforme a necessaria proporção, é infallivel o vôo em qualquer artificio como o estamos vendo na ave. Entra agora o nosso invento, etc. "(37)

Este *manifesto*, que é muito longo, estuda detidamente as razões fundamentaes do invento e dá tambem uma grande prova dos conhecimentos do Padre Bartholomeu.

(37) Este *manifesto* foi pela primeira vez publicado em 1849 nas actas das sessões da Academia Real de Sciencias de Lisboa, por Francisco Freire de Carvalho. Delle existe copia na Universidade de Coimbra e tem no catalogo o numero de ordem 342.



Qualquer que fosse, porém, a fôrma do decantado aparelho, o facto é que El-Rei o encorajou e fez-lhe mercê de uma conezia, lente de prima de mathematicas na Universidade de Coimbra, *com 600\$ annuaes e só em vida delle*, e promessa da primeira dignidade que se vagasse nas suas collegiadas de Barcellos ou Santarém. Mais tarde nomeou-o fidalgo capellão da Casa-Real. (38)

Era El-Rei apreciador dos excepçionaes dotes intellectuaes do Padre Bartholomeu Lourenço.

Pensamos não exagerar, classificando de excepçionaes os grandes talentos do *Voador*. Vejamos:

Na bibliotheca da Universidade de Coimbra, de um volume manuscrito, em 4º., grande, e que tem no respectivo catalogo o numero 537, encontra-se uma memoria, que se intitula: *Memoria do Padre Bartholomeu Lourenço, chamado vulgarmente Voador pelas razões que abaixo se relatam.*

Diz: "Havia 14 ou 15 annos que o tal padre veio do Brasil, donde é natural, e sendo ainda rapaz o puxou para sua casa o Marquez de Abrantes, inculcando em primeiro lugar, a sua rara e nunca em outrem vista memoria, pois dizia que somente de ouvir um sermão o repetia, palavra por palavra, e na mesma forma repetia a lauda de qualquer livro; e o que mais é, repetia tudo que lia ás avessas e sem lhe errar palavra, e com estas e outras habilidades o introduziu em palacio fazendo Sua Magestade notaveis honras e grandiosas mercês, em agradecimento do que quiz, etc."

O Sr. João Baptista de Castro, em um opusculo datado de 1766, que faz parte da Bibliotheca Publica de Evora, transcripto pelo Sr. Felippe Simões, no seu citado e apreciadissimo livro, diz que, frequentando no anno de 1715 a aula de philosophia do Padre Felippe Nery, da Congregação do Oratorio, na casa da aula viu Bartholomeu fazer *notaveis ostentações de memoria local, que parecia exceder ás forças humanas.*

"Abria-se um livro que elle nunca tinha lido; punha-se a ler duas ou quatro paginas *uma vez só*, e as tornava a repetir fielmente; e o que mais admirava era tambem repetil-as de baixo para cima."

Como vedes, Senhores, é esta uma affirmativa documentada, reforçada por outra, que a vem corroborar fran-



camente. "Era versado nas humanidades, em jurisprudencia, sabia com pureza a lingua latina, falava com promptidão a italiana e a franceza e tinha grande intelligencia do grego e do hebraico." (39)

Das preferencias de El-Rei talvez nascessem as intrigas da Côrte ou o ciume dos preteridos. E, aproveitando o terror com que era olhado o Santo Officio, com as fogueiras e carceres da Inquisição, lançassem a inquietação no espirito do povo, inclinado a extravagantes crenças.

Avalie-se bem a intolerancia do vulgo no seu espirito ignorante e ter-se-á a verdade nas palavras seguintes, tambem extrahidas de uma *Memoria* escripta ao tempo em que floresceu o *Voador*: "Alugou casas nobres, poz-se de carruagem e em attenção da Magestade foi bem visto e cortejado dos principaes da Côrte. Este affecto de El-Rei deu muito que considerar ao povo, que dizia que S. M. se servia d'elle para saber tudo, porque elle, diziam, tinha a habilitade de saber o que ainda estava por se fazer. Esta razão e muitas outras que conduzem para vehemente suspeita de que elle era máo catholico, fizeram crer que os serviços que fazia a El-Rei se deviam registrar no cartorio do Santo Officio.

Entrou em segundo invento de fazer carvão de lama e matto e para este effeito alugou junto á Bica do Senado algumas casas, fingindo estarem em bôa situação para sua fabrica. Fez para ella um moinho de vento em que gastou muito cabedal e tudo a custa de El-Rei, e pela mesma conta correram outras ideias e alvitres, que uns não tinham effeito e outros eram indignos.

Não faltou quem dissesse que alugara aquellas casas para maior liberdade e que no pateo tinha um andador de madeira, no qual se mettia dizendo querer observar os astros; e o dito carro rodava com violencia e não se tornava a sentir senão de madrugada, porque as noites dizem que as ia passar em Alcácer, donde vieram presas umas feiticeiras pouco antes de sua fuga. (40)

Eis o modo por que era apreciado e julgado o raro engenho do Padre Bartholomeu.

Nas poucas linhas acima é flagrante o poder inventivo daquelle espirito, sempre dedicado ao trabalho e ao estudo, não descurando jamais de sabias investigações.

(39) Bibliotheca Lusitana.

(40) Dicc. U. I. Port., op. cit.



Triste fado o de ter florescido em um seculo, em que um incompreendido terror ao bruxedo não permittiu que bem se pudesse apreciar a pujança de seu talento.

"Suas experiencias fizeram-no visto como não sendo extranho ás artes da magia, intervindo a Inquisição, e o Santo Officio trancou-o num carcere em rigoroso jejum." (41)

"Os jesuitas conseguiram afinal libertal-o, fazendo seguir para a Espanha, onde morreu de desgosto no Hospital de Toledo." (42)

A causa principal de sua prisão foi certamente a seguinte: "O Physico promettera novas experiencias e fez notar mesmo que se subiria sem o auxilio de cordas. A Inquisição tratou-o de impostor. Indignado o Padre Gusmão, disse que se compromettia a fazer voar toda a Inquisição inclusive o Inquisidor-Mor. O Inquisidor achou offensiva a declaração e fez agir os seus familiares, até que o povo clamando contra o feiticeiro e contra o magico pediu um auto de fé para Gusmão, que foi levado perante o Santo Officio que o atirou numa prisão condemnando-o a rigoroso jejum." (43)

Eis como foram premiados os esforços do grande brasileiro, cujo nome imperecível será repetido pelas gerações como um padrão de glórias.

Já Olavo Bilac, o principe da poesia nacional, dedilhando as cordas de ouro de sua lyra celeste, sagrou-o nos versos modelares da *A morte do Voador*:

Em Toledo. Lá fóra a vida tumultúa  
E canta. A multidão em festa se atropela...  
E o pobre que o suor da agonia enregela,  
Cuida seu nome ouvir na acclamação da rúa!

Agoniza o *Voador*. Piedosamente, a lua  
Vem velar-lhe a agonia através da janella...  
A Febre, o Sonho, a Gloria enchem a escura cella  
E entre as névoas da morte uma visão fluctua:

"Voar! varrer o céu com as asas poderosas,  
Sobre as nuvens! Correr o mar das nebulosas,  
Os continentes de ouro e fogo da amplidão!..."

(41) Grande Dicc. Univ. de Larousse.

(42) Baccous.

(43) Dicc. Univ. Larousse e Univ. Ill. Port., op. cit.



E o pranto do luar cae sobre o catre immundo...  
 E em farrapos, sozinho, arqueja moribundo  
 Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

E, longe da patria e dos amigos, afastado das pompas e do ruido da Côrte, atirado ao catre do hospital, em terra alheia, nas horas amargas do exilio, certo elle teve, como balsamo suavizador, derramando-se sobre as feridas do seu coração, varado pela ignorancia dos homens, uma doce lembrança de seu Brasil.

E os olhos do infeliz marejaram então, na saudade do lar, que tão cedo abandonára, nos dias suaves e descuidosos fruidos na doce paz do Seminario de Belém, onde sua infancia bebera, como agua de purissima vertente, os desvelos e as lecções, os conselhos e a bondade de seu velho amigo e preceptor.

Sim, não foram outros os pensamentos que lhe povoaram a mente, voando por sobre os mares que o separavam de cá, nem outras as imagens que lhe passaram diante dos olhos na hora extrema da agonia, quando, deixando a compainha dos homens, voára ao seio bonançoso e justiceiro de Deus.

ALBERTO RABELLO.

DISCURSO DO SR. AFFONSO COSTA, POR OCCASIÃO DE  
 SER RECEBIDO COMO SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO  
 HISTORICO O SR. ALBERTO RABELLO

"Sr. Alberto Rabello:

Para meu gaudio e para minha honra, ensejo se me depara ainda de ter vossa convivência, nessa marcha para o Ideal que vamos seguindo, por entre alamêdas de acácias, por sôbre sirtes perigosas e por sob a adustez tropical dos nossos céus.

Sabia de fiança que virieis ter aqui, onde eu havia primeiro chegado que vós, como igualmente de fiança me levo por crer que elementos de vossa estatura intellectual, de vosso plano social e moral, têm sempre aberto um lugar no cenáculo dos distintos.

Sôbre êstes principios, que são a caracteristica de vosso ainda noviço porém dignificante existir, sobram-me todos os testemunhos de confirmação.

Já se escôam alguns anos, mais de lustro, que primeiro me falara de vós aquele cuja recordação do nome digno é outra fundarissada que vai direito ao vosso âmago. Todo desvelo por vossos passos em triumpho, todo carinho pela suavidade de vossa jornada, referira-me o bom êxito dos *Profugos*, contara-me



vossas continuas lucubrações para efectivação dos desejos de engrandecimento, dissera-me dos vossos zelos pela segurança e nobreza de character, que é o vosso escudo sagrado no percorrer a escala da existência.

Depois, encontramos-nos. Depois vivemos juntos pelo ideal, ambos solícitos na cultura da planta da intelligência a que assistimos nascer.

Tempos se passaram nisto. Na firmeza e segurança de seus propósitos, encontráreis onde sempre estivestes, debruçado sobre o rio natal, a

*Ver as garças voltando á verde ilha das Garças,  
De asas brancas de arminho e bicos côr de rosas (1)*

e ouvindo o pranto das baronezas sempre verdes, quando a enchente dizimadora e aterrorizante do Paraguassú lhes desagrega as raizes, solapando-as, arrancando-as, tal a soberba attitude sua de sempre ficarem á tona.

Mais de perto fui ter convosco de moradia. Por questões aparte encontrei-me durante seis meses sob a punição do desterro... em Cachoeira, lá onde eu teria a missão dos exules, graças á impossibilidade de trabalhos forçados que me podessem ser distribuidos em sorte.

Pois nesses aprazidos seis meses verifiquei o assêrto das informações que de vós me chegavam e pude enumerar o vosso nome entre cavalheiros das justas mais distintas e mais nobres. E quando eu, todo interesse pelos triunfos de vosso porfiar, tive de melhor servir á causa santa desta Palestina gloriosa, fiz de pronto o vosso nome lembrado para legionario da cruzada bendita que vamos sustentando.

E com tamanho destino de felicidade pratiquei a vossa indicação, que ensejo se me abriu de ser quem vos trouxesse a saudação em nome do glorioso Instituto Geográfico e Historico da Baía, agora que lhe transpões os umbrais em nobre tom de iniciado seu.

Tambem, sómente uma condição foi causa de tanta monta, dês que dos requisitos demais eram frustrados os meus haveres: A confraternidade de principios em que vivemos, e que sempre defendi, e da qual muito saber me ficava de vossos méritos.

Não me cansava de referir, estivesse eu onde fosse a posição, o vosso nome de intellectual e de amigo, associando-o sempre ao de Anísio Melhor e de Pedro Barros, como vós, dois belos ta-

(1) *Fernando Caldas*—“No Paraguassú”.



lentos que a Baía culta quase ignora, tal a modestia de que se acobertam, vivendo no desconhecimento da metrópole intelectual.

A qualidade de amigo não requeria provas para testemunhá-la: era toda minha, era toda íntima. A dos vossos talentos eu a dava com os *Profugos*, vosso formoso ramilhete de fantasias e impressões graciosas, com que penetrastes sobranceiro o solar da fidalguia literaria destes *brasis*. Uma estreia, é bem de ver, mas felizes os que a fazem com igual sôma de dignidade e inspiração, toda de "mimosos contos em prosa cantante e doce, tocado da melancolia mística dos luares e ocasos, a tintas brandas de aquarela." (2) *Profugos* eram um livro de mocidade. O rócio dos verdes anos caía-lhes em cima, emprestando-lhes mais seiva para a vitalidade da florescencia, e hoje, passados mais de dois lustros que os fizestes, certamente lhes encontrareis os vívidos traços dos primeiros tempos, mas, também, as provas de inspiração e de talentos a afogá-los por força da superioridade reconhecida.

A mocidade, o verdor dos anos embalava também os vossos sonhos pelas madrugadas das esperanças, tocando-os da alegria sanificada do viver feliz, como das tristezas desconsoladoras de um bem que se não chega a ter a seu gôso. E nessa quadra a lira sentiu o bulício dos vossos dedos, o fogo mortiço da Saudade que vos ia na alma, do que se sabe com essa paráfrase tão bela e imaginosa ao soneto de titulo semelhante, do consagrado autor do *Sangue*:

#### SAUDADE.

Nota de flauta; doce melodia  
Na prata do luar ao céu subindo;  
Lenço agitado á viração macia,  
Já na curva da estrada se encobrindo;

Ocaso triste, esmorecer do dia,  
Luz que se apaga pelo azul sumindo...

Saudade—espinho da alma, hera sombria  
Que cresce e sobe ao coração cobrindo;

Saudade—flor das ruínas, velha cruz  
Erguida no caminho, tênue luz  
De olhos cansados que se vão cegando;

Chôro das rôlas; Angelus piedoso;  
Companheira fiel de quem, sem pouso,  
Vai pela vida, triste, soluçando...

(2) *Xavier Marques*—"Pref. dos *Profugos*."



Aos lazeres tão raros que vos ficavam da luta pela vida, tinheis o espirito voltado para as cousas pátrias, afundando-o na observação dos factos psicológicos dos estões, e do litoral, carregando pedras para o belo edificio que se levanta ao vosso caminho com o distintivo *Contos do Norte*.

Um novo livro que tendes, de feitura realizada.

Tenho na alma o sabor de sua leitura agradável, perpassado de amenizes e deleites, á cuja recordação me transporto em espirito á revivescencia de meus primeiros dias, na singeleza purificada dos sertões. Nas suas letras se gravam as franquezas e as côres das scenas matutas, pintalgadas do colorido despreocupado que lhes distribuis a pincel tão fino e apurado, confirmando tudo o sêrdes, dentre nossos intellectuais, o primeiro que se atreva de realizá-las.

Pois não é? Livros regionalistas, que traduzam a alma nativa dos sertões baianos, teem lugar vasio no cadastro da bibliografia.

Houve os ensaios de Lindolfo Rocha, que não alcançaram traduzir as comoções, a vitalidade, a côr própria dos desertões tão desaparecidos de outros. O *Diamante Verde* de Almachio Diniz foge ás figurações da realidade perfeita, por lhe terem vindo, ao nobre autor, segundo contos de terceiros, as precisas observações para elaborá-lo. Uma tentativa de Astério de Campos, com *O Visionario*, tem falhas nesta conformidade, que bem atestam o resultado dos livros feitos por informações. *Maria Bonita*, de Afranio Peixoto, é o formoso lance existencial no sul da Baía, onde a formação mesológica é inteiramente diversa da do sertão. Do mesmo nobilissimo escritor, na *A Esfinge*, os factos de observação se desenrolam e se verificam sómente nas lavras diamantinas, da qual obra se destaca a empolgante página do Barro Branco, a que tambem vos referis.

Dêste pecado, se assim o devo classificar, sois acoimado tambem.

*Contos do Norte*, o vosso livro que se imprime, é a revelação dos factos scênicos nas lavras diamantinas, percebidos *de visu*, com o apuro de observação que tão próprio se fizera de vossa arte de escritor. Eu o quereria mais farto, mais abundante, mais distanciadamente espraçando-se pelos sertões, estudando, observando, penetrando acurado a alma, a vida, as terras, os bens, as comoções e as grandezas dos tabaréus patricios.

Dêste programma de arte escrita, porém, afastastes-vos agora, com a profissão de fé recitada ao fazerdes a iniciação nêste cenáculo dos distintos.

Não sois o fantasista e o impressionista dos *Prófugos*. Não sois o observador literario e o psicólogo dos *Contos do Norte*,



Sois o historiador do *O seminário de Belém, de Cachoeira, e o padre Bartolomeu Lourenço, erradamente chamado de Gusmão*.

Nesse trabalho, cuja recitação há instantes proferistes, o que ressalta flagrante é outra face de vosso formoso espirito, deixando que lhe perceba através o perfil de um sincero perscrutador de factos e de scenas e de passagens e de memorações, para a riqueza dos fastos da historia nacional.

Quando as leis dominadoras do menor-esforço abatem os maiores empenhos dos animosos e restringem o circulo da actividade social em favor da estreiteza das concepções e das explorações, com gabos é que se deve receber a nova feliz dos que descem ás funduras dos tempos, atravessando sirtes e barrancos, para desentranhar do olvido eterno os principios que assegurem as grandezas do presente e as opulências da posteridade.

A' feitura da historia moderna se juntam somas de requisitos de que outrora se não valiam os escritores.

Plutarco, fazendo a *Vida dos varões illustres*, êle que fôra o precursor dos estudos biográficos, não descera tanto a esmiúçar das suas personagens as mais leves nuanças, sem as quais, hodiernamente, se não chegará a estabelecer os traços dos caracteres por meio da biografia. Entretanto, vejamos a historia dos nossos dias, Fustel de Coulanges e Teodoro Mommsen lutando pelo estrito cumprimento da sentença de Hegel, que preceitua os quatro seguintes predicados do historiador, nesta quadra magnifica de doutrina:

*Segura persistencia no inquirir,  
Penetrante agudez no criticar,  
Graça e donaire na arte de dizer  
E lumiada fundura no pensar.*

Infelizmente a seguida destes principios entre nós é quase ignorada. Nosso historiador se circunscreve aos limites do rotinismo, ás citações dos documentos, ás referências de épocas e nomes, sem o interesse de mais inquirir e a penetrante agudez de criticar, fóra dos quais toda obra se faz nula. Há a necessidade da critica, do comentario enfim, restabelecendo a verdade do facto em questão, dando-lhe o caminho que a accessibilidade dos tempos lhe determinava, como se atirando mesmo a desvelar os segredos que muitas vezes o occultismo das linhas e das letras escondem ás nossas vistas e que ressaltam á luz da penetrante agudez preconizada por Hegel.

Pois de nenhum destes attributos vos ausentastes na elaboração da memoria há pouco recitada.



Confessais que dos primeiros dos vossos dias de pensar, os estudos da historia patria vos mereceram applicações e zelos, o que bem justifica o virdes agora, depois de perlustrardes a senda de ensaios mais proprios da idade moça, exhibir o cunho dos vossos interesses e a confirmação do vosso apêgo a estudos semelhantes.

E por toda a esplêndida monografia a que aludo, ides, numa ordem successiva de referências e de casos, comprovados por datas, épocas, citações fiéis e pessoas que os praticaram, mostrando o começo do outrora famigerado seminario de Belem de Cachoeira, de cujo seio de luz tantos espiritos de grandezas saíram para as glórias da fama, ao tempo em que vos passais ás notas fidedignas acêrca do jesuita português Alexandre de Gusmão, alta fidalguia e luzimento da igreja, e de quem fôra homónimo e afilhado o emérito diplomata brasileiro seu coetaneo.

Mas, o que dá maior entonação de vida e fluência ao vosso estudo histórico, é o lado por onde vos referís ao padre Bartolomeu Lourenço, irmão sénior do diplomata, que da tradição e e historias discrieteriosas tivera o apêndice de Gusmão, justamente para torná-lo mais sabido, tais os créditos de que seu irmão e protector disfrutava na côrte.

Não contentado por provardes a sem razão de ser ao nome de Bartolomeu Lourenço apôsto êsse apelido, pois o recebera de seu mano e êste do santo varão que a ambos educára e protegera, baixais dos surtos das explicações probantes e entraís a tratar da nobre fama do padre Bartolomeu, um dos mais cultos espiritos que as gestas brasileiras alistaram na sua existência, e de quem os restos até pouco permaneciam na catedral da romantica Toledo, "a espanhola igreja-mãi", no dizer magistral de Blasco Ibáñez.

Por todos êstes feitos, meu nobre confrade, não é sem azo proprio que eu louve pelo Instituto Historico a acção que tivestes em mira executar, com a mostra das vossas aptidões de historiador, e das quais os nossos feitos cobraram a positiva explicação do erro historico que se ia acreditando como verdade, por força da propaganda do baloneiro Visconde de Faria, actual consul português em Lausane.

Bendita, pois, a vossa entrada nêste cenáculo dos distintos, quando eu vos "exoro indulgentemente" a enceleirardes o frutuoso empenho de vosso esforço e intelligência, para a grandeza da Historia Nacional e herança de nossos venturos.



| ORDEM                                                          | N. do vol. | N. da pag. |
|----------------------------------------------------------------|------------|------------|
| Domingos Borges de Barros—Manoel Britto                        | 28         | 172        |
| Domingos Caldas Barbosa—Manoel Britto                          | 25         | 357        |
| Eduardo Carigé.....                                            | 36         | 198        |
| Emygdio do Santos (dr.).....                                   | 36         | 185        |
| Estanislau Przewodowski.....                                   | 34         | 161        |
| Eusebio Mattos Guerra—Manoel Britto....                        | 4          | 201        |
| Evaristo Ladislau e Silva (gen.)—Reis<br>Magalhães.....        | 10         | 617        |
| Faria Rocha (gen.).....                                        | 35         | 183        |
| Firmino Lopes de Castro (cons.).....                           | 35         | 195        |
| Francisco Antonio Gomes—Antonio Calmon                         | 31         | 167        |
| Francisco de Almeida (pad.)—Manoel Britto                      | 21         | 466        |
| Francisco de Assis Gomes.....                                  | 12         | 311        |
| Francisco de Castro (dr.).....                                 | 30         | 222        |
| Francisco de Souza—Manoel Britto.....                          | 14         | 628        |
| Francisco Gil de Araujo—Innocencio Góes.                       | 22         | 603        |
| Francisco Muniz Barretto.....                                  | 36         | 189        |
| Francisco Sodré Pereira (cons.).....                           | 32         | 54         |
| Francisco Telles de Menezes—Innocencio<br>Góes.....            | 27         | 31         |
| Francisco Xavier de Santa Thereza—Ma-<br>noel Britto.....      | 13         | 477        |
| Freire de Carvalho (cons.).....                                | 36         | 200        |
| Gonçalo de Mattos Guerra—Manoel Britto.                        | 12         | 315        |
| Gonçalo Ravasco C. Albuquerque—Manoel<br>Britto.....           | 10         | 615        |
| Gonçalo Soares de Franca—Manoel Britto.                        | 13         | 482        |
| Gregorio de Mattos Guerra—Manoel Britto                        | 7          | 107        |
| Guimarães Cerne (cons.).....                                   | 20         | 311        |
| Ignacio Alves Nazareth.....                                    | 19         | 116        |
| Ignacio Antonio Dormundo—F. A. C. Lima<br>Junior.....          | 11         | 144        |
| Innocencio Galvão (marec.).....                                | 32         | 51         |
| Innocencio Marques de Araujo Góes—F. A.<br>C. Lima Junior..... | 11         | 137        |
| Innocencio Muñoz—Braz do Amaral.....                           | 28         | 3          |
| Jacome Baggi (eng.).....                                       | 36         | 196        |
| Jeronymo Gonçalves (alm.).....                                 | 32         | 48         |
| João Alvares Soares—Manoel Britto.....                         | 14         | 625        |
| João de Britto Lima.....                                       | 2          | 287        |
| João de Góes e Araujo (des.)—Innocencio<br>Góes.....           | 14         | 618        |
| João Quirino Góes—J. Antonio Teixeira...                       | 2          | 291        |
| Joaquim Cacique de Barros (pad.)—Filinto<br>Bastos.....        | 19         | 118        |
| Joaquim do Espirito-Santo (dr.).....                           | 30         | 235        |
| Joaquim dos Remedios Monteiro—Filinto<br>Bastos.....           | 12         | 468        |
| Joaquim José Palma (prof.).....                                | 35         | 193        |



## ORDEM

N. do vol. N. da pag.

|                                                                |    |     |
|----------------------------------------------------------------|----|-----|
| Joaquim Matheus dos Santos.....                                | 32 | 66  |
| Joaquim Saldanha Marinho—Antonio Calmon.....                   | 5  | 331 |
| José Antonio de Magalhães Castro (cons.)..                     | 10 | 625 |
| José Antonio Saraiva—Antonio Calmon...                         | 5  | 330 |
| José Borges de Barros—Manoel Britto....                        | 13 | 475 |
| José da Silva Lisboa—Antonio Calmon....                        | 5  | 330 |
| José da Silva Lisboa.....                                      | 34 | 17  |
| José de Oliveira Serpa—Manoel Britto....                       | 13 | 481 |
| José Francisco Cardoso de Moraes—Manoel Britto.....            | 25 | 353 |
| José Joaquim da Rocha—Manoel Quirino..                         | 34 | 79  |
| José Luiz de Almeida Couto (cons.).....                        | 6  | 441 |
| José Maria Brayner (padre dos côros)—Innocencio Góes.....      | 30 | 135 |
| José Octacilio dos Santos (dr.).....                           | 35 | 204 |
| José Pedro de Carvalho e Albuquerque—Manoel Britto.....        | 18 | 654 |
| Junqueira Ayres (dr.).....                                     | 8  | 293 |
| Leão Velloso (cons.).....                                      | 30 | 230 |
| Ludgero Pacheco (mons.).....                                   | 35 | 208 |
| Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França—Manoel Britto.....    | 28 | 167 |
| Luiz Tarquinio.....                                            | 34 | 167 |
| Manoel Adalberto Guimarães (dr.).....                          | 32 | 56  |
| Manoel Botelho de Oliveira.....                                | 1  | 137 |
| Manoel dos Santos Pereira.....                                 | 36 | 186 |
| Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá—Antonio Calmon..... | 31 | 171 |
| Manoel Ferreira de Araujo Guimarães—Manoel Britto.....         | 28 | 170 |
| Manoel Francisco de Aguiar.....                                | 34 | 167 |
| Manoel Joaquim Rodrigues Lima (dr.)....                        | 35 | 197 |
| Manoel José Joaquim Saraiva.....                               | 35 | 188 |
| Manoel Leonardo Rolim.....                                     | 24 | 229 |
| Manoel Pessôa da Silva—Manoel Quirino..                        | 36 | 137 |
| Manoel S. Maria Itaparica—Manoel Britto..                      | 18 | 657 |
| Manoel Victorino.....                                          | 32 | 39  |
| Marquez de Muritiba.....                                       | 7  | 118 |
| Miguel Luiz Teixeira (pad.)—Manoel Britto.....                 | 21 | 465 |
| Moniz Barretto (o repentista)—Damasceno Vieira.....            | 31 | 3   |
| Octaviano Xavier Cotrim (cons.).....                           | 35 | 181 |
| Pedro Francellino Guimarães (des.) .....                       | 36 | 194 |
| Pedro Gomes de Castilho—Manoel Britto..                        | 14 | 629 |
| Pires Caldas (dr.).....                                        | 30 | 224 |
| Ramiro Affonso Monteiro.....                                   | 32 | 33  |
| Rodolpho Dantas (cons.).....                                   | 30 | 219 |



| ORDEM                                    | N. do vol. | N. da pag. |
|------------------------------------------|------------|------------|
| Rodolpho Tourinho (dr.).....             | 30         | 234        |
| Rosendo Aprigio Guimarães.....           | 23         | 71         |
| Rosendo Moniz Barretto—Manoel Britto..   | 11         | 148        |
| Santa Catharina Furtado (fr.).....       | 8          | 291        |
| Sá Oliveira (dr.).....                   | 19         | 125        |
| Sebastião da Rocha Pitta—Manoel Britto.. | 12         | 313        |
| Tranquillino Torres.....                 | 8          | 294        |
| Visconde de Cavalcanti....               | 22         | 531        |
| Visconde de Paraguassú.....              | 27         | 165        |

## 2ª SECÇÃO

## Orações

|                                                                               |    |     |
|-------------------------------------------------------------------------------|----|-----|
| Conferencia de Elias de Figueiredo Nazareth, sobre o «Lyceu Provincial»....   | 40 | 453 |
| Conferencia de Homero Pires, sobre «Castro Alves—Poeta Social».....           | 37 | 203 |
| Conferencia de Lindolpho Rocha, sobre a zona desconhecida da Bahia.....       | 34 | 141 |
| Conferencia de Manfredo Alves de Lima, sobre o 4º centenario do Brasil.....   | 24 | 115 |
| Discurso de Araujo Pinho, sobre o centenario da imprensa na Bahia.....        | 37 | 97  |
| Discurso de Braz do Amaral, ante a sepultura de Cosme Moreira.....            | 9  | 395 |
| Discurso de Braz do Amaral, sobre o 4º centenario da India.....               | 16 | 179 |
| Discurso de Braz do Amaral, sobre o centenario do ensino medico na Bahia..... | 34 | 51  |
| Discurso de Damasceno Vieira, sobre o 4º centenario do Brasil.....            | 24 | 169 |
| Discurso de Damasceno Vieira, na sessão magna de 3/5/907.....                 | 28 | 187 |
| Discurso de Filinto Bastos, sobre o padre Julio Maria.....                    | 30 | 69  |
| Discurso de José Antonio da Costa, sobre o 4º centenario do Brasil.....       | 24 | 107 |
| Discurso de Octavio Mangabeira, sobre o centenario da imprensa na Bahia.....  | 37 | 73  |
| Discurso de Sá Oliveira, na sessão magna de 19/7/896.....                     | 9  | 417 |
| Discurso de saudação ao dr. Antonio Olintho, por Braz do Amaral.....          | 7  | 98  |
| Discurso de Theodulo dos Prazeres, sobre o centenario da imprensa na Bahia    | 37 | 87  |
| Discurso do orador Braz do Amaral, na sessão magna de 3/5/896.....            | 8  | 229 |
| Discurso do orador Braz do Amaral, na sessão magna de 19/7/896.....           | 9  | 406 |



| ORDEM                                                                                             | N. do vol. | N. da pag. |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|------------|
| Discurso do orador Braz do Amaral, na sessão magna de 3/5/897.....                                | 12         | 271        |
| Discurso do orador Braz do Amaral, na sessão magna de 3/5/910.....                                | 36         | 95         |
| Discurso do orador Filinto Bastos, na sessão magna de 3/5/898.....                                | 16         | 280        |
| Discurso do orador Filinto Bastos, sobre o 4º centenario do Brasil.....                           | 24         | 157        |
| Discurso do orador Filinto Bastos, na sessão magna de 3/5/905.....                                | 31         | 35         |
| Discurso do orador Filinto Bastos, no acto da collocação do retrato do cons. Joaquim Spinola..... | 32         | 179        |
| Discurso do orador Filinto Bastos, na sessão magna de 3/5/908.....                                | 34         | 35         |
| Discurso do orador Theodoro Sampaio, na sessão magna de 3/5/913.....                              | 37         | 115        |
| Discurso do presidente Carneiro da Rocha, na sessão magna de 3/5/904.....                         | 30         | 61         |
| Discurso do presidente Carneiro da Rocha, na sessão magna de 3/5/905.....                         | 31         | 27         |
| Discurso do presidente Carneiro da Rocha, na sessão magna de 3/5/906.....                         | 32         | 194        |
| Discurso do presidente Carneiro da Rocha, na sessão magna de 3/5/907.....                         | 33         | 157        |
| Discurso do presidente Carneiro da Rocha, na sessão magna de 3/5/908.....                         | 34         | 179        |
| Discurso do presidente Carneiro da Rocha, na sessão magna de 3/5/909.....                         | 35         | 150        |
| Discurso do presidente Carneiro da Rocha, na sessão magna de 3/5/910.....                         | 36         | 149        |
| Discurso do presidente Salvador Pires, na sessão magna de 3/5/896.....                            | 8          | 221        |
| Discurso do presidente Salvador Pires, na sessão magna de 19/7/896.....                           | 9          | 405        |
| Discurso do presidente Salvador Pires, na sessão magna de 3/5/897.....                            | 12         | 254        |
| Discurso do presidente Salvador Pires, na sessão magna de 3/5/898.....                            | 16         | 280        |
| Discurso do presidente Salvador Pires, sobre o 4º centenario do Brasil.....                       | 24         | 141        |
| Discurso do presidente Satyro Dias, na sessão magna de 3/5/913.....                               | 37         | 111        |
| Discurso do presidente Tranquillino Torres, na sessão magna de 3/5/895.....                       | 4          | 149        |
| Discurso do secretario João Torres, sobre o centenario da imprensa na Bahia.....                  | 37         | 55         |
| Poesia «A Guerra Junqueiro»—Damasceno Vieira.....                                                 | 33         | 171        |



| ORDEM                                                                    | N. do vol. | N. da pag. |
|--------------------------------------------------------------------------|------------|------------|
| Poesia «A Imprensa»—Eufrosina Miranda.                                   | 37         | 68         |
| Poesia «A Imprensa»—João de Britto.....                                  | 30         | 70         |
| Poesia «Ao anniversario do Instituto»—Ma-<br>noel Britto.....            | 16         | 303        |
| Poesia «Brado Pan-Americano»—Damasceno<br>Vieira.....                    | 32         | 202        |
| Poesia «Epicedio»—Manoel Britto.....                                     | 9          | 428        |
| Poesia «Saudação»—Damasceno Vieira....                                   | 34         | 189        |
| Poesia «Tributo á memoria de Tranquillino<br>Torres»—Odorico Odilon..... | 9          | 420        |
| Poesia «Virgo Patria»—João Baptista de<br>Castro Rebello.....            | 24         | 135        |

## 3ª SECÇÃO

## Historia e Geographia

|                                                                                    |    |     |
|------------------------------------------------------------------------------------|----|-----|
| Abelhas (As) sociaes e indigenas do Brasil<br>—H. von Inhering.....                | 28 | 151 |
| America (A)—Candido Costa.....                                                     | 11 | 73  |
| Antiga capella (A) dos jesuitas—Braz do<br>Amaral.....                             | 28 | 47  |
| Antiga ponte (A) de Cachoeira e docu-<br>mentos—João Torres.....                   | 30 | 121 |
| Antigo palacio (O) do governo da Bahia..                                           | 22 | 537 |
| Apontamentos historicos sobre o antigo<br>Instituto.....                           | 1  | 81  |
| Apontamentos historicos sobre o antigo<br>Instituto.....                           | 2  | 255 |
| Apontamentos historicos sobre o antigo<br>Instituto.....                           | 4  | 193 |
| Apontamentos historicos sobre o antigo<br>Instituto.....                           | 6  | 403 |
| Apontamentos historicos sobre o antigo<br>Instituto.....                           | 9  | 329 |
| Apontamentos historicos sobre o antigo<br>Instituto.....                           | 11 | 93  |
| Apontamentos historicos sobre o antigo<br>Instituto.....                           | 15 | 107 |
| Apontamentos historicos sobre o antigo<br>Instituto.....                           | 19 | 81  |
| Apontamentos para a historia ecclesiastica<br>do Brasil—Figueiredo Castelo-Branco. | 7  | 65  |
| Apontamentos, idem, idem.....                                                      | 10 | 581 |
| Apontamentos, idem, idem—F. A. Pereira<br>da Costa.....                            | 11 | 103 |
| Area do Brasil e seus estados —Bernardino<br>de Souza.....                         | 4  | 31  |
| Artistas bahianos (Os)—Manoel Quirino..                                            | 31 | 93  |
| Assassinio do coronel Gomes Caldeira—<br>J. F. da Silva Lima.....                  | 5  | 282 |



| ORDEM                                                                   | N. de vol. | N. de pag. |
|-------------------------------------------------------------------------|------------|------------|
| Autographos.....                                                        | 12         | 299        |
| Bahia (A) Cabralia—Salvador Pires de Carvalho e Aragão.....             | 23         | 67         |
| Bahia (A) colonial — Francisco Vicente Vianna.....                      | 36         | 3          |
| Bahia (A) colonial — Francisco Vicente Vianna.....                      | 37         | 3          |
| Bahia de outros tempos—Campos.....                                      | 11         | 47         |
| Bahia (A) de ha 66 annos—J. de Oliveira Campos.....                     | 34         | 117        |
| Bahia (A) de ha de 66 annos—J. da Silva Lima.....                       | 34         | 93         |
| Bahia (A) de ha 66 annos—Cesario Suetonio.....                          | 34         | 120        |
| Bahia (A) de Todos os Santos—Simão de Vasconcellos.....                 | 19         | 69         |
| Bahia e Epirito-Santo—Braz do Amaral...                                 | 34         | 83         |
| Bahia e o territorio do rio de S. Francisco..                           | 28         | 157        |
| Bahia (A) no Senado do Imperio—Barão de S. Francisco.....               | 28         | 157        |
| Brasil (O).....                                                         | 2          | 163        |
| Brasil (O) na exposição de Chicago.....                                 | 3          | 43         |
| Cachoeira (A) de Paulo Affonso.....                                     | 18         | 542        |
| Campanha do Paraguay—Eunapio Deiró..                                    | 13         | 391        |
| Campo Grande (O) da Bahia—Silio Bocconera Junior.....                   | 30         | 111        |
| Capella da Misericordia—Oliveira Campos                                 | 36         | 79         |
| Carta de Pero Vaz de Caminha.....                                       | 2          | 185        |
| Cartas sobre o descobrimento do Brasil—Horacio Uripia Junior.....       | 23         | 29         |
| Catalogo dos jornaes bahianos.....                                      | 22         | 549        |
| Catalogo dos jornaes bahianos—Alfredo de Carvalho.....                  | 21         | 409        |
| Celleiro (O) da Bahia (documentos).....                                 | 10         | 565        |
| Centenario do Brasil—Rosendo Aprigio Guimarães.....                     | 23         | 71         |
| Centenario do padre Antonio Vieira:                                     |            |            |
| Artigo de Alves Mendes.....                                             | 11         | 88         |
| Idem de Basilio Pereira.....                                            | 11         | 29         |
| Idem de Candido Costa.....                                              | 14         | 501        |
| Idem de Cesar Augusto.....                                              | 14         | 517        |
| Idem de Ovidio Filho.....                                               | 14         | 518        |
| Christóvam Colombo.....                                                 | 3          | 5          |
| Collegio dos Orphãos de S. Joaquim (Noticia historica)—João Torres..... | 21         | 327        |
| Colonisação nacional e estrangeira—Tranquillino Torres.....             | 11         | 3          |
| Colonos indigenas e escravos—A. A. Borges dos Reis.....                 | 28         | 57         |



| ORDEM                                                                     | N. do vol. | N. da pag. |
|---------------------------------------------------------------------------|------------|------------|
| Comarca (A.) de S. Francisco.....                                         | 12         | 245        |
| Commemoração do 4º Centenario do Brasil                                   | 24         | 81         |
| Como foi descoberto este estado.....                                      | 23         | 41         |
| Conservação das florestas (carta regia).....                              | 15         | 145        |
| Constituição do Imperio (A)—Braz do Amaral.....                           | 33         | 3          |
| Corsario (O) Paulus van Carden na Bahia—Alfredo de Carvalho.....          | 35         | 41         |
| Creação da villa do Prado (documentos)..                                  | 10         | 533        |
| Culto dos heróis (O)—Fgas Muniz.....                                      | 28         | 65         |
| De como se descobriu S. Cruz—Pero de Magalhães Gandavo.....               | 23         | 37         |
| Defesa da Bahia—Major Rego Barros.....                                    | 32         | 171        |
| Descoberta da America—Oliveira Martins.                                   | 2          | 149        |
| Descoberta da India.....                                                  | 16         | 173        |
| Descoberta de armas antigas de pedra na serra do Sincorá— G. Martina..... | 8          | 202        |
| Descoberta (A) do Brasil—José Vasconcellos                                | 2          | 167        |
| Descoberta do Brasil ao acaso — Oliveira Catramby.....                    | 23         | 3          |
| Descobrimento do Brasil—Antonio Ennes.                                    | 2          | 155        |
| Dique (O) da Bahia—Dr. Silva Lima.....                                    | 19         | 13         |
| Documentos historicos diversos.....                                       | 19         | 85         |
| Documentos idem, idem.....                                                | 21         | 345        |
| Documentos historicos sobre a emancipação da Bahia.....                   | 4          | 127        |
| Documentos historicos sobre a emancipação da Bahia.....                   | 5          | 281        |
| Documentos historicos sobre a emancipação da Bahia.....                   | 6          | 375        |
| Documentos historicos sobre a emancipação da Bahia.....                   | 9          | 341        |
| Documentos historicos sobre a emancipação da Bahia.....                   | 12         | 175        |
| Documentos historicos sobre a emancipação da Bahia.....                   | 13         | 433        |
| Documentos historicos sobre a emancipação da Bahia.....                   | 14         | 547        |
| Documentos historicos sobre a emancipação da Bahia.....                   | 15         | 123        |
| Documentos historicos sobre a emancipação da Bahia.....                   | 17         | 351        |
| Documentos historicos sobre a emancipação da Bahia.....                   | 18         | 554        |
| Documentos ineditos da historia ecclesiastica da Bahia.....               | 3          | 65         |
| Documentos sobre a fundação e nome da cidade do Salvador—Innocencio Góes  | 12         | 209        |



| ORDEM                                     | N. do vol. | N. da pag. |
|-------------------------------------------|------------|------------|
| Dois de Julho de 1823:                    |            |            |
| Acta da inauguração do monumento...       | 5          | 223        |
| Discurso de Augusto A. Guimarães...       | 5          | 227        |
| Discurso de Augusto França.....           | 5          | 237        |
| Inauguração do monumento.....             | 5          | 212        |
| Monumento (O)—A. F. M. Bittencourt        | 5          | 231        |
| Versos de J. B. Guimarães Cerne.....      | 5          | 239        |
| Versos de João de Britto.....             | 5          | 293        |
| Em torno da carta geographica—Bernar-     |            |            |
| dino de Souza.....                        | 40         | 25         |
| Ensino medico no Brasil (Centenario do)—  |            |            |
| Braz do Amaral.....                       | 34         | 47         |
| Ensino primario de geographia—Bernar-     |            |            |
| dino de Souza.....                        | 40         | 43         |
| Ephemerides cachoeiranas—Aristides Mil-   |            |            |
| ton.....                                  | 15         | 41         |
| Ephemerides cachoeiranas—Aristides Mil-   |            |            |
| ton.....                                  | 16         | 227        |
| Ephemerides cachoeiranas—Aristides Mil-   |            |            |
| ton.....                                  | 17         | 377        |
| Ephemerides cachoeiranas—Aristides Mil-   |            |            |
| ton.....                                  | 18         | 586        |
| Ephemerides cachoeiranas—Aristides Mil-   |            |            |
| ton.....                                  | 19         | 27         |
| Ephemerides cachoeiranas—Aristides Mil-   |            |            |
| ton.....                                  | 20         | 207        |
| Ephemerides cachoeiranas—Aristides Mil-   |            |            |
| ton.....                                  | 21         | 363        |
| Ephemerides cachoeiranas—Aristides Mil-   |            |            |
| ton.....                                  | 22         | 489        |
| Ephemerides cachoeiranas—Aristides Mil-   |            |            |
| ton.....                                  | 24         | 179        |
| Ephemerides cachoeiranas—Aristides Mil-   |            |            |
| ton.....                                  | 25         | 293        |
| Ephemerides cachoeiranas—Aristides Mil-   |            |            |
| ton.....                                  | 26         | 421        |
| Ephemerides cachoeiranas—Aristides Mil-   |            |            |
| ton.....                                  | 27         | 41         |
| Ephemerides e anedotas—A. Morales de      |            |            |
| los Rios.....                             | 15         | 163        |
| Ephemerides e anedotas—A. Morales de      |            |            |
| los Rios.....                             | 19         | 129        |
| Episodio da Independencia—Manoel Qui-     |            |            |
| rino.....                                 | 37         | 221        |
| Estado da Bahia (notas de propaganda).... | 10         | 551        |
| Estrada de ferro (Inauguração da estação  |            |            |
| de Joazeiro)—Reis Magalhães.....          | 7          | 77         |
| Estrada do Prado a S. Miguel—Apollinario  |            |            |
| Frot.....                                 | 8          | 199        |



| ORDEM                                                                                                          | N. de vol. | N. de pag. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|------------|
| Estudos historicos—Henrique Pragner....                                                                        | 13         | 323        |
| Explorações de Apollinario Frot no município do Prado—Braz do Amaral.....                                      | 15         | 3          |
| Explorações (As) de Apollinario Frot—Miguel de Teive e Argollo.....                                            | 18         | 524        |
| Exploração do esconderijo de uma casa á rua do Castanheda—Braz do Amaral, Reis Magalhães e Innocencio Góes.... | 19         | 3          |
| Exploração do Mucury Jequitinhonha—Innocencio Velloso e Pederneira.....                                        | 28         | 89         |
| Exploração do subterraneo do seminario da Bahia—Braz do Braz e Innocencio Góes.....                            | 15         | 27         |
| Foral da capitania da Bahia—Barão de Stuardt.....                                                              | 35         | 67         |
| Fortaleza do morro de S. Paulo (carta do sargento-mór Domingos A. Branco Moniz Barreto.....                    | 2          | 227        |
| Fortalezas da Bahia (As)—Antonio Alvares dos Santos Souza.....                                                 | 7          | 51         |
| Forte (O) de S. Pedro—Xavier Marques..                                                                         | 11         | 39         |
| Fundação da Bahia—Braz do Amaral. ....                                                                         | 36         | 69         |
| Fundação, nome e privilegios da cidade do Salvador.....                                                        | 9          | 351        |
| Geologia da Bahia—John C. Branner.....                                                                         | 30         | 99         |
| Habeas-Corpus—Estado de sitio—Aristides Milton.....                                                            | 28         | 73         |
| Historia das artes na Bahia.....                                                                               | 25         | 249        |
| Historia do Brasil (Uma pagina de)—A. Morales de los Rios.....                                                 | 6          | 261        |
| Historia Patria—J. P. B.....                                                                                   | 24         | 239        |
| Historia patria (Os de Aragão)—Inncencio Góes.....                                                             | 26         | 413        |
| Igreja da Ajuda (A)—A. I. de Oliveira Rocha.....                                                               | 28         | 143        |
| Ilha da Trindade (A).....                                                                                      | 7          | 39         |
| Ilha da Trindade (A) e os rochedos de Martins Vaz.....                                                         | 8          | 185        |
| Ilha da Trindade (A)—Simbad.....                                                                               | 11         | 19         |
| Imprensa da Bahia de 1811 a 1899—Alfredo de Carvalho.....                                                      | 21         | 397        |
| Indigenas (Os) da Bahia—A. A. Borges dos Reis.....                                                             | 28         | 9          |
| Indios camacans (Os)—J. B. Sá Oliveira..                                                                       | 2          | 207        |
| Instituto Historico da Bahia.....                                                                              | 5          | 321        |
| Insurreições dos africanos na Bahia—José Carlos Ferreira.....                                                  | 29         | 95         |
| João VI (D.)—Cesario Suetonio.....                                                                             | 34         | 27         |
| João VI (D) curiosidades historicas.....                                                                       | 31         | 153        |



| ORDEM                                                                                         | N. do vol. | N. de pag.      |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|------------|-----------------|
| Lapa (A) da Mangabeira—João Torres.....                                                       | 2          | 241             |
| Lavras Diamantinas—Orville A. Derby.....                                                      | 30         | 143             |
| Levante de pretos na Bahia—Eduardo de<br>Caldas Britto.....                                   | 29         | 67              |
| Limites de Bahia e Espirito-Santo—Braz do<br>Amaral.....                                      | 31         | 59              |
| Limites de Bahia e Espirito-Santo—Braz do<br>Amaral.....                                      | 35         | 77              |
| Limites de Bahia e Espirito-Santo—José de<br>Oliveira Campos.....                             | 32         | 3               |
| Limites de Bahia e Espirito-Santo—Miguel<br>de Teive e Argollo.....                           | 5          | 267             |
| Limites de Bahia e Espirito-Santo—Reis<br>Magalhães.....                                      | 6          | 395             |
| Limites de Bahia e Espirito-Santo—Reis<br>Magalhães.....                                      | 9          | 313             |
| Limites de Bahia e Pernambuco (discurso)<br>—Paranhos Montenegro.....                         | 10         | 520             |
| Limites de Bahia e Pernambuco (discurso)<br>Virgilio Damasio.....                             | 10         | 505             |
| Limites de Bahia e Pernambuco—José Cy-<br>rino dos Santos.....                                | 10         | 499             |
| Limites de Bahia e Pernambuco—Miguel<br>de Teive e Argollo.....                               | 10         | 523             |
| Limites de Bahia e Pernambuco—Virgilio<br>Cardoso.....                                        | 9          | 375             |
| Limites de Bahia e Sergipe—Braz do Ama-<br>ral.....                                           | 37         | 147             |
| Limites do Brasil com as nações limitrophes                                                   | 15         | 149             |
| Literatura brasileira colonial (A)—A. da<br>Cunha Barbosa.....                                | 20         | 161             |
| Lithographia (A) e a gravura—Manuel Qui-<br>rino.....                                         | 40         | 36              |
| Lucas, o salteador—Thomé Moura.....                                                           | 16         | 321             |
| Lucas, o salteador—Thomé Moura.....                                                           | 18         | 63 <sup>o</sup> |
| Memoria historica sobre o antigo Instituto<br>—Tranquillino Torres.....                       | 1          | 65              |
| Memoria historica sobre os acontecimentos<br>de 24 de Novembro de 1891—Braz do<br>Amaral..... | 29         | 3               |
| Memoria sobre a proclamação da Republica<br>na Bahia—Braz do Amaral.....                      | 30         | 3               |
| Memoria sobre o municipio de Condeúba—<br>Tranquillino Torres.....                            | 4          | 105             |
| Memoria sobre o municipio de Condeúba—<br>Tranquillino Torres.....                            | 5          | 243             |
| Memoria sobre o municipio de Condeúba—<br>Tranquillino Torres.....                            | 7          | 5               |



| ORDEM                                                                               | N. do vol. | N. da pag. |
|-------------------------------------------------------------------------------------|------------|------------|
| Memoria sobre o municipio de Condeúba—<br>Tranquillino Torres.....                  | 8          | 169        |
| Memoria sobre o municipio de S. João do<br>Paraguassú—G. de Athayde Pereira.....    | 31         | 117        |
| Municipio da Victoria—Tranquillino Torres.....                                      | 12         | 157        |
| Municipio da Victoria—Tranquillino Torres.....                                      | 14         | 529        |
| Municipio de Poções—Tranquillino Torres.....                                        | 20         | 253        |
| Municipio do Prado—Henrique Prager... ..                                            | 22         | 479        |
| Muros da cidade do Salvador—Teixeira de<br>Barros.....                              | 36         | 73         |
| Navegação do rio S. Francisco.....                                                  | 2          | 247        |
| Navegação dos afluentes do rio S. Fran-<br>cisco—Camerino Teixeira de Freitas.. ..  | 5          | 275        |
| Nome (O) do estado da Bahia—Bernardino<br>de Souza.....                             | 37         | 193        |
| Nomenclatura geographica peculiar ao Bra-<br>sil—Bernardino de Souza.....           | 35         | 27         |
| Nomenclatura geographica peculiar ao Bra-<br>sil—Bernardino de Souza.....           | 37         | 137        |
| Notas dominicaes de L. F. de Tollenare—<br>Alfredo de Carvalho.....                 | 33         | 35         |
| Noticia sobre a descoberta das Lavras Dia-<br>mantinas—Gonçalo Athayde Pereira.. .. | 19         | 75         |
| Novo Estado do Sul.....                                                             | 8          | 153        |
| Palacio da Victoria (O).....                                                        | 13         | 405        |
| Parcel dos Abrolhos (O)—Collatino Mar-<br>ques.....                                 | 3          | 27         |
| Pedro Alvares Cabral—Amaral Tavares... ..                                           | 3          | 75         |
| Perfil do Visconde de Cayrú—F. Borges de<br>Barros.....                             | 40         | 49         |
| Pesca da baleia (A) na Bahia—J. Teixeira<br>de Barros.....                          | 25         | 323        |
| Pesquisas hollandezas no Brasil—F. Borges<br>de Barros.....                         | 40         | 39         |
| População da Bahia—F. José Bokel.....                                               | 37         | 196        |
| Porto-Seguro—Henrique Prager.....                                                   | 36         | 51         |
| Primeiro bispo (O) do Brasil—Moreira de<br>Azevedo,.....                            | 30         | 83         |
| Primeiro jornal (O) bahiano—Alfredo de<br>Carvalho.....                             | 34         | 73         |
| Primeiros descobrimentos de diamantes na<br>Bahia—Orville Derby.....                | 31         | 143        |
| Primitivo (O) e o actual Porto Seguro—<br>Baurepaire Rohan.....                     | 20         | 269        |
| Principios jacobinos (sedição de 1798 na<br>Bahia)—J. Carlos Ferreira.....          | 26         | 371        |
| Quadro (O) de Victor Meirelles—Eduardo<br>Carigé.....                               | 3          | 11         |
| Quadros da Cathedral—Manoel Querino.. ..                                            | 36         | 59         |



| ORDEM                                                                           | N. do vol. | N. da pag. |
|---------------------------------------------------------------------------------|------------|------------|
| Questão (A) das Missões.....                                                    | 3          | 1          |
| Regimento para o governo de Antonio Car-<br>doso de Barros.....                 | 3          | 39         |
| Regimento para o governo de Thomé de<br>Souza.....                              | 3          | 31         |
| Relatorio sobre o subterraneo do Taboão—<br>Braz do Amaral e Innocencio Góes... | 17         | 339        |
| Reliquias (As) do padre Anchieta—Xavier<br>Marques.....                         | 37         | 101        |
| Reliquias (As) do padre Anchieta—Xavier<br>Marques.....                         | 40         | 3          |
| Republica (A) e a Federação no Brasil—<br>Aristides Milton.....                 | 13         | 361        |
| Restauração (A) da cidade do Salvador....                                       | 10         | 465        |
| Revolta dos Malês (A) Etienne Ignace....                                        | 53         | 129        |
| Riqueza mineral da Bahia—Henrique Pra-<br>guer.....                             | 13         | 419        |
| Riqueza mineral da Bahia—Henrique Pra-<br>guer.....                             | 15         | 81         |
| Riqueza mineral da Bahia—Henrique Pra-<br>guer.....                             | 19         | 57         |
| Riqueza mineral da Bahia—Henrique Pra-<br>guer.....                             | 27         | 19         |
| Riqueza mineral da Bahia (relatorio)—<br>Gustavo Adolpho de Menezes.....        | 12         | 233        |
| Riquezas naturaes da Bahia—Collatino<br>Marques de Souza.....                   | 17         | 437        |
| Sabino Vieira (documentos) — Collatino<br>Marques.....                          | 12         | 187        |
| Sabino Vieira (documentos)—Urbano Neves                                         | 9          | 383        |
| Sabino Vieira e a sabinada—F. Vicente<br>Vianna.....                            | 14         | 571        |
| Sabino Vieira e a sabinada—F. Vicente<br>Vianna.....                            | 17         | 417        |
| Sabino Vieira e a sabinada—F. Vicente<br>Vianna.....                            | 25         | 261        |
| Sabino Vieira e a sabinada—F. Vicente<br>Vianna.....                            | 32         | 69         |
| Sciencia geographica—Bernardino de Souza                                        | 40         | 9          |
| Serra dos Aymorés (correspondencia) —<br>Apollinario Frot.....                  | 16         | 207        |
| Theatro da Bahia—Manoel Quirino.....                                            | 35         | 117        |
| Tupy (O) na Geographia Nacional—Theo-<br>doro Sampaio.....                      | 27         | 3          |
| Viagem de Cabral (A).....                                                       | 2          | 181        |
| Viagens e explorações pelo Prado e Jequi-<br>tinhonha—Apollinario Frot.....     | 6          | 371        |
| Zona (A) austral da Bahia.....                                                  | 9          | 305        |
| 1840—Innocencio de Góes.....                                                    | 28         | 83         |



## 4ª SECÇÃO

## Informações

| ORDEM                                                          | N. de vol. | N. de pag. |
|----------------------------------------------------------------|------------|------------|
| A Africa de amanhã.....                                        | 9          | 451        |
| America pre-colombiana.....                                    | 2          | 331        |
| Ancoradouro da costa da Bahia.....                             | 26         | 478        |
| Archeologia.....                                               | 4          | 210        |
| Archeologia.....                                               | 10         | 632        |
| Archeologia da Bahia.....                                      | 34         | 129        |
| Bandeira (A) da Misericordia.....                              | 4          | 207        |
| Bancos (Os) da Bahia.....                                      | 34         | 137        |
| Bendengó (O).....                                              | 6          | 456        |
| Bibliographia brasileira.....                                  | 5          | 343        |
| Bibliotheca do Instituto Geographico e Historico.....          | 4          | 206        |
| Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro....                     | 7          | 126        |
| Bibliothecas americanas.....                                   | 14         | 635        |
| Bloco (Um) de ferro.....                                       | 10         | 628        |
| Bloco (Um) de prata nativa.....                                | 13         | 491        |
| Brasil (O) e os seus poetas—F. Gomes de Amorim.....            | 26         | 479        |
| Brasil e sua approximação com os Estados-Unidos.....           | 34         | 125        |
| Brasil pre-historico.....                                      | 27         | 174        |
| Cabeça (A) de gigante.....                                     | 10         | 631        |
| Carbonato de 181 oitavas.....                                  | 5          | 340        |
| Carbonatos (Os) das Lavras Diamantinas—G. Athayde Pereira..... | 27         | 176        |
| Carruagens (As) de quatro bestas.....                          | 17         | 579        |
| Catalogo do Museu Britannico.....                              | 13         | 492        |
| Catastrophe de Krakatoa (A).....                               | 7          | 123        |
| Caverna (Uma) forrada de prata.....                            | 4          | 208        |
| Cemiterio romano.....                                          | 7          | 125        |
| Centenario da abertura dos portos do Brasil.....               | 34         | 3          |
| Centenario do Brasil.....                                      | 18         | 662        |
| Centenario do Brasil.....                                      | 20         | 316        |
| Christovam Colombo.....                                        | 18         | 666        |
| Chuva de feijão.....                                           | 18         | 671        |
| Collecção de desenhos e gravuras.....                          | 6          | 454        |
| Collecção de porcelanas da China.....                          | 6          | 453        |
| Commissão austriaca (A) na Bahia.....                          | 34         | 126        |
| Comunicação do dr. Lindolpho Rocha....                         | 26         | 461        |
| Como julgam a Bahia (opiniões diversas).                       | 36         | 83         |
| Compra de um predio para o Instituto....                       | 18         | 665        |
| Côr (A) e a phosphorescencia do mar.....                       | 9          | 456        |
| Crescimento e decrescimento de montanhas                       | 6          | 456        |
| Curiosidade—Gonçalo de Athayde Pereira.                        | 26         | 467        |
| Dadiva magnanima.....                                          | 6          | 455        |
| Descoberta archeologica.....                                   | 10         | 629        |



## ORDEM

|                                           | N. de vol. | N. de pag. |
|-------------------------------------------|------------|------------|
| Descoberta (A) da America pelos chineses. | 27         | 179        |
| Descoberta do caminho da India.....       | 9          | 459        |
| Descoberta historica.....                 | 10         | 628        |
| Descobertas archeologicas.....            | 13         | 489        |
| Descobertas archeologicas.....            | 14         | 634        |
| Descobrimento archeologico importante...  | 2          | 330        |
| Descobrimento da America.....             | 4          | 212        |
| Destruição dos monumentos.....            | 13         | 491        |
| Donativo ao Instituto Historico.....      | 19         | 151        |
| Donde vêm os aerolithos.....              | 10         | 630        |
| Empresa Viação do Brasil.....             | 4          | 205        |
| Erupção vulcanica.....                    | 10         | 632        |
| Estatutos do Instituto Geographico e His- | 40         | 109        |
| torico (reforma).....                     | 40         | 109        |
| Extracção de ouro.....                    | 10         | 631        |
| Familia (A) Adorno.....                   | 17         | 515        |
| Fortaleza (Uma) exhumada.....             | 17         | 517        |
| Futuro (O) do Brasil.....                 | 2          | 332        |
| Gabinete de Historia Natural da Bahia.... | 36         | 66         |
| Grande artefacto lithico—Cesar Ribeiro... | 19         | 152        |
| Hespanha (A) outrora e hoje.....          | 17         | 514        |
| Homem com cauda.....                      | 7          | 73         |
| Homem petrificado.....                    | 7          | 124        |
| Homem pre-historico.....                  | 2          | 230        |
| Homenagem do Instituto ao padre Antonio   |            |            |
| Vieira.....                               | 19         | 149        |
| Ilha da Trindade.....                     | 6          | 247        |
| Ilha da Trindade.....                     | 10         | 627        |
| Importante documento.....                 | 27         | 175        |
| Importante mappa da America do Sul....    | 17         | 516        |
| Importantes descobertas.....              | 6          | 454        |
| Instituto Historico—Henrique Cancio....   | 27         | 172        |
| Itacoatiara.....                          | 13         | 493        |
| Leilão de moedas antigas.....             | 13         | 489        |
| Licenças para fogos de artificio.....     | 21         | 479        |
| Linha telegraphica do Estado.....         | 5          | 335        |
| Livros de madeira.....                    | 4          | 210        |
| Loterias para o Instituto Historico.....  | 5          | 344        |
| Maior (A) estatua de madeira.....         | 4          | 211        |
| Maiores (As) profundidades oceanicas....  | 9          | 458        |
| Mais (A) vasta gruta do mundo.....        | 6          | 453        |
| Marmores (Os) do Gandarella, em Minas     |            |            |
| Geraes.....                               | 10         | 630        |
| Meteorite (O) da Groenlandia.....         | 14         | 633        |
| Monstro (Um) de pedra.....                | 19         | 155        |
| Montanha (Uma) que caminha.....           | 4          | 209        |
| Montepio dos empregados estadoaes.....    | 5          | 342        |
| Monumentos (Os) egypcios.....             | 2          | 330        |
| Movel de grande valor historico.....      | 14         | 636        |



| ORDEM                                                            | N. de vol. | N. de pag. |
|------------------------------------------------------------------|------------|------------|
| Nó (O) do diabo .....                                            | 19         | 156        |
| Navegação do rio S. Francisco .....                              | 5          | 336        |
| Noticia das obras do porto da Bahia .....                        | 37         | 199        |
| Nova pedra preciosa .....                                        | 14         | 636        |
| Nova pithecontropus? .....                                       | 7          | 124        |
| Novas dioceses do estado da Bahia .....                          | 40         | 47         |
| Obra prima (Uma) artistica .....                                 | 2          | 331        |
| Pacificação (A) do Rio Grande do Sul .....                       | 5          | 343        |
| Panorama de Victor Meirelles .....                               | 26         | 471        |
| Patente (A) de S. Antonio .....                                  | 21         | 469        |
| Pedras (As) caídas do céu .....                                  | 13         | 492        |
| Pigmeus (Os) do Congo .....                                      | 9          | 453        |
| Planta electrica .....                                           | 4          | 212        |
| Planta electrica .....                                           | 14         | 634        |
| Planta que faz rir .....                                         | 13         | 493        |
| Polo (O) Norte .....                                             | 9          | 455        |
| Ponte sobre a enseada de Itapagipe .....                         | 26         | 477        |
| Porto da Bahia—Collatino M. de Souza .....                       | 27         | 181        |
| Predio do Instituto—Isenção de decimas .....                     | 20         | 315        |
| Primeiro (O) barco de vapor no Brasil .....                      | 31         | 163        |
| Produção do ouro (A) em 1894 .....                               | 6          | 457        |
| Produção do ouro (A) no Brasil .....                             | 2          | 393        |
| Quadro historico .....                                           | 1          | 317        |
| Quarto centenario do descobrimento do<br>Brasil .....            | 17         | 514        |
| Raças humanas (As) e a responsabilidade<br>penal no Brasil ..... | 2          | 317        |
| Ramal de Jacobina e ponte sobre o rio S.<br>Francisco .....      | 5          | 338        |
| Regiões não exploradas do globo .....                            | 7          | 126        |
| Rei (O) dos diamantes pretos .....                               | 6          | 456        |
| Reparações ceramicas na epoca monolithica .....                  | 10         | 629        |
| Restos (Os) de Affonso de Albuquerque .....                      | 10         | 631        |
| Rhopala obovata .....                                            | 13         | 494        |
| Sarcophago de pedra .....                                        | 6          | 455        |
| Senador Ruy Barbosa .....                                        | 5          | 341        |
| Sepultura de Cabral .....                                        | 18         | 667        |
| Sertum palmarum .....                                            | 34         | 127        |
| Syndicato das minas de ouro do Rio de<br>Contas .....            | 5          | 342        |
| Tamia caspi .....                                                | 18         | 669        |
| Terra de S. Cruz (A) .....                                       | 17         | 519        |
| Troglodytas modernos .....                                       | 7          | 125        |
| Valor da exploração das minas de ouro e<br>prata .....           | 14         | 635        |
| Velharias .....                                                  | 2          | 327        |
| Viação ferrea do Estado .....                                    | 4          | 205        |



# DIRECTORIA DO INSTITUTO

1915 — 1916

Presidente—Cons. Antonio Carneiro da Rocha.

1º. Vice-Presidente—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral.

2º. Vice-Presidente — Dr. Isaias de Carvalho Santos.

3º. Vice-Presidente — Dez. Filinto Justiniano Ferreira Bastos.

1º. Secretario—Dr. Bernardino José de Souza.

2º. Secretario—Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.

Orador—Dr. Theodoro Fernandes Sampaio.

Thesoureiro—Major Achilles Pedreira Machado.

Bibliothecario—Dr. Ajuricaba Aprigio de Menezes.

## COMMISSÕES

### *Admissão de socios*

Dr. José Marques dos Reis.

Dr. José Pereira de Almeida.

Coronel Antonio Vianna.

### *Fundos e Orçamento*

Coronel Aloysio de Carvalho.

Coronel Lourenço Costa.

Professor Torquato Bahia.

### *Estatutos e Revista*

Dr. Oscar Freire.

Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.

Dr. Bernardino José de Souza.



*Manuscriptos e Autographos*

Dr. Isaias Alves.

Dr. Clodoaldo de Andrade.

Professor Manoel Quirino.

*Geographia*

Dr. José Pires do Rio.

Dr. Armando de Campos Pereira.

Professor Aureliano Henrique Tosta.

*Historia*

Dr. Severino dos Santos Vieira.

Dr. Ubaldino Gonzaga.





# CADASTRO SOCIAL

**Até Junho de 1916**

---

## SOCIOS EFFECTIVOS

Dr. Antonio Pacifico Pereira  
Dr. Antonio do Amaral Ferrão Muniz  
Coronel Antonio Vianna  
Dr. Antonio Garcia de Medeiros Neto  
Dr. Antonio do Prado Valladares  
Antonio Francisco Brandão  
Dr. Antonio Borja  
Major Antonio Carlos de Mattos  
Dr. Antonio Arthur Pereira França  
General Dr. Antonio de Souza Dantas  
Dr. Antonio de Araujo Gomes de Sá  
Dr. Antonio Mariani Lopes  
Padre Dr. Antonio de Menezes Lima  
Dr. Antonino Baptista dos Anjos  
Dr. Argileu Silva  
Dr. Augusto Cesar Vianna  
Engenheiro Alpheu Diniz Gonsalves  
Engenheiro Arthur Hermenegildo da Silva  
Engenheiro Annibal Revault de Figueiredo  
Engenheiro Amelio Dias de Moraes  
Dr. Ajuricaba Aprigio de Menezes  
Dr. Arthur Cesar Rios  
Dr. Augusto de Araujo Góes  
Professor Aureliano Henrique Tosta  
Dr. Adriano dos Reis Gordilho  
Affonso Costa  
Major Achilles Pedreira Machado  
Dr. Arlindo Coelho Fragoso  
Affonso Ferreira Machado  
Dr. Almir Cardoso de Oliveira  
Engenheiro Arnaldo Pimenta da Cunha  
Dr. Amancio José de Souza



Major Arthur Gomes de Carvalho  
Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães  
Dr. Augusto Cesar de Oliveira  
Dr. Aurelio Rodrigues Vianna  
Dr. Affonso Pires de Carvalho e Albuquerque  
Coronel Affonso Pedreira de Cerqueira  
Alfredo Cardoso da Motta e Silva  
Dr. Armando de Campos Pereira  
Dr. Alfredo Gonçalves de Amorim  
Pharmaceutico Alvaro Pimenta da Cunha  
Engenheiro Augusto Maia Bittencourt  
Dr. Alvino Pires de Argollo  
Engenheiro Adolpho Pinto de Vasconcellos  
Conego Alberto Christiano Müller  
Augusto Seixas Pereira  
Dr. Armando Rebello Vieira Lima  
Alvaro Augusto Bittencourt Leite  
Dr. Alexandre Porphirio de Almeida Sampaio  
Conego Appio Pereira da Silva  
Agnello de Carvalho Britto  
Pharm. Alberto Rabello  
Professor Alfredo Rocha  
Dr. Bernardino José de Souza  
Dr. Bernardino Madureira de Pinho  
Dr. Bellarmino Passos da Costa  
Dr. Braulio Xavier da Silva Pereira  
Dr. Carlos Chenaud  
Dr. Clodoaldo de Andrade  
Dr. Candido Cesar da Silva Leão  
Dr. Carlos Rodrigues Vianna  
Dr. Caio Ferreira de Moura  
Dr. Cleophano Meirelles  
Major Cincinnato Melchiades  
Carlos Amoroso  
Almirante Caio Pinheiro de Vasconcellos  
Professor Crescenciano Barbosa de Castro  
Dr. Cesar Godinho Espinola  
Dr. Custodio Ferreira Bandeira  
Coronel Deraldo Dias  
Pharmaceutico Durval Cardoso e Silva  
Pharmaceutico Domingos Candido de Oliveira  
Dr. Durvaltercio Bolivar de Aguiar  
Dr. David Gonçalves Bastos  
Dr. Descartes Drummond de Magalhães



Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho  
 Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro  
 Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro Filho  
 Coronel Eduardo Dias de Moraes  
 Dr. Eduardo Diniz Gonçalves  
 Dr. Eduardo Cesar Rios  
 Dr. Evandro Soares de Pinho  
 Dr. Eduardo Guinle  
 Dr. Eutychio Leal  
 Dr. Euvaldo Diniz Gonçalves  
 Dr. Egas Muniz Barretto de Aragão  
 Eduardo José Fernandes  
 Coronel Eudoro Tude de Souza  
 Coronel Epiphanyo Fernandes de Souza  
 Ezequiel Baptista da Silva  
 D. Elisa Pereira  
 Professor Elias de Figueiredo Nazareth  
 Conego Elpidio Ferreira Tapyranga  
 Coronel Eloy de Oliveira Guimarães  
 Dr. Ezequiel Pondé  
 Dr. Eduardo Vidal da Cunha  
 D. Eufrosina Miranda  
 Dr. Ervidio de Souza Velho  
 Dr. Eugenio Teixeira Leal  
 Professor Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo  
 Dr. Francisco Alexandre de Souza  
 Dr. Francisco Cardoso e Silva  
 Francisco Ferraro  
 Dr. Francisco Prisco de Souza Paraíso  
 Dr. Francisco da Luz Carrascosa  
 Dr. Francisco de Assis Barros  
 Engenheiro Francisco de Freitas Guimarães  
 Francisco Joé Rodrigues Pedreira  
 Francisco José da Silva Fortuna  
 Francisco Marques  
 Engenheiro Francisco Lopes da Silva Lima  
 Engenheiro Francisco Souza  
 Engenheiro Fructuoso Theodoro Sampaio  
 Dr. Felipe Wanderley de Araujo Pinho  
 Dr. Frederico de Castro Rebello  
 Dr. Fernando Kock  
 Flodoaldo de Souza Benta  
 Engenheiro Genesio Sampaio Neves  
 Dr. Guilherme Guinle



Dr. Guilherme Lassance Marback  
Dr. Gonçalo Moniz  
Dr. Guilherme Muniz Barretto  
Dr. Genesio da Silva  
Dr. Homero Pires  
Henrique Cancio  
Dr. Hermano de Sant'Anna  
Engenheiro Helvecio Carneiro Ribeiro  
Dr. Isaias Alves  
Conego Ildefonso Nunes de Oliveira  
Dr. João Alfredo Conde  
Dr. João Pacheco de Oliveira  
Dr. João Americo Garcez Fróes  
Dr. João Evangelista de Castro Cerqueira  
Dr. João Pedro dos Santos  
Dr. João Marques dos Reis  
João Gama  
Dr. João Martins da Silva  
Dr. João Gonçalves Tourinho  
Dr. João Noronha Santos  
Dr. João Pondé  
João Pires de Caravallho  
Dr. João Ferreira de Araujo Pinho Junior  
Dr. João Florencio Gomes  
Padre João de Barros  
Dr. João Ferreira Canna Brasil  
Coronel Joaquim Carneiro de Campos  
Dr. Joaquim Celso Moreira Spinola  
Joaquim Florentino Gaspar  
Joaquim de Albuquerque Liborio  
Dr. Joaquim Licinio de Souza Almeida  
Dr. Joaquim Arthur Pedreira Franco  
Dr. José Sabino Pereira Filho  
Monsenhor Dr. José Basilio Pereira  
Dr. José Gonçalves de Castro Cincurá  
Dr. José Gabriel de Lemos Britto  
José Teixeira de Barros  
Dr. José Carlos Junqueira Ayres  
Dr. João da Rocha Ferreira Bastos  
Dr. Joaquim da Silva Peixoto  
Dr. José Botelho Benjamin  
Dr. José Wanderley de Araujo Pinho  
Dr. José de Aguiar Costa Pinto  
Dr. José Pondé



José Correia de Oliveira Mello  
Dr. José Pereira de Almeida  
Dr. José Marques dos Reis Junior  
José Fernandes Dias  
Dr. José Antonio da Costa Doria  
Dr. José Bina Fonyat  
José de Mesquita Serva  
Engenheiro José Caetano Tourinho  
Dr. José Rodrigues da Costa Doria  
Dr. Julio Olympio da Silva  
Julio Janot  
Dr. José Rosendo da Silva  
Dr. Luiz Anselmo da Fonseca  
Dr. Luiz Carlos de Lima Pereira  
Coronel Luiz de Oliveira Vasconcellos  
Coronel Luiz José Pimenta  
Luiz Americo  
Dr. Landulpho Caribé de Araujo Pinho  
Luiz Lucas da Costa  
Conego Luiz Pinto Bastos  
Desembargador Manoel Jeronymo Gonçalves  
Dr. Manoel Carlos Devoto  
Coronel Manoel Duarte de Oliveira  
Coronel Manoel Gonçalves da Costa Drummond  
Manoel Rodrigues Pedreira  
Manoel Dias da Silva  
Manoel Jorge Dantas  
Dr. Manoel Augusto Pirajá da Silva  
Dr. Manoel Freire dos Santos  
Dr. Martagão Gesteira  
D. Maria Luiza de Souza Alves  
Marcellino Gaspar  
Dr. Mario Carvalho da Silva Leal  
Dr. Mario Andréa dos Santos  
Conego Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas  
Dr. Mario Pio Guimarães Tourinho  
Coronel Manoel Geminiano dos Santos Vieira  
Dr. Octaviano Muniz Barretto  
Dr. Octavio Odorico Odilon  
Dr. Oscar Freire  
Dr. Octaviano Rodrigues Pimenta  
Dr. Octavio Accioly de Aguiar  
Dr. Oscar Tantú  
Dr. Pedro Julio Barbuda



Dr. Pedro Joaquim dos Santos  
Dr. Pedro Augusto de Mello  
Dr. Pedro de Azevedo Gordilho  
Dr. Paulo Martins Fontes  
Dr. Ponciano Ferreira de Oliveira  
Dr. Paulo Wolf  
Dr. Pamphilo Dutra Freire de Carvalho  
Major Polydoro Bittencourt  
Dr. Pedro Bastos de Seixas  
Dr. Ruy Penalva de Faria  
Professor Roberto Correia  
Coronel Ricardo Teixeira da Silva Machado  
Dr. Severino dos Santos Vieira  
Sigefredo S. Schider  
Mons. Dr. Samuel Elpidio de Almeida  
Engenheiro Silio Boccanera Junior  
Engenheiro Theodoro Fernandes Sampaio  
Commendador Theodoro Teixeira Gomes  
Tancredo Pereira de Almeida  
Dr. Theotônio Martins de Almeida  
Engenheiro Thyrso Simões de Paiva  
Dr. Ubaldino Gonzaga  
Dr. Virgilio de Lemos  
Dr. Vital Baptista Soares  
Wanderlino Nogueira.

### EFFECTIVOS REMIDOS

Coronel Aloysio L. de Carvalho  
Dr. Angelo dos Santos Moreira  
Antonio José Gonçalves Neves  
Dr. Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque  
Antonio Lopes Figueira  
Alberto Martins Catharino  
Bernardo Martins Catharino  
Bernardo Martins Catharino Junior  
Claudio Vieira dos Santos  
Domingos Silvino Marques  
Dr. Eduardo Espinola  
Dr. Epaminondas Berbert de Castro  
Dr. Frederico Pontes.  
Dr. Francisco Marques de Góes Calmon  
Dr. Fructuoso Pinto Rigaud  
Francisco Dias Coelho



Dr. Guilherme d'Utra Guimarães  
D. Henriqueta Martins Catharino  
Coronel Henrique Alves dos Reis  
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães  
Dr. João Ferreira de Araujo Pinho  
Engenheiro João Pimenta Bastos  
Commendador José de Sá  
Dr. José Marcellino de Souza  
Dr. José Pires do Rio  
João Pedreira  
José Pereira Soares  
José Baptista das Neves  
Engenheiro Lino Meirelles da Silva  
Coronel Lourenço Costa  
Dr. Manoel Luiz do Rego  
Coronel Manoel Ribeiro Pinto  
Coronel Manoel Misael da Silva Tavares  
Coronel Miguel José Alves Dias  
Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida  
Dr. Olympio Matheus dos Santos  
Coronel Otto Bittencourt  
Cons. Pedro Mariani  
Dr. Pedro Vergne de Abreu  
Coronel Ramiro Ildefonso de Araujo Castro  
Dr. Sebastião Cardoso  
Coronel Trajano Candido Rodrigues  
Dr. Thomaz Guerreiro de Castro  
Dr. Urbano Pires de Carvalho e Albuquerque  
Coronel Vicente Ferreira Lins do Amaral.

### SOCIOS HONORARIOS

Cons. Antonio Carneiro da Rocha  
Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis  
Almirante Antonio Alves Camara  
Dr. Antonio Calmon du Pin e Almeida  
Dr. Braz Hermenegildo do Amaral  
Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos  
Dr. Isaias de Carvalho Santos  
D. Jeronymo Thomé da Silva  
Principe D. Luiz de Saboia (Duque dos Abruzzos)  
Cons. Luiz Vianna  
Dr. D. Manoel Enrique de Araujo  
Professor Manoel Quirino



D. Maria Elisa Valente M. de Aragão  
 Cons. Ruy Barbosa  
 Major Rogociano Pires Teixeira.

## SOCIOS BENEMERITOS

Commendador José Alves Ferreira  
 Commendador Luiz José Fernandes.

## SOCIOS CORRESPONDENTES

Engenheiro Dr. Adolpho Morales de los Rios—Rio  
 Dr. Antonio Rodrigues Lima—Rio  
 Desembargador Augusto Borburema—Pará  
 Engenheiro Aristides Galvão de Queiroz—Valença  
 Engenheiro Apollinario Frot—Bahia  
 Dr. Antonio Coutinho de Souza—Taperoá  
 Coronel Antonio Pessoa da Costa e Silva—Bahia  
 Dr. Augusto Flavio Gomes Villaça—Itaparica  
 Conde Angelo de Gubernatis—Italia  
 Commendador Antonio Padula—Italia  
 Dr. D. Adolpho León Gómez—Colombia  
 Professor Agnello Bittencourt—Amazonas  
 Dr. Alcides Torres—S. Paulo  
 D. S. Aybar y Nunes—S. Domingos  
 Engenheiro Affonso Glycerio da Cunha Maciel—Rio  
 Engenheiro Augusto Frederico de Lacerda—Rio  
 Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires—Rio  
 Alberto dos Santos Dumont—Paris  
 Dr. Antonio Augusto de Lima—Minas-Geraes  
 Dr. Alfredo Antonio de Andrade—Rio  
 Dr. Antonio Barretto Prager—Amazonas  
 Dr. Antonio Carlos Simões da Silva—Rio  
 Dr. Arthur da Costa Pinto—Bahia  
 Dr. Antonio Baptista Barbosa de Godois—Maranhão  
 Professor Amancio Pereira—Victoria  
 Dr. Arthur Nova Monteiro—S. Paulo  
 Dr. Annibal Amorim—Rio  
 Dr. Agenor Augusto de Miranda—Piauhy  
 Dr. Bonifacio de Aragão Faria Rocha—Rio  
 Barão de Studart—Ceará  
 Barão Homem de Mello—Rio  
 Barão do Assú da Torre—Bahia  
 Dr. Carlos Francisco Gonçalves—Espírito Santo



- Candido Vieira da Costa—Amazonas  
 Christovam Ayres—Portugal  
 Dr. Carlos Reis—S. Paulo  
 Dr. Carlos Arthur da Silva Leitão—Bahia  
 Dr. Carlos de Lima Pedreira—Bahia  
 Padre Carlos Teshauer—Rio Grande do Sul  
 Dr. Cleto Japi-assú—Rio  
 Dr. Deocleciano Teixeira—Bahia  
 Dr. Domingos da Rocha Vianna—Minas-Geraes  
 Engenheiro Demetrio Ignacio Pires de Araujo—Bahia  
 Dr. David Ricardo—Venezuela  
 Dr. Deocleciano Ramos—Rio  
 Dr. Eduardo de Caldas Britto—Rio  
 Dr. Emilio A. Goeldi—Pará  
 Dr. Elpidio Pereira de Mesquita—S. Paulo  
 Eugenio de Castro—Portugal  
 Eduardo Rigaud—Areia  
 Dr. Escragnolle Doria—Rio  
 Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa — Per-  
 nambuco  
 Dr. Francisco Caribé da Rocha—Pará  
 Dr. Francisco de Moraes Correia—Parnahyba  
 Dr. Frederico Puga Borne—Chile  
 Capitão-tenente Frederico de Villar—Manaus  
 Dr. Goran Bjorckmann—Suecia  
 Coelho Netto—Rio  
 Hermann von Ihering—S. Paulo  
 Dr. Henrique Barretto Prager—Bahia  
 Capitão de Mar e Guerra Henrique Boiteux—Rio  
 Irineu Ferreira Pinto—Parahyba  
 Commendador João Augusto Neiva—Rio  
 João Baptista Perdigão de Oliveira—Ceará  
 Dr. John Coper Branner—E. U. A.—California  
 Coronel João Brigido dos Santos—Ceará  
 Dr. João de Lyra Tavares—Parahyba  
 Dr. João Marques de Sant'Anna—Bahia  
 Dr. Joaquim Ignacio Tosta—Londres  
 Dr. Joaquim Augusto Tanajura—Matto-Grosso  
 Dr. Joaquim Venancio de Castro—Bahia  
 Dr. Joaquim Fabricio de Barros—Recife  
 Coronel José Antonio Rodrigues Lima—Bahia  
 Dr. José Augusto de Freitas—Rio  
 José João Biedma—Argentina  
 Dr. José Joaquim Seabra—Rio



- Dr. José Raymundo Telles de Menezes—Minas Geraes  
 Dr. José Clemente Soto—Argentina  
 Engenheiro José Feliciano da Rocha—Pernambuco  
 Dr. José Pires Falcão Brandão—Rio  
 Dr. José Manoel Cardoso de Olivera—Petropolis  
 Dr. José Carlos Rodrigues—Rio  
 Dr. José Arthur Boiteux—Rio  
 Dr. José Basilio da Rocha—Bahia  
 Dr. José Vieira Fazenda—Rio  
 Dr. José Caieiro da Motta—Portugal—Coimbra  
 Dr. Juliano Moreira—Rio  
 Dr. Jacob Sarrain—Argentina  
 Dr. Julio Afranio Peixoto—Rio  
 Coronel Luiz Meirelles Vianna—Bahia  
 Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto — Santa Ca-  
 tharina  
 Desembargador Licinio Alfredo da Silva—Rio  
 General Dr. Landaeta y Rosales—Venezuela  
 D. Leonardo Bazzano—Argentina  
 Professor Leo Zenthner—Rio  
 Dr. Lehman Nitzich—Argentina  
 Cons. Manoel da Cunha Lopes Vasconcellos—Bahia  
 Dr. Manoel de Oliveira Lima—Rio  
 Dr. Manoel Caldas Barretto Neto—Sergipe  
 D. Maria Amalia Vaz de Carvalho—Portugal  
 Max Fleiuss—Rio  
 D. M. V. Bollivian—Bolivia  
 Mucio da Paixão—Rio—Campos  
 Frei Mathias Theves—Bahia  
 Professor Mariano de Oliveira—S. Paulo  
 Desembargador Napoleão Simões de Oliveira—Pará  
 Dr. Nelson de Senna—Bello-Horizonte  
 Dr. Octaviano Suzart—Pará  
 Dr. Pedro Escurza—Argentina  
 Dr. Pedro Vicente Vianna—Rio  
 Paulo Brunette—França  
 Dr. Pedro Francisco Rodrigues do Lago—Rio  
 Dr. Quintiliano Francellino da Silva—Bahia  
 Dr. Rodolpho Carranza—Argentina  
 Engenheiro Raul Nina Ferreira  
 Dr. Raul Alves de Souza—Bahia  
 Coronel Raymundo C. Alves da Cunha—Belem  
 Dr. Severo Bomfim—Rio



Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque Filho  
—Rio

Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão—Pernambuco

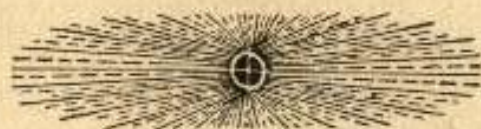
Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil—Ceará

Dr. Theophilo Rodrigues—Venezuela

General Dr. Thaumaturgo de Azevedo—Rio

Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira—Pará

Viscondessa de Cavalcante—França.





# CONFERENCIA DO DR. ARAUJO PINHO

## Corrigenda necessaria

Pag. 127, l. 32—Em vez de *convenção* dos limites, leia-se conservação.

Pag. 137, l. 14—Em vez de *acerto*, leia-se asserto.

Pag. 144, l. 32—Em vez de *Abril de 72*, leia-se Agosto de 71.

Pag. 152—Entre o periodo que termina pelas palavras—*a questão de limites*—e o immediato escapou o seguinte trecho:

Tanto que foram pacificamente terminadas as questões pendentes entre a Argentina e o Paraguay, pareceu a Cotegipe asada a occasião para definir tambem em um Tratado os limites do Brasil com aquella Republica. Neste intento, deu instrucções ao nosso Plenipotenciario, Barão de Aguiar de Andrada, para procurar reatar a negociação respectiva, que ficára adiada desde 1859, por subterfugios pouco airosos do Governo Argentino. (\*)

Mallográra-se, entretanto, a lhana tentativa; não foram, nem podiam ser, acceitas as contra-propostas de Irigoyen que, além de outras objecções, excluam *in limine* o principio do *uti possidetis*. O Governo Imperial deu por terminada a missão especial e a velha questão permaneceu no *statu quo*.

Não obstante os seus Tratados de 1750 e 1777, a Hespanha e Portugal não fixaram as fronteiras das suas possessões sul-americanas, em consequencia, principalmente, de duvidas intencionalmente suscitadas pelos demarcadores hespanhoes de 1789 com os seus collegas portuguezes, quanto á posição e identidade dos rios

---

(\*) Em carta particular escrevia-lhe Cotegipe: «A nossa tenacidade em procurar acabar com todas as questões de limites com os nossos vizinhos é attribuida á ambição de alargar as fronteiras. Ao contrario, nosso anelo é acabar com esse pomo de discordia e firmar nossas relações sobre as solidas bases da confiança e cordealidade. Se a tentativa que agora faço confiado nas protestações do Governo Argentino fôr infructifera não a renovarei. De posse da linha do Peperi, a defenderemos. Vale a pena essa perspectiva ou esse pretexto de rompimento?

. . . Quanto mais adiada for a solução, tanto mais difficil será ella no futuro. Exponha, pois V. Ex. ao dr. Irigoyen o que lhe parecer mais conveniente a persuadil-o. Não occulte v. ex. que será para mim um motivo de satisfação o bom exito da missão de v. ex. O vencimento das causas ainda justas alegra o litigante.»



Peperi-Guassú e S. Antonio, unanimemente reconhecidos pela commissão mixta de 1759 e especificados no Tratado de 1777 como a linha divisoria. Nesse calculado equivoco firmavam-se os Argentinos.

Mas as colonias das duas corôas, desligadas pela sua emancipação, quasi simultanea, dos compromissos das metropoles, resolveram, como nações novas, consagrar juridicamente, por amor da paz presente e futura, o estado que encontraram. D'ahi a applicação geral do *uti possidetis*, onde havia occupação effectiva e não contrariava as estipulações do Tratado de 1777, que, posto não fosse um titulo juridico, era um documento historico. Nesta conformidade, concluiu o Brasil amigavelmente os Tratados de limites com a Bolivia, Venezuela, Nova Granada, Perú, Equador e com o Paraguay, abrindo mão da linha do Igurey.

A Argentina, porém, tinha intenções reservadas.





# INDICE

|                                                                     | Pags. |
|---------------------------------------------------------------------|-------|
| A Bahia (conferencia)—Bernardino de Souza.....                      | 26    |
| Dois artefactos indigenas—Theodoro Sampaio.....                     | 31    |
| Homonímia geographica e suas inconveniencias—<br>Affonso Costa..... | 35    |
| O Escotismo na Bahia—Caio P. de Vasconcellos.....                   | 40    |
| Primordios da Independencia—Manoel Quirino.....                     | 47    |
| Documentos diversos.....                                            | 49    |
| As terras de Guedes de Britto—A. C.....                             | 74    |
| Discursos e conferencias de Maio de 1915 a<br>Maio de 1916:         |       |
| Discurso do dr. Manoel Tapajós.....                                 | 77    |
| Discurso do dr. Alpheu Diniz Gonçalves.....                         | 84    |
| Discurso do dr. Theodoro Sampaio.....                               | 98    |
| Discurso do dr. Manoel Carlos Devoto.....                           | 102   |
| Conferencia do dr. João Ferreira de Araujo Pinho                    | 104   |
| Discurso do dr. Antonio Sá.....                                     | 157   |
| Discurso do Sr. Antonio Vianna.....                                 | 160   |
| Discurso do dr. Genesio da Silva.....                               | 164   |
| Discurso do dr. Armando de Campos.....                              | 169   |
| Discurso do tenente dr. Bina Fonyat.....                            | 171   |
| Discurso do dr. Braz do Amaral.....                                 | 173   |
| Relatorio do 1º secretario dr. Bernardino de Souza                  | 181   |
| Discurso do orador dr. Theodoro Sampaio.....                        | 201   |
| Discurso do sr. Alberto Rabello.....                                | 202   |
| Discurso do sr. Affonso Costa.....                                  | 233   |
| Indice geral da Revista de n. 1 a 40.....                           | 239   |
| Directoria do Instituto.....                                        | 255   |
| Cadastro social.....                                                | 257   |